



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA

RICARDO MIGUEL RAIMUNDO RIACHOS

PRÁTICAS DE AVENTURA: UMA SUBCULTURA DE RISCO

COIMBRA

2011

RICARDO MIGUEL RAIMUNDO RIACHOS

PRÁTICAS DE AVENTURA: SUBCULTURA DE RISCO

Dissertação de mestrado apresentado à
Faculdades de Ciências do Desporto e
Educação Física da Universidade de
Coimbra com vista à obtenção do grau de
mestre em Lazer e Desenvolvimento
Local

Prof. Doutor Rui Adelino Machado Gomes

COIMBRA

2011

Riachos, R.M.R. (2011). *Práticas de aventura: subcultura de risco*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

À Raquel e ao Vicente...

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao professor Rui Gomes por toda a dedicação, apoio e estímulo, evidenciados ao longo destes anos, durante os quais tive a felicidade de trabalhar com uma pessoa de qualidades excepcionais, por quem sempre tive grande respeito e admiração. Agradeço-lhe por ter partilhado comigo saberes, momentos e oportunidades extremamente importantes para a minha formação académica, profissional e pessoal.

Agradeço aos meus professores, por todo o conhecimento transmitido, sem o qual não seria possível atingir este momento.

Agradeço a Mário Pardo, José Tavares, Miguel Cerejo, Mariana Machado, Luís Brito, Henrique Frazão, Tiago Lopes, Hugo Carvalho e aos professores Miguel Oliveira e Raúl Martins, por toda a disponibilidade demonstrada desde o primeiro momento em que os abordei para fazerem parte desta investigação e com os quais tive oportunidade de passar alguns instantes, conhecendo-os um pouco mais e enriquecendo as minhas vivências pessoais.

Agradeço à minha família, que sempre esteve a meu lado, nas minhas boas e más decisões, nunca deixando de demonstrar o carinho e afecto de que sempre necessitei, continuando a apoiar-me nestas demandas a que me proponho.

Agradeço à Raquel, minha mulher, pela sua presença, pelos seus conselhos, pela sua ajuda, pela sua forma de estar, que em muito tem contribuído para a concretização dos objectivos a que me proponho, e que tem sido uma referência na minha vida desde bastante cedo. Ao Vicente, por todo o carinho demonstrado através da sua forma de estar doce e tranquila, num momento tão precoce da sua vida, dando sentido a todo o trabalho desenvolvido.

Agradeço a todos aqueles que se cruzaram no meu caminho e que marcaram a minha forma de estar. Obrigado a todos.

É importante excitar vidas carentes de estímulos.

Albertino Gonçalves, 2009

RESUMO

Num momento social caracterizado pela existência de um amoralismo acrítico, onde o negativismo, a falência de instituições e a aversão ao risco marcam os desígnios das nossas vidas, o Homem vê-se confrontado com uma crescente rotinização da sua vida, motivada pela presença de laços institucionais estabelecidos ao longo da sua existência. Este espectro social tem impelido alguns dos actuais actores sociais a revelarem desejos e comportamentos “desviantes”, a todo um conjunto de normas pré-estabelecidas, pela sociedade. O desporto e o lazer têm-se revelado um palco de oportunidades para aqueles que não se conformam com uma crescente estagnação do seu desenvolvimento e vêm neste universo a possibilidade de encontrarem a sua identidade, para além da possibilidade de desfrutarem de um hedonismo libertário, em diferentes contextos. Esta investigação, exploratória, orientada no âmbito do Mestrado em Lazer e Desenvolvimento Local, da Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, da Universidade de Coimbra, tem como objectivo identificar e interpretar uma potencial subcultura de risco associada a diversas culturas performativas e espectaculares que proliferam nos diferentes contextos que nos rodeiam e que chegam a nossa casa, a maioria das vezes, através dos media. Como método, foram realizadas 10 entrevistas, semi-estruturadas, a praticantes de desportos de acção de alto nível. Estes desportos incluem B.A.S.E. Jump, Canyoning, Surf, Alpinismo, Kayaksurf, Kitesurf, BTT – Downhill, Windsurf, Skate e Bodyboard. Estas práticas assumem-se como variações viáveis às práticas culturalmente massificadas, onde valores, como liberdade, harmonia, ecologia, pacifismo e disciplina, representam alguns dos principais motivos para a sua realização. A esta condição está associado um estilo de vida bastante próprio onde valores de ecologia marcam o elo de ligação entre os sujeitos.

Palavras-chave: Sociedade. Risco. Subculturas. Práticas de aventura.

ABSTRACT

In a social moment characterized by the existence of a non-critic amorality, where the negativism, institutional bankruptcies and fear of risk mark our life's designation, the human being sees itself confronted more and more with an expanding routine of its life, in part motivated by the presence of institutional ties established along its own existence, with repercussions at the level of its liberty and uniqueness. This moment of oppression has mandated some of today's social actors to reveal some of their out of the ordinary wishes and behavior, that of which, have been pre-defined by society. The field of Sports has revealed a stage of opportunities for those who are not conventional with a growing stagnation of their own development, and see in this universe the possibility of making way of a libertarian hedonism, in natural context. This return to "origins" made way earlier by the urgency of new physical and sporting practices, in natural context, a space denoted of great improvising. These practices have assumed as viable variations to the massified cultural practices, proper of modern context, carrying with them characteristic values of this post modern moment. The role of this thesis lies on understanding the search for desired risk, in practices of adventure, a paradox having in mind a growing concern with risk management and uncertainty. The main purpose of this paper is to identify and analyze a risky subculture associated to various performative and spectacular cultures which expand in different contexts that reach one's house and, many times, by the media. These practices are assumed to be viable as variations to massed practice, where values such as freedom, harmony, ecology, pacifism and discipline, represent some of the main reasons for their realization. This condition is associated with a lifestyle very own where ecological values, mark the link between the subjects.

Keywords: Society, Risk, Subcultures, Adventure Practices.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
PARTE I	
1. Contexto Contemporâneo e Risco	15
2. Culturas e Juventude	21
3. O Desporto Moderno e as Novas Práticas Desportivas	39
PARTE II	
1. Objectivo do Estudo	73
2. Métodos, instrumentos e Análise de Dados	77
3. Apresentação e Análise dos Resultados	82
4. Conclusão	135
REFERÊNCIAS	142
ANEXOS	151

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO	12
PARTE I	
Problemática	
1. Contexto Contemporâneo e Risco	15
1.1. Sociedade de Risco	19
2. Culturas e Juventude	21
2.1. Manifestações subculturais	22
2.2. Tribos	28
2.3. Juventudes	33
2.4. Os investimentos corporais dos jovens	36
3. O Desporto Moderno e as Novas Práticas Desportivas	39
3.1. A visão antropológica do jogo	39
3.2. A globalização do desporto e os novos espaços desportivos	40
3.3. O Desporto e o género	42
3.4. O processo de desportivização	44
3.5. Desportivização das novas práticas desportivas	46
3.6. Razões para a prática	48
3.7. Descrição e processo de institucionalização das práticas	51
3.8. Actividades de ar livre e desportos de natureza: um ensaio de síntese	67
PARTE II	
Estudo Empírico	
1. Objectivo do Estudo	73
1.1. Enunciado do Problema	73
1.2. Objectivos	74
1.3. Dimensões em Estudo	75
1.4. Hipóteses e Justificações	76
1.5. Limitações do Estudo	77
2. Métodos, Instrumentos e Análise de Dados	77
2.1. Caracterização da Amostra	78
2.2. Entrevista	80

3. Apresentação e Análise dos Resultados	82
3.1 Resumo das Entrevistas	82
3.2. Descrição e Interpretação dos Resultados	93
3.2.1. Resultados - Prática de aventura	96
3.2.2. Resultados - Praticante	109
3.2.3. Resultados - Risco	119
3.2.4. Resultados - Representações sociais e culturais da actividade	125
4. Conclusão	135
REFERÊNCIAS	142
ANEXOS	151

INTRODUÇÃO

Diariamente somos confrontados com situações de risco, desconforto, insegurança, medo... cenários nos quais não gostamos de nos mover, mas para onde toda a conjuntura actual nos empurra. Ganhámos aversão ao risco. Vivemos numa época onde esta variável se passeia nos diferentes domínios das nossas vidas e onde o presente panorama social sobrevaloriza esse sentimento. Deixámos de ter liberdade, deixámos de poder explorar ao máximo toda a nossa potencialidade, somos manipulados por ele. Será benéfico para nós? O que nos diferencia das outras espécies? Somos seres racionais, com capacidade de nos adaptarmos e de nos reinventarmos.

Numa sociedade cada vez mais carregada de incertezas, nos diferentes contextos que a caracterizam, onde instituições largamente valorizadas noutros momentos históricos deixaram de ter a mesma importância, somos obrigados a olhar para o futuro de forma diferente. Este, dificilmente continuará a ser orquestrado a longo prazo como sucedia em gerações anteriores. O que mudou? Tudo mudou...O risco tem-se revelado um importante factor, condicionador da actual sociedade. Factores de ordem económica, social e ambiental, estão na ordem do dia, e nestes identificamos uma orientação dicotómica entre segurança e risco.

“O risco é uma constante histórica”. Toda a nossa vivência encontra-se cada vez mais dependente deste sentimento de perigo, que verdadeiramente não conseguimos controlar e com o qual somos confrontados nas nossas vidas. Duas razões são apontadas por Rojek para esta condição. Para o autor, a crescente multiplicação do número de ligações entre nações/países, reforçando laços de cooperação entre os demais e, ao mesmo tempo, implementando uma conjectura de dependência numa rede global, assume-se como pouco benéfica em momentos de vulnerabilidade. A outra razão prende-se com o crescente aumento do desejo por novas tecnologias, com implicações a nível global. Esta conjuntura tem convergido para uma forma de estar, característica deste início de século, o da *reflexividade do risco*. O Homem tem vindo a demonstrar a capacidade de aprender com os seus erros, permitindo-lhe, teoricamente, alterar os seus comportamentos, segundo uma perspectiva *darwiniana*, protegendo desse modo continuidade da espécie (Rojek, 1995).

Convivemos numa sociedade de grande hegemonia social, onde nem todos se movem ao sabor da maré. Existem aqueles que gostam de marcar a sua posição, diferenciando-se de todas as posições sobejamente massificadas nos actuais contextos contemporâneos, em busca de uma identidade e afirmando-a perante os outros. Não desejamos, com isto, valorizar aqueles que adoptam posições de confrontação e de afronta, pouco ou nada produtivos, mas sim aqueles que sentem a necessidade de, neste momento, avançar com uma reinvenção da actual sociedade, contribuindo para um novo paradigma.

O desporto representa um desses contextos com uma necessidade urgente de se reformular e que tem vindo a fazê-lo desde o início da década de 70, através da desportivização de algumas actividades de lazer, do aparecimento de novas modalidades desportivas e da reestruturação de modalidades, já bem conhecidas deste universo. A sociedade assim o exigiu. Podemos notar que, por enquanto, existe algum desaproveitamento de toda a potencialidade deste universo, em algumas das suas vertentes, geralmente as menos populares. Neste momento de crise(s), económica e social, a nível global, é importante aproveitar a oportunidade para reinventar algumas das premissas enraizadas e amplamente massificadas, dando maior importância a um conjunto de novas práticas, emergentes, dotadas de contornos muito específicos, para as quais muito frequentemente olhamos com estupefacção. “O universo daqueles que frequentemente arriscam as suas vidas através da prática de actividades de risco alimenta inquestionavelmente a imaginação daqueles que fora destes olham para este domínio com respeito e admiração” (Seigneur, 2006).

Estas práticas apelidadas, por alguns, de “radicais”, denominação atribuída pelos órgãos de comunicação social, tem o objectivo de “qualificar diversos tipos de práticas, comportamentos e manifestações culturais juvenis”. Este tipo de comportamentos surge com a finalidade de quebrar a hegemonia de algumas das modalidades culturalmente promovidas, na esfera do lazer e do desporto (Ferreira, 2006).

Ocorre uma redefinição da utilização do corpo como instrumento expressivo, levando a “constituir mobilizações corporais de expressão não hegemónica, no sentido em que as performances imagéticas e cinéticas que transitam ou habitam

esse suporte material não correspondem necessariamente ao modelo corporal hegemónico, promovido institucionalmente”, vulgarmente designadas de subculturas ou tribos urbanas (Ferreira, 2006). Procura-se, com esta nova emergência desportiva, a ruptura com desportos culturalmente institucionalizados, espelho de uma existência viável e real, precursora de momentos de “tensão-excitação”, banalizando a rotinização quotidiana, à qual todos estamos sujeitos.

Este trabalho, de carácter exploratório, pretende debruçar-se sobre um conjunto de práticas de lazer/desportivas, desenvolvidas num espaço de grande imprevisibilidade, onde a variável risco é determinante na estruturação da actividade. Temos como principal objectivo identificar, caracterizar e interpretar uma subcultura de risco, associada à prática de alguns dos desportos emergentes, denominados por Neto (1994) de “novas práticas físicas e desportivas contemporâneas”. Estas práticas caracterizam-se por uma comunhão e partilha de códigos, estilos e formas de estar muito próprias, assumindo-se como um movimento cultural, bastante específico. A pressuposta subcultura surge, com contornos mais formais, a partir da década de sessenta/setenta, com o aparecimento de eventos de grande impacto a nível global, recriando os primeiros embates entre o Homem e a Natureza, colocando à prova homens e máquinas, como foi o caso dos saudosos *Camel Trophy* e *Rally Paris-Dakar*.

Actualmente, estas práticas têm-se assumido como representativas das novas experiências de lazer num momento pós-moderno. O público-alvo, muito particular, procura neste tipo de actividades experienciar novas sensações e realidades, produzindo cada um, as suas próprias performances de lazer. A identificação destas subculturas e das suas subculturas integrantes é algo complexo. Existem práticas onde a identidade dos seus intervenientes é difícil de reconhecer, encontrando-se dissimulada, embora ao situarmos o seu território de acção e a performance subjacente, provavelmente, conseguiremos identificar a referida subcultura.

Após a concretização do principal objectivo, posteriormente, pretendemos identificar e interpretar os significados atribuídos a cada uma das práticas inseridas nesta investigação, através da visão dos seus praticantes, fruto da realização de entrevistas semi-estruturadas. Este tipo de actividades, pelas suas especificidades,

obriga a uma organização diária que poderá ser expressa através da triangulação de três variáveis: obrigações pessoais, profissionais e condições de prática. Como tal, desejamos identificar alterações impostas pela subcultura em estudo, nas vidas dos seus praticantes. Uma outra questão, à qual pretendemos responder ao longo do trabalho, consistirá na identificação dos motivos para realizar as suas práticas de aventura.

Com o intuito de operacionalizar os objectivos supracitados, recorreremos a um conjunto de metodologias de investigação, com a finalidade de compreender a referida subcultura, dando respostas à problemática desta investigação, através da identificação de traços daqueles que, constantemente, procuram situações extremas na sua vida pessoal.

[...] simbolicamente a morte, confere legitimidade à existência, à vida.”

Pereira (2005)

PARTE I

Problemática

1. Contexto Contemporâneo e Risco

O Homem, no actual contexto social, está cada vez mais sujeito a situações de risco e incerteza, dentro dos mais importantes prismas da sua vida. As próprias práticas de lazer, apesar de ainda não ocuparem um lugar de destaque no nosso contexto (Martinho, 2007), passaram a incorporar estes valores, transportando consigo particularidades duma sociedade contemporânea, nomeadamente “progresso contínuo, superação e incerteza”.

Diversos autores destacam conceptualizações divergentes com a finalidade de classificarem a actual sociedade. Modernidade, Pós-Modernidade, Hipermodernidade, Capitalismo Tardio, Modernidade Líquida, entre outras, representando todas elas conceitos terminológicos, com esse desígnio. Parece-nos importante realçar algumas dessas ideias. Uma das concepções que caracterizam a primeira metade do século XX é a noção de Modernidade. Segundo Rojek (1995), o conceito de Modernidade poderá ser definido como uma ordem social, cujos elementares princípios têm aplicabilidade do contexto diário do Homem. Contextualiza um momento de grande autoconfiança social, fruto dos seus ideais: progresso, liberdade e verdade. Esta noção pretende caracterizar uma conjuntura de grande optimismo cultural e civilizacional, perpetuado por um aumento da produtividade, melhorias ao nível da ciência e pelo aparecimento de inúmeras oportunidades pessoais e sociais. O mundo moderno é responsável por uma estandardização de comportamentos e consequente repetição, verificando-se que o tempo de trabalho e de lazer assumem uma “precisão matemática”. A primeira referência ao conceito de pós-modernismo tem lugar na década de oitenta. Neste “distinto” paradigma podemos identificar algumas das premissas orientadoras da Modernidade, algo expectável, dado que a noção de Pós-modernidade, não deixa de ser uma evolução da primeira. Este ideal pretende expor uma tentativa de requalificação da sociedade, defendendo a extinção das noções de Modernidade, apresentando como desafio a ética e a sua valorização actual, funcionando segundo uma perspectiva *Darwiniana* (Araújo, 1988). A aceitação desta nova concepção não é consensual, uma vez que, para alguns autores, não se trata realmente de uma nova era ou paradigma, totalmente demarcado do anterior, mas sim de um momento de transição, de alterações às primeiras evidências definidas pela Modernidade. Como alternativa, outras noções surgiram com o objectivo de classificar o actual panorama social, como variação aos ideais gerais referidos. Uma delas, já referida anteriormente, é representada pelo conceito de Modernidade Líquida, enunciado por Zygmunt Bauman (1999). Os fundamentos básicos desta teoria baseiam-se fundamentalmente na lógica de consumo dos indivíduos. O consumo é um dos responsáveis pela diferenciação existente no panorama social. É através deste impulso que os actores sociais constroem a sua individualidade, passageira que, segundo Bauman, é fruto das influências publicitárias às quais a sociedade está vulnerável (Mocelim, 2007). O conceito de Alta Modernidade ou Modernidade Tardia

defende a premissa de que estamos perante um momento social onde, cada vez mais, o efêmero tem ganho argumentos e os acontecimentos pautados pela estabilidade/durabilidade deixaram de fazer sentido, bem como a existência de fronteiras socialmente demarcadas, importantes noutras décadas (Soto, 2007).

É verdade que, gradualmente, todo o plano social contemporâneo tem sido imbuído de uma crise de valores ímpar, não por ausência de potencial para colocar em prática os ideais pós-modernos, ou outros quaisquer, mas por uma inexistência de um plano estável a longo prazo, que permita recuperar e colocar em prática formas de estar distintas das actuais. Cruzamos, hoje, um momento de amoralismo pautado por uma “incerteza e negatividade absoluta” (Araújo, 1988). Impelida por esta sombra de dubiedade, a sociedade intensificou a procura de sensações intensas de prazer e de felicidade, muitas das vezes, através de práticas e de condutas de riscos. Impera a ideia de viver o presente e não dar grande relevância ao futuro. Estamos perante um novo paradigma, cuja filosofia se enquadra na célebre frase *carpe diem*.

A sociedade tem procurado a igualdade entre indivíduos, mas, ao mesmo tempo, potencia a procura de posições peculiares, relevantes na sua organização. Estamos perante uma contradição. Ela motiva a procura daquela identidade singular, que revela a nossa unicidade, estruturada segundo os nossos desejos. Esta reivindicação motiva a existência de um problema. A sociedade tem revelado posições cada vez mais narcisistas (Souza, 2009). Esta orientação, tende a isolar-nos e a criar distância do próximo, motivando o aumento do número de momentos de melancolia e de solidão, com os quais somos confrontados, por vezes. A própria evolução tecnológica tem contribuído para este distanciamento. Proliferam, cada vez mais, o número de relações virtuais, desvirtuando o contacto entre actores sociais, pela criação de um novo espaço de contacto. Esta crise de valores tem originado uma fragmentação identitária dos sujeitos, que se movem num palco cada vez mais instável e pouco pragmático.

Neste contexto verificamos que o Homem deixou de possuir o cunho produtivo de outras décadas, reinventou a sua forma de estar e reorientou-a em função de uma óptica de consumo “orientada pelo desejo e pelo prazer” (Araújo, 1988).

Na sociedade de consumo, os actores são clientes, caçadores de emoções e colecionadores de experiências. “É a cultura do excesso, sustentada pela lógica hedonista e emotiva, capaz de engendrar em cada sujeito o desejo de consumo evidenciado na busca de emoções e de prazer, na superficialidade e frivolidade da expressão de afectos” (Souza, 2009), guiando o Homem em direcção a um “hedonismo libertário” (Araújo, 1988). Através dos hábitos de consumo da população, podemos verificar a existência de diferenças, em termos de gostos, preferências e de *status* social. A actual política de consumo tende a criar e a definir, através da imposição de fronteiras invisíveis, um fosso entre classes. O acesso às práticas é feito de forma diferenciada, contribuindo para o fenómeno de segregação social (Terrero, 1999). É possível, igualmente, depararmo-nos com este fenómeno de demarcação social recorrendo à questão estética. Este indicador apresenta-se como um importante preâmbulo para a compreensão de todo o enredo social envolvente. Estamos perante uma sociedade que valoriza, cada vez mais, a beleza e a sua carga simbólica. Através dela, alguns actores sociais “vangloriam” a sua posição perante os outros, originando formas de estar alternativas de organização social.

A importância estética é alimentada por um dos motores da sociedade global, a comunicação social. Esta oferece uma série de imagens que potenciam o desejo de consumo dos espectadores. Este cenário é um dos responsáveis pela cultura de consumo (Coutinho, 1998), assente nos desejos momentâneos do indivíduo. Os media são analogamente importantes veículos de difusão de informação. Em parte, tem-se associado aos meios de comunicação social, mais concretamente à televisão e internet, a difusão de algumas das manifestações culturais existentes, muito publicitada por estes veículos de propaganda. Segundo Ferreira (2006), os órgãos de comunicação social assumem-se como um local altamente disciplinador para alguns dos grupos sociais existentes. Alguns destes movimentos tendem, geralmente, a “questionar a ordem pré-estabelecida”, imposta pelas naturais normas sociais (Coêlho, 2009). Uma dessas manifestações culturais é a aceitação do risco como parte integrante das práticas de lazer de alguns dos membros da nossa sociedade.

1.1. Sociedade de risco

A actual sociedade, por toda a incerteza que a caracteriza, é uma “sociedade de risco”. O risco faz parte integrante da sociedade e a percepção acerca da sua existência aumenta diariamente, provocando, em alguns, sentimentos de impotência e de aversão (Gill, 2010).

Vivemos num momento de grande fragilidade, apanágio da actual conjuntura económica e social. Esta realidade tem vindo, gradualmente, a desencadear fenómenos de desestabilização e de temor, a nível internacional, influenciando, invariavelmente, importantes sectores da sociedade, em virtude de toda a subjectividade actual. A teoria que caracteriza a actual sociedade moderna, “teoria da sociedade de risco”, engloba uma série de outros conceitos, articulados, como forma de explicar a actual organização social. Um dos conceitos referidos é o da globalização (Beck, 2006). A teoria da sociedade de risco faz referência à existência de uma crescente destradicionalização de valores, padrões e comportamentos outrora importantes e que, de alguma forma, marcavam as sociedades anteriores. Podemos verificar que presentemente temos uma certa dificuldade em identificar, nitidamente, características originais das diferentes classes sociais, culturas e nações, panorama que não se verificava no início do século XX, onde estes limites eram extremamente circunscritos e perceptíveis. (Guivant, 2001).

O risco actual é diferente do risco de outras décadas. Hoje verificamos que estamos perante algo que é imparável e de certa forma ilimitado. A vida passou a estar mais dependente de variáveis que não controlamos, orquestrada em grande parte por esta concepção (Beck, 2006). Ao falarmos de risco, estamos a falar de comportamentos, valores e padrões, não do presente, mas sim do futuro, carregados de infinitas possibilidades, em função da sua associação a acontecimentos de incerteza, contingência, ambivalência, vulnerabilidade e acaso (Areosa, 2007). A sua utilização no âmbito da Sociologia é recente. Um dos autores responsáveis pela inclusão deste conceito foi o sociólogo, já referido, Ulrich Beck. Este autor caracteriza a sociedade moderna como possuidora de uma imensidão de variáveis com um grau de incerteza extraordinariamente eminente. Factores de

ordem económica, social e ecológica, representam apenas alguns dos agentes aos quais Beck faz referência, e que condicionam o panorama actual.

O risco é algo que poderá ser quantificado em termos estatísticos, contudo, em termos pessoais, verificamos que a sua caracterização reveste-se de contornos extremamente subjectivos, variando de sujeito para sujeito (Zuckerman, 2008). Este conceito está associado a diferentes formas de procura por parte dos envolvidos. Para Jeolás (2007), podemos encontrar três tipos de risco: “riscos aceitáveis, riscos temidos e riscos evitáveis”. Segundo esta classificação, este trabalho enquadra os denominados “riscos aceitáveis”, uma vez que as práticas relacionadas com esta conceptualização são dotadas de uma estruturação e organização, que permite aos envolvidos usufruírem das suas práticas, em segurança, apesar de estarem sujeitos a riscos controlados. Podemos compreender esta noção, segundo Seigneur (2006), como um produto da realidade cultural, onde o conceito se desenvolve, e mais especificamente das experiências pessoais de cada um dos actores sociais inseridos na sociedade investigada. O autor faz referência à concepção colectiva, em torno do conceito de risco, caracterizando este domínio como algo a evitar, daí que seja compreensível o facto de que, aqueles que desafiam o perigo e a incerteza, assumindo riscos implícitos às suas práticas de lazer, sejam rotulados de “loucos, marginais e transgressores”, uma vez que algumas destas actividades apresentam, por agora, normas e formas de estar não totalmente integradas na sociedade. “Aqueles que procuram o risco são vistos como heróis ou como loucos” (Ronay, *et. al.* 2006). Podemos identificar outros factores motivacionais relacionados com este tipo de práticas e com propósitos bem distintos. Um dos objectivos paralelos a este tipo de actividades, e estabelecendo a ligação destas actividades com o conceito de subculturas, é a possibilidade destas exercerem formas de resistência social através das quais os seus intervenientes vivenciam os seus momentos performativos de risco. Esta posição de demarcação social representa uma oportunidade de evidenciar comportamentos desviantes em relação à cultura dominante, procurando colocar em causa os seus pressupostos.

Existem inúmeros conceitos associados ao risco: incerteza, fobia, emoção e perigo, representam algumas dessas referências. A incerteza, importante nesta sociedade de risco, surge sempre que alguém necessita de fazer escolhas sem que tenha, nesse momento, em sua posse toda a informação para proceder à realização

das suas escolhas, daí a sua associação à aventura e ao tipo de práticas tratadas nesta investigação (Seigneur, 2006).

A noção de risco ultimamente tem estado associada à prática de desportos alternativos ou de risco. Estas experiências obrigam o praticante a tomar decisões que, por vezes, podem colocar em risco a própria integridade física. Estas escolhas, normalmente, estão associadas a momentos de potencial ansiedade. Após os instantes de inquietação, o praticante regressa à sua zona de conforto, funcionando, essa situação, como factor motivacional (Pereira, 2005).

2. Culturas e Juventudes

[...] a cultura deve ser considerada como o conjunto de traços distintivos espirituais e materiais, intelectuais e afectivos, que caracterizam uma sociedade ou um grupo social e que abrange, além das artes e das letras, os modos de vida, as maneiras de viver juntos, os sistemas de valores, as tradições e as crenças.
(UNESCO *cit.* Brandão *et. al.*, 2009)

O conceito de cultura tem sido amplamente estudado no domínio das Ciências Sociais. Trata-se de uma concepção de largo espectro, dotado de grande complexidade que obedece a diferentes desígnios. Esta noção tem a capacidade de se relacionar com o contexto que caracteriza, em virtude da sua aptidão para reproduzir diferentes “identidades colectivas” (Caria, 2008). A sua complexidade advém da possibilidade de lhe associarem inúmeras definições e interpretações. Estamos perante um conceito que compreende “representações de práticas, comportamentos, acções e instituições pelos quais as pessoas se inter-relacionam”. É inseparável da prática social, assumindo-se como um assimilador de saberes, consolidados de forma inconsciente, consequência dos “interesses objectivos de luta e de competição num dado campo social”. Esta concepção está sujeita a constantes alterações, em virtude do aparecimento de novos padrões, comportamentos e práticas culturais que rompem com o tradicional e que, por vezes, acabam por ser mal assimiladas pela sociedade (Rochrs, 2008). É o caso de alguns movimentos sociais, caracterizados por Fochi (2007) como reuniões de pessoas, organizadas,

segundo uma acção colectiva, com um propósito ou causa, pela qual lutam ou defendem. As suas acções visam, em parte, uma transformação social.

2.1. Manifestações subculturais

“As subculturas quebram as regras através do reposicionamento, da recontextualização do consumo, subvertem o uso convencional dos objectos e investigam novas funções. Demonstram assim, uma nova forma de encarar quotidianos” (Carvalho et. al., 2008)

Ao procurarmos uma definição acerca deste fenómeno, somos confrontados com a ausência de explicações específicas e unânimes em volta do conceito, contudo, apesar desta dificuldade, a maioria dos autores caracterizam subculturas como uma associação a uma forma cultural alternativa.

Uma cultura pode ser considerada como um conjunto diversificado de subculturas, muitas vezes descritas como alterações a uma “entidade que ela modifica, subterrânea” (Amaral, 2005).

Ao nos depararmos com a noção de subcultura poderemos pré-conceptualizar uma ideia errada acerca do conceito, se o fizermos do ponto de vista hierárquico pela existência do prefixo “sub”. Segundo Coêlho (2009) as subculturas poderão ser percebidas como formas distintas de manifestações culturais, inseridas numa cultura “guarda-chuva” ou dominante, que norteia várias subculturas com pontos em comum entre si. Surge pela necessidade de contextualizar e compreender diferentes posições, estilos e modos de vida, tendo em conta uma lógica social e temporal. Podemos verificar que as subculturas pretendem caracterizar uma realidade complexa, associada a um vasto leque de referências: cultura, comunidade, massas e sociedade.

O momento pós segunda guerra mundial representa um instante temporal marcante, determinado pela ocorrência de inúmeras alterações a nível social. Transformações de ordem comportamental e tecnológica marcam o aparecimento das primeiras subculturas, estruturadas através de alguma irreverência e do confronto de ideias, manifestando a revolta de um grupo social muito específico. As

subculturas surgiram, em grande parte, motivadas pelo processo de urbanização, subjacente ao êxodo dos meios rurais, menos favorecidos, para as urbes, onde as oportunidades de mobilidade social seriam superiores. Estes movimentos eram dotados de um cunho ideológico muito acentuado, onde posições de contestação e de resistência eram adoptadas como forma de demarcação de toda uma norma social da época (Amaral, 2005). A visão proposta pelo *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS) para o conceito de subculturas apoiou-se nessa concepção de oposição, desvio e resistência. Alguns autores defendem que é possível reinterpretar a história das subculturas. Actualmente, estas pressões são exercidas através de estratégias, mais acutilantes, dada a exposição mediática que algumas subculturas possuem. O papel da comunicação social no processo de aceitação das subculturas é de grande importância, a sua influência permite a integração dos valores colectivos ostentados por estes movimentos. Outro dos aspectos importantes é o facto de que os media ao promoverem uma subcultura como produto estão a mercantilizar uma forma alternativa de consumo (Filho, 2005). O reconhecimento é possível através de uma imagem característica de um estilo de vida a ela subjacente. O vestuário, a performance, os sons, são algumas das alusões que possibilitarão identificar uma dada subcultura, embora seja importante referir que nem sempre o seu conteúdo é claro e de fácil identificação, tornando esta tarefa mais delicada.

Segundo Carvalho *et. al.* (2008), este tipo de manifestações referem-se a um “grupo de pessoas com interesses comuns entre si. Através destes interesses estes destacam-se dos restantes grupos sociais”. Outros autores fazem uma abordagem muito semelhante ao termo, definindo o fenómeno como o resultado de um conjunto de experiências comuns, “através de redes informais de comunicação entre usuários” (McRae, 2003). Para que isto se verifique, é importante que a informação circule, daí a importância da comunicação social neste meio. É indispensável que esta relação se mantenha durante algum tempo, através de uma série de entendimentos em comum.

Vivemos num século caracterizado pela existência de uma infinidade de manifestações culturais, entre elas, as culturas juvenis. Este conceito manifesta a heterogeneidade, coexistência e articulação de diferentes manifestações ou práticas culturais, dentro de uma cultura dominante. Para Filho (2005), podemos definir o

conceito de cultura juvenil como uma “massa indiferenciada de pessoas de idade similar e de gostos e experiências afins, distinta não só pela sua juventude, mas também por seu estilo particular de consumo conspícuo, orientado para o lazer”. É essencial perceber e procurar integrar cada vez mais o fenómeno das subculturas juvenis. Estamos perante um movimento intrincado, não devendo ser entendido como um movimento associado a instabilidade, sobre o qual é prioritário actuar e reformular posições de acordo com normas socialmente aceites. Devemos pensar, sim, nestes movimentos como formas coerentes e organizadas de expressão própria dos elementos sociais neles envolvidos, uma vez que, a grande maioria, apresenta comportamentos razoáveis, importantes no processo maturacional de cada um dos seus nichos.

No cenário das diferentes subculturas existentes, os jovens procuram a sua identidade num mundo munido de grande ausência de referências, isto deve-se a uma crise de cidadania, em parte provocada pela inexistência de perspectivas de vida futura, obrigando os jovens a reivindicar outros espaços de evidência e de reconhecimento (Pais, 1998). Este seu desejo de identidade e de identificação precipita o seu desejo de inclusão nos diferentes movimentos culturais existentes. Nestes movimentos são negociadas posições de poder entre actores sociais, através de manifestações identitárias, próprias de uma subcultura (Amaral, 2005).

Como já foi referido anteriormente, inicialmente as subculturas eram entendidas como um instrumento de resistência, de afronta, perante uma cultura dominante. O modelo de análise incidia sobre importantes instituições: família, escola e trabalho. Esta noção era particularmente utilizada em estudos de carácter etnográfico, junto de comunidades ligadas à classe operária. Dentro destas sociedades formaram-se estes grupos, apelidados como uma solução mágica para explicar o afastamento gradual das instituições e serviriam para explicar as diversas formas de oposição, preconizadas por jovens de classes sociais mais baixas. Presentemente, são vistas como “formas de resistência” afastadas da “condição de classe” originalmente proposta (Weller, 2005). Motivadas pelo processo de globalização, estas relações entre jovens e instituições de referência, têm sido cada vez mais difíceis de identificar, dada a fluidez que as caracterizam actualmente (Lopes *et. al.*, 2008).

Numa subcultura encontramos “ideologias, resistência social, construção de identidade, simbologia e estética” (Carvalho *et. al.*, 2008). Para os autores, esta ideologia baseia-se em modelos, motivos e influências sendo que, com estes, os contornos ganham limites, influenciando as posições dos seus membros dentro da sociedade. Esta definição ideológica pode surgir por influência de outras subculturas paralelas. O conceito não é castrador, permite a alienação e a interferência de outras subculturas, assumindo-se como permeável a outras posições. Isto verifica-se, por exemplo, dentro das práticas de lazer. Existem práticas, distintas entre si, capazes de comungar no seio das mesmas influências, existindo partilha entre elas.

Um dos problemas do conceito de subcultura está relacionado com o facto de que lhe terá sido atribuído um peso demasiado elevado em termos políticos, algo não comprovado até à data. Este quadro conceptual baseia-se numa estruturação de “opinião, conflito e luta”, que não se verifica em algumas subculturas, como por exemplo no caso das culturas espectaculares, como aquelas que constam nesta investigação. “As subculturas espectaculares causavam barulho, conquistavam espaços culturais, atraíam os holofotes dos media e a atenção das instituições dominantes da sociedade, ocasionavam, eventualmente, mudanças repressivas na esfera judicial, estabeleciam novas convenções, criavam modismos e...feneciam” (Filho, 2005). Estas subculturas representam uma “estratégia para sobreviver e conquistar espaço” cultural. Esta posição poderá explicar-se através da sua apresentação como formas de não subjugação a qualquer tipo de pressão social.

As subculturas não devem ser vistas com um *desafio* à formação social, actualmente estas representam um substituto às subculturas de resistência originais (Amaral, 2005). No universo do lazer e do consumo, o conceito não se assume como um elemento de oposição, isso acontece predominantemente noutras áreas como o trabalho e a família (Filho, 2005).

Estes grupos desempenham um papel chave neste momento transitório para a vida adulta e na construção de uma “identidade étnica e de género” (Weller, 2005). Embora possamos ser levados a pensar que se trata de uma forma de estar transitória, existem determinadas subculturas que tendem a perdurar ao longo da vida dos seus “membros”. Esta premissa é de grande importância, uma vez que, no

caso desta investigação, a amostra é constituída por elementos cuja idade não se enquadra neste período da vida.

É objectivo das Ciências Sociais e Humana interpretar e classificar particularidades inerentes aos distintos movimentos culturais existentes. Muitos destes movimentos estão associados a manifestações culturais dos jovens, onde posições de contestação e de reivindicação marcam o ímpeto destes grupos. Não só os jovens ostentam este tipo de posições, o próprio meio urbano representa um local de resistência social (Coelho, 2009).

“O urbano não é somente um produto, é sobretudo um modo de vida” (Carvalho *et. al.*, 2008). Este espaço representa um local potencialmente reivindicativo e de diferenciação, lugar de “microculturas” específicas (Ferreira, 2006). Todo o cariz de uma cidade tende a direccionar-se para a homogeneidade, as subculturas tendem a evidenciar “diversidade cultural, tornando patente a diferenciação interna da sociedade”. Esta diferenciação apresenta desafios ao estudo das subculturas. É importante perceber “como se estabelecem relações entre as diferentes subculturas existentes e a sociedade/cultura, mais vasta da qual fazem parte” (Carvalho *et. al.*, 2008).

A diversidade cultural é visível através de traços de identidade perceptíveis em algumas manifestações culturais, graças à criação de uma “rede complexa de símbolos, conhecimentos e atitudes”. Estas características permitem distinguir o indivíduo e o seu grupo dos restantes nichos sociais. A utilização de símbolos, facilmente, é associada a algumas subculturas. Isto, por um lado, permite o afastamento de certos grupos ou subculturas e, por outro, a aproximação de pessoas que se identificam com aquela simbologia, resultando daí toda a diversidade cultural. Cada símbolo estético contribui para a caracterização de uma qualquer forma de manifestação cultural, uma vez que estas carregam consigo toda a carga ideológica. À medida que o indivíduo ganha mais competências dentro de uma subcultura toda a simbologia exterior acaba por fundir-se. O conjunto de competências/experiências acaba por representar o mais importante elo de ligação ao grupo (Carvalho *et. al.*, 2008), daí a importância do conjunto de padrões de comportamento, crenças e interesses próprios de um determinado grupo social” (Coelho, 2009). Apresenta-se como um movimento dotado de uma posição diferente

da cultura social dominante, existe uma divergência de interesses, negociados entre um determinado subgrupo e a cultura paterna. Esta cultura “reguladora” impõe-se de duas formas: ausente, permitindo uma total liberdade de acção, e presente, reforçando a sua posição em particulares aspectos da subcultura (Carvalho *et. al*, 2008). Desta cultura dominante retira ensinamentos para uma conceptualização geral, possibilitando-lhe traçar o seu caminho, através da criação de valores próprios, com base em qualidades de “oposição e de resistência social” (Fortes, 2007).

Na década de noventa surge o conceito de pós-subculturas. Esta redefinição do conceito de subculturas estabelece o ideal de que as classes sociais não apresentam fronteiras limitativas tão bem definidas, dificultando a identificação de factores como a pertença de classe. Este reajustamento do conceito de subculturas destaca o papel da identidade e do estilo, próprios de cada movimento subcultural existente, assim como da ligação afectiva que é estabelecida através de formas estéticas, umas das “principais características da sociedade contemporânea” (Amaral, 2005).

Como qualquer outro conceito, também o conceito de subculturas é alvo de críticas. Estas incidem sobre algumas das suas premissas. Para alguns autores não existe uma cultura dominante ou superior, uma vez que estamos perante uma “pluralidade de modos e de estilos” (Weller, 2005). Por sua vez, Fortes (2007) identifica três pontos, para ele discutíveis, dentro desta noção: a ideia de consumo e de resistência, rigidez e falta de objectividade e clareza. Um estilo de consumo ao ser tratado como uma forma de resistência levanta alguns problemas, na medida em que, se o fizermos através da análise dos jovens oriundos das classes operárias, se estes utilizarem a sua posição social através do recurso à sua identidade classista, acabam por não conseguir a tão desejada autonomia identitária. O próprio estilo/estética, tão defendido por esta ideologia, não poderá ser percebido como um factor de resistência, por ser mutável, permeável a distintas influências, nomeadamente dos meios de comunicação, importante motor de mudança. Esta permeabilidade obriga a redefinições sistemáticas desta forma de estar.

Uma limitação referida prende-se com a falta de estudos empíricos, sendo que esta ausência é justificada através da posição da teoria estruturalista que

defende a não necessidade de trabalhos desta ordem, dado que esta teoria tem a capacidade de responder a questões colocadas em torno do conceito. O terceiro problema referido está relacionado com a rigidez em termos de delimitação de fronteiras, fronteiras estas que não são passíveis de verificar empiricamente. Por fim, a concepção de subcultura não contempla a relação com os meios de comunicação. Esta relação é importante, uma vez que algumas das subculturas ganharam força em função da intervenção dos media, importantes veículos de comunicação/propaganda, pela sua capacidade em ajudar a construir e a definir uma subcultura, fruto da recolha de informação e da sua validação, facilitando a sua identificação, compreensão e consumo da mesma.

O rótulo de “efémero” atribuído às subculturas nem sempre se verifica, uma vez que algumas subculturas continuam a perdurar aos longos dos anos, não desaparecendo, até mesmo acompanhando os seus membros ao longo da sua vida.

2.2. Tribos

[...] diferente de alguns, tende-se a ser iguais a outros [...] (Cardoza, 2003)

Michel Maffesoli representa um dos primeiros autores a utilizar o conceito de tribos urbanas com o objectivo de classificar um movimento, neste actual momento social. Para Maffesoli (1996), “o tempo das tribos pode ser traduzido como o tempo das pequenas massas, não podendo ser olhado como uma categoria social residual na actual trama social”. Esta concepção revoluciona a forma de olhar a sociedade, defendendo um cenário contrário ao da individualização, importante neste papel das tribos, uma vez que é sua bandeira o “vivenciar e sentir comum”, através da partilha de estilos de vida e de gostos. Estamos perante “um agrupamento semi-estruturado, constituído predominantemente por pessoas que se aproximam pela identificação comum a rituais e elementos da cultura que expressam valores e estilos de vida, de moda, música e lazer típicos do seu tempo”.

A ideia de tribo está relacionada com a adequação à sociedade do momento, de uma forma moderna e arrojada. Estas comunidades possuem as seguintes características: “aspecto efêmero; inscrição local; a valorização da estética e da imagem e a ausência de uma estrutura quotidiana” (Cardoza, 2003).

A substituição do papel do individualismo, como fio condutor para a compreensão da sociedade, obriga-nos a ter em conta uma potencial substituição do narcisismo individual por um narcisismo grupal. Estamos perante uma redefinição do ego aliado à “ilusão grupal” que estas comunidades proporcionam. Nas tribos predominam “identificações narcísicas unificadoras” (Coutinho, 1998), devendo-se procurar entender o porquê da proliferação destes grupos primários nas cidades contemporâneas. Segundo Cardoza (2003), o Homem tende a procurar ajuda dentro destes grupos, de modo a “garantir a sobrevivência do próprio ego e uma maneira de lidar com o desamparo”.

Estas comunidades encontram-se aliadas a um movimento cultural, que tem por base uma forma de estar, baseada em elementos que justificam esta sociabilidade. “As tribos surgem como resposta ao desejo de diferenciação frente à homogeneização das massas. Não são formadas por identidades fixas, mas são oriundas de identificações em torno de gostos, estilos, contactos, afinidades e territórios sempre fluidos, nómadas” (Pimentel, 2006).

Estamos perante uma nova organização social onde, motivada pelas singularidades da actual sociedade, têm ocorrido importantes mutações nas práticas sociais diárias dos diferentes actores sociais, com influência a todos os níveis. Um local onde essas alterações têm ocorrido é no próprio núcleo familiar. Este está cada vez mais, a perder o seu lugar de destaque na sociedade e mais concretamente no próprio indivíduo. Outro ponto subversivo é o da demarcação social, tendo em conta a classe social de pertença. Para Maffesoli (1996) este agente de diferenciação perde a capacidade de definir a identidade de um indivíduo, fruto das “novas directrizes tribais”. As identidades contemporâneas são agora definidas por tendências de moda e de sentimentos. Se tivermos em consideração os critérios de identificação definidos anteriormente é possível olharmos para a presente rede social e identificar diferentes tipos de tribos: “desportistas, hedonistas, religiosos, músicos, tecnológicos”, entre outras.

A redefinição do tempo de trabalho criou um fosso entre pais e filhos. Cada vez mais, os progenitores passam mais tempo nos seus empregos e conseqüentemente a sua relação com os seus filhos fica diminuída a todos os níveis. O tempo de convivência fica reduzido a escassos instantes de coexistência entre ambos. Logo, aquele efeito de protecção associado à família passou a ser deslocado para os seus pares. Esta relação acaba por representar uma família alternativa à família tradicional.

Perante uma quebra ao nível das tradições, desvalorização de importantes instituições e rápida pluralização de valores e de identidades, motivadas pelo consumo e pela incessante pressão imposta pela comunicação social, assistimos a uma crescente proliferação de *clãs* e/ou tribos, motivada pela grave crise de “referências simbólicas e institucionais”. Estas novas referências demonstram as suas diferenças essencialmente através de factores de ordem estética (Coutinho, 1998).

Existe uma preocupação crescente com a beleza, através da sua correspondência emocional. Esta acaba por reforçar laços, aproximando pessoas, levando à criação de novos grupos. O estilo tem a capacidade de agrupar um conjunto de actores sociais, criando assim uma unidade, baseada em características comuns. Estas particularidades diferenciam e limitam o seu território de acção, através da imposição de barreiras simbólicas, pela utilização de códigos que facilitam a interacção e a união entre os seus membros. Este crescente interesse pela estética, acaba por atribuir ainda mais importância a este conceito. Ela representa um “meio de comunicação, já que na sociedade contemporânea neoliberal, as identidades são demarcadas pelos hábitos de consumo”. Esta preocupação com a estética é de grande relevo para a aceitação do indivíduo, junto dos seus pares. Através dela existe a partilha de emoções, prazeres e sentimentos (Fochi, 2007).

Os jovens tendem a enveredar por caminhos que lhes permitam essa demarcação social, muitas das vezes, através de comportamento de “excesso para fazerem a diferença, pressão a que estão sujeitos e se sujeitam eles próprios em determinados contextos sociais”. Existe uma “mobilização expressiva do corpo em contextos juvenis”, através de duas formas, denominadas respectivamente de

“cinética e imagética”. Relativamente à primeira forma de actuação, este tipo de investimento centra-se numa vertente de expressão motora do corpo, com o objectivo de procurar sensações ou emoções. Relativamente ao investimento “imagético”, os jovens centram a sua forma de actuação na “aparência física, look e visual” (Ferreira, 2006).

As tribos são de grande importância para os jovens de hoje em dia. Esta faixa etária está intimamente relacionada com um momento de transformação, dotado de enorme complexidade, através de uma série de alterações do foro biológico e social, inerentes a processos maturacionais do adolescente e à adopção de novos papéis sociais. Por vezes, a predisposição para o conflito prende-se com a necessidade de o adolescente evidenciar o seu papel na sociedade, o seu desejo de diferenciação entre ele, o outro e a sociedade, motivada ocasionalmente pelo afastamento dos signos importantes até à data, nomeadamente a família e a escola (Camilo *et. al.*, 2003). Não podemos olhar para estas razões de forma separada, todas elas, devem ser analisadas como um todo, contribuindo para definir da forma mais correcta esta fase da sua vida.

O fenómeno das tribos não se encontra limitado ao universo jovem. Esta associação a esta faixa etária, não deverá ser vinculativa. A juventude representa uma “mercadoria de alto valor”, cobiçada por todos, o que nos obriga a ter em conta diferentes segmentos etários da nossa sociedade (Coutinho, 1998).

As tribos têm formas de actuação bastante próprias. São organizadas segundo gostos e formas de lazer comuns (Camilo *et. al.*, 2003). Quem faz parte integrante de uma tribo, age de acordo com os ideais do grupo, definido segundo um padrão normativo de comportamento imposto a todos os seus membros. Através da estética, o indivíduo marca a sua posição dentro da sociedade, expondo assim a sua preferência em termos de grupo e de forma de estar perante os outros (Cardoza, 2003). Para além disso, a ocupação de um determinado território/espço urbano, serve igualmente para evidenciar as características particulares da tribo. Esta identidade grupal é, por um lado, defensora de uma homogeneidade colectiva e, por outro lado, defensora da heterogeneidade extra-grupal (Camilo *et. al.*, 2003). Apesar desta homogeneidade, não existe um real conhecimento profundo entre os seus

membros, é um local de interesses comuns, onde a estética e formas de estar imperam.

No interior de uma tribo o mais importante é a vivência imediata. Os resíduos do consumo perpetuado são desperdiçados, “deitados fora”. Estas formas de estar marcam o tipo de ligação existente intragrupo. Estamos perante relações superficiais e efémeras, onde os diálogos tendem a incidir sobre temáticas que dizem respeito à tribo, abordando questões actuais e raramente incidindo sobre questões relacionadas com o futuro. Na generalidade, os assuntos são tratados de forma redundante e servem, de algum modo, para confirmar opiniões comuns e códigos linguísticos (Fochi, 2007). A própria ligação a uma tribo apresenta-se de carácter transitório, isto, porque ela define-se como uma rede de amizades pontuais, onde os sujeitos são comparados a objectos de consumo, que se uniram perante um determinado ritual, importante naquele momento da vida do indivíduo. O momento correspondente à fase final da adolescência marca um gradual abandono e consequente autonomia dos seus pares.

O conceito de neo-tribalismo surge como um produto evolutivo da noção de tribo inicialmente apresentada. O neo-tribalismo ambiciona definir grupos esporádicos, com uma duração temporal muito curta. Aqui podemos encontrar valores como o efémero ou descontínuo, aliados à forma de organização que deixa passar uma imagem momentânea de colectividade (Rojek, 1995). “O tempo das tribos representa o tempo em que as massas são tribalizadas” (Maffesoli, 1996).

A proliferação actual deste tipo de fenómenos obriga-nos a debruçarmo-nos e a reflectir sobre esta temática. É importante rever e situar o lugar e a função da família nuclear no mundo actual. É igualmente necessário perceber o porquê do crescimento destes grupos nas sociedades contemporâneas. O desporto tem sido uma das áreas onde estas manifestações se têm evidenciado geralmente associadas às novas práticas desportivas contemporâneas.

2.3. Juventudes

A adolescência marca um momento de “descoberta, liberdade e de formação pessoal”. Estamos perante um grupo que tem a necessidade de referências e que, para isso, sente a urgência de sentir o apoio da comunidade na qual está inserido e é nela que encontrará referências que o guiarão nesta fase da vida. Pela ausência dessas linhas orientadoras, nomeadamente ao nível das estruturas sociais, com implicações “nessa busca de sentido”, os jovens procuram cada vez mais desenvolver actos simbólicos onde testam os seus limites, preenchendo desse modo o vazio nas suas vidas e encontrando o tão desejado rumo (Breton, 1991).

Qual o papel dos jovens na nossa sociedade? As primeiras teorias acerca dos jovens foram elaboradas em função de processos biológicos e psicológicos. Estas concepções precipitaram a opinião do contexto político, definindo este grupo como uma estrutura social sobre a qual é necessário actuar, reinventar e moldar padrões socialmente aceites. Esta caracterização conduz a uma associação a inúmeros estereótipos instituídos ao longo dos anos, definindo a juventude como um “grupo homogéneo, correspondente a uma faixa etária bem definida, com interesses comuns, representantes de uma cultura juvenil”. Isto acontece porque, segundo Pais (1990), existe uma tomada de consciência por parte dos jovens acerca da realidade circundante, através da percepção das suas características, motivando a adopção de posições análogas a essas conjunturas. Os meios de comunicação social têm um papel importante na transmissão destes valores. Nem sempre a imagem transmitida é real, manipulam circunstâncias em torno dos jovens, condicionando a imagem deste grupo social, em função das necessidades do momento. Naturalmente acontece que a mensagem transmitida acaba por acentuar o fosso já existente entre gerações, através da divulgação de uma cultura juvenil volátil a provocações ou formas de estar distintas de gerações antecedentes. Estamos a falar de um momento que marca a passagem da condição de jovem para a nova condição, a de adulto. Esta transição é feita de uma forma de livre arbítrio, por iniciativa do próprio, muitas das vezes “fora da tradição de autoridade” (Breton, 1991). Os jovens no âmbito das suas práticas de lazer tendem a procurar comportamentos de excesso e singulares.

Os rótulos há muito que estão associados a esta faixa etária. Durante a década de 60, a juventude era classificada como um problema em alguns países ocidentais, dada a sua associação ao mundo das drogas, marginalidade, problemas escolares, com influência em termos de ingresso no mercado de trabalho e em termos de relacionamento familiar. Este cenário estaria associado à instabilidade vivida por este grupo, em virtude da instabilidade social e conflito de gerações, agravada por uma crise de valores (Pais, 1990). Verifica-se que, gradualmente, a família tem vindo a perder o papel que lhe era atribuído nas suas vidas. Esta transformação obrigou à procura de referências dentro de outros nichos, nomeadamente dentro do círculo de amigos, com os quais partilham grande parte do seu tempo e com os quais são estabelecidas ligações, a maioria delas esporádicas (Pais, 1998).

A sociedade tomou consciência de uma “fase intermédia”, entre a infância e a idade adulta, a partir do momento em que o processo de transição para uma fase de maiores responsabilidades passou, progressivamente, a apresentar uma duração superior àquela que se verificava noutras gerações antecedentes, com implicações naturais em termos sociais. Algumas razões são apontadas para esta situação. Uma delas encontra-se relacionada com o facto dos jovens aspirarem situações de mobilidade social, investindo numa formação académica superior, que lhes permita a concretização desse objectivo. Contudo, associado a este investimento pessoal encontra-se outro problema, o ingresso no mercado de trabalho. Apesar do aumento da formação académica, toda a população juvenil tem cada vez mais consciência das dificuldades em entrar no mercado de trabalho, adoptando em função disso uma postura defensiva, contribuído assim para o aumento temporal referido anteriormente (Pais, 1998).

Duas ideias surgiram com a finalidade de caracterizar este grupo social. Temos uma posição predominantemente biológica, fruto de uma caracterização baseada numa fase da vida, incidindo sobre uma faixa etária específica, possuidora de interesses e comportamentos homogéneos, comuns a todos os elementos deste grupo social. Por outro lado, deparamo-nos com a definição sociológica, que entende que se trata de um grupo social heterogéneo, constituído por subculturas identitárias, dotando-o de traços diferenciadores intragrupo (Pais, 1990).

As crenças, os valores e os interesses partilhados pelos jovens poderão estar relacionados com o momento temporal que este grupo está sujeito, contudo, devemos ser permeáveis a outras potenciais formas de influência: influência através de gerações precedentes e influência através da classe social onde os seus actores sociais estão inseridos (Pais, 1990).

Para a análise da juventude temos em conta duas posições: a “corrente geracional” e a “corrente classista”. A primeira entende a juventude como uma fase da vida comum a todos os seus elementos, onde a ideia de unidade sobressai, constituindo assim uma “cultura juvenil dominante”. Os aspectos diferenciadores, dentro desta geração, são reconhecidos como problemas de ordem social, integrantes desta teoria de gerações e classificados como “segregação geracional”. Esta teoria ostenta algumas fragilidades: não consegue explicar a existência de comportamentos desviantes, em virtude da sua concepção unitária, resume-se a uma faixa etária; e não consegue explicar a razão pela qual normas e valores de gerações adultas não são integrados na sua forma de estar. Relativamente à corrente classista, existe a concepção de “reprodução de classes sociais”, traduzida numa cultura de classe. As relações entre classes são incompatíveis, dada a presença de limites bem estabelecidos, que demarcam as suas posições. Aqui também se identifica a existência de culturas juvenis, embora se verifiquem, como movimentos dentro da mesma classe, com o objectivo de exposição perante a sua classe. A teoria geracional é de alguma forma criticada por revelar dificuldades em justificar a existência de interesses transversais a todas as classes sociais, bem como pelo facto de conceptualizar os processos que influenciam os jovens como determinantes em função da classe social de pertença.

Através de comportamentos de risco, muitas das vezes associados a este momento temporal, os jovens “tentam provar o gosto pela vida”. Desta forma têm a possibilidade de evidenciar a sua existência, tentando ir cada vez mais longe como forma de demonstração de poder e de controlo sobre a sua vida (Breton, 1991)

“Os jovens acabarão por procurar uma realização pessoal fora do âmbito profissional, de preferência com amigos” (Pais, 1998) inseridos em novos ritos. Estes novos ritos assumem-se como alternativas aos anteriores ritos de passagem, como

o “alistamento, primeira relação sexual, casamento”, entre outros que entretanto perderam a sua importância no actual enquadramento social (Breton, 1991).

2.4. Os investimentos corporais dos jovens

Os jovens representam uma realidade social que não é homogénea, encontra-se dividida em função dos “seus interesses, das suas origens sociais, das suas perspectivas” e aspirações (Pais, 1990). Os jovens procuram a diferença dentro de uma sociedade normativa, extremamente padronizada, com rotinas bem definidas. Estamos perante algo paradoxal. Apesar desta procura de diferenciação, este grupo é extremamente dependente do papel de sociabilização, apesar de desejar ao mesmo tempo a sua autonomia e o seu papel dentro desta sociedade.

A imagem corporal é de grande importância para este universo. Os jovens investem imenso na sua imagem. Porque o fazem? “O corpo é palco de investimentos crescentes por parte dos jovens” (Pais, 2005). A sociedade ocidental valoriza imenso a imagem corporal. É uma sociedade mediática, onde é importante a “auto-realização e a auto-expressão” durante as práticas de lazer e de tempo livre (Pereira, 2005).

Segundo Pereira (2005), o culto do corpo tem, cada vez mais, recebido projecção nos tempos actuais. Ele representa, de certa forma, a nossa identidade, tendo uma importância simbólica – a “sociedade da aparência”.

Para os jovens, a imagem tem uma importância fulcral, não se trata de uma questão de modismo, é mais do que isso. Através da imagem, os adolescentes têm oportunidade de afirmar a sua identidade. Esta ostentação de imagem, que os jovens fazem questão de assumir, tem as suas vantagens, embora, o confronto de ideias seja, por vezes, inevitável.

Apesar destes códigos, nem sempre é fácil identificar os sinais implícitos, próprios destes grupos. Algumas subculturas têm como característica chave o “fluir de emoções”.

Um outro local de confronto de imagem e de ostentação de ideologias é o próprio espaço urbano onde estes jovens se deslocam diariamente. Os jovens têm a capacidade de reinventar este espaço em função das suas necessidades, alterando-o em função do seu modo de vida. Por eles é definido um espaço social próprio, com características territoriais, assumindo-se como um espaço de poder, onde fronteiras simbólicas são traçadas, fruto das diferentes identidades grupais. Esta reinvenção do espaço urbano possibilita a todos os jovens momentos de “expressividade performativa”, através das quais traçam as suas formas de estar e ideologias representando uma “forma de libertação: uma pressão que se exterioriza. Nestas culturas performativas – tantas vezes incompreendidas – temos o fluir de uma energia injustamente desprezada. Temos um desejo de participação, de protagonismo. Temos possíveis rotas de abertura ao futuro, que pesquisadores e decisores políticos não poderão deixar de levar em linha de conta, quando pensam nos instrumentos para orientar as políticas de juventude” (Pais, 2005).

Esta exteriorização de emoções acontece das mais diversas formas. O desejo de fugir a uma infância/adolescência cheia de restrições leva algumas destas crianças/jovens a optarem, no âmbito das práticas de lazer, por actividades de risco, algumas delas nocivas ou marginais (Pais, 1998). Os adolescentes, hoje em dia, têm alguma dificuldade em perceber, à partida, a sua razão de ser no mundo, daí a necessidade de alguns procurarem testar e de expor os seus limites colocando em perigo, por vezes, a sua própria vida. Isto pode ser concretizado através do recurso a uma infinidade de domínios.

Existe uma subcultura de risco inerente a este grupo social. Valores intrínsecos fazem parte desta manifestação juvenil, coragem, virilidade, violência, valores com os quais os jovens, bastante cedo, entram em contacto ao longo do seu processo maturacional.

Como Le Breton (1991) faz referência, os jovens ao procurarem situações limite experimentam sensações de prazer e de liberdade que, de outra forma, não teriam possibilidade de desfrutar. Contudo, devemos ter atenção ao seguinte, esta vontade em ultrapassar situações delicadas, colocando em causa a própria vida, não deverá ser entendida como patéticas tentativas de suicídio, o seu real objectivo passa por enfrentar medos e valorizar a vida, procurando “legitimidade pessoal”.

Não devemos generalizar esta ideia de legitimidade a todo este universo. Alguns adolescentes não possuem uma real percepção dos seus limites e da morte. Estes momentos de risco extremo são vividos como alheios a si e como algo que afecta somente os outros. Talvez por isso eles testem esta relação sistematicamente, com sucesso, aumentando o seu ego e valorizando a sua posição perante os seus pares (Le Breton, 1991). É neste momento que pequenas transgressões começam, ocasionalmente, a fazer parte da vida de alguns jovens, testando a sua posição perante a sociedade e verificando o impacto das suas acções na mesma. Por outro lado, temos também outros adolescentes que apresentam motivações inconscientes, de auto-destruição, justificadas através da ausência de sentido à vida. Este tipo de sentimento, muitas das vezes, está associado a comportamentos de índole anti-social, marcado pelo desejo sistemático em colocar a sua vida em jogo através do recurso a substâncias tóxicas, corridas ilegais, distúrbios, violência física, entre outro tipo de comportamentos, para eles mais poderoso.

Muitas das vezes, este tipo de comportamentos estão associados aos denominados “desportos radicais”. A terminologia “radical” surge com o objectivo de classificar “atitudes e condutas de oposição que preconizavam reformas profundas nas instituições conservadoras de ordem social”. É visível a ligação com estas práticas de lazer ou desportivas desenvolvidas segundo uma norma de actuação de excessos. Estas práticas, emergentes, estão geralmente associadas ao risco e à procura de adrenalina, embora outros factores motivacionais justifiquem a sua prática. Existe o desejo de “demonstração social da superação dos seus próprios limites”, perante uma situação de risco de vida. Esta premissa tem-se alterado, uma vez que estes consumos exigem um grau de disciplina que não se coadune com este tipo de conduta. Nestas práticas o Homem é testado a todos os níveis e os praticantes são colocados à prova em cada sessão (Ferreira, 2006).

3. O Desporto Moderno e as Novas Práticas Desportivas

3.1. A visão antropológica do jogo

O momento pós revolução industrial caracteriza-se por representar um período de “rápidas e profundas” alterações, com implicações na organização da sociedade da época, marcando o princípio da sociedade moderna. Em virtude da evolução tecnológica, o tempo de trabalho tem diminuído gradualmente e teoricamente o tempo livre tem aumentado. Esta realidade permitiu o acesso a um vasto leque de ofertas, acessíveis durante o tempo livre do Homem. É neste ponto que as actividades físicas ganham expressão e concorrem com o fenómeno de evolução técnica (Pereira, 2002). Estas transformações traduziram-se numa nova organização de relações interpessoais, numa reestruturação do trabalho, com implicações no modo de vida da sociedade ocidental, mais concretamente ao nível do tempo livre (Almada, 1994).

A reestruturação do tempo livre permite ao Homem desenvolver um conjunto de actividades de lazer, até então, restrita a um grupo muito específico. Neste tipo de actividades podemos encontrar os jogos. Para Roger Callois (1951) o jogo poderá ser definido como uma actividade livre e voluntário, separada, incerta e não produtiva, “uma fonte de alegria e de divertimento”. A prática de um qualquer jogo é vista como essencial e completamente separada da vida de um indivíduo, com um espaço e tempo bem definido. Este tipo de acções é “livre” porque a sua participação não é obrigatória, só participa quem assim o desejar. Caso isto não suceda, um dos preâmbulos do jogo não será respeitado, o da diversão. Encontra-se “separado”, pois está circunscrito em termos temporais e espaciais. “Incerto” porque enfrentam um desfecho que não é conhecido à partida. “Não produtivo” dado que não tem qualquer objectivo e “regulamentado” pelo facto de apresentar regras que convencionam toda a forma de jogar. Com o objectivo de categorizar os jogos existentes, na época, Callois definiu uma classificação dividida em quatro categorias: “Agôn, Alea, Mimicry e Ilinx”. A primeira categoria, “Agôn”, engloba todos os jogos estruturados segundo factores como competição e/ou confrontação, recriando “um combate artificialmente criado”, uma situação ideal, para que o

“vencedor seja um digno vencedor”. A segunda categoria, “Alea”, enquadra os jogos em que o resultado final é independente dos praticantes, tudo se desenvolve em torno do acaso, cabendo ao destino proclamar o vencedor, “o jogador é inteiramente passivo”. Na categoria definida como “Mimicry”, situam-se as actividades que se desenvolvem num universo ilusório, onde o participante tem oportunidade de assumir uma personagem imaginária. Aqui o participante terá que passar uma imagem que não é a sua, convencendo o espectador de algo que não é real. Por fim, nos jogos organizados segundo a categoria “Ilinx”, o praticante procura a “vertigem”, a velocidade, o “máximo êxtase”, através de experiências de quase pânico, fora da sua zona habitual de conforto, rompendo com alguns dos comportamentos normativos aos quais está sujeito. Algumas das novas práticas físicas e desportivas, nomeadamente as práticas que constam nesta investigação, enquadram-se na última categoria apresentada - “Ilinx”. Segundo Almada (1994), a ideia de “desafio de morte” está presente em qualquer actividade desportiva, mas normalmente encontra-se associada a este tipo de práticas desportivas.

3.2. A globalização do desporto e os novos espaços desportivos

Terá sido sensivelmente entre o século XVII e século XVIII, em Inglaterra, que surgiu o desporto moderno. O século XIX vê surgir os primeiros organismos reguladores institucionais e, por sua iniciativa, surgem as primeiras competições de carácter internacional, bem como toda a organização nacional em torno das práticas desportivas. Este momento tem vindo a evoluir até aos dias de hoje, através do aparecimento de novas práticas desportivas, difundidas a nível global, após triagem do crivo civilizacional (Marques, 2006).

Podemos afirmar que estamos perante um universo que ultrapassou barreiras, tornando-se um fenómeno cultural de carácter global, quebrando actualmente os ideais nacionalistas. Este fenómeno evidencia uma rede de “interdependências políticas económicas e sociais”, responsáveis por alterações temporais e espaciais.

O tempo assume-se cada vez mais como algo de carácter momentâneo e o espaço está cada vez mais limitado (Marques, 2006). Actualmente existem novos espaços a explorar, não se resumindo apenas a espaços físicos, mas também a espaços de índole virtual, tão característicos deste século (Gill, 2010).

Tem surgido ao longo das últimas décadas uma nova tendência em termos de práticas desportivas, o surgimento de práticas corporais em meio natural (Melo, 2009). Durante as últimas décadas do século XX, estas práticas apresentaram uma ruptura com o desporto culturalmente massificado e assumem-se como um dos “fundamentos culturais da Pós-Modernidade”, dadas as características mais flexíveis que quebraram barreiras e definiram novas fronteiras neste universo, adaptando-se a uma nova realidade (Soto, 2007). Em contexto natural, “representam aspectos particulares de adaptação a condições específicas em que a sua prática se desenrola”. Inicialmente terão surgido segundo uma estruturação utilitária, reservada a um grupo circunscrito de corajosos aventureiros, que encetavam este tipo de práticas com escassos recursos tecnológicos (Pimentel, 2006).

O desporto caracteriza-se pela reestruturação do uso e da percepção corporal tendo em conta diferentes abordagens, onde o exercício físico e o próprio universo desportivo têm um papel preponderante. Esta nova era está associada a “movimentos internacionais de pessoas”, directa ou indirectamente relacionados com esta indústria, à troca de informação e de equipamentos tecnológicos, ao aumento do envolvimento económico global, ao fluxo ideológico e a um maior interesse da parte dos media. O desporto tem explorado desde o início o potencial do processo de globalização (Marques, 2006).

Identificámos a existência de uma relação privilegiada entre a sociedade actual e o contexto desportivo moderno. Esta aliança deve-se a diferentes factores, sendo um deles relacionado com o bombardeamento diário da população com informação desportiva proveniente dos media, através do transporte de informação dos locais de prática para o conforto do lar, permitindo ao público saciar o seu desejo de emoções fortes. Desta forma, a prática desportiva potencia a sua visibilidade, permitindo não só mobilizar novos praticantes, como também patrocinadores. O papel do desporto na sociedade assume-se como uma importante oportunidade de negócio, daí a crescente importância deste mercado em termos

publicitários, que, obrigatoriamente, produz efeito junto dos consumidores impelindo uma forte mecânica social (Almada, 1994; Neto, 1994).

3.3. O Desporto e o género

O desporto é prendado com uma “linguagem universal”, compreendido por todos, dotando-o ao mesmo tempo de enorme complexidade. Valores de outrora são obrigados a partilhar este domínio com outras valias, impostas pela contemporaneidade. Evoluiu para um local onde é possível evidenciar posições sociais, em função das práticas e possibilita a “reprodução de normas e valores culturais dominantes” (Carvalho *et. al.*, 2008).

Um dos valores culturais ostentados pelo universo desportivo está relacionado com a sua associação a valores de masculinidade, como a agressividade e a força, denotando-se que o espaço desportivo evidencia valores da cultura masculina (Silva *et. al.*, 2005; Marivoet, 2005).

Antes de falarmos sobre a participação feminina em práticas desportivas/lazer é importante realizar o exercício de contextualizar a sua posição no actual momento histórico. O conceito feminino é de grande complexidade por aglutinar uma série de ideias e acções em torno da temática. O feminismo, movimento associado a esta noção, consiste num exercício desencadeado pela condição e discriminação da mulher na sociedade. Um dos objectivos dos movimentos feministas é reivindicar alterações estruturais, em diferentes domínios da sociedade, de modo a ultrapassar todas as ideias inculcadas no panorama social, nivelando a condição feminina das mulheres com os demais, apesar de, nem sempre, ser possível superar estas circunstâncias. A condição social da mulher está muitas das vezes associada a um conjunto de estereótipos, há muito enraizados na nossa sociedade. Estes estereótipos têm a capacidade de evidenciar os papéis sociais desempenhados por cada um dos géneros, para além da natural diferença biológica existente. Os papéis masculinos e femininos são construções culturais estruturadas através do processo de sociabilização (Silva *et. at.* 2005).

Com o intuito de ultrapassar todo o conjunto de sentimentos em torno da mulher, tem-se vindo a verificar uma tentativa de alguns dos quadrantes sociais existentes, através de acções de diversa ordem, em ultrapassar alguns dos estigmas associados à Mulher. Na opinião de Silva *et. al.* (2005) esse trabalho tem sido pouco efectivo e tem contribuído para a existência de um “ilusório direito de todas as mulheres à igualdade”.

Historicamente, quatro situações têm contribuído para a afirmação da mulher: o aumento das oportunidades em termos de ensino, com consequências na sua formação e integração no mercado de trabalho; a possibilidade de controlar a gravidez, através de métodos anticoncepcionais; o desencadear do movimento feminista, na década de 60/70; e, um maior contributo da mulher para a cultura globalizada, permitindo-lhe deixar o seu cunho no contexto global. Esta realidade tem colaborado para uma melhoria da aceitação do papel da mulher. O contributo do movimento feminista e de outros a ele associado não têm somente como objectivo marcar uma posição reivindicativa, procuram igualmente identificar a fonte dessas diferenças, de modo a agir sobre essa proveniência de desigualdades, dissipando-as (Silva *et. al.*, 2005). A mulher tornou-se mais competitiva, dotada de desejo de vencer, competitiva em todas as suas formas de estar, permitindo-lhe ultrapassar diferenças hierárquicas.

Um dos locais com a capacidade de alterar o conjunto de valores à volta da condição feminina é o desporto. A participação desportiva do género feminino tem contribuído para a actual alteração de valores que se verifica, mesmo com a existência de diferenças em termos de estilo de vida, e que, de certa forma, contribui para a ocorrência de uma escolha diferenciada em termos de “preferências e de gostos culturais” (Martinho, 2007).

Segundo Marivoet (2005), se tivermos em conta a participação desportiva da mulher, vamos constatar que existe uma maior prevalência do género masculino neste contexto, ainda marcado como um local de virilidade. Esta realidade pode ser explicada, segundo a autora, através do pouco tempo livre que a mulher dispõe, muitas das vezes penalizado por não conseguir desvincular-se verdadeiramente do quotidiano doméstico. Num estudo realizado por Gomes (2005) verificou-se exactamente o mesmo cenário. As jovens universitárias de Coimbra despendiam

mais tempo em tarefas domésticas do que os elementos do género masculino. Quando essa participação se verificava, estava relacionada com “práticas tipicamente femininas como a Ginástica e o Fitness”. Estas escolhas contribuem para acentuação do fosso entre géneros. O género masculino, por exemplo, tende a apresentar um conjunto de práticas de lazer/desportivas mais extenso do que o género feminino (Martinho, 2007).

Actualmente, já é possível reconhecer que a mulher aceita novos desafios, abandonando todo o conjunto de ideias a si associadas. Estamos perante uma nova mulher, “ágil, segura, confiante”, sem medo de perder a sua unicidade, por desenvolver práticas dotadas de características que há bem pouco tempo a afastaria do panorama desportivo/lazer. Hoje em dia é possível encontrarmos mulheres a produzirem práticas de aventura em contexto natural, contrariando todas as premissas que envolvem a sua condição, como a “força, agressividade e coragem”. As actividades físicas de aventura na natureza (AFAN) têm a possibilidade de evidenciar comportamentos distintos daqueles que são presença na nossa sociedade. As mulheres procuram aqui a “autosuperação de estigmas vinculando-se à natureza como elemento chave para tal mudança” (Silva *et. al.*, 2005). Contudo, devemos ter em conta que esta participação é limitada às mais audazes. Este tipo de práticas, pela “agressividade” exigida e pelos riscos envolvidos, escolhe o seu público-alvo.

Segundo Zuckerman (2008) as mulheres evidenciam uma tendência em avaliar o risco, sobrevalorizando-o, comparativamente ao género masculino. Esta condição limita a participação feminina em práticas extremamente exigentes, com capacidade de deixar sem argumentos o mais corajoso dos Homens. As práticas desportivas extremas não são geralmente associadas a público participante feminino (Ronay *et. al.* 2006).

3.4. O processo de desportivização

O desporto, neste contexto globalizado, quer-se como um “modelo cultural” com capacidade de derrubar barreiras, línguas, religiões, culturas, movimentos

nacionalistas e conseqüentemente unir gentes através da linguagem universal que o caracterizam (Marques, 2006).

A sociedade é a principal responsável pelo desenvolvimento motor de um indivíduo. Diariamente somos impelidos por esta premissa, através da adaptação motora a um leque diversificado de exigências, produzidas nos “meios sociais, culturais e naturais” (Almeida, 2009).

Esta adaptação e, conseqüentemente, desenvolvimento motor de um indivíduo estão, muitas das vezes, associados ao universo desportivo. Inicialmente o termo desporto era utilizado para designar passatempos e divertimentos, formas lúdicas de passar o tempo. Mais tarde, a mesma terminologia serviria para classificar qualquer actividade onde o praticante teria a necessidade de imprimir esforço físico, distinguindo-se da esfera do lazer. A sociologia do lazer tende a associar este universo a um momento que se descreve por permitir ao Homem relaxar e descansar. Ellias e Dunning (1995) referem que o lazer deverá permitir um equilíbrio entre a excitação de paixões, agressão e constrangimentos. Estas práticas baseiam-se em actividades miméticas, “manifestações efectivo-emocionais”, recriando situações perigosas, adaptando-as a um “espectáculo aceitável”.

Existe um processo de transição do lazer à desportivização, integrado no “impulso civilizador da sociedade”, através do qual esta incute nas práticas de lazer e desportivas regras e costumes do actual espaço social (Honorato, 2004; Pelanda *et al.*, 2009). O contributo daqueles que, inicialmente precursores de determinadas práticas, instituíram formas de estar específicas, é de grande importância. São eles que identificam e legitimam alguns dos fundamentos base das potenciais modalidades desportivas. Este processo acaba por ser responsável por uma “significação das práticas corporais”, uma vez que os seus actores acabam por incorporar valores inerentes às suas actividades desportivas ou de lazer (Almeida, 2009).

O processo de desportivização foi cúmplice do fenómeno de industrialização. “Na sociedade industrial, a violência é regulamentada” (Elias *et al.*, 1995). Estes dois fenómenos emergiram e reproduziram, em parte, algumas das transformações emergentes das sociedades europeias a partir do século XV. Contudo, é no século XIX, em Inglaterra, que se verifica a verdadeira institucionalização de algumas das

mais importantes práticas de lazer da época (Starepravo *et. al.*, 2008). No início do século XX, o desporto de rendimento sofre um grande *boom*. Neste período histórico assistiu-se a um desenvolvimento de diferentes práticas desportivas, motivando a criação e a proliferação de órgãos reguladores, contribuindo para a crescente multiplicação de competições e subsequente organização de eventos à escala mundial (Marques, 2006).

O desporto moderno tem assistido a inúmeras metamorfoses sociais e ao aparecimento de novas práticas desportivas. Trata-se de um processo evolutivo que contribui para o crescente interesse da parte de quem assiste, acompanha e pratica estas novas tendências. Esta aproximação é possível graças ao processo de institucionalização destas modalidades, preconizadoras de duas formas de estar distintas, “interacção e conflito” (Almeida, 2009).

“O processo de desportivização é um impulso civilizador que surge nos desportos no sentido de determinar normas e condutas” (Pelanda *et. al.*, 2009). Aliado a este processo deparamo-nos com um outro, o da espectacularização das práticas. Este último, motivado pelos órgãos de comunicação social, procura o “aperfeiçoamento físico e técnico”, tendo como finalidade a produção de campeões (Almeida, 2009).

A desportivização representa uma das especificidades da sociedade moderna. Este processo incorporou, nas práticas de ar livre, normas reguladoras, influência de toda a dinâmica social, como aconteceu noutras práticas desportivas amplamente massificadas (Soto, 2007).

3.5. Desportivização das novas práticas desportivas

Cada vez mais o Homem tende a passar grande parte do seu tempo em contexto urbano, é este o seu novo “meio natural”. Novas tecnologias, desejo de risco e de conseqüente procura de prestígio social, voltam a mover o Homem para um meio que conheceu e dominou há umas décadas atrás. É neste âmbito que tem surgido um conjunto de novas actividades físicas desportivas e de lazer, com o

grande objectivo de permitir aos seus praticantes abstraírem-se de um estilo de vida stressante, altamente estrangulador.

Segundo Armbrust (2010), as novas práticas desportivas em contexto natural, ultimamente, têm sido alvo de análise, no âmbito da sociologia. Tem existido a preocupação de interpretar estas experiências e de definir a sua posição no eixo do lazer, do desporto e da educação, uma vez que estas, novas, práticas desportivas estão relacionadas com alterações de comportamento, dentro da sociedade ocidental (Honorato, 2004). Estamos perante um processo lento, impellido por transformações ao nível das relações sociais e nos modos de vida da sociedade contemporânea.

O praticante entregou-se a este tipo de actividades com a finalidade de experimentar um conjunto de sensações, negadas durante a sua rotina diária. Os desafios impostos por estas práticas exibem benefícios em termos de desenvolvimento pessoal, melhorando aspectos como a auto-estima e o domínio pessoal (Soto, 2007). Este tipo de actividades tem vindo a assumir-se como locais de satisfação de necessidades sociais, risco, aventura, evasão e identidade (Melo, 2009).

Para os mais puristas a transformação de uma prática de lazer numa prática de rendimento não é inteiramente aceite por este grupo e poderá ser vista como um elemento de diferenciação dentro de uma subcultura performativa, estruturada em torno das práticas de ar livre. Existe aqui um desejo de demarcação de uma conceptualização baseada no rendimento, uma vez que o desporto, muitas vezes, acaba por “reproduzir de forma fiel o mundo do trabalho”, não permitindo que o seu praticante possa usufruir de uma actividade de contornos lúdicos, algo que vai contra alguns dos aspectos motivacionais, afectos a este tipo de actividades (Melo, 2009).

Daí que possamos verificar a existência de duas posições dentro das actividades físicas de lazer na natureza, uma baseada somente no lazer e a outra no rendimento, (Honorato, 2004). De qualquer das formas a competição encontra-se sempre presente. Os sujeitos estabelecem as suas metas e a própria natureza, carregada por toda a sua imprevisibilidade, obriga a essa “competição”, através da imposição de obstáculos próprios, que a ela pertencem (Melo, 2009).

Não devemos entender que o lazer dá lugar ao desporto, ambos desenvolvem-se de forma paralela, diversificando assim os objectivos e especificidades próprios de uma actividade.

Para que uma prática desportiva possa evoluir é necessária a definição e aprovação de um regulamento por todos os envolvidos. Isto permitirá regular comportamentos dentro das práticas em causa, em função das directrizes sociais do momento. A definição de normas favorece a aceitação deste tipo de práticas no panorama desportivo moderno, permitindo-lhe “dominar” a prática e inculcando-lhe a viabilidade desejada. O aumento da procura destes consumos mobiliza a criação de grupos, clubes e de entidades, responsáveis pelas mesmas. Um dos mecanismos responsáveis pela difusão e pelo processo evolutivo destas práticas, não fossemos nós estar inseridos na “sociedade de informação”, é o órgão de comunicação social. Ao longo de décadas, algumas das subculturas relacionadas com as actividades de aventura influenciaram e foram influenciados pelos media. As práticas em contexto natural têm sido utilizadas por estes meios de propaganda e, mais concretamente, pela indústria publicitária, não só como forma de divulgação, mas também como mecanismo para vender os produtos próprios destas subculturas, incidindo geralmente nos jovens de classe média adeptos de aventura e de risco (Soto, 2007).

Segundo Almada (1994), estas práticas nunca “deixaram de ser praticadas por grupos marginais”. Este tipo de associação ou preconceito tem dificultado ou impossibilitado um vínculo social às mesmas e sua conseqüente proliferação. É importante desmistificar algumas das práticas, talvez mais extremas, e a partir daí adequar os seus padrões de comportamento àquilo que é eticamente aceite por toda a envolvência social onde se desenrola. É aqui que o processo de institucionalização tem um papel preponderante nesta mudança de mentalidades.

3.6. Razões para a prática

“O stress no tempo livre é usado para tratamento dos efeitos patológicos do stress laboral”. (Pimentel, 2008)

A actual sociedade moderna caracteriza-se pela existência de um grande número de eventos e fenómenos estandardizados que impossibilitam o Homem de realizar, a seu belo prazer, aquilo que deseja realmente. Para Elias e Dunning (1995), os constrangimentos actuais têm vindo a assumir-se como um dos potenciais causadores do aumento do ímpeto dos actores sociais, tendo em conta a procura de situações extremas. Ao longo do nosso percurso de vida são estabelecidos laços com instituições que, invariavelmente, carregam consigo responsabilidades que condicionam o futuro as nossas escolhas, daí a conseqüente rotinização de processos diários ao qual um indivíduo está sujeito. Esta realidade tem contribuído para a crescente procura de momentos de confrontação entre espaço urbano/espaço natural, desbravando terrenos emocionais que nunca antes tinham sido explorados segundo uma estruturação lúdica. Este desejo levou à busca de práticas com capacidade de testar os limites físicos e psíquicos do praticante, através de uma luta simbólica com o meio natural, local de incerteza, de abandono, onde o “juízo divino”, para alguns, tem lugar. Esta procura de práticas dotadas de elevado risco não assume contornos motivacionais estritamente pessoais. Estamos diante actividades altamente prestigiantes ao nível da pertença social que, dada a sua associação, são oportunidades de mobilidade social. (Gonçalves, 2009).

As práticas de aventura em contexto natural são dotadas de uma dimensão transversal a todas elas e incorporam a subcultura em estudo, “a relação com a natureza”. Fundamental nestas actividades, é o facto de existir um elo de ligação entre os seus praticantes e este espaço natural, onde cada um “procura liberdade e integração na e com a natureza” (Melo, 2009). O “Homem ambiciona uma aventura imaginária, sentindo emoções e sensações hedonistas, fundamentalmente individuais, e em relação com um ambiente ecológico natural” (Brandão *et. al.*, 2009), que o liberta do auto-domínio imposto por situações quotidianas. Pimentel (2008) defende que o stress, ao qual estamos sujeitos diariamente, pode ser combatido através de uma dose de stress ministrada por este tipo de actividades. Num estudo realizado pelo autor, onde este ambicionou identificar os aspectos relacionados com a qualidade de vida de praticantes de práticas de aventura, conclui-se que o facto dos elementos da amostra desenvolverem uma actividade com um potencial de stress, superior àquele a que estão sujeitos habitualmente, poderá ser explicado através da necessidade de procura de sensações de prazer e

de bem-estar, desencadeadas a nível hormonal, associadas ao desejo de superação do sujeito.

Segundo Neto (1994) existem seis grandes indicadores motivacionais que explicam as razões para desenvolver este tipo de práticas: “confronto com o espaço natural; imprevisibilidade do meio; risco e aventura corporal; a liberdade de escolha das práticas desportivas de acordo com um tempo individual e as suas próprias regras de acção; cultura específica de grupos de amigos; e, criação de modas e de hábitos quotidianos”. Existe uma tendência para que o desporto avance cada vez mais para um patamar, cuja organização espacial irá romper drasticamente com a anterior concepção de espaços estandardizados, permitindo assim otimizar toda a incerteza que envolve este tipo de práticas. Dada a crescente utilização de espaços não codificados, onde decorrem estas práticas, existe a “obrigação moral” de não deteriorar este tipo de espaços, sendo que este padrão de comportamento faz parte das subculturas em estudo. Este tipo de actividades prima pela defesa de valores como: preservação da natureza, ambientalismo, pacifismo, liberdade, risco, aventura e integração num contexto que não é, presentemente, o seu (Melo, 2009). Segundo Moreira (2007), a relação com a natureza prende-se com diferentes objectivos. O objectivo mais abrangente e comum a todas as práticas é a adequação das acções motoras a este contexto, com características bastante próprias, enfrentando um local inóspito, deslocando para si todo o factor competitivo próprio de outras modalidades, através da superação dos seus limites para o desejo de ultrapassar este ambiente dotado de imprevisibilidade. Naturalmente que, dada a existência de especificidades próprias de cada uma das actividades praticadas neste contexto, existem outro objectivos, particulares, próprios de cada uma.

Não só de busca de emoções e de riscos desejados se baseia este novo conjunto de práticas, também tem uma fundamentação histórica inicial, ligeiramente diferente desta concepção. Inicialmente, este tipo de práticas tinha uma conotação marginal, uma vez que rompia com tudo aquilo que estava pré-estabelecido. Comportamentos desviantes, dentro de algumas das actividades desenvolvidas, a padrões socialmente definidos eram classificados de incorrectos ou intoleráveis. Como exemplo disso, temos algumas situações vivenciadas por esquiadores e *snowboarders* que durante a prática, ao não respeitarem os limites das pistas, seriam posteriormente detidos, sem fundamentação legal para tal, porque os seus

comportamentos eram classificados de marginais, por realizarem a sua prática fora de pista (Seigneur, 2006).

3.7. Descrição e processo de institucionalização das práticas

As práticas em contexto natural ostentam, à partida, uma postura de ausência de rendimento, procurando exibir o rótulo de “desportos livres”, fora dos meandros competitivos. Esta ideia representa apenas um dos factores motivacionais aliados a este tipo de actividades. Mas o que motiva realmente um sujeito a abandonar o seu “meio natural” e a deslocar-se para um contexto que não domina? São contextos de subjectividade, de autonomia, de expressividade, de exploração, de descoberta... valores muito semelhantes àqueles que definem o pós-modernismo (Gonçalves, 2009).

O conjunto de novas práticas emergiu a partir da “publicidade, desporto, negócios, entretenimento, media, férias e ensino” (Breton, 1991). Segundo Moreira (2007) este tipo de práticas possui dois tipos de objectivos. Temos um objectivo geral, comum a todas as práticas desenvolvidas neste âmbito, e um conjunto de objectivos específicos, directamente relacionados com as suas características específicas. Em termos gerais, emerge a adaptação de acções motoras e técnicas ao contexto natural e a potenciais alterações que este possa impor (Almada, 1992). Por sua vez, como objectivos específicos, temos o deslizar na água, ultrapassar obstáculos terrestres, bater recordes de velocidade, efectuar saltos de diferentes estruturas e contextos, enfim, cada actividade tem a sua especificidade, o que permite a criação de subgrupos dentro dos desportos de natureza (Carvalhinho, 2006; Moreira, 2007). Arriscamo-nos a acrescentar um outro objectivo para estas práticas, proporcionar uma “fonte de dividendos simbólicos” (Gonçalves, 2009).

Apesar de estarmos a falar de actividades que se desenvolvem em contexto natural, existem algumas que rasgam essa fronteira e recondicionam-se, através do desenvolvimento e implementação de infra-estruturas em espaços urbanos, acabando por possibilitar a sua prática num contexto distinto do inicial, mais próximo do praticante. Outras práticas, pelas suas características, tiveram a capacidade de se reinventar e aproveitar espaços pré-existentes, permitindo o seu desenvolvimento

em locais inicialmente destinados a outro fim, adaptando-se a estes lugares (Melo, 2009).

As novas modalidades de aventura requerem elevados índices de rigor e disciplina, aliados a extremos cuidados na sua preparação. A possibilidade de ocorrência de um erro, pode colocar em risco a integridade física do sujeito ou até assumir contornos mais graves. Estamos perante um tipo de práticas onde o domínio técnico e a dependência da imprevisibilidade do meio condicionam o seu desenvolvimento (Pimentel, 2008). Este tipo de práticas tem como população alvo os jovens em idade pubertária e os jovens adultos, oriundos dos espaços urbanos com melhor acesso a este tipo de oferta.

Ao longo do século XX ocorre uma grande expansão das “profissões intermédias”. Os membros desta classe são dotados de capital cultural, fruto de certificação académica específica, actuando em áreas profissionais como o lazer, educação e saúde. Esta nova classe média aposta na sua própria “promoção e valorização social” através de investimentos no seu “capital cultural e simbólico”. É seu objectivo associar-se a movimentos sociais relativamente recentes, como a ecologia e o pacifismo, reflectindo-se estas tendências nos seus consumos de lazer e no seu sentido estético. Estas novas classes médias assumem-se como os grandes consumidores destas novas práticas desportivas, com características inovadoras e “não conformistas” (Gonçalves, 2009).

A escolha das práticas fica naturalmente condicionada pela escolha da amostra. Como tal iremos basear a nossa investigação nas seguintes actividades de aventura, passando posteriormente à realização de uma pequena caracterização de cada uma delas: B.A.S.E. Jump, Montanhismo/escalada, Canyoning, BTT – Downhill, Kitesurf, Windsurf, Bodyboard, Surf, Kayaksurf e Skate.

B.A.S.E. Jump

É da responsabilidade de Leonardo Da Vinci a criação de um sistema semelhante a um pára-quedas, nos finais do século XV, destinado a episódios de salvamento em edifícios (Carrington, 2000). Em 1616 surgem os primeiros registos destes engenhos, através de uma ilustração publicada num livro da época, intitulada

Homo Volans. Nessa ilustração é possível visualizar um homem apetrechado de um “pára-quedas”, após saltar de uma torre.

Actualmente, segundo dados da USBA, existem 1500 *B.A.S.E. Jumpers* no mundo. O B.A.S.E. Jump é uma prática que evoluiu a partir da queda livre, variante do paraquedismo, caracterizando-se pela realização de saltos a partir de objectos fixos. Estamos perante uma modalidade relativamente recente. Existem referências datadas de 1912, de que Frederick Law terá efectuado um salto a partir da Estátua da Liberdade (Pelkey, 2009), e de 1966, em que Michael Pelkey e Brian Schubert efectuaram um salto a partir de uma estrutura geológica, o *El Capitan*. O início da década de 80 vê nascer uma “nova forma de voar”. A iniciativa partiu de um grupo reduzido de paraquedistas americanos que realizaram os primeiros saltos a partir de formações rochosas nos Estados Unidos da América, expandindo-se posteriormente para a Europa através de saltos a partir da *“Troll Wall”*, na Noruega, a face rochosa mais alta deste continente.

O B.A.S.E. consiste na realização de saltos estáticos a partir de estruturas fixas, recorrendo a um paraquedas especificamente adaptado às exigências desta prática. O atleta só transporta uma “asa”, ao contrário daquilo que acontece na modalidade “mãe”. Esta característica obriga a um grande rigor na preparação do salto, disciplina e excelente domínio técnico. Um *B.A.S.E. Jumper* só poderá usufruir desse “título” quando tiver terminado o “ciclo de B.A.S.E” sendo que este “ciclo” implica um salto das seguintes estruturas: edifício (*building*), antena (*antenna*), ponte (*span*) e penhasco (*earth*). Após a realização dos saltos, o atleta reporta o seu feito, de forma detalhada, à *United States Base Association* (USBA) e, posteriormente, após aprovação do “ciclo”, é-lhe atribuído um código de saltador.

Para já não existe nenhum órgão regulador desta prática a nível mundial, contudo, quando o B.A.S.E surgiu, a *United States Parachute Association* procurou auxiliar os seus praticantes no acesso de autorizações para efectuarem os seus saltos a partir do *“El Capitan”*, uma vez que esta formação rochosa encontra-se em pleno Parque Nacional de Yosemite e o seu acesso é restrito. Esta ligação foi bastante curta, pois, após nove meses de colaboração e em virtude de algumas ocorrências, entre elas acidentes, a USPA abandonou esta comunidade. Este organismo não reconhece o B.A.S.E. Jump como uma forma de paraquedismo, fundamentando a sua decisão no facto de não se tratar da “descida de um objecto a partir de uma aeronave em voo” (USPA, 2008). Apesar de não estarmos perante

uma prática verdadeiramente institucionalizada, já que não existe uma federação com o objectivo de promover e desenvolver o B.A.S.E. Jump, existem diversas associações espalhadas por todo o mundo que apoiam este estilo de vida, partindo destas a iniciativa de promoção e de realização de eventos. O primeiro evento, de grande impacto, surge em 2008, com a realização do primeiro Campeonato do Mundo de B.A.S.E. Jump. Esta prova teve lugar em Espanha, na estância balnear de Benidorm, a partir do *Big Bali Hotel*. Esta prova, pelo seu sucesso e grande exposição mediática, provocou efeitos imediatos a todos os níveis, marcando o início de uma nova era para o B.A.S.E.

O paraquedismo, pelas suas características, representa uma prática desportiva de risco. Nos EUA existem actualmente 32177 atletas de paraquedismo desportivo, que terão realizado, segundo um estudo levado a cabo pela USPA, durante o ano de 2009, 2,5 milhões de saltos, dos quais resultaram 797 feridos e 16 acidentes fatais (USPA, 2009). No B.A.S.E., desde a sua origem até ao dia 8 de Outubro de 2010, registam-se 133 acidentes fatais, dos quais 45 terão ocorrido nos Estados Unidos da América (Splatula, 2010).

Montanhismo/Escalada

Escalar representa um dos movimentos básicos do ser humano. Num determinado momento da nossa vida, tivemos oportunidade de experimentar este modo distinto de locomoção, na vertical, com o intuito de ultrapassar um obstáculo, na tentativa de alcançar um objecto. Inicialmente, esta prática apresentava um cariz marcadamente prático e exploratório, pelo que, em virtude de alterações do paradigma desportivo e social, o Montanhismo ultrapassou esses desígnios e assumiu-se como uma prática de lazer/desportiva, onde o Homem tem oportunidade de explorar os seus limites.

Há quem considere a Escalada em Rocha um dos maiores desafios do montanhismo. Trata-se de uma batalha contra a gravidade, onde é fundamental controlar e realizar uma boa gestão da ansiedade, determinante para a progressão numa via, conhecimento e domínio do corpo, capacidade de reposicioná-lo no espaço e equilíbrio. Em função dos contextos e objectivos, podemos verificar a existência de duas grandes orientações, dentro desta modalidade: “escalada livre” e “escalada artificial”. Na primeira, o escalador realiza a progressão utilizando o seu

corpo, com auxílio a equipamentos de segurança que o protegem de uma eventual queda; na “escalada artificial”, o atleta recorre a equipamentos que o ajudam na progressão em rocha. Existem outras vertentes: “escalada clássica”, geralmente realizada em espaços não explorados/equipados; “escalada em bloco”, que consiste na superação de dificuldades em blocos e falésias de reduzida altura, sem recurso a corda; e, “escalada em gelo”, só possível, em contexto natural, durante incursões inverniais com o objectivo de progredir em densas paredes ou colunas de gelo.

A Federação Internacional de Montanhismo e Escalada (UIAA) foi criada em 1932, fruto do trabalho conjugado de 20 associações nacionais a nível internacional, motivadas em constituir um órgão regulador a nível internacional. Em 1950 existiriam 500000 montanheiros filiados neste organismo e em 1995 o Comité Olímpico Internacional reconhece a UIAA como entidade responsável pelo montanhismo a nível internacional. Actualmente a UIAA conta com 1,3 milhões de atletas filiados.

A prática de Escalada conta com competições organizadas desde o final da década de 40, na Ex-URSS. Estas competições mantiveram-se condicionadas a atletas soviéticos até 1980 e em 1985 um membro do Clube Alpino Italiano tem a iniciativa de organizar uma competição para atletas europeus. Este primeiro evento teve grande sucesso junto da comunidade escaladora, pelo que o mesmo clube volta a organizar novas competições, vindo a criar um circuito europeu de *Escalada*, posteriormente reconhecido pela UIAA, em 1988. O primeiro Campeonato do Mundo realiza-se um ano mais tarde. O início da década de 90 marca o começo de uma nova era para esta prática. De modo a diminuir o impacto ambiental, estas competições começam a desenvolver-se em estruturas artificiais, preparadas especificamente para as exigências desta modalidade. O primeiro Campeonato do Mundo organizado nestes moldes decorre em 1991 e tem uma frequência bianual. Em 2007, a UIAA, decide abandonar a disciplina de *Escalada Desportiva*, levando à criação da IFSC, *International Federation Sport Climbing*, reconhecida pelo COI, nesse mesmo ano (IFCS, 2010).

Em Portugal a prática de montanhismo remonta ao século passado, através de uma expedição realizada pelo Rei D. Carlos à Serra da Estrela. Pela primeira vez terá sido escalado o Cântaro Magro, uma referência em termos geológicos neste local. Em 1937 surge o Montanhismo organizado, através da criação da Tribo Alpino Campista (TAC), com dois campos de acção, um orientado para o Campismo e um outro orientado para o Montanhismo e Escalada. Posteriormente, é criado o Clube

Nacional de Montanhismo (CNM), associação que contribuiu para a formação da Federação Internacional de Montanhismo e Escalada (UIAA). Actualmente, o órgão regulador da prática de escalada no nosso país é a Federação Portuguesa de Montanhismo e Escalada (Teixeira, 2008), com objectivos ao nível da formação, promoção e desenvolvimento das práticas nela inseridas.

A prática de Montanhismo e Escalada é dotada de riscos, tendo em conta as suas especificidades. Segundo Morrison *et al.* (2010), a Escalada em Rocha e em Gelo representam duas práticas de alto risco pela alta taxa de incidência em acidentes graves ou fatais, comparativamente a outros desportos amplamente massificados. Num estudo realizado na Nova Zelândia, com o objectivo de verificar o número de lesões e a sua gravidade em algumas disciplinas de Escalada, constatou-se que na prática de *Boulder*, *Escalada em Rocha* e *Escalada Indoor*, por 1000 horas de prática, apresentaram-se taxas reduzidas de lesões de menor gravidade, poucas lesões graves e algumas mortes. Ao analisarmos as práticas de *Alpinismo* e de *Escalada em Gelo*, o risco envolvido e as suas consequências aumentam substancialmente. A *Accident Compensation Corporation (ACC)* verificou que durante o período correspondente a Julho de 2004 e Junho de 2005 ocorreram, na Nova Zelândia, 6 acidentes fatais durante a prática de montanhismo.

Kitesurf

Foi a partir do *Windsurf* que o *Kitesurf* surgiu. A sua génese é marcada por avanços e recuos, estávamos numa época de auge do *Windsurf*, o que motivou alguma desconfiança em torno de uma nova prática, com um tipo de enquadramento muito semelhante. O *Kitesurf* caracteriza-se pela utilização de uma prancha, sobre a água, em que o seu praticante segura e manobra um *kite* (asa), permitindo-lhe deslocar-se neste contexto, através da energia propulsora do vento.

Estamos perante uma modalidade desportiva recente, uma vez que, apesar de ter surgido no final da década de 90, só se torna popular no início deste século. Esta modalidade possui inúmeras vertentes, das quais destacamos as seguintes: *Freestyle*, *Wave Riding*, *Course Racing*, *Kite Cross* e *Speed*. A *International Kiteboarding Association (IKA)*, entidade reguladora, tem como objectivos estruturar a modalidade a nível internacional, assumindo responsabilidades na gestão e organização de eventos, e ainda representar o *Kitesurf* junto da ISAF, integrando o

seu comité de classes internacionais. O primeiro Campeonato do Mundo, oficial, decorreu no Hawai, em 1998, e foi marcado pela fraca adesão de atletas. Em Portugal o *Kitesurf* encontra-se sob a tutela da Federação Portuguesa de Kite (FPK). A constituição de um órgão regulador foi possível em 2002, através da iniciativa de um grupo de membros fundadores. Nesse mesmo ano, é criada a Associação Portuguesa de Kite (APKITE), com o objectivo de desenvolver esta prática a nível desportivo. Em 2003, um ano após a sua fundação, é organizado o primeiro Campeonato Nacional de *Kitesurf*. Em Portugal, segundo dados da APKITE encontram-se, actualmente, filiados 612 atletas. No ano de 2006 estimava-se a existência de 150 a 200 mil praticantes espalhados por todo o mundo.

“O Kitesurf é um desporto de alto-risco”. Esta afirmação representa uma das conclusões de um estudo exploratório, realizado durante uma época de *Kite*, incidindo sobre uma amostra constituída por 235 atletas. Verificou-se que ao longo dos seis meses de incidência deste estudo ocorreu um acidente fatal e 11 acidentes graves, com implicações na integridade física dos seus atletas (Nickel, *et. al.*, 2004).

Surf

Estima-se que esta prática tenha tido origem na Polinésia Francesa, contudo, é no Hawai que este desporto sofre o seu grande *boom* e natural evolução (Warshaw, 2003). O *Surf* é uma actividade, em meio aquático, de deslize na parede da onda, em direcção à praia. Trata-se de um desporto onde o mar, a prancha e as manobras utilizadas pelo surfista são essenciais para o seu sucesso. A institucionalização do *Surf* ocorreu em 1964, com a criação da *International Surfing Federation* (ISF). Nesse mesmo ano teve lugar o primeiro Campeonato do Mundo da Modalidade. Em 1976 passa a designar-se de *International Professional Association* (ISA), mantendo-se esta designação até aos dias de hoje. Surge, ainda em 1976, a *International Professional Surfers* (IPS), organismo responsável pelo circuito profissional. Só em 1982 é que este organismo é reconhecido a nível mundial como responsável pelo *Surf* amador, cabendo-lhe a organização do Campeonato do Mundo, com um intervalo temporal de dois anos. Actualmente, o organismo regulador a nível internacional é a *Association of Surfing Professionals* (ASP), fundada em 1982, e que substituiu o IPS. É da sua responsabilidade, a organização de dois circuitos: o *World Qualifying Series* (WQS) e o *World Championship Tour*

(WCT). Só em 1997, o Comité Olímpico Internacional reconhece a ISA como a autoridade reguladora de todos os desportos de onda a nível mundial, integrando-a no movimento olímpico (Moreira, 2009). Actualmente, as três grandes potenciais mundiais, nesta prática, são o Brasil, a Austrália e os Estados Unidos da América (Base, *et.al.*, 2007). Em Portugal, o *Surf* “realiza” o seu primeiro Campeonato nacional, em 1977, na Ericeira. Este campeonato contou com a organização do Sr. João Rocha e seus amigos, em colaboração com a Federação Portuguesa de Actividades Aquáticas. O *Surfing Clube de Portugal* é o primeiro clube de *Surf* do nosso país, fundado no ano de 1978. A institucionalização da modalidade ocorre em 1989, com a criação da *Federação Portuguesa de Surf*, permitindo que o *Surf* fosse reconhecido dentro do panorama desportivo português (Moreira, 2009). Mais tarde é criado um organismo para defender e representar os praticantes desta modalidade junto da federação, surge assim a Associação Nacional de Surfistas (ANS), criada a 9 de Julho de 1997.

Em 1959 estimava-se a existência de cerca de 5000 surfistas em todo o mundo. Mais tarde, no ano de 1963 esse número sobe para os 2 milhões de praticantes, a grande maioria situada na Califórnia. Segundo dados de 2008, existirão entre 17 a 23 milhões de praticantes, sendo que esta é uma prática que anualmente mobiliza 2,5 milhões de dólares a nível global (Frazier, 2007).

Em 2007, Base e colaboradores, realizaram um estudo cujo objectivo era “verificar a ocorrência de lesões, entre os atletas participantes no Circuito Profissional de Surf”. Esta investigação concluiu que a natureza das lesões é predominantemente traumática e incide, maioritariamente, ao nível dos membros inferiores e cabeça, sendo a prancha o principal agente epidemiológico.

Kayaksurf

Estamos perante uma prática desportiva que surge a partir da fusão de duas outras modalidades, o *Surf* e a *Canoagem*. A canoagem em mar seria utilizada inicialmente como método de patrulhamento e de salvamento na Austrália e na África do Sul. Terão sido os próprios nadadores-salvadores os responsáveis pela evolução das embarcações, encurtando-as, tornando-as mais manobráveis e adaptadas às condições instáveis deste meio. O *Kayaksurf* representa a mais recente vertente de canoagem desportiva. Realiza-se em meio aquático, mais

propriamente em condições de mar com ondulação, permitindo ao seu praticante deslizar sobre as ondas, com o auxílio de uma embarcação, o caiaque. Durante o deslize sobre a onda, o praticante tem oportunidade de realizar uma série de manobras, em função das condições do mar e do seu conhecimento técnico. Actualmente, podemos identificar a existência de diferentes tipos de caiaques: *sit-in* (caíque fechado); *waveskis* (caiaque semelhante a pranchas de *Surf*); e, *sit-on-top* (caíques abertos).

Estamos na presença de uma prática desportiva extraordinariamente recente. As primeiras competições terão ocorrido em Inglaterra e nos Estados Unidos da América, na década de 60. Desde 1980 que, em todo o mundo, existem competições regulares desta modalidade. Em 1993 é organizado, nos EUA, o I Campeonato do Mundo de *Kayaksurf*, através da *Adventure Sports, Unlimited, of Santa Cruz*.

A *World Surf Kayak Association* (WSKA) é criada em 2001, organizando desde então, com um carácter bianual, o Campeonato do Mundo de *Kayaksurf*. Esta modalidade chega a Portugal em 2000, através do “I Campeonato de Kayak de Ondas da Costa da Caparica”, organizado pelo Clube de Águas Bravas de Portugal. Em 2005 é criado o Circuito Nacional de *Kayaksurf*. Um ano mais tarde, sob a responsabilidade da Federação Portuguesa de Canoagem (FPC), é organizada a 1.^a Taça de Portugal da modalidade e em 2010 Portugal assume-se como um dos poucos países a possuir um Circuito Nacional de *Kayaksurf* (Abreu, 2010).

Como podemos verificar, no nosso país, esta prática ainda se encontra numa fase inicial, diríamos mesmo numa fase de implementação. Actualmente é da responsabilidade da Federação Portuguesa de Canoagem promover e desenvolver o *Kayaksurf* em colaboração com clubes e associações, com o intuito de impulsionar esta prática para as ondas portuguesas, atraindo novos praticantes, importantíssimos no desenvolvimento de qualquer modalidade.

Windsurf

O *Windsurf* consiste numa prática desportiva, desenvolvida em meio aquático, cujo objectivo centra-se em deslocar uma “pequena embarcação”, constituída por uma prancha e uma vela, através da utilização da energia do vento. Cabe ao velejador controlar a vela, fixa a um mastro, através da manipulação da retranca.

É difícil identificar claramente a origem de algumas práticas desportivas e o *Windsurf* não foge à regra. Pensa-se que uma experiência semelhante ao *Windsurf* terá sido utilizada por povos sul-americanos, como meio de transporte no Rio Amazonas, há uns séculos atrás. Esta prática surge como actividade de lazer na década de 60, mais precisamente em 1964, através de Newman Dorby, ao criar a primeira prancha de *Windsurf*, à qual terá acoplado uma vela, permitindo-lhe deslocar-se sobre a água. Em 1968, Jim Drake e Hoyle Schweitzer concebem a *windsurfer*, a primeira prancha à vela. Passados dois anos esta prática chega à Europa e acaba inevitavelmente por expandir-se a outros continentes. Actualmente existem 10 classes no *Windsurf*, sendo que as 5 mais importantes são: *freestyle*, em que o velejador tem que realizar uma série de manobras em condições de mar calmo; *wave*, que se caracteriza pela prática de uma fusão entre *Windsurf* e *Surf*, consistindo no deslizamento e saltos em ondas e vagas; *fórmula*, competição que promove uma competição directa com adversário, com o objectivo de terminar um determinado percurso antes desse; *supercross*, fusão entre a disciplina *fórmula* e o *freestyle*; e, *provas de velocidade*, cujo principal objectivo é realizar um percurso o mais rapidamente possível. A nível internacional, o órgão máximo regulador é a ISAF, *International Sailing Federation*, fundada em Paris, no ano de 1907. Este organismo abarca um conjunto de outras associações profissionais, das quais faz parte a *Internacional Windsurfer Association* (IWA), criada em Janeiro de 2001. É da sua responsabilidade promover a ligação entre a ISAF, marcas, meios de comunicação social, organizadores e atletas, estes últimos, através da *Professional Windsurfers Association* (PWA), organismo responsável pela organização do Campeonato do Mundo de *Windsurf*, desde 2005. Em Portugal existe a Associação Portuguesa de *Windsurf* (APW), criada em 2008, por iniciativa de um conjunto de pessoas conhecidas e de reconhecido mérito dentro desta modalidade. Este organismo é responsável por representar e defender os interesses da comunidade *Windsurfer*, no nosso país, junto da Federação Portuguesa de Vela (FPV), e é também da sua responsabilidade o desenvolvimento e organização das diferentes competições em Portugal. A FPV representa os interesses do *Windsurf* nacional junto da ISAF.

Estamos perante uma prática já com um número significativo de praticantes. Nos Estados Unidos em 1991 existia 1 milhão de praticantes, cerca de 59,6% do género masculino e 40,4% do género feminino (Brooks, s.d.). Segundo a revista

Forbes, só nos Estados Unidos da América, em 2002 existiriam cerca de 1,7 milhões de praticantes (Clemence, 2002).

O *Windsurf* é uma modalidade com potenciais riscos para o seu praticante, riscos esses que advêm de inúmeras variáveis que, ao conjugarem-se, poderão levar, eventualmente, a um acidente durante a prática. Estas ocorrências, muitas das vezes, são provocadas por situações de excesso de vento e por negligência da parte do *windsurfer* (Prymka, *et. al.*, 1999). Na Alemanha, durante a época do ano 2000, verificaram-se 630 acidentes em 327 atletas, dos quais resultaram lesões de menor gravidade. As causas destes acidentes foram condições de vento inapropriadas ao material utilizado e, mais uma vez, o factor humano (Petersen, *et. al.*, 2003). Na Nova Zelândia, durante a época 2004/2005, a maioria das lesões verificadas durante a prática desta modalidade ocorreu ao nível dos membros inferiores e do tronco, dados da AAC. Infelizmente não foi possível verificar a existência de acidentes fatais, dado que, a grande maioria destas fatalidades, não são reportadas às entidades reguladoras desta prática. Contudo, num estudo realizado pela *Accident Compensation Corporation* (AAC) durante o período correspondente ao mês de Julho de 2004 até Junho de 2005, na Nova Zelândia, terá morrido um atleta, praticante de *Windsurf* ou *KiteSurf*.

Canyoning

O *Canyoning* é uma prática desenvolvida em contexto natural, centrada na exploração de um “canhão” - fenómeno que caracteriza a acção erosiva de águas fluviais sobre rochas sedimentares de reduzida dureza, originando gargantas rochosas. Estes canhões, há centenas de anos atrás, serviam de abrigo a povos, protegendo-os das adversidades climatéricas e de outros povos invasores. Outra das teorias avançadas para a origem do *Canyoning* centra-se na necessidade de atravessar estas estruturas geológicas, obrigando ao desenvolvimento de técnicas e materiais adequados. Com o aperfeiçoamento de caminhos e estradas, estas rotas foram abandonadas, levando assim ao afastamento destes locais. Segundo a Federação Francesa de Montanhismo e Escalada (FFME), as primeiras pessoas a aventurarem-se neste contexto terão sido caçadores, durante a perseguição às suas presas (FFME, *s.d.*). A década de 60 marca o início do advento dos desportos de aventura, fruto do processo de tecnologiação, sendo possível regressar a estes

locais, com objectivos bem diferentes de outras épocas. Este regresso, como prática de lazer e de exploração, aconteceu graças à utilização de materiais apropriados e a técnicas utilizadas no Montanhismo e na Espeleologia. Para a prática de *Canyoning* é importante, não só todo um domínio técnico, mas também a utilização de material pessoal adequado, como o fato isotérmico, o capacete e o arnês. Em 1888, Edouard Martel, pai da *Espeleologia* moderna, realiza a travessia da caverna Bramabiau, comparável a um actual *canyon*. O momento impulsionador desta prática terá sido aquando da edição e publicação do *Topo-Guia, Os Canyons da Serra de Guara* em 1980. Em 1988, a Federação Francesa de Espeleologia toma a iniciativa de criar uma estrutura de apoio a esta prática, com capacidade de desenvolver o *Canyoning* em França e no Mundo. Esta iniciativa tem uma particularidade, já que permitiu a colaboração, que se mantém até à actualidade, de três federações distintas: *Federação Francesa de Espeleologia* (FFS), *Federação Francesa de Montanhismo e Escalada* (FFME) e *Federação Francesa de Canoas e Kayak* (FFCK). A FFS cria, em 1993, no âmbito da sua estrutura, uma comissão destinada ao desenvolvimento do *Canyoning*. Em 1997, esta comissão passa a denominar-se Escola Francesa de Canyon (EFC), usufruindo de alguma autonomia, mas sempre com ligação à FFS.

Esta prática chega a Portugal em 1989 pelas mãos de Francisco Silva e de Manuel João. Aqui, o órgão regulador é a Federação Portuguesa de Montanhismo e Escalada, salientando-se o papel da Associação Desnível no desenvolvimento do *Canyoning* em Portugal. Desde 2002 que este órgão promove a modalidade, através da realização de formações e de diversas actividades enquadradas neste âmbito.

A prática do *Canyoning* é dotada de alguns riscos, daí que seja considerada, para alguns, como uma prática de elevado risco (Layne, *et.al.*, 2010), uma vez que inúmeros cenários podem desencadear um potencial acidente: aumento do caudal do rio; queda de rochas; temperatura extremamente baixa da água, e, superfícies cortantes (Desnível, 2007). Geralmente os acidentes deste tipo de práticas estão associados a erros do próprio praticante, fruto de más decisões (Williams, 1999). Alguns dos acidentes verificados foram fatais, veja-se, em 1999, que morreram 21 pessoas devido a uma tempestade e ao conseqüente aumento repentino do caudal do rio (Layne, *et. al.*, 2010).

Bodyboard

O *Bodyboard*, tal como o *Surf*, é um desporto em meio aquático, de deslize em onda, em direcção à praia. O praticante encontra-se deitado ou de joelhos, sobre uma prancha de formato “rectangular”, munido de um fato isotérmico, um *leash* e de *pés de pato*, pequenas barbatanas adaptadas à prática. Estas barbatanas permitem que o *bodyboarder* “apanhe a onda” e realize manobras. Esta prática desportiva surge em 1971, no Havai, pela mão de Tom Morey, responsável pela primeira prancha de *Bodyboard*. Esta prancha terá sido inspirada numa antiga prancha de madeira, *paipo-board*, utilizada pelos nativos para deslizarem sobre as ondas. O I Campeonato do Mundo realiza-se em 1982 na praia de Pipeline, no Havai, e em 1994 é criado o Circuito Mundial de *Bodyboard*. Em 2003 é criada a *International Bodyboarding Association* (IBA), organismo filiado na ISA. A Associação Portuguesa de *Bodyboard* (APB) foi fundada a 23 de Novembro de 1994, com o objectivo de “defender os direitos dos praticantes de *Bodyboard* nas áreas da competição, desenvolvimento, formação, divulgação e protecção do ambiente”. Em 2006 é assinado um protocolo com a Federação Portuguesa de Surf (FPS) e a APB, com a finalidade de permitir que este organismo desenvolva de forma autónoma a prática do *Bodyboard* (APB, 2010).

Para Martins (2008), a prática de *Bodyboard* enquadra-se no grupo dos desportos considerados perigosos. Este risco advém do facto desta modalidade desenvolver-se no mar, um contexto dotado de grande instabilidade, contudo, poderá ser considerado um risco “ponderado”, dado que o praticante deverá ter em conta, antes da prática, um conjunto de procedimentos importantes para o seu desenrolar, permitindo-lhe controlar algumas das variáveis próprias da prática. As causas dos acidentes neste tipo de práticas, muitas das vezes, prendem-se essencialmente com o grande número de praticantes dentro de água, com surfistas com pouca experiência e com o não respeito pelas regras de conduta no mar. Na praia de Pipeline, no Havai, num só dia, 30 pessoas ficaram feridas em consequência da prática de *Surf* e/ou *Bodyboard*. A grande maioria das lesões verificou-se ao nível da coluna, através do embate com o fundo oceânico (Warshaw, 2003). As lesões mais habituais nos atletas de *Bodyboard* verificam-se ao nível do tornozelo, joelho, ombros e região lombar. Estas lesões serão provocadas, essencialmente, por falta de treino adequado. O atleta sujeita o seu corpo a

movimentos aos quais não está habituado regularmente, aumentando a tensão nos tecidos e articulações na realização das manobras. Esse stress acaba por desencadear um cenário de lesão, com maior ou menor gravidade (Andrade, 2010).

BTT - *Downhill*

O *Downhill* caracteriza-se pela descida de um trilho, geralmente em zonas montanhosas, de declive acentuado, no menor tempo possível, através do recurso a uma bicicleta especificamente preparada para esse efeito. Esta modalidade representa uma das disciplinas do BTT, provavelmente, a primeira modalidade de BTT a ser praticada. O BTT surge, com maior visibilidade, a partir da década de 70, porém, existem referências datadas de 1890, de um grupo de soldados americanos, pertencentes à *25th Infantry Regiment US Army* dos Estados Unidos da América, que utilizaria bicicletas adaptadas a terrenos acidentados e nelas percorreriam grandes distâncias, com o objectivo de patrulhar esses locais (Tissue, s.d.). Os primeiros pilotos terão sido antigos praticantes de outras disciplinas do ciclismo, motivados pelo desejo de algo novo, diferente das práticas de ciclismo até à data experienciadas. Os créditos relativos à transição desta prática, orientada numa tónica do lazer para uma vertente desportiva, são atribuídos ao *Velo Club Mount Tamalpais*, na Califórnia, pelo seu contributo, fruto da organização da primeira corrida de *Downhill* no dia 21 de Outubro de 1976, e subseqüentes corridas até ao ano de 1979.

Estamos perante uma modalidade extremamente exigente, sendo que, durante a descida de um trilho, um atleta pode atingir os 117 Km/h, geralmente, sobre terreno acidentado, daí que um bom piloto deverá possuir uma destreza técnica impar, uma capacidade de adaptação a condições próprias deste contexto e apresentar índices de concentração elevadíssimos (Carmont, 2008). Cada *rider* realiza, individualmente, a descida do percurso, com um espaçamento mínimo de 30 segundos entre si e o concorrente seguinte, daí que alguns atletas refiram que é “uma luta contra o relógio e não contra o adversário”. A maioria dos seus praticantes pertence à faixa etária situada entre os 20 e os 39 anos e raramente encontraremos elementos do género feminino.

O agente regulador do Ciclismo mundial é o *Internacional Cycling Union* (UCI), organismo reconhecido pelo Comité Olímpico Internacional desde 1896,

sendo da sua responsabilidade regulamentar, promover e desenvolver as práticas de BMX, Ciclismo de Pista, Ciclismo de estrada e o BTT. Esta federação foi fundada em 1900 a partir da cooperação entre as federações belga, francesa, italiana, suíça e americana. O ano de 1990 marca o início de uma nova etapa para o BTT e suas disciplinas. É organizado o primeiro Campeonato do Mundo, no Colorado, Estados Unidos da América, e passa a ser reconhecida pelo UCI. Mais tarde, em 1996, o BTT passa a integrar o programa do Comité Olímpico Internacional. A Federação Portuguesa de Ciclismo é o órgão responsável pelo BTT no nosso país, sendo a responsável pelo desenvolvimento e promoção desta prática. Em 2010 participaram na Taça de Portugal 119 atletas, divididos pelos diferentes escalões, salientando-se que somente uma atleta feminina participou nesta competição (FPC, 2010).

O *Downhill* é uma prática dotada de riscos para o seu praticante. Num estudo realizado com o intuito de identificar lesões próprias no *BTT* verificou-se que, por 100 praticantes de *cross-country*, 0,37 apresentariam risco de lesão, enquanto que, no *Downhill*, o risco de lesão subiu para os 4,34. As lesões potencialmente mais perigosas verificam-se ao nível da cabeça e do pescoço, quando o piloto cai sobre o guiador. Quedas em que o *rider* cai para o lado, diminuía substancialmente o risco de lesão e sua gravidade. Outro dado interessante foi verificado através da comparação de lesões sofridas pelo género masculino e feminino. As mulheres, por apresentarem peso inferior aos elementos do género masculino, apresentam maior facilidade em cair sobre o guiador, resultando daí lesões mais graves. As lesões mais comuns são lesões abrasivas, fracturas ao nível da clavícula e deslocamento da articulação do ombro (Carmont, 2008).

Skate

A prática de *Skate* terá surgido na Califórnia, na década de 50, a partir da iniciativa de alguns surfistas que desejaram usufruir de uma prática semelhante à sua prática de eleição, fora do seu contexto “normal”, permitindo-lhes descer a colinas da cidade californiana (Hall, 2008). Esta modalidade, ao longo da sua história, atravessou momentos de grande popularidade e, por outro lado, momentos de total esquecimento, tendo sido até rotulada de prática marginal, na última década do século XX (Cave, 2003). Em 1963, após um momento de grande crescimento, esta prática atinge o seu primeiro momento alto, fruto da popularidade que possuía

na época. Neste ano é realizada a primeira prova de *Skate*, nos Estados Unidos da América (EUA), dois anos mais tarde, o *Skate* é um pouco esquecido, e, como consequência, algumas empresas acabam por fechar e os *skaters* são obrigados a construir os seus próprios equipamentos. Frank Nasworthy cria as rodas de uretano impelindo novamente esta modalidade para novo momento de grande popularidade. Estas rodas, semelhantes às actuais, aumentaram os níveis de segurança e de performance dos *skates*, permitindo uma nova abordagem da modalidade (Chaves, 2000). O início dos anos 90, momento de recessão a nível global, motiva a ligação da subcultura *Skate* a outras subculturas, nomeadamente a subcultura *Punk*. Esta prática acaba por ser associada a movimentos *underground*, marginais, e até a distúrbios, fruto de um momento social frágil. Apesar de esta modalidade demonstrar formas de estar desaprovadas pela sociedade, os anos 90 marcam uma década de grande popularidade, com um aumento significativo do número de praticantes. Em ano de primeira edição de *X-Games*, 1995, o *Skate* dá um passo importante para a sua reinvenção. O impacto mediático desta prova é enorme e acaba por demonstrar maneiras distintas daquelas que marcaram o início da década de 90, permitindo que a prática do *Skate* fosse aceite socialmente (Cave, 2003). No ano 2000 começam a ser comercializados os primeiros videojogos e existe um aumento significativo da procura de produtos relacionados com esta forma de estar, nomeadamente vestuário. Aumenta, igualmente, o número de empresas, *skateparks* e, conseqüentemente, o número de praticantes. Segundo Hall (2008), estima-se que existam, no mundo, aproximadamente cerca de 13 a 23 milhões de *skaters* (ASA, s.d.). Desses 13 milhões cerca de 1/3 tem idade inferior a 18 anos. Um relatório recente da *Leisure Trends Groups* indica que a indústria relacionada com esta prática move cerca de 2,41 biliões de dólares, significativamente mais que a indústria do *Surf*.

O organismo regulador da prática do *Skate* a nível internacional é a *International Skateboarding Federation* (ISF). Esta entidade foi fundada em 2004, na Alemanha, com a finalidade de promover a modalidade, e, mais recentemente, pretende o seu reconhecimento pelo Comité Olímpico Internacional. Os campeonatos do mundo da modalidade, até 2008, eram organizados pela *World Cup Skateboarding* e pela *Woodward Skatecamp* (Arakaki, 2009). A *International Association of Skateboard Companies* (IASC), fundada em 1995, é um organismo criado com o objectivo de representar os interesses das empresas de *Skate* e dos

seus praticantes, através da colaboração entre empresas, organizadores de eventos, responsáveis públicos e privados de *skateparks*, com o intuito inicial de aumentar o impacto desta indústria a nível global (IASC, s.d.).

A prática de *Skate* não é ausente de risco, anualmente, segundo a *American Academy of Orthopedic Surgeons* (AAOS), são reportados 50000 casos de urgência hospitalar relacionados com esta modalidade. Segundo este organismo as principais lesões verificam-se ao nível do pulso, tornozelo e rosto. Foi realçada a importância da utilização de adequado equipamento de segurança, de modo a evitar acidentes fatais durante a prática, por impactos no chão ou por colisão em veículos. Actualmente o *Skate* não é só utilizado como instrumento de lazer, representa uma forma ecológica de transporte, um estilo de vida. Um *skateboarder* é identificado, não só pela sua “tábua”, mas também pelo seu vestuário e calçado (Hall, 2008).

3.8. Actividades de ar livre e desportos de natureza: um ensaio de síntese

Uma taxonomia desportiva deverá ser estruturada de modo a poder interpretar a realidade subjacente a uma determinada modalidade. Para tal, deverá centrar-se não só nas acções que caracterizam a prática em análise, mas também proceder a uma cuidada crítica à dinâmica envolvida, centrada no praticante e em todos os problemas que este tem de enfrentar durante a sua realização (Almada, 1994).

Para a execução desta pesquisa, parece-nos importante enquadrar e classificar o conjunto de práticas de forma correcta. Esta ambição é algo utópica, dadas as diferenças e especificidades de cada uma das práticas em estudo. Contudo, temos como objectivo utilizar terminologia adequada para que se possa enquadrar todo o conjunto de práticas, contribuindo para a definição da subcultura em causa.

Existe uma panóplia de termos que classificam as práticas corporais em meio natural. A partir do momento em que este tipo de práticas de lazer surgiu, existiu a

necessidade de enquadrá-los tendo em conta características próprias do contexto social de origem.

A designação “actividades ao ar livre” surge no século XIX, como forma de apoio a um estilo de vida saudável, baseado pelo idealismo político da época. Este tipo de actividades representaria um leque de práticas de lazer ou desportivas, precursoras de novos gostos e hábitos desportivos, reflectindo alguns dos valores sociais existentes, como adaptabilidade, mobilidade, flexibilidade, instabilidade e complexidade (Melo, 2009). Posteriormente, entre o final do século XIX e inícios do século XX, surgem os “movimentos naturalistas de Hébert e Escutista de Baden-Powell”. Mais uma vez, o apelo ao desenvolvimento de práticas corporais na natureza surge como principal tónica. Tem objectivo de contrariar a gradual despreocupação e consequente degradação da “moral física e psíquica” do povo europeu (Sobral, 1985). Na década de sessenta surgem os denominados “desportos californianos”, designação atribuída com o objectivo de relacionar alguns desportos com o seu local de origem. Representavam um conjunto de práticas organizadas segundo uma perspectiva ecológica, sendo seu apanágio procurar minimizar impactos negativos nos espaços onde se desenvolvem, uma vez que se afiguram como locais selvagens, não profanados pela poluição, em que o praticante através do recurso à energia, característica deste tipo de contexto, desenvolve uma relação paradoxal com esta, de afronta e de colaboração, com o intuito de ultrapassar a instabilidade que esse espaço apresenta (Gonçalves, 2009). Nesta classificação encontramos práticas como o *surf*, *windsurf*, *frisbee*, entre outras (Pociello, 1986, *cit.* Melo, 2009). A designação “actividades de ar livre e exploração”, da autoria de Araújo (1983), surge no início da década de oitenta, com duas ideias principais, uma assumidamente de carácter ecológico, visando um equilíbrio entre o meio natural, o Homem e as suas práticas corporais, e outra de carácter competitivo, entre o Homem e a Natureza, salientando a utilização de técnicas, de modo a ultrapassar a imprevisibilidade do meio. No espaço de transição entre a década de oitenta e noventa, surge nova terminologia, “actividades físicas de natureza”. De acordo com Moreira (2007), o praticante não pretende a sua integração na natureza, esta representa somente um local de prática, de risco relativo, podendo o atleta recorrer a recursos tecnológicos ou não. Somente a partir do século XX aparece realmente o termo “desportos de natureza”, consequência de uma melhor organização e

estruturação deste tipo de práticas, reflectindo-se no aparecimento de novos espaços naturais, motivando um acréscimo de procura da parte de potenciais praticantes. A designação de “desportos aventura” surge através de Vanloubbeeck (2000, *cit.* Moreira, 2007). O autor propõe esta classificação com o intento de classificar as actividades institucionalizadas em meio natural. Este tipo de práticas obriga a uma exigente preparação física e psicológica, dada a constante mutação de factores de ordem natural, apanágio deste contexto. Nesta linha de pensamento, somos levados a referir a taxonomia proposta por Almada. O autor propõe uma taxonomia para as actividades desportivas onde enquadra o tipo de práticas referidos nesta investigação. Esta taxonomia baseia-se em aspectos que o autor considera fundamentais para classificar o tipo de práticas tratadas. Esta conceptualização pretende evidenciar toda a dinâmica envolvida e não somente as suas particularidades. Dentro da taxonomia desportiva proposta, pensamos que será interessante referir a classificação de “Desportos dos Grandes Espaços e de Desportos de Adaptação ao Meio”. Relativamente à primeira, o autor caracteriza este tipo de actividades em função da confrontação entre o Homem e a Natureza, permitindo testar as suas capacidades em espaços como o mar, a montanha, a floresta e os rios. Esta classificação tem uma característica muito particular, já que as práticas desta natureza só têm lugar uma vez, dada a sua magnitude e grau de exigência, o que obriga o praticante a desenvolver uma importante preparação para ultrapassar com sucesso a sua jornada. Na classificação “Desportos de Adaptação ao Meio”, verificamos que “privilegiam uma relação com um meio diferente daquele a que o praticante automatizou, há o domínio dos factores de integração”. O praticante deverá ter um vasto conhecimento acerca de todas as condicionantes envolvidas durante a prática. Este saber permitirá desenvolver estratégias motoras, previamente definidas por esquemas mentais já integrados, permitindo-lhe equilibrar os “capitais e outros meios utilizados, os rendimentos alvos e os riscos corridos” (Almada, 1994).

Taxonomia das Actividades Desportivas					
Individual	Colectivo	Combate	Grandes espaços	Adaptação ao meio	Confrontação directa
Desempenho independente da oposição do adversário	Divisão do trabalho, implicando o desempenho de funções específicas	Importante conhecimento do “eu”, no confronto com situações críticas	Relação do Homem com o meio em “espaços abertos”	Relação com um meio diferente do automatizado	Diálogo com o opositor por intermédio de um objecto

Tabela 1: Quadro resumo da taxonomia das actividades desportivas, proposta por Almada (1994).

A denominação “desportos radicais” surge através dos meios de comunicação social, para classificar actividades de lazer e desportivas diferentes das práticas de massas existentes. Este tipo de práticas encontra-se na “margem da legitimidade desportiva” (Ferreira, 2006), sendo que esta designação tem como propósito definir práticas onde há o desejo de procurar momentos de grande ansiedade. Estas actividades mobilizam, mais uma vez, o confronto entre o Homem e o meio natural. É importante o recurso à capacidade técnica e experiência dos praticantes para ultrapassar todas as incertezas que caracterizam esta envolvência (Tomlinson, 1997). É exigida grande disciplina, não só do praticante, como também do próprio enquadramento social. Requer-se grande controlo, bem como preocupação ao nível da preparação física/mental, e, apesar do seu enquadramento individual, verifica-se a existência de sentimentos de solidariedade intragrupo (Ferreira, 2006). Os “desportos extremos ou extreme sports”, caracterizam aquelas actividades em que o feito é dotado de um risco extremamente elevado, onde o próprio praticante, possivelmente, nem tem uma real percepção da quantificação deste factor, das incertezas e dos seus comportamentos durante a prática, tudo é levado ao extremo (Moreira, 2007). As práticas enquadradas nesta classificação caracterizam-se por serem actividades de lazer, ao ar livre, onde um erro poderá reclamar a vida do praticante. Existe um desejo de identidade e de se “provar o que vale perante os outros”, dizendo-se que este tipo de práticas será levado a cabo por “pessoas loucas, com desejo de morte”, que assumem riscos desnecessários. A procura deste tipo de actividades é justificada através do desejo de combater os efeitos nocivos que a sociedade produz no Homem, tornando-o impotente e insípido. Os desportos extremos apresentam-se como uma alternativa a esta realidade, devolvendo-lhe o poder, perdido no quotidiano. A relação entre os desportos extremos e a natureza

traduz-se numa batalha, com o objectivo de conquistar o meio natural. Outros autores colocam de parte este *tête-à-tête* referindo que esta relação é mais do que uma batalha ou o desejo de adrenalina, trata-se da prática harmoniosa em cooperação, “assemelhando-se por vezes a uma dança”. (Brymer, 2008). Outra referência existente é a designada de “desportos de deslize”. Aqui, a natureza apresenta-se como a principal fonte de propulsão através da água, da terra e do ar (Melo, 2009). Mais recentemente, surge um “modelo de análise taxonómico em desportos de natureza”, proposto por Carvalhinho (2006), que classifica diferentes tipos de actividades, tendo em conta os seus aspectos específicos: o “espaço físico” onde elas se desenvolvem; o “contexto pessoal”, onde o autor contextualiza as sensações e os diferentes recursos utilizados; o “contexto social”, onde é tido em conta a sua implicação em termos sociais, ou seja, se existe ou não interacção com outros indivíduos e de que forma é que isso acontece; e, por fim, o “contexto ético-ambiental”, onde é analisado o impacto ambiental das práticas desenvolvidas.

As “actividades físicas de aventura na natureza” representam outra das classificações destinadas a definir este tipo de práticas. Elas afiguram-se como uma alternativa à rotina urbana, em resposta à organização “burocrática dos desportos modernos”. Este tipo de práticas fez já parte da vida do Homem, anteriormente, organizadas segundo uma visão utilitária. Com base neste propósito, surgiram novas práticas de lazer ou desportivas, com recurso a novas tecnologias. Estamos perante práticas “mais flexíveis, menos racionais, mais hedonistas e mais emocionantes”, distinguindo-se de outras modalidades já existentes. Outra das características das AFAN prende-se com o desejo de enfrentar situações de risco e de incerteza, através da “busca de experiências emocionantes, estimulação sensorial, perda de consciência temporal, exaltação do momento presente, reivindicação do próprio individualismo, e de uma vivência pessoal subjectiva”. Segundo Feixa (1995) estas práticas assumem-se como uma verdadeira subcultura. O autor justifica a sua afirmação pelo facto de que estas práticas, associadas à cultura juvenil, revelam pontos convergentes com as AFAN: “risco, exaltação do corpo, velocidade, excitação e viver o presente a todo o custo”, resultando daqui um pressuposto de convergência social. As AFAN “estão ao alcance de quase todo o mundo graças a uma enorme pluralidade e flexibilidade de formas, espaços, materiais e estéticas” (Soto, 2007).

As AFAN, segundo Pimentel (2006), são actividades possuidoras de três contornos gerais, que as caracterizam: “cooperação”, trata-se de práticas que, pelas suas características, obrigam a um enquadramento em grupo, por questões de segurança; “hedonista”, pelo facto de identificarmos contornos relacionados com satisfação pessoal e com o desejo de experiências de aventura, dando intensidade à vivência actual; e, “ligação ao turismo de natureza”, em virtude do crescente interesse em alargar este tipo de oferta a outro tipo de população, consumidor, permitindo-lhe experienciar um conjunto alargado de situações de risco e de aventura num contexto altamente monitorizado.

Com base numa tipologia desportiva proposta por Pociello, em 1991, Gonçalves (2009) interpreta as práticas desportivas e de lazer, através de “vectores de diferenciação social”, a estas inerentes, permitindo assim situar e caracterizar o conjunto de práticas actuais. Tendo em conta uma tipologia de carácter geral, o autor sugere a seguinte classificação: “desportos de força e resistência”, “desportos energéticos” e “desportos informacionais”. Dado o contexto desta investigação iremos fazer referência à última tipologia, “desportos informacionais”. Este grupo representa o conjunto de actividades onde o praticante, através do recurso a “instrumentos” leves e flexíveis, manuseados em equilíbrio instável, interpreta as informações provenientes do ambiente, “não pela força mas graças a reflexos e ao domínio técnico, o melhor proveito da situação”. Dentro desta tipologia, são consideradas outras características para um melhor enquadramento das práticas: “estilização” das práticas; figura do adversário; a logística, os instrumentos e os enquadramentos; relações intercorporais; desportos de equipa/desportos individuais. Relativamente ao primeiro factor aqui considerado, a “estilização das práticas”, está relacionado com o sentido estético destas actividades. Para isso, é considerada a elegância, forma e fluidez das acções técnicas desenvolvidas, rejeitando a óptica do rendimento. Um outro factor em consideração é a “figura do adversário”, encarada a existência de um adversário e a sua suplantação. Dentro das modalidades “informacionais”, a figura do adversário recai sobre a natureza ou sobre o próprio praticante. A crescente tecnologia das práticas, obriga a considerar a “logística, os instrumentos e os enquadramentos”. São actividades dotadas de sofisticação, com repercussões monetárias para o seu praticante. Segundo o autor, esta consideração leva à segregação dos seus praticantes da seguinte forma: “burguesia

patronal”, adepta de veículos e instrumentos caros, e “burguesia cultivada”, com apreciações ecológicas nas suas escolhas, optando por instrumentação que permita a extensão do seu corpo através de aparelhos, com impactos naturais reduzidos. A forma como mantemos a proximidade ou a distância dos nossos adversários remete-nos para uma análise sociocultural, daí que as “relações intercorporais” assumem-se como um objecto de análise.

PARTE II

Estudo Empírico

1. Objectivo do Estudo

Neste capítulo iremos expor os objectivos da investigação, bem como o enunciado do problema, cuja finalidade é esclarecer os contornos deste estudo de carácter exploratório. Posteriormente apresentamos as dimensões em estudo, hipóteses e respectiva justificação, assim como as limitações que este trabalho apresenta, fruto do seu cariz exploratório e do próprio instrumento utilizado.

1.1. Enunciado do problema

Num momento de reinvenção de costumes, em que nos exigem adaptabilidade a novas formas, a novos estímulos, com implicações a nível social, o fenómeno da globalização e da tecnologização tem invariavelmente contribuído para a redefinição do actual paradigma social.

Novas práticas desportivas espectaculares têm facultado um cenário alternativo a outros amplamente explorados pelo Homem. Esta mudança tem-lhe

permitido descobrir um estilo de vida desoprimido, refugiando-se da monotonia, à qual está diariamente sujeito.

O contexto natural, apesar de se afirmar como uma variação às características da presente sociedade, onde primam as tarefas bem circunscritas fruto de rotinas pessoais e profissionais, tem demonstrado valores que definem o actual paradigma contemporâneo. Conceitos como flexibilidade, adaptabilidade, risco, aventura, convergem no sentido de caracterizar um conjunto de práticas desportivas, que, desde a sua origem, têm atraído cada vez mais adeptos, pela singularidade do seu estilo de vida.

Por esta razão considerámos pertinente esclarecer a seguinte questão: será que as práticas desportivas, socialmente enquadradas segundo uma conceptualização inerente a risco e a aventura, evidenciam características de uma subcultura de risco?

1.2. Objectivos

Do problema explanado anteriormente surgem os principais objectivos desta investigação:

1. Identificar, caracterizar e interpretar uma subcultura de risco intrínseca às novas práticas desportivas e de lazer contemporâneas;
2. Identificar e interpretar os significados atribuídos às diferentes práticas;
3. Identificar os impactos da realização deste tipo de actividades;
4. Identificar e interpretar os motivos para uma constante busca de novas situações/metapas de risco;
5. Identificar diferenças/semelhanças dentro da subcultura de risco.

1.3. Dimensões em estudo

Relativamente à realização das entrevistas, estas foram organizadas tendo em conta dois objectivos. A primeira entrevista tem como objectivo realizar uma caracterização sociodemográfica da amostra, por sua vez, a segunda entrevista foi organizada em torno das práticas de risco desenvolvidas, com o objectivo de proceder à sua caracterização e interpretação, tendo em conta a perspectiva de cada um dos entrevistados.

Estas entrevistas foram preparadas de acordo com as seguintes dimensões e subdimensões:

Dimensões e Subdimensões – Primeira entrevista	
Características pessoais	Idade
	Nacionalidade
	Naturalidade
	Situação conjugal
	Agregado familiar
	Condições do agregado familiar
	Formação académica
Profissão	Profissão actual
	Profissões anteriores
Família	Profissão dos pais
	Família e desporto
Experiência lúdica e desportiva	Desporto
	Práticas desenvolvidas
	Prática actual

Tabela 2: Dimensões e subdimensões em análise na entrevista 1.

Dimensões e Subdimensões – Segunda entrevista	
Relação com a actividade	Prática
	Caracterização
	Caracterização e risco
	Morte
	Acidentes
	Motivos
	Valores
	Evolução da prática
	Tecnologização
	Preparação
	Técnica

	Segurança
	Transcendência
Relações pessoais	Permeabilidade de relações
Sensações	Sensações
Preconceitos	Traços de masculinidade
	Drogas
	Transgressão
	Reinvenção de espaços
Tempo	“Desconciencialização” temporal
Contexto espacial	Percepção do espaço natural/urbano
Identidade	Simbologia associada
	Movimento cultural

Tabela 3: Dimensões e subdimensões em análise na entrevista 2.

Estas dimensões foram seleccionadas a partir de literatura específica sobre a temática em estudo, incidindo, particularmente, no conjunto de novas práticas emergentes e nos fenómenos culturais performativos.

1.4. Hipóteses e justificações

As hipóteses desta dissertação pretendem clarificar algumas dúvidas à volta da existência de uma subcultura associada às novas práticas desportivas de aventura. Estas hipóteses foram organizadas em função de alguns dos aspectos que considerámos mais pertinentes e que constam no capítulo designado “problemática”.

1. Existe uma subcultura de risco, associada ao conjunto de novas práticas desportivas?
2. Será que os indivíduos que procuram este tipo de consumos defendem e possuem valores comuns, independentemente das suas práticas?
3. Os actores inseridos neste tipo de prática têm a noção de que pertencem a uma subcultura?
4. Em que medida as biografias dos elementos da amostra serão responsáveis por este tipo de participação?

1.5. Limitações do estudo

“As limitações de pesquisa podem estar relacionadas com o assunto, complexidade, extensão e uma série de factores humanos e temporais que poderão criar dificuldades no desenvolvimento da própria pesquisa” (Carvalhinho, 2006).

Uma das limitações com as quais fomos confrontados prendeu-se com a escassez de trabalhos, em Portugal, desenvolvidos no âmbito das novas práticas desportivas, em contexto natural e/ou urbano, e a relação existente com a sociedade actual. Outra das situações verificadas foi o facto de não existir uma linha terminológica coerente e bem delineada que caracterizasse este tipo de actividades, bem como os conceitos a estas pertencentes. A utilização do conceito de desporto para definir este tipo de actividades poderá ser questionável, dado que esta terminologia é habitualmente utilizada para descrever as denominadas práticas culturalmente massificadas. Este tipo de actividades caracteriza-se por apresentar contornos amplamente estandardizados, através de regulamentos normativos, visando a conquista de resultados. As práticas em contexto natural rompem com estas directrizes, espelhando características e valores da sociedade actual (Melo, 2009).

Pelas características particulares da amostra, justificada a sua utilização por se tratar de um estudo exploratório, as conclusões extraídas desta dissertação só poderão traduzir assuntos relacionados com os sujeitos, não sendo possível a sua extrapolação, na íntegra, para fora dos desígnios desta investigação.

Desejamos com esta investigação contribuir e acrescentar um pouco mais, no sentido de esclarecer melhor os fundamentos destas práticas e dos que as desenvolvem, abrindo caminho para outras investigações neste domínio.

2. Métodos, Instrumentos e Análise de Dados

Aspiramos com esta investigação compreender toda a envolvência que delimita uma subcultura relacionada com o risco, no âmbito das AFAN. Estas

actividades têm vindo a emergir na nossa sociedade, cada vez mais, como um tipo de consumo ou prática cultural, num universo paralelo a desportos há décadas enraizados.

Parece-nos importante, no âmbito desta investigação e através de relatos obtidos, fruto das entrevistas, procurar definir o conceito de “práticas de aventura”, um dos problemas com os quais nos deparámos durante a realização desta investigação.

2.1. Caracterização da amostra

Definimos como amostra, um conjunto de actores sociais, que desenvolvem práticas de lazer, desportivas e/ou profissionais, no domínio do conjunto de desportos emergentes em contexto natural e urbano. Estamos perante uma amostragem probabilística e não representativa. Esta amostra assume contornos muito particulares por evidenciar características de duas formas de organização: da “amostragem racional” e da “amostragem de conveniência”. A primeira procede à escolha dos sujeitos em função da sua importância e valor, com a finalidade de tratar um assunto específico da investigação; a amostragem por conveniência, tem por base uma participação voluntária ou, como neste caso, os sujeitos são escolhidos por uma questão de conveniência. Temos então um tipo de amostra que resulta do cruzamento destas duas metodologias, por seleccionar os praticantes em função de critérios racionais e de critérios de conveniência. Esta amostra é constituída por dez sujeitos (n=10), nove do género masculino (n=9) e um do género feminino (n=1), tendo em comum, o facto de serem praticantes de alto nível de um ou vários desportos aventura/risco, em diferenciados contextos de prática. Todos são residentes na zona de Lisboa e Vale do Tejo, à excepção de um elemento que reside na zona de Aveiro. A variável idade não foi considerada.

A tabela seguinte pretende caracterizar a amostra segundo a idade, escolaridade, profissão, classe social, prática, relação com a prática e a existência de seguro de vida e/ou saúde.

Caracterização da Amostra

Praticante	Idade	Escolaridade	Profissão	Classe social	Prática	Relação com a prática	Seguro de vida/saúde
Mário Pardo	49	12.ºAno	<i>Base-Jumper</i>	Média/Alta	Base Jump	Profissional	Sim
Miguel Oliveira	43	Mestrado	Docente	Média/Baixa	Canyoning	Lazer	Sim
Miguel Cerejo	33	9.ºAno	Técnico	Média	Down-Hill	Lazer/Competição	Não
Mariana Machado	19	12.º Ano	Estudante	Média	Bodyboard	Competitiva	Não
Raúl Martins	39	Doutoramento	Docente	Alta	Windsurf	Lazer	Não
Henrique Frazão	37	Mestrado	Docente	Média	Kayksurf	Lazer	Sim
José Tavares	43	Licenciatura	Instrutor de <i>Ski</i>	Baixa	Montanhismo	Lazer	Sim
Tiago Lopes	41	Licenciatura	Docente	Média	KiteSurf	Lazer	Não
Luís Brito	35	Bacharelato	<i>Shaper</i>	Baixa	Surf	Lazer	Não
Hugo Carvalho	25	9.ºAno	Colaborador	Média/Baixa	Skate	Competitiva	Não

Tabela 4: Caracterização da amostra, tendo em conta importantes parâmetros para a sua caracterização.

Pela análise da tabela 4, podemos verificar que as idades dos entrevistados situam-se entre os 19 e os 49 anos, com uma média de idades de 34 anos. A Mariana Machado apresenta-se como o elemento praticante mais novo, 19 anos, e o Mário Pardo, por sua vez, como o elemento cronologicamente mais velho do grupo, 49 anos. Ao nível da escolaridade, somente quatro dos elementos da amostra não possuem habilitações académicas, mínimas, ao nível do Ensino Superior, é o caso do Hugo Carvalho, da Mariana Machado, do Miguel Cerejo e do Mário Pardo. No caso específico da Mariana Machado, esta encontra-se a frequentar o referido nível de ensino. A maioria das profissões está de acordo com a caracterização de Gonçalves (2009), em que os praticantes deste tipo de actividades possuem profissões em domínios onde é fundamental o contacto e relacionamento com outras pessoas. Mais uma vez, salienta-se o caso da Mariana por não possuir profissão, por ser estudante, tendo somente realizado alguns trabalhos esporádicos e sazonais, como nadadora-salvadora. Quanto à relação existente entre a prática e a classe social dos sujeitos, os únicos que não se enquadram dentro dos moldes discutidos na revisão de literatura são o Luís Brito e o José Tavares, por se situarem numa condição de classe economicamente baixa. Relativamente à relação com a prática, seis sujeitos (n=6) definem a sua prática como uma actividade de lazer, três sujeitos (n=3) como prática competitiva e um sujeito (n=1) como prática profissional. Em relação à existência de um seguro de vida e/ou saúde, não deixa de ser curioso que quatro dos sujeitos (n=4) afirmaram que possuem um destes produtos. Os outros seis elementos (n=6) negarem a existência de um seguro deste tipo, sendo

que alguns o justificaram pelo facto destes seguros estarem associados a avultados somas monetárias.

A amostra foi sujeita a entrevistas, organizadas em dois momentos. No que diz respeito ao sujeito José Tavares, pela impossibilidade em comparecer nas entrevistas de investigação, devido a se encontrar ausente do nosso país, optámos por questioná-lo via *e-mail*, já que, para nós, o seu contributo seria de extrema importância para este trabalho, em virtude da sua larga experiência em práticas de aventura.

Relativamente a cada uma das práticas tivemos em consideração os seguintes níveis/disciplinas:

Práticas – Disciplinas/Níveis	
Práticas	Disciplinas/Níveis
B.A.S.E. Jump	Avançado
Montanhismo/Escalada	Alpinismo - Avançado
Canyoning	Individual/Enquadramento de Grupos - Avançado
BTT	Downhill - Avançado
Kitesurf	Ondas - Avançado
Windsurf	Ondas - Avançado
Bodyboard	Competição - Avançado
Surf	Lazer - Avançado
Kayaksurf	Lazer - Avançado
Skate	Competição - Avançado

Tabela 5: Actividades de aventura. Disciplinas e níveis praticados.

2.2. Entrevista

A entrevista foi um dos instrumentos de trabalho utilizados nesta investigação. Esta metodologia pode apresentar diferentes tipos de organização, em função dos objectivos da investigação: livre, semi-directiva e directiva. Optámos pela entrevista semi-directiva por esta apresentar a valência, entre outras, de ser mutável ao longo da investigação. Este tipo de entrevista permite ao entrevistado desenvolver o seu raciocínio de um modo livre, não estado preso a qualquer vínculo, face às dimensões previamente definidas. Esta circunstância é importante para descortinar opiniões e interesses acerca de temas específicos que serão alvo de tratamento neste estudo. A aplicação de uma entrevista é importante na medida em que

permitirá, após a recolha de dados, identificar e interpretar aquilo que cada um dos sujeitos considera em relação às várias dimensões e subdimensões em análise.

O primeiro passo para a concepção das entrevistas passou pela estruturação de um guião baseado, não só em literatura específica, mas também num teste de associação livre de palavras. Este teste teve como objectivo, fazer “surgir espontaneamente associações relativas às palavras, conceitos, exploradas ao nível dos estereótipos que criam” (Bardin, 2009). Foi pedido aos elementos da amostra e a outras dez pessoas, alheias à investigação e sem experiência em práticas de aventura, que associassem palavras ou conceitos, espontâneos, às diferentes práticas em análise. O produto deste teste contribuiu para a definição do um guião de entrevista, bem como para a criação de algumas das dimensões em análise.

O início das entrevistas é um momento importante, na medida em que permitirá colocar os membros da amostra a par da investigação, bem como facilitar alguma “quebra de gelo” inicial. A primeira parte da entrevista tem como objectivo realizar uma caracterização socioeconómica dos elementos da amostra. Posteriormente, em função da recolha e interpretação de dados deste primeiro momento, avançámos para a segunda fase da entrevista, com o objectivo de revelar a relação dos praticantes com as suas actividades de risco/aventura. Após a aplicação das entrevistas, todos os dados foram alvo de análise e de interpretação, para que, após esta importante etapa, fosse possível identificar valores, comportamentos e padrões relativos aos elementos da subcultura.

Estas entrevistas tiveram uma duração que oscilou entre os 30 e os 80 minutos, tendo sido gravadas com autorização prévia dos entrevistados. Os elementos da amostra foram identificados, bem como a actividade por estes praticada. Seguidamente, realizámos as entrevistas, tendo em conta os pontos definidos previamente no guião. Todo o material obtido, fruto da informação recolhida durante a aplicação das entrevistas, representa o “corpus” do estudo, mais tarde, sujeita ao processo de análise de conteúdo.

Para proceder ao método de análise de conteúdo, as entrevistas foram transcritas na íntegra para protocolos escritos, com o objectivo de serem trabalhadas e, após codificação prévia, permitirem a realização da metodologia de análise de conteúdo propriamente dita. Este procedimento consiste numa técnica de tratamento

de informação que visa a realização de uma interpretação de toda a informação reunida ao longo das entrevistas aplicadas, com a finalidade de ordenar e de interpretar todos os dados recolhidos. O primeiro passo desta técnica consistiu na leitura de todo o material transcrito, produto das entrevistas, com o objectivo de “analisar e conhecer o texto”, permitindo acercar o investigador de “impressões e orientações” (Bardin, 2009). Uma análise temática foi definida com o objectivo de esclarecer os temas em análise e com o intuito de tornar mais eficiente esta técnica.

3. Apresentação e Análise de Resultados

3.1. Resumo das Entrevistas

A partir das entrevistas procedeu-se à realização de um pequeno resumo de cada uma delas, com a finalidade de descrever cada um dos sujeitos, bem como a sua posição em relação às dimensões e subdimensões tratadas.

Mário Pardo

Actualmente é o único *base-jumper* português. Tem 49 anos, reside em Lisboa, tem na vida e no B.A.S.E. as suas maiores paixões. Com formação académica ao nível do 3.º ciclo do Ensino Básico, conhece todo o tipo de profissões, como refere, desde a construção civil, transporte, restauração, até ao desenvolvimento de práticas de psicoterapia como *freelancer*, fruto de formações posteriores à sua formação de base e ao seu desejo em ajudar o próximo. Possui um desejo exacerbado de atingir novos objectivos e novas realidades, é dotado de uma criatividade e empreendedorismo, que o levou a adoptar esta prática a *full time*, permitindo-lhe “viver do ar”. Desenvolve de uma forma natural, como refere, uma escola de paraquedismo e uma empresa com oferta de serviços na mesma área. Pretende brevemente ser referência a nível europeu, com a criação de um centro de paraquedismo em Portugal. Oriundo de uma família de classe média, filho de um perito de automóveis e de uma empregada de escritório, através do trabalho desenvolvido ao longo dos anos e de um conjunto de oportunidades, acaba por usufruir do fenómeno de mobilidade ascendente, uma vez que os seus rendimentos

actuais e a sua auto-avaliação em termos de classe social o enquadram numa classe superior àquela de que era possuidor inicialmente. Inicia a prática de paraquedismo com 19 anos, momento em que cumpre o serviço militar obrigatório. A sua continuação, como prática de lazer, não foi incutida, em Portugal não existiam, na altura referências. Relata que o principal responsável terá sido o seu desejo de não estagnação e de exploração de novas situações, cada vez mais exigentes e complexas. Estas suas posições marcam o seu relacionamento com a prática do paraquedismo, conduzindo-o a uma disciplina extrema e à margem desta modalidade, o B.A.S.E. Considera esta prática como possuidora de riscos, mas através da adopção de critérios e procedimentos muito rigorosas na preparação da mesma, permite-lhe controlar algumas das variáveis provavelmente perigosas, possibilitando, ao seu praticante, usufruir da mesma com “enorme gozo e contemplação”. Pela sua especificidade, estamos perante um tipo de prática potencialmente desencadeadora de cenários de ansiedade. Estas situações são vistas como uma mais-valia, para enfrentar e relativizar algumas das situações menos agradáveis, com as quais somos confrontados, em termos pessoais, profissionais e sociais. É uma modalidade onde o género feminino já se move, contudo, o entrevistado, dá a ideia de que não é uma modalidade tipicamente feminina, pelas características do seu público-alvo e pelas suas exigências. Encara o B.A.S.E. como uma actividade dotada de valores, como a disciplina, segurança, respeito pela vida e pela natureza. Estas características condicionam directamente as formas de estar dos seus praticantes. Para Mário, cada B.A.S.E. Jumper tem características muito próprias, são todos singulares, que tentam fugir a ideais amplamente massificados. É-lhes comum, alguma loucura saudável, forte ambição ecológica e pacifista e um enorme desejo de liberdade.

Miguel Oliveira

Desde os cinco anos de idade que, Miguel Oliveira, pratica actividade física desportiva. Tem 43 anos, é professor universitário e iniciou o contacto com práticas exploratórias em contexto natural, após uma lesão, enquanto atleta de alto rendimento na modalidade de Atletismo. Dos poucos instrutores de Canyoning no nosso país, partiu dele e de dois amigos explorar e introduzir esta prática no nosso país, nos finais da década de 80 e início da década de 90. Apesar de a definir como

a sua prática de eleição, desenvolve outras, igualmente de carácter exploratório, como o Alpinismo e a Canoagem de Águas Bravas.

Motivado por alguma insatisfação em exercer uma actividade profissional, que na altura não o realizava, ultrapassa a barreira do lazer e passa a desenvolver este tipo de práticas a nível profissional, durante alguns anos, como Guia de Alta Montanha em duas empresas internacionais. Devido a obrigações pessoais, vê-se forçado a abandonar este tipo de actividades, em termos profissionais, regressando novamente à carreira de docente e à ocupação de cargos directivos relacionados com este tipo de práticas.

Classifica o *Canyoning* como uma actividade exploratória do ambiente, que em Portugal “está muito virada para o mercado do turismo de aventura”. Refere que estamos perante uma prática com risco, contudo esse risco está bastante controlado, se o praticante tiver em conta todos os procedimentos de segurança específicos da actividade, nos momentos que antecedem a mesma, de modo a obedecer a todas as suas exigências. Esta prática dá-lhe um enorme prazer, pela possibilidade de explorar um espaço diferente, único, dotado de características muito próprias, com a capacidade de se alterar, em função de diferentes variáveis, implícitas a um ambiente instável. Neste contexto, não pode existir um confronto com o meio natural, “tal não seria viável”, pois “este tipo de práticas só é realizável quando a natureza o permite”, aceitando, desse modo, a sua compreensão, o seu conhecimento e contemplação.

É da opinião de que dificilmente conseguiríamos identificar um praticante de *Canyoning*, pela ausência de um padrão próprio daqueles que praticam esta modalidade. Apesar desta consideração, tem a percepção de que, pela sua forma de estar é diferente da maioria dos membros do actual panorama social.

Miguel Cerejo

Apesar de ter nascido numa terra de mar e de pescadores, foi na montanha que Miguel encontrou a sua “praia”. Lá conheceu uma prática, o *Downhill*. A residir em Tujal, uma localidade próxima da vila de Porto-de-Mós, com grandes referências, no nosso país, ao nível desta prática, trabalha na secção de desporto da Câmara Municipal de Porto de Mós. Antes de exercer a actual profissão trabalhou numa empresa de envelhecimento de pedra, indústria com grande expressão na zona e

numa loja de bicicletas, conciliando uma profissão com a sua paixão pelas duas rodas. Neste momento a terminar o 12.º ano, deseja posteriormente ingressar no Ensino Superior. Motivado por alguma insatisfação e cansaço que sentia em relação ao *Cross-Country*, uma outra vertente do *BTT*, começa a praticar *Downhill*. Praticante de *Downhill* desde 1994, obteve no ano 2000 a sua melhor classificação, 16.º lugar no Campeonato Nacional, divisão “elites”. Motivado pelo desejo de novas experiências, participou em duas Taças do Mundo, levando-o a experienciar uma outra realidade. Considera o *Downhill* uma modalidade extremamente completa, pelas exigências físicas e psíquicas, próprias de uma actividade que exige imenso do seu praticante. Neste momento, será este aspecto que “faz a diferença” entre a “nata” do *Downhill*. Estamos perante uma prática que ultrapassou barreiras naturais, característica de uma actividade com origem neste contexto. Esta necessidade de se reinventar permitiu levar o *Downhill* para as cidades e vilas de todo o mundo. Além do impacto em termos de exposição, esta vertente trouxe consigo ainda mais espectacularidade, motivando potenciais praticantes, classificada de alto risco. Este rótulo também é, de certa forma, aceite por Miguel, justificando este rótulo, pelo facto de andarem “sempre no limite”. Estes limites, de diversa ordem, separam uma descida de sucesso, de um acidente a meio do trilho, daí referir que um bom *rider* deve conhecer os seus limites. A comunidade de *Downhill* é extremamente competitiva durante as provas, contudo, após a realização de um dia de descidas, sobressai o ambiente de companheirismo e de respeito entre a maioria dos pilotos. Dificilmente conseguiríamos identificar um praticante de *Downhill*. Cada um tem características bastante próprias, levando Miguel a afirmar que não existe um padrão comum e de fácil identificação. Quando questionado sobre a pertença a uma tribo, afirma que não sente este vínculo, apesar de realçar que as gerações mais jovens já tendem a evidenciar códigos e formas de estar bastante próprias.

Mariana Machado

Para quem começou há tão pouco tempo na prática do *Bodyboard*, Mariana ostenta já um título de Campeã da Europa, nesta prática desportiva. Com apenas 19 anos, esta estudante universitária, de arquitectura paisagística, começou a praticar *Bodyboard* há somente 4 anos, por influência de alguns familiares e amigos que

praticavam *Surf*. Foi esta a sua primeira prática de deslize em ondas, contudo devido a uma lesão, adquirida durante a difícil fase de aprendizagem, levou-a a desistir e tentar uma outra variante do *Surfing*, o *Bodyboard*. Quando questionada acerca das suas motivações para a prática, Mariana salienta o momento em que entra água, “tudo muda”, sente uma satisfação enorme, por estar perante um contexto e forma de locomoção completamente distintos, que lhe proporcionam um conjunto de sensações verdadeiramente ímpares. Esta ligação tem vindo a condicionar a sua forma de estar e as próprias escolhas pessoais. Mesmo que não vá surfar, refere que não é capaz de abandonar a rotina de consultar informação relativa às condições meteorológicas e do mar e de verificar algumas *webcams*.

Uma vez que Mariana participa no Circuito Nacional de *Bodyboard* e em algumas etapas do circuito Europeu, não descora a sua preparação física e técnica. Esta *bodyboarder* conta com o apoio de um treinador responsável por essa preparação. Motivada pelo desejo em surfar ondas cada vez maiores, em realizar manobras cada vez mais delicadas e pelas características do próprio meio, classifica esta prática como uma actividade desportiva de risco. Mesmo assim, salienta que não abdicaria da grande satisfação em desfrutar deste contexto, resolvendo todos os seus problemas e imprevisibilidades. Garante que está perante uma prática com a capacidade de transmitir calma e descontração, dotada de um estilo de vida bastante próprio. Infelizmente, muitas das vezes sente que aqueles que não conhecem esta prática e que estão do outro lado, olham para a mesma de um modo depreciativo, uma vez que consideram que basicamente é só boa vida. Um membro desta tribo poderá ser identificado através de um conjunto de características: “marca do fato no pescoço”, tipo de roupa, marcas usadas, existência de códigos linguísticos próprios e uma forma descontraída de encarar a vida. “Talvez consigamos apreciar coisas que outras pessoas não conseguem”.

Raúl Martins

Praticante de *Windsurf* há 13 anos, Raúl Martins, tem 39 anos, é professor Universitário e investigador, na área do desporto. Iniciou esta prática durante um fim-de-semana, nada gratificante, já que o contacto inicial com o *Windsurf* é algo “muito duro”. Apesar das normais dificuldades iniciais, por influência de uma das referências nacionais ao nível do *Windsurf*, com o qual mantinha um contacto

regular, insistiu e acabou por ultrapassar toda a fase de adaptação a uma nova prática e a um novo contexto, dotado de enormes singularidades, classificando-se, actualmente, como um praticante intermédio. Apesar de não a desenvolver com a regularidade desejável, em virtude de obrigações familiares e profissionais, apresenta como factores motivacionais para a sua prática o facto de a mesma lhe permitir marcar uma posição nesta sociedade, cheia de homogeneidade e de vínculos institucionais, diferenciando-se através de um estilo de vida próprio, associado com a aventura, com a liberdade.

Embora reconheça a existência de riscos associados a este tipo de actividade, pela sua imprevisibilidade, provocada pela especificidade do próprio contexto e dos materiais utilizados, é da opinião de que o risco existente é um “risco controlado”, caso o praticante tenha em consideração todas as normas de segurança associadas à prática. Considera que não existe um confronto com a Natureza, mas sim um “saber colaborar, saber fazer em função das condições que a Natureza lhe proporciona”. Mesmo tendo em consideração o cumprimento dos procedimentos de segurança, já experienciou algumas situações menos agradáveis. Para ele, este tipo de cenários podem ajudar, quando ultrapassados com sucesso, carregando consigo benefícios em termos de auto-domínio e até de uma melhoria de gestão de stress, não só durante a prática, mas também em termos de pessoais. Estas experiências fomentam aprendizagens constantes, permitindo ao praticante estabelecer novas metas, novas ambições.

Estamos perante uma prática que ostenta valores como “responsabilidade, respeito pela Natureza e consciencialização dos nossos limites”. É uma experiência que chega a pessoas socialmente bem enquadradas, não preocupadas com culto da estetização, vestindo-se normalmente, não procurando, neste aspecto, a diferenciação pelo vestuário. O público-alvo é marcadamente mais velho, uma vez que a prática exige alguma autonomia em termos de locomoção. Apesar de referir estes aspectos não é para si fácil encontrar características marcadamente de um *windsurfer*.

Henrique Frazão

Iniciou-se no *Kayaksurf* há pouco mais de três anos. Tem 37 anos, é professor universitário e foi através desta condição que, num festival de desportos aquáticos,

teve contacto pela primeira vez com esta modalidade. Desde sempre se sentiu motivado em experimentar práticas diferentes. Este desejo, aliado ao facto de procurar situações novas, que lhe permitam dar respostas em diferentes domínios, leva-o a evitar um *steady-state* e é nesse anseio, de novas experiências, que é transportado para este tipo de prática motivado em descobrir uma nova actividade, aparentemente dotada de um potencial enorme, para os alunos aos quais dá formação.

Caracteriza esta modalidade como uma prática em meio aquático, de ondas, com recurso a uma embarcação com características muito próprias, adequadas à especificidade do meio onde se desenvolve. Estamos perante uma prática munida de um “potencial risco”, organizado em torno da seguinte conjugação de factores: “conhecimento técnico, características dos materiais utilizados e características dos locais da prática”. Dada a sua introdução, extremamente recente no nosso país, os praticantes apresentam, na sua grande maioria, uma faixa etária mais avançada, alguns deles com a particularidade de serem ex-atletas de Canoagem de Águas Bravas. Em Portugal, a participação feminina é escassa ou quase nula, ao contrário da realidade verificada noutros países. Segundo Henrique, estamos perante uma tribo munida de códigos de linguagem e comportamentos próprios, onde os seus praticantes tendem a demonstrar características, como autocontrolo e autoconfiança, aliadas a uma ambição em ultrapassar os seus limites, de uma forma ponderada, sempre que existe essa possibilidade. Para além disso, no mar, gostam de marcar algum domínio territorial, à semelhança de outras práticas com as quais partilham o mesmo espaço. Contudo, Henrique salienta o facto de censurar esta situação, uma vez que esta prática é realizada num ambiente com condições ímpares, ao qual todos deverão ter acesso, de igual forma, de modo a poderem usufruir deste contexto. Considera que esta é uma actividade onde a amizade, a solidariedade e a competição, marcam presença, num cenário idílico, “provavelmente o ginásio mais belo que nós podemos ter”, em virtude das suas características únicas e fantásticas.

Realça o facto de o *Kayaksurf* oferecer aos seus praticantes a possibilidade destes libertarem energias e pensamentos, através de uma “solidão” saudável, fruto de um contexto único, onde todas as ligações ao mundo se suspendem assim que entram para a água. Toda a unicidade que este espaço/prática ostenta, para além de banir, por momentos, todo um conjunto de pressões diárias a que estão sujeitos,

permite igualmente uma melhoria em termos de autodomínio e de autoconfiança, possibilitando-lhe relativizar-se de algumas das situações mais complexas com as quais é confrontado nos diferentes contextos da sua vida.

Tiago Lopes

Tiago Lopes, de 41 anos, é professor de Educação Física há 18. Residente em Aveiro, local com condições ímpares para a prática de *Kitesurf*, desenvolve-a sempre que as suas obrigações pessoais e profissionais o permitem. Filho de um desenhador e de uma professora foi pioneiro no seu “quintal” na prática de *Kite*, há 8 anos atrás. Viu no *Kitesurf* uma possibilidade de evolução pessoal, uma vez que já praticava *Windsurf*, desde os 17 anos, uma outra modalidade dependente das condições do vento e das condições do mar. Com um nível bastante consolidado, fruto do empenho e dedicação que entrega a esta actividade de *outdoor*, caracteriza o *Kitesurf*, como uma modalidade radical causadora de grande *dependência*, com a valência de constantemente testar o praticante, disciplinando-o. Tiago considera-se uma vítima dessa dependência, a sua vida é regulada, em torno desta prática, como afirma, “aquilo é um bocado uma obsessão”. Classifica o *Kite* como uma prática de risco relativo, tendo em conta o número de variáveis existente, embora realce que um *kite* se possa “transformar numa arma mortal”, quando utilizado por pessoas inexperientes. Apesar disso, já passou por situações de risco de morte, essencialmente no *Windsurf*, no *Kite*, passou por momentos que “poderiam ter corrido mal”. Estas situações são desencadeadas pela conjugação de diversos factores e não somente pela ocorrência de um deles.

Este tipo de práticas são benéficas para esquecer problemas e todas as rotinas diárias às quais estamos sujeitos, *aquilo é uma maravilha*, como refere, além disso o próprio desenvolvimento pessoal pode ser condicionado positivamente por melhorias ao nível da auto-estima e da autonomia. O grande factor motivacional prende-se com a envolvência à qual está sujeito e pela possibilidade de testar os seus limites, automatizando gestos e acções com a finalidade de ultrapassar a instabilidade de um meio

Quando questionado acerca da possibilidade de definir um traço típico de um *kitesurfer*, Tiago foi peremptório e respondeu negativamente à questão, esclarecendo que a grande maioria dos praticantes são pessoas com maneiras de

vestir normalíssimas, bastante próprias, sem ceder a modas. Por fim, considera que em Portugal, não existe uma cultura associada ao *Kitesurf*.

Luís Brito

Surfista de origem moçambicana, Luís Brito de 35 anos, enquadra-se perfeitamente no perfil de um *soul surfer*. A precariedade em termos profissionais, obrigou-o a procurar outras soluções. Viu no *shape* uma solução para este problema consolidando assim a sua paixão pelo *Surf* com um trabalho que aprendeu e desenvolveu como autodidacta. Filho de uma bancária e de um empresário do sector da restauração, após a conclusão do seu bacharelato teve oportunidade de exercer diferentes profissões, mas nenhuma o “agarrou”, muito por causa da sua luta pessoal contra um sistema organizado em torno de valores nos quais não acredita.

Iniciou a sua paixão pelo *Surf* e por tudo o que é actividade de deslize em água, por intermédio de algumas referências, na sua zona, que praticavam este tipo de actividades na praia da Foz do Arelho e que o terão motivado a experimentar. Começou pelo *Skimming*, depois o *Bodyboard* e mais recentemente, de há 5 anos a esta parte, apostou no *Surf*, de onde tem retirado alguns dividendos, não só hedonistas, mas também monetários, através da sua actividade laboral paralela. Classifica-se como um praticante com um nível intermédio, considerando que a sua mais-valia, como praticante, prende-se com o conhecimento do mar, que foi desenvolvendo ao longo dos anos. Para Luís o *Surf* é uma prática dotada de potencial para colocar em risco a vida do seu praticante, em virtude das diferentes condições de mar, fundos e até mesmo do próprio facilitismo do praticante. Estes momentos menos disciplinados, associados a más decisões, são promotores de momentos menos agradáveis durante a prática, contudo salienta que os mesmos são importantes para a evolução do praticante. Quanto a motivações fala-nos do desejo em enveredar por “desafios físico-mentais, em que tu próprio aceitas participar” e isso estimula-o na sua busca por novas sensações.

Esta é uma prática dotada de bons valores, como a responsabilidade, paz, ecologia, traduzidas num estilo de vida, no qual Luís enquadra a sua vida. Esta forma de estar perante a sociedade é associada a pessoas de pele morena, com ar descontraído, próprio de quem não liga a formalidades. Por este facto, o *Surf*

enquadra-se numa cultura dotada de formas de vestir próprias, organizada em torno de marcas de referência, códigos linguísticos específicos e marcada pelo desejo de “ir estar no mar todos os dias”.

José Tavares

José Tavares, gestor de empresas de formação, é uma pessoa para quem a aventura e a procura de novos limites é comparável à sua necessidade em respirar. Natural de Lisboa nasceu num seio familiar composto por uma tradutora e um gestor comercial. É esta última figura que o influencia a praticar desporto, com o Judo e mais tarde, durante o período da adolescência, com o Voleibol. As práticas de aventura invadiram a sua vida durante uma pós-graduação realizada na Alemanha em 1992, tinha na altura 25 anos. Nesse país teve oportunidade de experimentar diferentes actividades, das quais destaca o *BTT* e o *Rafting*. Mais tarde, em Marrocos, com a subida do monte Toubkal, José tem oportunidade de consolidar estas suas preferências. Este aventureiro já concretizou uma série de projectos, envolvendo diferentes práticas, em contexto natural, canoagem, corridas de aventura, Alpinismo e alguns *raids* de grande magnitude constam no seu *curriculum* de lazer/desportivo.

No âmbito desta investigação foi-lhe pedido que debruçasse somente numa, o Alpinismo. Para José, esta actividade foge àqueles preâmbulos impostos pelo desporto de rendimento, “não há medalhas, não há níveis pré-estabelecidos”, é uma prática que se caracteriza pela *procura de sensações pessoais*, nada mais. Esta actividade encontra-se dotado de um risco relativo, dependente “da forma como encaramos/praticamos a actividade”. Naturalmente, pelas características de uma determinada montanha, estas práticas poderão apresentar graus de dificuldade bastante distintos entre si. Estes períodos desejados e controlados de *stress* servem para “contornar a monotonia, o Homem procura constantemente novos estímulos em novos ambientes”. Quanto à existência de uma cultura, à volta do Alpinismo, a sua resposta é afirmativa, os alpinistas são pessoas que tendem a evidenciar tranquilidade, à vontade no meio natural, e talvez um pouco de nervosismo em contexto urbano, pouco materialistas e as suas preferências de vestuário recaem sobre peças provenientes de “marcas de montanha”. José nega pertencer a algum tipo de tribo, mas realça que tal situação se verifica na grande “maioria dos

praticantes”, embora saliente que, apesar de não se sentir dentro de nenhum nicho considera que é possuidor de um estilo de vida “um pouco menos ortodoxo”.

Hugo Carvalho

Hugo Carvalho tem 25 anos, é um *skater* descontraído das Caldas da Rainha, cidade onde pratica *Skate* desde os seus 13 anos. Filho de ceramistas trabalha actualmente numa loja de *action sports* desde 2007. Esta actividade profissional permite-lhe competir ao fim-de-semana no Campeonato Nacional de Skate e deslizar diariamente no *skatepark*, em frente ao seu local de trabalho. Apesar de ter tido a oportunidade de praticar outras modalidades, das quais destaca o Futebol e a Ginástica, a partir do momento em que experimentou o *Skate*, deixou-se envolver por todo o enquadramento, aplicou-se com seriedade, permitindo-lhe afirmar que neste momento, é um atleta profissional. Define esta modalidade como um “desporto urbano, criativo, individual”, dotado de risco, “é um estilo de vida”. Este risco, próprio de uma actividade com estas características, é responsável por situações de ansiedade. As situações de stress pelas quais passou prenderam-se essencialmente com momentos em que não conseguiu realizar e arriscar algumas manobras. Ao andar de *Skate* tem possibilidade de relaxar, esquecer tudo o que o rodeia, abstraído dos seus problemas. As principais razões apontadas, para atingir novos patamares prendem-se particularmente com uma luta pessoal para atingir e conhecer o seu máximo, o gosto especial que tem pela prática e o facto de poder usufruir da companhia de um grupo de amigos bastante característico.

Vê com alguma tristeza o facto de esta prática continuar a ser discriminada pela sociedade. Esta comunidade ainda é vista com um conjunto organizado de jovens sem objectivos de vida, vândalos que vagueiam e perturbam as zonas urbanas. O *Skate* é uma actividade dotada de valores como rebeldia, descontração e companheirismo, onde geralmente quem abraça esta prática se interessa somente por si e pelos seus. O choque social, referido anteriormente, ocorre geralmente aquando da utilização de espaços não normativos para desenvolver esta modalidade. Hugo discorda desta posição, realçando que é importante ter bom senso e ceder de parte a parte. Considera que não existe uma cultura associada a esta prática, mas realça ao longo da entrevista a existência de

um estilo de vida bastante próprio, com um gosto exacerbado por esta prática urbana.

3.2. Descrição e Interpretação dos resultados

Esta dissertação encontra-se definida em torno de quatro eixos de investigação, aos quais estão associados diferentes temas e subtemas. Dessa forma, tendo em conta todo o conjunto de entrevistas realizadas e posterior procedimento de análise de conteúdo, identificámos um eixo em torno da “prática”, relacionado com questões a partir das práticas de aventura, organizado em dois temas: “prática de aventura” e “contexto da prática de aventura”. No segundo bloco em discussão, “praticante”, levantámos uma série de questões relacionadas com os sujeitos e efeitos da produção das suas práticas de aventura, estruturado segundo três temas: “hábitos desportivos precedentes”, “desenvolvimento como praticante” e “desenvolvimento da prática”. O terceiro bloco, designado de “risco”, pretende identificar aspectos relacionados com o risco, tendo em conta os seus efeitos na díade prática e praticantes. Relativamente ao quarto bloco de investigação, “representações sociais e culturais”, encontra-se organizado tendo por base o desejo de interpretar um conjunto de questões de ordem cultural e social, próprias deste tipo de actividades, segundo a perspectiva dos sujeitos.

Eixos de Investigação e Temas	
Eixos de Investigação	Temas
Prática	Prática de aventura Contexto da prática de aventura
Praticante	Hábitos desportivos precedentes Desenvolvimento como praticante Desenvolvimento da prática
Risco	Risco
Representações sociais e culturais	Representações sociais e culturais

Tabela 6: Eixos de investigação e respectivas temáticas.

No que concerne ao primeiro eixo de investigação e com base no primeiro tema, “prática de aventura”, elaborámos um conjunto de questões relacionadas com a “caracterização” da actividade, “evolução” da prática, “valores” associados a cada uma das práticas de lazer e desportivas discutidas e “impactos no desenvolvimento

peçoal”, impostos pelo desenvolvimento das práticas de aventura, com consequências para os sujeitos. Relativamente ao segundo tema em discussão, este bloco integra todas as respostas que dizem respeito à “interacção e novos usos” do contexto de prática, onde se pretende perceber e interpretar a relação entre o contexto, prática desenvolvida e reinvenção dos territórios de actuação.

Prática – Temas e Subtemas		
Eixo de investigação	Temas	Subtemas
Prática	Prática de aventura	Caracterização
		Evolução
		Valores
		Impactos no desenvolvimento pessoal
	Contexto da prática de aventura	Interacção e novos usos

Tabela 7: Temas e subtemas do eixo denominado “prática”.

Quanto ao segundo bloco em análise, “praticante”, desenvolvemos um tema centrado nos “hábitos desportivos precedentes”, que integra todas as respostas relacionadas com as “práticas desportivas e de lazer marcantes” e a sua “ligação entre as práticas desenvolvidas e a prática actual”. O primeiro subtema tem como objectivo identificar o conjunto de práticas que precedem a actual prática de lazer/desportiva e o segundo subtema pretende verificar a ligação entre essas mesmas práticas e as práticas de aventura actuais. O tema “desenvolvimento como praticante” integra todas as questões relacionadas com: “primeiro contacto”, identificando a forma através da qual o sujeito teve contacto com a prática; “fase da vida”, onde pretendíamos identificar o momento da vida em que se deu o primeiro contacto; “referências”, cujo objectivo é conhecer a referência em termos de prática, responsável pelo desejo em iniciar este tipo de actividades; “experiência”, subtema cuja finalidade foi “quantificar” a experiência dos sujeitos, segundo intervalos de tempo definidos pós-entrevistas; “nível atingido” pelos sujeitos em cada uma das suas práticas; “relação com a prática”, onde pretendíamos elucidar o tipo de “relacionamento” que os sujeitos têm com as AFAN; “fases”, subtema com o objectivo de evidenciar as diferentes fases de proficiência ao longo de todo o processo de desenvolvimento da prática; “preparação específica”, onde são expostos alguns dos requisitos exigidos aos sujeitos, de modo a realizar as suas práticas de aventura; e, por último, “razões para desenvolver a prática”, cujo objectivo era expor os motivos dos sujeitos para adoptar este estilo de vida.

Relativamente ao último tema deste eixo de investigação, “desenvolvimento da prática”, integra todas as respostas em torno da “relação com outras esferas da vida” e a prática dos sujeitos, com a finalidade de perceber os impactos da realização destas práticas nos domínios pessoal e profissional.

Praticante – Temas e Subtemas		
Eixo de investigação	Temas	Subtemas
Praticante	Hábitos desportivos precedentes	Práticas desportivas e de lazer marcantes Ligação entre as práticas desenvolvidas e a prática actual
	Desenvolvimento como praticante	Primeiro contacto Fase da vida Referências Experiência Nível atingido Relação com a prática Fases Preparação específica Razões para desenvolver a prática
	Desenvolvimento da prática	Relação com outras esferas da vida

Tabela 8: Temas e subtemas do eixo denominado “praticante”.

O risco, outro dos eixos em análise, tem como objectivo perceber a relação entre as práticas de aventura e uma série de aspectos relacionados com este conceito. O tema “risco” integra todas as respostas associadas aos seguintes subtemas: “relação com a prática”, identificando aspectos que potenciam esse risco; “ansiedade”, subtema que deseja identificar as causas e os impactos destes momentos; e, “acidentes”, cujo objectivo prende-se com o nosso desejo em verificar a existência da consciencialização dos perigos que estes sujeitos enfrentam durante a sua prática e ainda perceber se os atletas conseguem identificar a origem desses acidentes.

Risco – Temas e Subtemas		
Eixo de investigação	Temas	Subtemas
Risco	Risco	Relação com a prática Ansiedade Acidentes

Tabela 9: Temas e subtemas do eixo denominado “risco”.

Relativamente ao último grande bloco de investigação, “representações sociais e culturais da actividade”, estamos perante um bloco que integra todas as

respostas relacionadas com: “crenças”, subtema onde os sujeitos expõem o seu ponto de vista em volta da espiritualidade, religião ou superstições; “perda de consciência temporal”, onde são expostos os motivos para um estado de “transe” pelo qual alguns dos praticantes passam; “sensações”, subtema onde são identificadas as sensações vivenciadas durante a prática; “estereótipo de género”, subtema que pretende identificar a existência de um estereótipo à volta do género feminino; “associação da prática a consumos de risco”, ponto estruturado com o objectivo de expor a opinião acerca da relação entre consumos de risco e as práticas de aventura; “identidade da prática”, um dos pontos mais importantes, onde são expostas as representações dos sujeitos em torno da prática, tendo em conta aspectos culturais e sociais; e, “relações sociais”, subtema que pretende verificar a percepção dos sujeitos acerca dos impactos destas práticas nos seus relacionamentos pessoais.

Representações Sociais e Culturais da Actividade – Temas e Subtemas

Eixo de investigação	Temas	Subtemas
Representações sociais e culturais da actividade	Representações sociais e culturais da actividade	Crenças Perda de consciência temporal Sensações Estereótipo de género Associação da prática a consumos de risco Identidade da prática Relações sociais

Tabela 10: Temas e subtemas do eixo denominado “representações sociais e culturais da actividade”.

3.2.1. Resultados - prática de aventura

Relativamente ao tema “prática de aventura”, como já foi referido anteriormente, tivemos a necessidade de definir subtemas e dentro desses subtemas foi determinante a definição de categorias, com a finalidade de organizar a informação recolhida, possibilitando uma recolha de dados mais coerente. Assim, foram definidas as seguintes categorias:

Prática de Aventura – Subtemas e Categorias

Subtema	Categorias	n (sujeitos)*	Subtema	Categorias	n (sujeitos)*
Caracterização	Actividade de risco	7	Valores	Ecológicos	6
	Actividade eclética	3		Vitalidade	2

	Enquadramento	5		Segurança	2
	Contexto	7		Disciplina	3
	Estilo de vida	5		Responsabilidade	2
	Equipamento	4		Tranquilidade	3
	Importância da técnica	10		Amizade	2
	Organização	1		Solidariedade	4
Evolução	Componente humana	6	Impactos no desenvolvimento pessoal	Competitividade	3
	Componente técnica	4		Rebeldia	1
	Componente material	10		Gestão de stress	9
	Componente física	1		Gestão de problemas	10
	Componente mediática	1		Competência	5

* esta referência está relacionada com o número de alusões associadas às categorias mencionadas na coluna anterior.

Tabela 11: Subtemas e respectivas categorias de análise.

Dado o elevado número de referências é importante salientar algumas das categorias em análise, fruto da intensidade evidenciada. Dentro do subtema “caracterização”, aquelas que revelaram maior força foram “actividade de risco” e “contexto”, mencionadas por sete sujeitos (n=7), e “importância da técnica”, mencionada pela totalidade dos elementos da amostra (n=10). No subtema “evolução”, verificámos a existência de uma maior intensidade da parte das categorias “componente humana”, seis sujeitos (n=6), e “componente material”, dez sujeitos (n=10). No subtema designado por “valores”, verificámos que não existem categorias que possamos afirmar como as mais importantes, embora possamos destacar as categorias denominadas por “ecológicos”, seis sujeitos (n=6), “disciplina”, três sujeitos (n=3), “tranquilidade”, três sujeitos (n=3), “solidariedade”, quatro sujeitos (n=4), e “competitividade”, três sujeitos (n=3). Em termos de “impactos no desenvolvimento pessoal”, as categorias “gestão de stress”, com referências de nove sujeitos (n=9), e gestão de problemas, com referências de dez sujeitos (n=10), representam aquelas às quais foram feitas maior número de menções associadas.

Verificámos que a maioria das categorizações apresentadas expõe um conjunto de conceitos chave transversais a cada uma das práticas de aventura em análise. Estes conceitos, todos eles articulados, possibilitarão posteriormente apresentar uma definição para este tipo de actividades desportivas e de lazer,

contribuindo para solucionar um dos problemas com os quais nos deparámos ao longo da problemática.

Relativamente à “caracterização” das novas práticas físicas e desportivas de aventura, identificámos a existência de uma ligação com o conceito de risco, daí o rótulo associado a este tipo de práticas, classificando-as como actividades de risco. Esta associação baseia-se essencialmente no enquadramento contextual nas quais estas actividades se desenrolam, um território dotado de incerteza e de risco, agonizado pelas características mutáveis das suas condições de prática. Estas alterações estão relacionadas com a instabilidade das condições climáticas, com o praticante e com o próprio material utilizado, contribuindo para o aumento dos índices de risco nestas práticas.

Por toda a sua especificidade, poderemos classificar as práticas de aventura, com base na classificação proposta por Jeólas (2007), como sendo modalidades dotadas de um “risco aceitável”.

Como refere Raúl Martins e Miguel Cerejo, estamos perante

[...] “uma actividade de risco, na medida em que estamos sozinhos. Em primeiro lugar estamos a trabalhar com dois fluidos que são a água e o vento. Estamos a trabalhar na água e porque é arriscado? É arriscado porque não temos “pé”, pela profundidade da água, é arriscado pela distância, porque no Windsurf, facilmente deslizamos uma distância considerável”. (RM)

[...] “uma actividade de risco, e mais do que qualquer desporto. Mas aquilo vai para uma actividade de risco, porque é um desporto que tens de...andas sempre no limite das tuas capacidades” [...] (MC)

Pela análise dos discursos dos sujeitos, podemos verificar que o risco está presente, mas não é determinante, existem formas de controlar esse risco, daí estarmos perante um risco que alguns dos elementos da amostra caracterizam como “relativo”. Para tal, contribui todo um conjunto de procedimentos e de equipamentos de segurança que ajudam a minimizar qualquer consequência de um acto menos ponderado ou de alguma imprevisibilidade contextual.

[...] “modalidade de risco, mas não perigosa, desde que sejam cumpridas as normas de segurança. Portanto, tem normas de segurança específicas, como qualquer outra modalidade de uma forma geral, diria eu. Portanto, tem algum risco, mas cumprindo as normas de segurança o risco fica minimizado”. (RM)

O risco encontra-se de certa forma controlado e confinando a um determinado raio de acção, daí a sua aceitação. Esta delimitação do risco faz parte do processo civilizador das novas práticas desportivas, sem o qual não seria possível a sua desportivização. O processo civilizador exige a adopção de importantes procedimentos de segurança, associada a uma crescente “optimização” do praticante e dos materiais utilizados, colaborando para que o risco seja cada vez mais um resquício da prática.

Como faz referência Pimentel (2008), o rigor inerente a este tipo de práticas e que abarca todos os requisitos referidos anteriormente é de grande importância para a aceitação das novas práticas desportivas, apesar de toda a problemática envolvida.

Como já foi referido, este tipo de práticas deve a sua associação ao risco, em grande parte, pelo contexto onde se situa. A referência “contexto” representa uma outra categoria às quais os sujeitos fizeram um grande número de declarações como forma de caracterizar a sua prática de aventura. Verificámos a existência de duas situações, uma logicamente associada ao enquadramento natural destas actividades, como “praia” de actuação, e uma outra relacionada com o contexto urbano, produto do desejo em transportar essas práticas, em contexto natural, para um contexto mais “próximo de casa”. Como Miguel Oliveira e Raúl Martins fazem referência, estamos perante um tipo de actividade que se pode definir como:

[...] “uma actividade fundamentalmente exploratória do ambiente, para a qual é preciso determinadas manobras e que pode exigir, ou não, mais capacidade física, mais conhecimento de manobras técnicas”. (MO)

[...] “uma modalidade de grandes espaços, uma modalidade feita na natureza”. (RM)

Se tivermos em conta todo o historial relacionado com práticas de aventura, o contexto natural é nota dominante. Desde sempre o Homem sentiu necessidade de se desafiar e de desafiar um meio para si pouco habitual. Este tipo de provocação apresenta-se como alternativa a comportamentos estandardizados numa vida cada vez mais burocrática, provida de meandros institucionais.

Por oposição, surge um novo contexto de prática, em parte contraditório com esse desejo de fuga ao urbano, marcado pela utilização de novos espaços

normativos, muitas vezes pautado por comportamentos de transgressão e de demarcação social, convergindo, tal como o contexto anterior, para uma tônica de desafio. Neste caso enfrentamos um desafio de contornos sociais e urbanos por oposição ao normativamente correcto. O skate representa a única prática caracterizada nestes moldes.

[...] “um desporto urbano, criativo, individual, posso dizer que é um estilo de vida...com locais bastante próprios para desenvolvermos aquilo que gostamos”. (HC)

As práticas de lazer estão intimamente ligadas ao prazer, à não obrigação, à realização de algo com a valência de transmitir uma enorme sensação de satisfação e de realização. Contudo, e tendo em conta todo o conjunto de informação à nossa disposição, verificámos que, segundo a categoria “importância da técnica”, toda a amostra foi peremptória em afirmar que este requisito é “fundamental” para rentabilizar ao máximo, quer o praticante quer o material utilizado, seja num enquadramento de lazer ou de rendimento. Este trabalho de melhoria técnica obriga a um trabalho orientado por objectivos, embora esta situação possa chocar com a ideia proposta pela concepção de lazer.

“A técnica é realmente importante, claro que sim, mas acho que sim. Costuma dizer-se que o que faz um bom kitesurfista não é o material que tu levas, mas o macaco que leva aquele material [...] Tu até podes ser...ter o material de há três anos e seres um excelente kitesurfista e metes os outros gajos no bolso, os gajos que andam lá com o xpto, estás a perceber? A técnica neste caso é primordial!” (TL)

“Sim. A técnica é fundamental para melhorar a performance em certos desportos como a Natação ou o Ski. Como professor de Ski, observo-o diariamente. A relação é básica, fundamental, necessária e *sine qua non* em certos desportos”. (JT)

Gonçalves (2009) salienta a importância do domínio técnico como requisito essencial para levar a cabo este tipo de actividades. Sem esta proficiência técnica não será possível ao praticante dominar a “aparelhagem” que manuseia, em função da informação proveniente do contexto, penalizando a sua performance e acabando por limitá-la.

Numa sociedade cada vez mais exigente, onde as instituições e os actores sociais anseiam por novas situações, novas experiências, novos resultados, o

produto do processo evolutivo move-se de forma tentacular chegando a todo um conjunto de domínios, entre eles o desportivo. Este processo iniciou-se com o momento pós-revolução industrial, através do aparecimento de novos produtos e de toda uma nova demanda complementar ao desporto, anexa à conjugação destes dois factores.

As práticas de aventura existem há imenso tempo, desde sempre o Homem encetou proezas, por necessidade ou “loucura”, à luz do pensamento da época, com o intuito de preencher um vazio, próprio da natureza humana. Estas incursões, inicialmente reservadas aos mais audazes, eram realizadas somente com o equipamento de apoio disponível, a maioria das vezes, completamente desajustado à jornada a realizar, daí que Pimentel (2006) caracterize estes pioneiros, de uma forma geral, como um grupo de corajosos aventureiros, com poucos recursos.

Estes dois domínios, humano e material, representam duas das categorias às quais os sujeitos fizeram maior número de referências, tendo em conta a evolução da prática. A categoria “componente humana” abarca todas as questões relacionadas com a evolução em termos de massa humana, directa ou indirectamente relacionada com as modalidades desportivas. Estamos a falar de público, técnicos e de praticantes.

[...] “houve uma evolução garantidamente não é? Não só em termos de volume, portanto, quantidade de malta a aderir à actividade, como também em termos de técnicos” [...] (MP)

“Uma evolução incrível, através da forma de preparação, da tecnologia incorporada nos equipamentos, na informação disponível e na divulgação e quase massificação da prática”. (JT)

A massificação da prática referida é um sinal do crescimento desta componente humana, tendo como referência a génese das modalidades.

Apesar de discordarmos com esta massificação das práticas de aventura, tendo como referência as mais elitistas, existe uma componente, aquela que demonstrou maior intensidade nesta investigação, que tem contribuído para este tipo de ideia, a “componente material”.

Hoje em dia verificamos, de uma forma empírica, que esta evolução, em termos materiais, através da redução dos custos a si associado, tem permitido

contribuir para um aumento do número de praticantes. Obviamente, não é um factor fundamental, mas certamente tem contribuído para o referido aumento do número de praticantes. Um factor, na nossa opinião, fará a diferença dentro do grupo de praticantes e potenciais praticantes, o acesso a materiais avançados, que potenciam incursões mais complexas, revelando-se como uma porta de entrada a outro tipo de mercado alvo.

[...] “agora permito-me aproximar-me de forma mais cómoda, dar-me ao luxo de pagar um refúgio, comprar equipamento tecnologicamente mais avançado, que permite outras presenças” [...] (JT)

“No passado eram feitos *kayaks* em plástico, em fibra, actualmente eles são feitos em carbono, *kévlar*, materiais altamente sofisticados”. (HF)

As novas práticas desportivas estão intimamente associadas, desde a sua origem, a “valores” de diversa ordem. Ainda no século XIX surgem os “movimentos naturalistas de Hébert e Escutista de Baden-Powell”, onde já era possível identificar valores ecológicos e de disciplina. Este movimento desejava incutir na sociedade da época hábitos saudáveis em contexto natural. Passados dois séculos, estes valores continuam a apresentar-se actuais, os “valores ecológicos” foram mencionados por seis dos sujeitos (n=6).

“Quando as pessoas estão em pleno convívio com a natureza, começa a ter realmente as tais preocupações ambientais, que hoje em dia se houve falar em todo o mundo”. (MO)

[...] “é preciso disciplina, é preciso...hã...auto-controlo...hã maior respeito pela natureza e pelos outros, portanto há muita gente que não...tem atitudes menos parecidas com estas que te estou a dizer, mas à partida, poderia e deveria ter uma atitude mais ecológica”. (TL)

O desejo de não profanação do contexto natural encontra, possivelmente, o seu momento mais pujante durante a década de 60, estando os desportos californianos associados a esta imagem. Como faz referência Gonçalves (2009), este tipo de modalidades tinha como objectivo minimizar as consequências da utilização de um espaço natural, recorrendo à energia emanada por esse contexto.

Pimentel (2008) faz referência ao grande rigor e disciplina nos momentos que antecedem a realização da prática. Resultado de toda a imprevisibilidade que este contexto carrega consigo, o praticante vê-se obrigado a ponderar muito bem cada decisão/acção, uma vez que uma escolha menos acertada o poderá empurrar para

uma situação menos confortável, com potencial para colocar em causa a sua integridade física.

O *base-jumper*, Mário Pardo, faz referência a esta necessidade de controlo através deste tipo de valores. Para ele são importantes não só aqueles valores associados à ecologia, como também valores associados a:

[...] “elevados padrões de critério e de segurança e de disciplina...são basicamente estes. Diria que são os mais importantes”. (MP)

Um dos procedimentos básicos de segurança, quando enveredamos por este tipo de práticas, prende-se com o facto de o devermos fazer sempre na companhia de, pelo menos, mais uma pessoa, como refere Tiago Lopes, *kitesurfer*, durante as formações de que é responsável.

[...] “aquilo que eu transmito a uma pessoa que acaba de aprender a fazer kite, é que é fundamental que ele faça com companhia, porque temos que ser uns pelos outros” [...] (TL)

Por esta afirmação, facilmente percebemos a razão de identificar a “solidariedade” como um importante valor, dentro das práticas de aventura, desta índole. Este valor foi referido por quatro dos sujeitos (n=4) através de afirmações que associámos a esta categoria. Empiricamente, por se tratar de uma prática cuja aceitação por parte da sociedade tem-se revelado mais delicada, pensamos que no caso do *skate*, a solidariedade tem uma importância algo sobrevalorizada. Isso é notório na resposta dada por Hugo Carvalho, *skater*, quando questionado sobre o tipo de valores associado à sua prática:

“Olha...as coisas que falei há pouco...rebeldia, descontração, um estilo de vida bastante próprio...gosto por um espaço aberto, companheirismo, não ligar muito aqueles que estão de fora...confesso que pelo estilo que temos também poderá provocar um pouco, mas não é essa intenção...nós estamos na nossa”. (HC)

Esta ligação entre praticantes contradiz um pouco a essência da nossa actual organização social, onde o processo de individualização e demarcação social tem tido lugar, levando a um afastamento entre actores sociais.

No caso concreto das subculturas e das tribos urbanas este afastamento não se verifica. As relações pessoais entre pares são bastante coesas, indo ao encontro da afirmação de Hugo Carvalho.

Numa sociedade cada vez mais electrizante, dotada de obrigações de todos os níveis, nunca estamos sozinhos, algo não permite o corte de um invisível cordão umbilical social, não permitindo o usufruo de momentos de solidão saudável ou de momentos de tranquilidade, que nos permitam abstrair daquilo que nos rodeia. Felizmente uma das particularidades das práticas de lazer e desportivas em contexto natural é possibilitar ao seu praticante cortar, por momentos, essa ligação ao mundo, funcionando como um refúgio pessoal. Mariana Machado, *bodyboarder*, faz referência a este tipo de valores.

“É relaxar e estar só a pensar naquilo. Deixa-me completamente...hã...despreocupada de tudo o que é o meu dia-a-dia. Eu vou para dentro de água e vou mesmo relaxar”. (MM).

Resultado da desportivização das práticas, outrora de lazer, para insatisfação dos mais puristas, algumas das actuais actividades de *outdoor* são já marcadas por um cunho competitivo bastante forte. Esta transição permitiu a algumas das práticas assumir a sua actual dimensão mediática, com a capacidade de expor, não só modalidades, mas também atletas e produtos que lhes estão associadas.

Não entrando num domínio que será tratado noutra parte deste documento, não estamos aqui a falar do *cliché* confronto Homem/Natureza, estamos a expor a competição existente entre atletas e, no caso do Miguel Cerejo, *rider* de Downhill, de uma competição contra o tempo.

[...] “o confronto é sempre com o relógio”. (MC)

Pensamos que seria interessante, num trabalho futuro, enquadrado possivelmente com outra área do saber, aferir verdadeiramente os “impactos no desenvolvimento pessoal” deste tipo de práticas. Esta é a denominação de outra das categorias em análise, onde constam todas as respostas relacionadas com questões desta natureza.

A criação e aperfeiçoamento de esquemas motores e mentais, é algo comum às práticas desportivas, mas o que diferencia este tipo de práticas, tendo em conta o

produto do seu desenvolvimento regular? Miguel Oliveira é concludente ao afirmar que:

[...] “o facto de andarmos sozinhos em Alta Montanha e nos desfiladeiros aquáticos, etc, dá-nos...desenvolve-nos a auto-estima, uma auto-confiança, há...que nos faz resolver problemas de uma forma mais fácil no dia-a-dia e encarar aquilo que existe no dia-a-dia, que nos provoca o tal stress, de uma outra forma”
[...] (MO)

Este tipo de actividades tem a particularidade de permitir ao sujeito usufruir de um conjunto de sensações com impactos positivos no seu dia-a-dia. Como Miguel Oliveira refere existe uma melhoria do auto-conhecimento marcando a sua personalidade e condicionando a sua forma de estar perante a vida (Soto, 2007). Outro autor, Pimentel (2008), sugere que a dose de stress ministrada durante uma sessão de prática funcionará de um modo terapêutico contra o stress patológico que gradualmente corrói a nossa vida. Relativamente a esta categoria, verificámos que nove dos dez elementos da amostra (n=9) afirmam que este tipo de práticas os ajuda na gestão do stress das suas vidas.

[...] “este tipo de actividades gera algum stress em nós, alguma ansiedade e que nos ajuda ou que nos forçam a aprender a lidar com o stress”. (MP)

[...] “quando estou stressado é quando me apetece mais andar de Skate...necessito disso para descontraír, para me abstrair dos meus problemas e daquilo que me rodeia, entro noutro mundo, onde só interessa aquilo que faço”. (HC)

Paralelamente a esta questão da gestão do stress desenvolvemos uma outra categoria que enquadra respostas relacionadas com os impactos destas actividades na gestão de problemas do foro pessoal e/ou profissional. Esta categoria, denominada “gestão de problemas”, reuniu o consenso da nossa amostra, uma vez que os dez elementos da amostra (n=10) referiram a existência de um sentimento que os ajuda na resolução de dificuldades nas suas vidas.

“Todas estas situações ajudam-me, por vezes, a ultrapassar da melhor maneira algumas das coisas menos agradáveis, com que tenho de enfrentar, na minha vida...mas a minha própria filosofia de vida ajuda-me nesse aspecto”. (LB)

[...] “encaramos as coisas com mais calma, e sentamo-nos a pensar, como se costuma dizer, para encontrar uma solução para o problema”. (MO)

Por afinidade, um outro tema relacionado com o eixo de investigação “prática”, o tema “contexto de prática de aventura”, integra todas as respostas que dizem respeito às categorias “interacção e novos usos” e “condicionantes”.

Prática de Aventura – Subtemas e Categorias		
Subtema	Categorias	n (sujeitos)*
Interacção e novos usos	Complementaridade	8
	Adaptação	1
	Reinvenção de espaços	7
Condicionantes	Informação	4
	Condições da prática	9
	Controlo	6
	Domínio da actividade	7
	Equipamento	5

* esta referência está relacionada com o número de alusões associadas às categorias mencionadas na coluna anterior.

Tabela 12: Subtema e respectiva categoria de análise.

A análise do subtema “interacção e novos usos” irá incidir sobre as categorias que demonstraram maior intensidade. Como tal, temos a categoria “complementaridade”, que enquadra as respostas de oito sujeitos (n=8), com o objectivo de caracterizar o tipo de relação existente entre o praticante e o contexto onde desenvolve a sua prática e a categoria, “reinvenção de espaços”, que delimita as respostas de sete sujeitos (n=7), relacionada com a rentabilização de espaços normativamente pré-definidos e os seus novos usos.

Quanto à primeira categoria pensamos que existe uma ideia pré-estabelecida de que o praticante, durante a sua actividade, tem como principal objectivo enfrentar a natureza e provar a si e aos outros que é melhor que este “colosso”. Esta ideia faz parte de algumas das classificações em torno destas práticas e terá sido mediatizada pela utilização dessa imagem na promoção de alguns produtos.

Uma das classificações, com base neste tipo de premissa, foi proposta por Araújo (1983), “actividades de ar livre e exploração”, onde emerge essa ideia de competição entre o Homem e a Natureza. Surgiram outras, posteriormente, como por exemplo “desportos radicais” ou “desportos extremos”, ambas relacionadas com explorações extremas do contexto e dos equipamentos.

Apenas um sujeito (n=1) faz referência a esse suposto confronto, mas em situações muito particulares.

“O confronto pode dar-se em situações de sobrevivência. Prefiro ver uma relação de harmonia e complementaridade nessa dialéctica”. (JT)

Brymer (2008) caracteriza a relação com o contexto envolvente como esta se tratasse de uma dança entre o Homem e a Natureza. Ambos cooperam de forma harmoniosa, fundindo-se num só, com um único propósito, o da satisfação pessoal.

“Eu, aquilo que eu vejo quando vou para dentro de água, é que eu quero estar a usufruir, eu quero estar a...quero estar mesmo a usufruir daquilo que estou a viver naquele momento e não vejo aquilo como um confronto, até pelo contrário. Pelo contrário...mesmo como uma fusão, uma simbiose, de aquilo que nós somos e daquilo que a natureza nos oferece, neste caso o mar”. (HF)

“O Homem não confronta a natureza, o Homem tem é que saber colaborar, tem que saber fazer em função das condições que a natureza lhe proporciona”. (RM)

Ainda dentro do subtema “relação com o contexto envolvente”, pareceu-nos importante investigar alguns aspectos relacionados com o crescente aumento do número de novas práticas desportivas e a adaptação de outras já existentes ao contexto urbano. Como tal, uma das categorias da denominada “reinvenção de espaços”, deseja enquadrar respostas com a finalidade de perceber a opinião dos sujeitos acerca da rentabilização de espaços urbanos, para desenvolver este tipo de actividades.

Esta busca de novos contextos terá sido originada aquando do aparecimento dos intitulados “desportos californianos”, associada a um conjunto de actividades de deslize, em contexto urbano.

Actualmente somos confrontados com outro tipo de práticas como o *Parkour*, que utiliza todo o espaço citadino com potencial para a sua realização, e o já idoso *skate*, actualmente com territórios bem definidos e a si destinados, mas que nunca perdeu o seu cariz de transgressão no momento de utilização de outros espaços.

[...] “desde que não estejamos a incomodar ou a danificar as coisas...não vejo problema...agora quando aparece alguém para chatear sem razão aparente, ainda me dá mais gozo andar ali”. (HC)

Outro dos pontos que achámos pertinente tratar, dentro do tema “contexto de prática de aventura”, consistiu na identificação dos constrangimentos e estratégias envolvidos na realização das práticas.

Enquadradas num espaço não codificado, todo um conjunto de variáveis deverá ser equacionado com o fim de aumentar a capacidade de resposta por parte do praticante.

[...] “eu acho que a natureza não se domina, nós contornamo-la quando ela nos permite, os factores meteorológicos, eu continuo a dizer que são sempre os que mandam mais. Portanto, ver em cada momento, até onde as minhas capacidades psicológicas e físicas me permitem ir, e técnicas claro” [...] (MO)

Este conjunto de condicionantes impostos pelo espaço natural representa um dos factores de sedução inerente a este tipo de actividades, transportando todo o desafio que as caracterizam (Melo, 2009). Com o intuito de ultrapassar “potenciais barreiras”, em termos de desenvolvimento de prática, Almada (1994) afirma que o sujeito deverá ter um grande conhecimento do meio e das técnicas a utilizar como solução para este tipo de dificuldades.

“Portanto, há sempre um trabalho de casa, que é uma pessoa ir ver aos vastos meios de informação, como é que serão as condições meteorológicas e de mar. Isso é uma situação e isso também se traduz um pouco naqueles três aspectos que já referi e que considere de destaque. Portanto a consulta de informação sobre o local de prática e as condições de prática, são determinantes. Epah...o outro aspecto, é o equipamento de protecção individual do próprio praticante, desde a embarcação, como também outro material, como o colete, como o capacete, como a pagaia, como o estado de conservação do barco, hã...os flutuadores da embarcação. Portanto, isso aí são meios...isso aí eu posso controlar e eu devo-me assegurar de que eles estão em boas condições. Agora, epah...os outros são aqueles que eu não posso controlar, tento verificar como é que eles vão estar, de modo a verificar se o meu nível se adequa àquelas condições que eu penso vir a encontrar. Agora obviamente que uma onda mais complicada, pode vir a deitar tudo por água abaixo, mas pelo menos as condições em que eu tenho directa influência, essas variáveis eu consigo controlar e tenho atenção a elas”. (HF)

Das categorias em análise, as que evidenciaram maior importância, da parte da amostra, foram as relacionadas com as “condições de prática” (n=9) e a categoria associada ao “domínio da actividade” (n=7).

Nos denominados desportos informacionais, Gonçalves (2009) faz alusão a este tipo de requisitos associados a uma grande logística em termos de preparação das práticas.

“Tem que haver um grande conhecimento das condições, não há...se vamos fazer Windsurf para o mar, parte-se do princípio de que quem lá anda domina, que sabe que tipo de mar é que lá tem, como é que estão as correntes, como é que estão os ventos, porque caso contrário, o melhor é ficarem numa lagoa, ou ficarem numa zona mais protegida. Portanto um grande domínio técnico, com certeza, e um grande domínio dos factores climatéricos, também, isso é fundamental, domínio e conhecimento”. (RM)

3.2.2. Resultados - Praticante

Relativamente ao tema “*hábitos desportivos precedentes*”, tal como aconteceu no primeiro eixo de investigação apresentado, foram definidos subtemas e posteriormente categorias que nos ajudaram no processo de organização de informação.

Praticante – Subtemas e Categorias		
Subtema	Categorias	n (sujeitos)*
Práticas desportivas e de lazer marcantes	Individual	6
	Colectiva	7
	Combate	3
	Confrontação Directa	2
	Adaptação ao meio	7
	Grandes espaços	1
Ligação entre as práticas desenvolvidas e a prática actual	Independente	4
	Enquadramento	1
	Fuga/Evasão	3
	Preparação física	1
	Valores	1

* esta referência está relacionada com o número de alusões associadas às categorias mencionadas na coluna anterior.

Tabela 13: Subtemas e respectivas categorias de análise.

O primeiro subtema em análise, “práticas desportivas e de lazer marcantes”, tinha como principal objectivo verificar se existia algum modelo de comportamento, em termos de escolha e realização de práticas desportivas, nos anos que antecederam o começo das actividades de aventura.

Tendo em conta o tema anteriormente referido, constatámos que existe uma ausência de padrão desportivo facilmente identificável, no que respeita às práticas desportivas antecessoras. Todos os grupos taxonómicos foram mencionados, embora três das categorias acabem por merecer maior destaque: “individual” (n=6), “colectiva” (n=7) e “adaptação ao meio” (n=7).

Tendo em conta o subtema “ligação entre as práticas desenvolvidas e a prática actual”, existem duas categorias dotadas de maior projecção: “independentes” (n=4) e “fuga/evasão” (n=3).

As práticas de aventura representam um conjunto de actividades extremamente recente. A sua origem situa-se, aproximadamente, na década de 60, maioritariamente nos EUA, colocando entraves à sua proliferação por outras partes do mundo, nomeadamente na Europa. Portugal, afectado por um regime político grandemente fechado àquilo que se passava à sua volta, em todos os domínios da época, dificilmente teria possibilidade de receber este tipo de práticas nos anos subsequentes à sua génese. Desta forma, não é de espantar que a grande maioria das respostas incida na categoria “independentes”. As práticas desenvolvidas pelos sujeitos estão relacionadas com as modalidades culturalmente massificadas e que se enquadram no conjunto de modalidades individuais e colectivas.

Por outro lado, temos sujeitos que elegem algumas das práticas de aventura como as mais marcantes, nos anos anteriores à prática actual. Esta situação permitiu identificar um outro tipo de ligação e, conseqüentemente, outra categoria de análise, “fuga/evasão”. Esta categoria enquadra respostas cujo conteúdo se aproxima da temática desta investigação e que caracterizam naturalmente a ligação existente.

[...] “o contexto da natureza é dominador comum. Seja ela em leito terrestre ou aquático, hã...nunca me virei para os desportos motorizados, digamos assim. Pah...agora obviamente a questão da emoção, também é um factor extra de motivação, pah...mas eu acho que o palco da natureza, acho que foi aquele que sempre mais me motivou”. (HF)

[...] a única ligação é um gosto pela aventura que existe em mim, cuja ordem dos factores é arbitrária percebes? Epah, gosto de aventura, gosto de explorar coisas, gosto de fazer coisas novas e diferentes. (MP)

Um outro dos temas relacionados com este bloco de investigação é o tema “desenvolvimento como praticante”. Dentro deste assunto criámos um conjunto de questões organizadas em torno do processo de desenvolvimento dos sujeitos. Estas questões foram elaboradas a partir das respostas dos sujeitos, tendo por base a temática referida anteriormente.

Praticante – Subtemas e Categorias

Subtema	Categorias	n (sujeitos)*	Subtema	Categorias	n (sujeitos)*
Primeiro contacto	Outras práticas	3	Relação com a prática	Hobby/lazer	5
	Informação/formação técnica	5		Competição	1
	Pares	2		Profissionalização da prática	2
	Profissão	1		2ª Actividade	2

Práticas de Aventura – Uma Subcultura de Risco

Fase da vida	Jovem pubertário	3	Fases	Necessidade	1
	Jovem	6		Aprendizagem	9
	Adulto	1		Aperfeiçoamento	7
Referências	Praticantes	5	Preparação específica	Criativa	2
	Relações pessoais	3		Competitiva	4
	Autodidacta	2		Competências físicas	7
Experiência	Até 5 anos	2	Razões para desenvolver a prática	Competências fisiológicas	1
	De 5 a 10 anos	2		Competências Psicológicas	2
	De 11 a 15 anos	3		Competências específicas	9
	Mais de 16 anos	3		Intrínsecas	4
Nível atingido	Intermédio	2		Conteúdo da prática	5
	Avançado	8		Extrínsecas	4

* esta referência está relacionada com o número de alusões associadas às categorias mencionadas na coluna anterior.

Tabela 14: Subtemas e respectivas categorias de análise.

Se olharmos para cada uma destas práticas, e se o fizermos de um ponto de vista crítico e objectivo, poderemos afirmar que estamos perante um conjunto de subculturas desportivas, inseridas numa cultura dominante, a cultura de aventura. Como tal, e pegando na noção de Carvalho *et al.* (2008) de que uma subcultura tem como característica representar um “grupo de pessoas com interesses comuns entre si” e que “através destes interesses estes destacam-se dos restantes grupos sociais”, talvez não seja de espantar que o primeiro contacto com este tipo de actividades, seja feito fora deste nicho social, através de formações e da recolha de material específico de apoio, de modo a dar os primeiros passos na sua prática de aventura de eleição.

[...] “foi num festival, no *OceanSpirit*, que é um festival de desportos aquáticos, em que o Kayaksurf é uma delas e foi a primeira vez que eu tive contacto com aquilo. E despertou-me interesse, até porque, pah...achei aquilo muito interessante, e depois achei que aquilo era uma potencial modalidade para os alunos a quem eu presto formação. Então, insisti em ver como era aquilo, gostei, interessei-me por aquilo e comecei a explorar um pouco aquilo”. (HF)

Este primeiro contacto, para a grande maioria dos intervenientes desta investigação, aconteceu numa fase “jovem” da vida. Esta categoria, conjuntamente com a categoria “jovem pubertário”, foram as que demonstraram maior relevo, por integrarem respostas associadas a estes momentos. Esta situação vai de encontro à concepção geral em redor das práticas de aventura, de que o seu público-alvo prioritário é representado pelas camadas jovens da sociedade, em idade pubertária, geralmente da cidade, com maior capacidade financeira (Pimentel, 2008). Já referido

na primeira parte deste documento, a juventude caracteriza-se por representar um momento de descoberta, liberdade e de formação pessoal. O desporto e mais concretamente as novas práticas físicas e desportivas assumem-se como cenários ideais para evidenciar cada um desses prelúdios.

Como resultado desta realidade as grandes marcas anexas a este tipo de modalidades têm enveredado esforços, através dos órgãos de comunicação social, no sentido de estimular a população juvenil a consumir e a associar a sua imagem a este leque de práticas, quer através da imagem, quer através da prática.

[...] “desde pequena via primos a fazerem *Surf* e...e depois num dos verões na Foz, havia uma Escola de *Surf*, nas colónias de férias, há...e eu comecei a participar nessas actividades e depois decidi-me inscrever numa escola”. (MM)

Como em qualquer outro aspecto das nossas vidas, também aqui os praticantes têm necessidade de referências, de protótipos, de grande importância como factor motivacional. Esta foi uma das premissas que verificámos através da categoria “outros praticantes”. A referida categoria foi aquela que evidenciou maior importância, uma vez que cinco dos sujeitos (n=5) apresentaram respostas a ela associadas.

(...) “tinha sido já campeão nacional três vezes e estava ali numa fase em que: ok, e agora? O que é que eu faço mais? e foi quando vi um salto de B.A.S.E. do tal austríaco o Phil e epah...é isto mesmo, é isto que eu quero. Entrei em contacto com ele e avancei”. (MP)

[...] “foi esse João Peres, ele era completamente fanático do Windsurf, com as conversas, epah, realmente o Windsurf, eu até gostava daquilo e já fiz um fim-de-semana, e não sei quê e tal, depois acabei por comprar o material, a ele, material usado, e comecei a fazer e foi um ano em que, em que fiz com força”. (RM)

Apesar da necessidade evidenciada pelos sujeitos em terem referências dentro da sua prática, quer através de “outros praticantes”, quer através das suas “relações pessoais”, dois dos sujeitos (n=2) assumem-se como autodidactas.

[...] “durante um curso de pós-graduação, ao contactar com várias modalidades, bicicleta montanha, rafting...e com a subida ao Toubkal, de 4.100m, em Marrocos. Vi fotografias e reportagens sobre o assunto”. (JT)

“Ninguém me influenciou. Fui um dos primeiros na minha zona”. (TL)

Esta situação não deixa de causar alguma estranheza, pois estamos a falar de modalidades extremamente técnicas, com larga exigência não só ao nível deste requisito, como também ao nível do domínio do material e equipamentos utilizados e ao domínio das próprias condições de prática.

Um dos factores, tidos em conta na escolha da amostra, foi a selecção de atletas/praticantes possuidores de larga “experiência”. A designação “experiência” representa uma das categorias em análise.

Averiguámos, após análise das entrevistas, que seis dos praticantes (N=6) possuem mais de 10 anos de experiência, três (n=3) no intervalo de “11 a 15 anos” e três (n=3) no intervalo “mais de 16 anos”. Por outro lado, dois (n=2) classificaram a sua experiência “até 5 anos”.

Para Tiago Lopes, a experiência é de grande importância por duas razões, usufruo e manuseamento correcto dos equipamentos.

[...] “psicologicamente a pessoa tem que ser consciente e tem que ser madura, digamos assim, para o Kite. Para o Kite não se pode dizer que o meu miúdo tem uma disponibilidade motora fantástica, já vai aprender a fazer kite... não é a mesma coisa. Portanto, isto aqui, com miúdos, é necessário sempre a presença de um adulto para garantir... porque eles “têm sangue na guelra” e isto realmente nesse aspecto é inseguro. É inseguro porque uma má avaliação das condições, pah...o Kite pode transformar-se numa arma mortal”. (TL)

As denominadas “práticas radicais”, pelos contornos extraordinariamente exigentes, fruto da exploração extrema dos equipamentos associada a objectivos ambiciosos, obrigam a uma capacidade técnica de excelência, apoiada por uma vasta experiência neste tipo de actividades, responsáveis por permanentes picos de ansiedade e que podem condicionar o poder de decisão (Tomlinson, 1997).

Uma outra categoria relacionada com o ponto anterior, “nível atingido”, tinha como objectivo situar respostas que traduzam uma auto-avaliação dos sujeitos de modo a caracterizar o seu nível de proficiência. Naturalmente, nenhum dos praticantes situou a sua condição num nível de aprendizagem, dois (n=2) autoavaliaram-se como praticantes num nível “intermédio” e oito (n=8) como praticantes situados num nível “avançado”.

A “relação com a prática” caracteriza um subtema composto por várias categorias que integram todas as respostas relacionadas com o enquadramento das

práticas. Aquela que se apresentou como a mais marcante foi a categoria designada por “hobby/lazer”. Nesta categoria agrupámos respostas de seis dos sujeitos (n=6).

A classificação das práticas de aventura como práticas de lazer agrada à grande maioria dos seus praticantes, contudo, o inverso, a associação deste tipo de actividades ao rendimento, não reúne consensos. Temos duas posições distintas em termos organizacionais: por um lado, temos os “puristas” que defendem que o processo de desportivização não deveria ter sido desencadeado neste tipo de práticas por desgastar toda a essência deste tipo de modalidades; por outro lado, os “competidores natos” sentem uma necessidade natural em competir, não interessando o contexto.

Singular o facto de uma das modalidades ter já encetado o processo de desportivização, contudo, devido a uma série de entraves de diversa ordem, acabou por assumir os contornos inicialmente estabelecidos. É o caso do *Canyoning*.

“Tentaram em França e em Espanha, não resultou, há...há nos anos 90, a meio da década de 90, não resultou, fizeram com 2 ou 3 modelos de competições diferentes”. (MO)

Paralelamente à forma de organização das actividades, Tiago Lopes descreve a sua relação com o *kitesurf* como uma relação de “necessidade”, funcionando como terapia.

“O Kitesurf é, para mim, muito mais que uma forma de lazer. Passou a ser um verdadeiro “vício”. Esta necessidade de ir à água é fundamental para me sentir bem psicologicamente e ultimamente também o sinto no Stand-up surf, quando não há vento...Enquadro esta modalidade nos planos da satisfação pessoal, do bem-estar físico e emocional e do constante desafio inerente à sua prática, quer pela presença dos elementos: vento/ondas/mar...quer pela contínua evolução que o Kitesurf envolve”. (TL)

Relativamente a etapas de “relacionamento” com as modalidades, todos os sujeitos fazem referência a um momento de “aprendizagem” (n=10) durante o seu processo de desenvolvimento como praticantes. Dando continuidade a esta fase, oito dos sujeitos (n=8) organizam as suas respostas de um modo que nos permitiu incluí-los na categoria “aperfeiçoamento”. Nesta categoria foram mencionados termos como “autonomia, intensidade e entusiasmo”.

[...] “a partir do momento em que eu descobri a modalidade, interessei-me por ela, comecei a fazer uma pesquisa, há...pelo tipo de embarcações, pelas pessoas que praticavam, aqui na zona, onde seriam os spots,

mais, mais indicados e comecei aos poucos a fazer. Assim que comecei a ter alguma autonomia, aí comecei a fazer de uma forma muito mais, muito mais intensa e potente”. (HF)

Relativamente a uma fase “competitiva”, quatro dos sujeitos (n=4) fazem referências desse tipo, evidenciando, em parte, o porquê da existência de competições para estas práticas.

Gostaríamos de justificar uma última fase que consta nesta investigação, a fase designada de “criativa”. Esta categoria enquadra algumas das referências de dois dos sujeitos (n=2), pensamos ser importante realçar esta fase, pois ela encontra-se, no caso do Mário Pardo, associado a factores de ordem motivacional.

[...] “deixei de fazer competição, entrei numa fase mais, gosto de chamar mais criativa do que competitiva, em que, epah, gosto de fazer coisas diferentes, percebes? Gosto de criar coisas diferentes, daí que no *B.A.S.E.*, surgiram aqueles saltos mais...epah, com a mota, de cima do camião. E não sei quê, e mesmo que não tenha esses componentes adicionais, o facto de ser o *B.A.S.E.*, e é uma das coisas que me fascina no *B.A.S.E.*, é precisamente que não é monótono, tu estás sempre a saltar de sítios diferentes, e a fazer coisas diferentes”. (MP)

Ainda no início do século XX as actividades *outdoor* eram utilizadas como uma alternativa ao combate da deterioração da moral física das populações, designadamente através dos “movimentos naturalistas de Hébert e Escutista de Baden-Powell” (Sobral, 1985). Ainda longe dos requisitos das actuais práticas, era já evidente a associação das práticas em contexto natural a um conceito de preparação específico, como forma de responder às exigências de um meio, por vezes, excessivamente imprevisível. Mais recentemente, os “desportos aventura” (Moreira, 2007 citando Vanloubbeeck, 2000) mantêm o mesmo tipo de requisitos. Apresentam-se como modalidades onde elevados índices físicos e psicológicos são básicos, pelas mesmas razões do velhinho movimento naturalista.

Duas categorias revelaram uma maior força, em termos de resposta, relativamente ao subtema “preparação específica”, as categorias “competências físicas” (n=7) e “competências específicas” (n=9).

Relativamente às “competências específicas”, Raúl Martins é da opinião de que para “práticas específicas os efeitos são igualmente específicos”, logo, o processo de preparação deverá ser realizado no contexto de prática, desenvolvendo a prática no seu todo.

“O Windsurf é uma prática muito específica, e portanto as práticas são específicas, os efeitos são específicos e portanto deve ser treinada tanto quanto possível na sua...como um todo, a prática em si mesma”.
(RM)

Para um *rider* como Miguel Cerejo, o desenvolvimento das suas competências físicas é fundamental para potenciar todas as suas capacidades.

“Faço ginásio e faço pelo menos uma vez *Motocross*. Durante a semana, treino de moto. O ginásio é para uma pessoa se preparar melhor fisicamente e aí vais tirar partido da técnica que nós temos, ou que vamos ganhando. Quanto mais bem preparados fisicamente nós estivermos, melhor. O *Motocross* é também a parte física, porque ao contrário do que muita gente pensa, no *Motocross* usa-se muito mais as pernas que os braços e também para ficarmos com a noção da velocidade, que é às vezes uma coisa muito importante”. (MC)

Por sua vez, Miguel Oliveira defende não só a ideia de desenvolver toda uma preparação paralela em termos físicos, como também uma preparação em termos de competências específicas, mas em torno das técnicas e dos materiais utilizados.

“É preciso ter uma certa condição física, como é óbvio, e depois é necessário conhecer as manobras. Antes da saída propriamente, antes da actividade, à que aferir bem as condições meteorológicas, e depois é preparar os equipamentos que as pessoas têm com certeza, avaliar as condições dos equipamentos e preparar toda a logística necessária. Agora não há assim uma preparação assim muito complexa, digamos nos dias que antecedem a actividade, é como que ir jogar ténis, é preciso habituar às sapatilhas, à raquete e ao calção, para ali é preciso o fato isotérmico, o arnês, o capacete, as cordas, é preciso ter algumas cautelas, mas nada de especial, penso eu”. (MO)

Em virtude da actual organização social, o Homem vê-se gradualmente embrenhado nas suas próprias escolhas e obrigações pessoais/profissionais. Esta teia, da qual não se consegue libertar, tem impedido a maioria dos actores sociais de desenvolver aquilo que realmente deseja, negando sistematicamente a sua própria natureza. Como Elias e Dunning (1992) fazem referência, estes constrangimentos são responsáveis pela busca de situações desconhecidas, totalmente antagónicas às suas vidas amplamente delimitadas e estandardizadas.

O subtema “razões para desenvolver a prática” foi organizado em três categorias: “intrínsecas”, “conteúdo da prática” e “extrínsecas”.

Tendo em consideração a categoria relacionada com motivações “intrínsecas” (n=5), não poderíamos deixar de destacar as respostas dadas por Mário Pardo. Mário utiliza inúmeras expressões de modo a ilustrar as razões para desenvolver o *b.a.s.e.*: “explorar e criar coisas novas, diferentes” (n=5); “necessidade e desejo de ir mais além” (n=4); “evoluir” (n=7).

[...] “nunca gostei muito de monotonia e continuo a não gostar, gosto de coisas novas, gosto de explorar, por isso, pah, por exemplo, às vezes dá-me imenso gozo fazer saltos de pára-queda quando vou para sítios diferentes ou quando mete aparelhos diferentes e helicópteros xpto e aviões não sei do quê, coisas diferentes, gosto de acrescentar mais-valias, quando começa a ser sempre o mesmo, é giro, não deixa de ser uma experiência porreira, mas não dá aquele gozo, epah, que eu procuro” [...] Eu gosto de ter tempo para mim, gosto de estar comigo e nesse contexto...e depois também, há...aquilo que eu sentia quando tinha a equipa de paraquedismo, é que andava ali um bocado à arrastar o resto da malta, estás a ver? Portanto eu sou, eu acho que sou mais para coisas, individuais do que colectivas...também gosto de coisas colectivas, sabes? ...há coisas... eu quero ir mais além sabes? Eu quero ir... e normalmente a malta fica-se ali, ou por um motivo ou por outro, fica-se um bocadinho mais aquém, eu quero ir sempre mais além”. (MP)

Este desejo de superação, exposto por este *base-jumper*, representa um dos factores motivacionais apontados por pilotos de Voo-Livre (Pimentel, 2008). Esta ambição de crescimento, de desenvolvimento pessoal, de ultrapassar os seus próprios limites, representa um dos importantes factores motivacionais intrínsecos aos praticantes destas modalidades desportivas.

Tendo em conta o “conteúdo da prática”, Moreira (2007) afirma que este tipo de desportos tem como objectivo genérico, a adequação motora às exigências de um ambiente imprevisível, mutável ao longo de uma sessão.

[...] “aquilo é uma data de coisas pah, mas eu posso dizer-te que quando saio de um dia daqueles com ondas perfeitas em que tu fazes quase o tubo ali com a prancha, o Kite parado, epah...um gajo vai para a cama e vai sonhar com isto”. (TL)

[...] “no Canyoning, o que eu gosto e adoro é dos mais fantástico que existe, que é explorar um rio novo, algo que nós desconhecemos completamente, mas não me importo de fazer um rio conhecido, porque sei que ali está aquela cascata, está ali aquela lagoa, está ali aquele destrepe, está ali aquela paisagem deslumbrante, e portanto não me importo de repetir várias vezes o mesmo rio, aliás é mais aliciante nesse aspecto, do que as outras”. (MO)

Os factores “extrínsecos” às práticas de aventura foram referidos por cinco dos sujeitos (n=5). Neto (1994) aponta seis grandes indicadores como factores motivacionais para este tipo de práticas: confronto com o contexto de prática, incerteza do meio, “risco e aventura corporal”, escolha do tipo de práticas, amigos e “modas e hábitos quotidianos”.

“Porque me identifico com aquilo, com a prática, porque a crença na saúde, não sei se é a crença na saúde, eu acho que não é a crença na saúde, é olha, a pertença social, acho que isso é um bom ponto [...] É ser diferente, é fazer uma coisa que poucos fazem, que há poucos a fazerem, é uma coisa que é relativamente difícil, tem implicações financeiras, relativamente complicadas, nem todos têm acesso, e portanto aquilo tem um estilo de vida, associado com a aventura, com a liberdade e portanto é um pouco este reconhecimento social à volta desta imagem da prática”. (RM)

[...] “como te disse pela descontração que ele me proporciona...há...pelo estilo de vida que levo, mais descontraído...para competir, também gosto de competir, estar com os meus amigos...essas coisas”. (HC)

As práticas de lazer assumem-se, contemporaneamente, como uma mostra do vínculo social do Homem, funcionando como fronteira difusa de condição de classe. Estamos perante actividades associadas a um sentimento de pertença social.

Ainda dentro deste eixo de análise, por correlação com o tema “desenvolvimento como praticante”, definimos um outro tema “desenvolvimento da prática”, com o objectivo de clarificar as implicações da realização destas actividades, na vida pessoal e profissional dos seus praticantes.

Praticante – Subtemas e Categorias		
Subtema	Categorias	n (sujeitos)*
Desenvolvimento da prática	Compatível/incompatível com a vida pessoal e profissional	10
	Criação de projectos pessoais	1
	Criação de projectos profissionais	2

* esta referência está relacionada com o número de alusões associadas às categorias mencionadas na coluna anterior.

Tabela 15: Subtema e respectiva categoria de análise.

Estamos perante um conjunto de práticas com características muito próprias, fruto da imprevisibilidade do contexto em que se desenvolvem, e onde o Homem não pode interceder. Pela análise dos dados, constatamos que na grande maioria dos sujeitos existe a necessidade de adaptar principalmente a sua vida pessoal. Em alguns casos, estas implicações ultrapassam o foro pessoal e obrigam à tomada de decisões a nível profissional.

“Olha, eu tinha, tinha no meu carro, na altura quando ainda trabalhava, por conta de outrem e tinha no meu carro...arranjaram-me um autocolante, que eu gostava imenso e que eu espetei no meu carro e que me trouxe alguns problemas, que dizia “god skydivers don’t have a real job”, porque realmente um gajo para poder fazer este tipo de desportos muitas vezes, tens que te baldar ao trabalho, não é muito compatível com aquele trabalho normal das 9:00 às 17:00”. (MP)

“Epa...é o tempo, o tempo, estou dentro de água, não posso estar a fazer outras coisas. Tento conjugar a minha actividade profissional e pessoal, de modo a que, pah...quando existem boas condições meteorológicas e de mar para a prática, ainda ter esse tempo disponível para aquilo”. (HF)

3.2.3. Resultados - Risco

Relativamente ao tema “risco”, bloco pertencente ao terceiro eixo de investigação, com a mesma designação, optámos pelo mesmo tipo de organização que tem sido demonstrado nos blocos de investigação anteriores.

Risco – Subtemas e Categorias		
Subtema	Categorias	n (sujeitos)*
Relação com a prática	Questões materiais	4
	Questões técnicas	7
	Questões contextuais	5
	Relativização	1
Ansiedade	Situação desconfortável	2
	Causas	8
	Impactos	8
Acidentes	Pré-consciente	6
	Consciente	7
	Prevenção	3
	Origem	8

* esta referência está relacionada com o número de alusões associadas às categorias mencionadas na coluna anterior.

Tabela 16: Subtemas e respectivas categorias de análise.

Tal como já referido, as práticas de aventura em contexto natural desde sempre que possuem uma ligação ao factor risco. Esta ligação poderá ser caracterizada em virtude de um tipo de risco “natural”, próprio do tipo de enquadramento existente nesse contexto, cuja imprevisibilidade está directamente associada a esse risco, ou pode ser um risco extremado, relacionado com explorações extremas do contexto e dos aparelhos utilizados.

Há algumas décadas, e ainda hoje, classificados como “desportos radicais”, por evidenciarem práticas desportivas dotadas de risco, era imprescindível nesta investigação abordar o tema e identificar a sua presença neste tipo de práticas. Um dos subtemas criado para esse efeito, designado de “relação com a prática”, tinha como objectivo identificar a relação entre risco e as actividades desportivas presentes nesta dissertação. Este subtema integra todas as respostas das categorias relacionadas com as “questões materiais” (n=4), “questões técnicas” (n=7), “questões contextuais” (n=5) e “relativização” (n=1).

Considerámos, dado o enquadramento das respostas, referir duas das categorias em análise, por apresentarem maior robustez: a categoria “questões

técnicas” e a categoria “questões contextuais”. Estas duas categorias traduzem, basicamente, dois dos pontos fulcrais que potenciam ou diminuem a presença do risco durante o desenvolvimento deste tipo de actividades. Como tal, não seria adequado estar a realizar uma análise destas categorias em separado, uma vez que existe aqui uma conjugação de factores que contribuem para um aumento ou diminuição do risco nas práticas de aventura.

“Esse risco advém de várias coisas. Advém de questões de ordem técnica, da pessoa, há...advém de questões de ordem material, dos equipamentos utilizados, e advém das questões de ordem contextual, da prática. Portanto, estes três aspectos, na minha opinião, são determinantes. Portanto, o conhecimento técnico, a técnica do executante, as características dos materiais utilizados e as características dos locais de prática”. (HF)

Nalguns nichos muito restritos a relação com o risco é potenciada ao máximo. No caso dos designados “desportos extremos”, mencionados por Moreira (2007), estas explorações extremas de equipamentos e de contextos de acção caracterizam-se por não possibilitarem ao seu praticante erros de qualquer natureza, uma vez que tal poderá reclamar a vida do próprio atleta. Aqui o risco presente é desmesurado, factor já referido, nesta investigação, e no qual Mário Pardo enquadra a sua actividade.

[...] “se correr mal é muito mau, pode ser mesmo muito mau. Tens que fazer as coisas com elevados critérios de rigor e de segurança e estar...e não deixar nada ao acaso, não podes ir para ali, na base: “isto dá”. Não podes, tens que estar absolutamente confiante que estás a fazer as coisas bem-feitas e mesmo assim convém sempre, epahh, fazer uma dupla verificação e confirmar e estar na posse da informação correcta, da instrução correcta, porque caso contrário, pode ser fatal”. (MP)

Contudo, não deixa de ser curioso, o facto de Mário Pardo e Miguel Oliveira relativizarem a presença do risco nas suas práticas, comparando-as a outras modalidades/situações que, na sua opinião, diminuem o factor de risco presente.

“Eu diria que...aliás, eu diria que, eu diria não eu digo, eu costumo dizer, que o paraquedismo é bastante mais seguro do que andar aí na estrada (...) Tu na estrada, há sempre o “gajo” que...passa o encarnado, passa o contínuo, ou que trava de repente, ou o óleo na estrada, ou o cão que se atravessa, portanto há um sem número de imponderáveis, que tu não controlas de maneira nenhuma, e que podem acontecer”. (MP)

“Eu diria que raramente corro risco, não quer dizer que não haja um...os riscos, menos subjectivos, que não são tão objectivos, um desmoronamento, qualquer coisa, mas controlando, com informação, das condições meteorológicas do momento para a prática, e se estiverem más condições meteorológicas para a prática, hoje em dia não pratico, hoje em dia, refiro bem, não pratico. Se tivermos os equipamentos adequados, se cumprirmos as normas de segurança, eu penso que o risco está eliminado, ou está grandemente eliminado, em contraponto com, nós fazemos um percurso de BTT que supostamente é muito mais, menos arriscado, ou até no

Futebol, é menos arriscado, mas depois há um adversário que resolve pontapear-nos e lesionar-nos até ao resto da vida, portanto eu acho que o risco é relativo”. (MO)

Existe aqui uma tentativa de banalização do risco apesar de conscientemente saberem que ele está presente, indo ao encontro da noção “reflexividade” do risco, proposto por Rojek (1995). Esta ideia de vulgarização do risco está intimamente associada a um acreditar de que grandes partes das variáveis em jogo serão controláveis. Levanta-se aqui um contra-senso, estamos a falar de um contexto que sabemos não permitir tal domínio, em toda a sua dimensão, por ser mutável, mesmo que se tenha em consideração todo um conjunto de procedimentos preparatórios e de segurança. Esta grande dependência do acaso, da incerteza, fruto da imprevisibilidade do meio não permite este tipo de abordagem, daí que continue a motivar atletas e potenciais praticantes (Pimentel, 2008).

Numa das concepções criadas com o objectivo de classificar este tipo de actividades, Tomlinson (1997) faz referência à associação destas modalidades ao desenvolvimento de intensos momentos de ansiedade, funcionando estes instantes como um agente motivacional.

Apesar da afirmação não nos parecer descabida, não tivemos oportunidade de verificar a sua veracidade e levantamos algumas questões em torno dessa mesma afirmação, uma vez que os sujeitos ao referirem este tipo de situações classificaram-nas como desconfortáveis ou traumáticas, não realizando qualquer tipo de referência na categoria “razões para a prática”.

[...] “já tive algumas situações menos confortáveis, felizmente nunca resultou em nada gravoso, mas já tive algumas situações de susto, digamos assim”. (MP)

Dois dos sujeitos (n=2) referiram ter já passado por situações mais intensas, embora tendo conseguido resolvê-las no momento, não advindo daí nada de negativo.

Este tipo de situações, naturalmente, acabará por se traduzir em benefícios para o praticante, uma vez que, ao serem vivenciadas, permitem melhorias em termos de resposta numa ocasião futura.

Relativamente a uma das outras categorias, nomeadamente a categoria designada por “causas” (n=8), foi possível identificar um leque de motivos referidos pelos sujeitos, com capacidade para originar situações de ansiedade: más decisões, referidas por quatro sujeitos (n=4); alterações no contexto de prática, referidas por três sujeitos (n=3); e, problemas ao nível do material, referidos por três sujeitos (n=3). Estas três razões, tendo como base a prática de Windsurf, foram identificadas numa investigação realizada por Petersen, *et al.* (2003) como as principais responsáveis por acidentes nesta modalidade.

A ansiedade, quando ultrapassada com sucesso, não deverá ser encarada como algo de contornos negativos. Todas as situações referidas pelos sujeitos contribuíram de alguma forma para uma melhoria ao nível da prática.

“As boas decisões vêm da experiência e a experiência vem das más decisões”. (JT)

Nesta investigação não foi referida a existência de impactos negativos, por transposição deste tipo de situações. Tivemos oportunidade de apurar que, tal como sugere José Tavares, estes momentos acabam por ser benéficos para o crescimento de atletas/praticantes.

[...] “já tive alguns percalços, em que as coisas na altura resolvem-se porque tipicamente aquilo que acontece no Kayaksurf é uma pessoa ficar de cabeça para baixo e não conseguir, não conseguir voltar à posição inicial. Hã...portanto isto é uma situação que é dramática, porque não conseguimos respirar debaixo de água. Pah...e por várias vezes isso já me aconteceu e que eu não me estava a conseguir voltar à posição inicial e uma das vezes, quando me estava a ejectar, uma das partes do equipamento do barco partiu-se, então não me estava mesmo a conseguir ejectar daquilo, e portanto foi uma situação mais ou menos traumática, que depois passou e consegui ultrapassar, não me marcou mas ajudou-me, de alguma forma, no futuro a ter um pouco mais de, pah...de atenção ao estado de conservação do equipamento”. (HF)

[...] “já passei por situações de risco de vida mesmo, mas foram sobretudo no Windsurf, no Kite, já tive algumas situações que poderiam ter corrido mal. Epah...eu pela experiência e que já são de alguns anos, sinto é que uma pessoa tem que aprender com os erros, alguns deles somos naturalmente, são da nossa responsabilidade, outros podem ser do material, um problema qualquer que surgiu com o material e normalmente quando as coisas correm mal, não é só por um factor, é o conjunto de vários factores negativos que se conciliam ali, para a coisa correr mal e uma pessoa se for um bocadinho racional e se perceber que realmente há razões para aquilo ter acontecido” [...] (TL)

Risco e ansiedade poderão ser consideradas, dentro da temática desta investigação, numa combinação de certa forma delicada, uma vez que o aumento do

potencial de uma destas variáveis poderá desencadear uma situação de acidente, com prejuízo para o atleta/praticante.

Relativamente ao subtema “acidentes”, as respostas foram agrupadas nas seguintes categorias: “pré-consciente”, associada às respostas de seis sujeitos (n=6); “consciente”, associada às respostas de sete sujeitos (n=7); “prevenção”, relacionada com respostas de três sujeitos (n=3); e, “origem”, relacionada com respostas de oito dos sujeitos (n=8). Já comentado anteriormente, a grande maioria dos sujeitos revela consciência dos riscos inerentes à sua modalidade. As respostas, relacionadas com esta tomada de consciência foram agrupadas em duas categorias distintas, uma relacionada com um momento pré-consciente e outra associada à consciência desse risco.

Relativamente à primeira categoria, “pré-consciente”, três dos sujeitos (n=3) referem que durante a prática pensam na ocorrência de um acidente, influenciando e condicionando, em alguns casos, o seu rendimento.

“Por vezes consigo estar uma hora dentro de água e em vez de estar calmamente a fazer as ondas, começo a estar com medo, começo a fazer menos ondas”. (MM)

“Na prática do dia-a-dia, eu depois de checkar aquilo que são as minhas, as minhas capacidades de intervenção no processo, nomeadamente na questão dos equipamentos, eu consigo de alguma forma abstrair-me um pouco dessa pressão dos acidentes. Mas obviamente, quando vejo o mar a crescer, que aquilo me assusta e que não vou a todas, não é?. Há...mas não é uma obsessão. Agora efectivamente, naquilo que eu tenha influência directa, pah...penso, faço uma reflexão em determinados períodos, mas não tomo isso como uma obsessão, digamos assim. Agora penso que eles podem existir e tento fazer, tudo aquilo que esteja ao meu alcance, para que eles não aconteçam”. (HF)

Estas situações geralmente acabam por se reflectir em más decisões. Daí que este tipo de modalidades tenha como requisito uma forte preparação física e psicológica, como sugere Luís Brito, ao classificar estas práticas como:

[...] “desafios físico-mentais que tu próprio aceitas participar... e ambicionas mais e mais...uma onda maior, um tubo mais profundo..mais velocidade, essas coisas”. (LB)

Quanto à questão da consciencialização do risco, é importante referir a posição de três dos sujeitos (n=3), que referem não pensar neste tipo de situações.

“Não penso nisso durante a prática, mas é possível”. (LB)

[...] “durante o fim-de-semana da prova, ou quando andamos a treinar, tentamos não pensar nisso”. (MC)

Tento sempre não pensar nisso. Penso mais quando não consigo fazer o que quero...e estou ali a arriscar manobras que ainda não domino...aí sim, começo a bloquear”. (HC)

O bloqueio ao qual Hugo Carvalho faz referência acaba por reflectir a tomada de consciência de uma situação problemática iminente. Esta é apenas uma das respostas a essa tomada de consciência de que algum acidente poderá advir daquele momento. O medo e uma postura semelhante a um estado de alerta são referidos por Mariana Machado e José Tavares como a causa dessa tomada de consciência.

[...] “começo a estar com medo” [...] (MM)

“Condiciona-me na medida em que me deixa mais alerta e pode influenciar uma decisão de retirada ou de prosseguimento...Penso que uma das minhas qualidades é a capacidade de análise de risco e o reconhecimento da relação desse risco com o meu nível de preparação”. (JT)

Através da caracterização das práticas efectuada, onde constam referências à origem dos acidentes inerentes a algumas das práticas de aventura que compõem a investigação, foi possível verificar que a origem dos acidentes prendia-se essencialmente com três grandes grupos: questões materiais, questões relacionadas com o contexto de prática e, a mais significativa, questões inerentes ao próprio praticante. Associada à última referência, o acidente advém predominantemente da tomada de decisões incorrectas e do desgaste físico e mental que, ao se conjugarem, precipitam a ocorrência de situações de acidente.

[...] “hoje em dia, continua a haver acidentes, mas são sobretudo de uma fraca avaliação das condições meteorológicas ou porque...pessoas que possam ter associado à sua condição física um ou outro problema de saúde e que numa situação de maior stress possam ter um acidente”. (TL)

Partindo da análise das respostas dos sujeitos, a maioria dos sujeitos afirma que a origem dos acidentes prende-se essencialmente com questões imputadas ao praticante, corroborando a premissa anteriormente apresentada. A segunda causa mais referida prende-se com questões de ordem contextual, associadas a alterações das condições de prática.

“Eu continuo a achar que a maioria dos acidentes, a maioria dos acidentes no *Cannyonig*, acontece em zonas mais fáceis. Porquê? Porque as pessoas não estavam em segurança, uma aproximação a uma descida em *rappel* sem uma corda de segurança, não é? Sem um corrimão, porquê? Ah, porque era uma plataforma muito estável, muito larga...pois, é nessas que há os acidentes, porque nas outras, toda a gente está em segurança” (MO)

3.2.4. Resultados - Representações sociais e culturais da actividade

Por fim, chegámos ao último bloco de análise em discussão, designado de “representações sociais e culturais da actividade”. Este eixo de investigação abarca um tema com a mesma denominação, bem como o conjunto de subtemas e categorias a eles associados.

Representações Sociais e Culturais da Actividade – Subtemas e Categorias					
Subtema	Categorias	n (sujeitos)*	Subtema	Categorias	n (sujeitos)*
Crenças	Religião	1	Estereótipo de género	Participação feminina	3
	Superstições	1		Masculinização	3
	Espiritualidade	1		Factores psicológicos	2
Perda de consciência temporal	Motivos	8		Factores biológicos	2
				Factores socioculturais	6
				Tipo de prática	2
Sensações	Medo	1	Associação da prática a consumos de risco	Intrínseco aos sujeitos	7
	Contemplação	3		Cultura urbana	1
	Superação	2	Identidade da prática	Estilo de vida	7
	Liberdade	2		Distinção social	9
	Realização	1		Personalidade	8
	Hedonistas	4		Prática geracional	3
	Satisfação	6		Subcultura	5
	Tranquilidade	2		Relações sociais	Criação/reforço de laços
	Solidão	1	Família		1
	Adrenalina	1	Outras práticas		1
Negativas	1	“Rótulo”	4		

* esta referência está relacionada com o número de alusões associadas às categorias mencionadas na coluna anterior.

Tabela 17: Subtemas e respectivas categorias de análise.

Dada a ligação ao julgamento divino, por parte de alguns autores e/ou praticantes, por intermédio de representações, achámos interessante organizar um conjunto de questões, cujas respostas integram a categoria “crenças”. Este desejo tem como objectivo perceber se essas crenças funcionam como suporte de apoio à realização deste tipo de modalidades, em virtude da existência de momentos de não controlo.

Logo numa primeira análise, verificámos que estamos perante uma amostra que não acredita em questões relacionadas com transcendência, já que oito sujeitos (n=8) consideraram-se não religiosos.

“Não, isso para mim não existe. Nem tenho aqueles comportamentos, aquelas crenças, aquelas coisas que eles benzem-se, não sei quantas vezes. Sou capaz de ter uma atitude contrária a isso, de provocação, passar por cima dos gatos pretos, por baixo das escadas de propósito, e de entrar com o pé esquerdo só para chatear”.
(RM)

Por outro lado, dois sujeitos (n=2) revelam possuir “crenças”, um sujeito (n=1) revela preocupar-se com algumas superstições e outro (n=1) diz-se religioso, mas não um “religioso verdadeiro” por considerar que a religião com a qual se identifica traduz uma forma de estar na vida e não uma religião.

“Epa, não sou religioso. Não me considero uma pessoa religiosa, considero-me uma pessoa, pah...se que me possa servir dizer isto, espiritual. Há...religioso no sentido de rezar não sei quantos Pais Nossos e Avé Marias, ir à igreja e não sei quê...não sou. Tenho uma religião, sou budista, é a religião com a qual me identifico mais, mas não o vejo como uma religião, vejo-o como uma filosofia, como uma forma de estar na vida, como uma forma de encarar a vida”. (MP)

Quanto à questão das superstições, temos um sujeito que afirma possuir este tipo de crença, embora afirme não acreditar em questões de espiritualidade, classificando a sua superstição como um hábito adquirido numa situação específica.

“Não. Tenho algumas superstições, por exemplo, eu quando usava os cordões...eu lembro-me quando usava os cordões, em vez de usar os fixadores normais, usava os atacadores, aquilo tinha que estar atado de uma certa forma, porque uma vez deu-me sorte assim, e...são pequenas coisas”. (MM)

A “perda de consciência temporal” ocorre geralmente quando uma conjugação de variáveis contribui para um momento ímpar, marcando o praticante e absorvendo-o de tal forma que todo o resto passa a ser enquadrado num plano

secundário, motivando a existência de um estado de completo alheamento ao que o rodeia.

“Eu lembro-me de em tempos levar um médico, numa altura em que eu conduzia profissionalmente, um médico amigo, que a determinada altura no meio do rio, disse-me que aquilo era capaz de ser a solução para muitos dos pacientes deles, que eu até a brincar lhe disse, então fazemos já aqui um contrato, o doutor prescreve e eu sou a farmácia. Mas portanto, isso acontece, quando estamos lá, esquecemos um pouco tudo, vivemos aquele momento”. (MO)

“Já aconteceu, já aconteceu algumas vezes, andar na água, o material está todo tão bem regulado, e nós andamos ali tão descansados, que está tudo a correr tão bem que ficamos ali 4 horas, assim seguidas, epah, já está a escurecer. Sim, isso já me aconteceu já”. (RM)

Apesar desta realidade estar associada a este tipo de práticas, algumas das modalidades não permitem estas situações pelas suas exigências. É o caso do *Canyoning* em que, caso se verifique algo deste género, poderá resultar num incidente com implicações para o praticante.

[...] “não pode acontecer com uma pessoa com responsabilidade de enquadramento técnico. Porquê? Porque corre-se o risco de ficar retido no rio. E isso é que é muito complexo. Portanto quem tem a responsabilidade de enquadramento, tem que controlar o tempo, a não ser um louco, que é o que eu considero” [...] (MO)

Esta capacidade de transportar os atletas/praticantes para um momento de prática de total abstracção da sua vida quotidiana faz parte integrante das práticas de aventura. Ao entregar-se a este fenómeno desportivo, o praticante tem a capacidade de experimentar um conjunto de sensações únicas impelindo-o para esse tal estado de afastamento, de paralelismo, que muitas das vezes culmina em dependência.

[...] “é uma actividade que causa muita dependência, isto vê-se logo sob o ponto de vista da expectativa dos dias em que há vento, nós andamos...somos completos doidos pelos sites de meteorologia porque andamos sempre à espera, não digo da “tempestade certa” mas de um bom dia, de boas condições, estás a perceber? Logo começa logo aí, antes de ir para a água. E depois na água, digamos que é o envolvimento, com os elementos, estás a perceber?” (RM)

“Sensações”...a busca de sensações é um dos principais motivos apontados para realizar este tipo práticas de aventura em contexto urbano e/ou natural. Ao praticarmos este tipo de actividades possuímos a capacidade de apreciar uma série de novas sensações, associadas ao prazer, à liberdade, à superação,

completamente distintas daquelas a que estamos habituados no contexto das nossas vidas, cujas sensações, tal como a nossa vida, estão igualmente padronizadas (Le Breton, 1991).

Quando interpelámos cada um dos sujeitos da amostra, acerca desta questão, verificámos que a sua expressão facial se tinha alterado completamente. O ar sério e concentrado, adoptado ao longo da maior parte da entrevista, foi quebrado por este momento, onde foi solicitada a partilha das sensações sentidas durante a realização da sua prática.

O tipo de sensações expostas poderá estar associado a um desejo muito particular do indivíduo, daí que, em função da intensidade das respostas dos sujeitos, iremos propor perfis motivacionais relacionados com esta busca de sentimentos.

Sensações como bem-estar, liberdade e alegria fazem parte de um leque bastante abrangente de sensações proporcionadas por este contexto de acção. Estas têm a capacidade, como já foi referido, de permitirem ao atleta “desligar a ficha” que o liga a uma sociedade cada vez mais insípida e ausente de emoções.

“É...está sempre a ver com o prazer e sentir bem, hoje em dia, acho que não há ninguém que não diga que não tenha isto ou aquilo que lhe afecta ou lhe preocupe, é um trabalho para entregar, é a preocupação dos filhos na escola, é sei lá, pessoas que podem ter a determinada altura um problema de ordem económica ou outros. Quando estamos neste ambiente, isso tudo passa, isso tudo passa, nós esquecemo-nos do dia-a-dia, a única coisa que conta é cada movimento que fazemos, e o explorar aquele movimento e desfrutar e isto não é um cliché”. (MO)

As categorias designadas de “satisfação” e de “hedonista”, a primeira associada à resposta de seis sujeitos (n=6) e a segunda à resposta de quatro (n=4), dizem respeito àquelas que evidenciaram maior importância no conjunto das respostas dadas. Outras categorias foram também referidas como sensações sentidas durante a produção das actividades: “contemplação” (n=3), “superação” (n=2), “liberdade” (n=2) e “tranquilidade” (n=2).

[...] “quando estou com amigos e começo a perceber que começa ali a haver uma relação de...pah, estamos a adorar esta cena, completamente, nem é pela qualidade das ondas. Às vezes, é pah...tipo, estou na água e está um ambiente completamente fantástico, não sou capaz, de ficar indiferente àquilo, e muitas das vezes até nem estou em grande situação de prática, mas estou a adorar o ambiente...pah...é uma satisfação brutal”. (HF)

Le Breton (1991) refere que este tipo de contexto pretende igualmente associar-se a um desejo de valorização da vida, paradoxalmente àquilo que poderíamos supor, pelos riscos inerentes à sua realização.

Um dos propósitos da nossa investigação prendia-se com o desejo de verificar se existe uma atracção explícita pelo risco. Curiosamente, nenhum dos sujeitos da amostra fez referência a esta inclinação, somente um sujeito (n=1) referiu a sensação de adrenalina que a sua prática lhe proporciona.

“É tudo uma sensação de liberdade, adrenalina, era a profissão de sonho poderes viajar e andar por todo o mundo isto tudo na parte lúdica do desporto”. (MC)

Brymer (2008) ao caracterizar este tipo de modalidades faz referência à sua ligação com este desejo em experienciar momentos de adrenalina, contudo, tal como referimos, não foi demonstrado o impacto aguardado.

A participação feminina representa uma temática que, na nossa opinião, deverá ser explorada e aprofundada. Esta ambição deve-se à escassez de trabalhos existentes dentro deste domínio de investigação.

Embora não represente o único motivo para encetar este caminho, com a emancipação da mulher, gradualmente, temos vindo a verificar a ocorrência de alterações em termos de participação feminina no âmbito das práticas de lazer e no contexto desportivo. Por esta razão parece-nos urgente desenvolver trabalhos com o objectivo de analisar a participação feminina no conjunto de práticas de aventura existentes.

A mulher continua a estar associada a afazeres de ordem doméstica, penalizando invariavelmente o seu tempo livre e o potencial tempo de lazer que teria ao seu dispor. Numa investigação em torno do uso dos tempos de lazer, verificou-se que a mulher não consegue desvincular-se das suas obrigações domésticas e quando o faz prefere despende o seu tempo em práticas “tipicamente” femininas (Gomes, 2005).

O subtema designando “estereótipo de género” integra as respostas dadas em torno da participação feminina. Este subtema é composto por cinco categorias, definidas a partir do conjunto de referências obtidas: “participação feminina”, que

enquadra respostas de três dos sujeitos (n=3); factores psicológicos, referentes às respostas de dois dos sujeitos (n=2); masculinização, relacionada com as afirmações de três dos sujeitos (n=3); factores biológicos, que abarca respostas dadas por dois sujeitos (n=2); e, factores socioculturais, relativos a respostas de seis dos sujeitos (n=6).

Relativamente à participação feminina acabámos por verificar que a sua participação neste contexto é praticamente inexistente ou nula, sendo que inúmeros factores contribuem para esta realidade, entre os quais, as questões de ordem psicológica, importantíssimas neste contexto.

[...] “eu acho que as características de uma mulher as remetem, normalmente, de valorizarem mais o factor segurança, o factor conforto, do que o risco, mas isto não invalida que não haja uma série de mulheres a fazer paraquedismo e até mesmo B.A.S.E. Jump, portanto, há mas não há em igual número”. (MP)

“É um facto que cá em Portugal é nulo ou muito reduzido mesmo o número de pessoas do género feminino a praticar Kayaksurf. Mas no estrangeiro isso não acontece, nomeadamente em Inglaterra e França”. (HF)

Muitas razões poderiam ser apontadas para este facto, mas pensamos que uma das principais está relacionada com a permanente associação das práticas desportivas a valores masculinos, como agressividade, força e virilidade (Marivoet, 2005), associados a todo um conjunto de questões culturais há muito introduzidos na sociedade portuguesa.

Algumas das práticas de aventura não comungam deste tipo de valores associados à cultura masculina. Os “desportos informacionais” têm como característica a prática “não pela força mas graças a reflexos e ao domínio técnico, tirando o melhor proveito da situação” (Gonçalves, 2009). Este tipo de actividades poderá representar uma porta de entrada para o género feminino.

[...] “em qualquer desporto e neste em particular, existem muitos mitos associados e desde logo, o primeiro é que é um desporto que exige muita força e isso retira logo uma grande quantidade de mulheres ou de raparigas, que se calhar poderiam experimentar isto”. (TL)

Como justificação a uma participação feminina ausente, os sujeitos da amostra associaram este facto a questões de ordem física, psicológica e

sociocultural. Aquela que evidenciou maior importância dentro da nossa população, foi a categoria relacionada com factores de ordem sociocultural.

[...] é um desporto que estando a ser realizado sobretudo nalgumas zonas do nosso país, por homens e vêem-se poucas mulheres, noutros nem tanto, já começam a aparecer umas quantas, digamos que é mais difícil uma “rapariga entrar num meio em que os homens já lá estão não é? e são só homens...eu vejo mais as coisas nestas perspectivas. Uma é o mito de que é preciso muita força e não é, depois o outro é realmente uma pessoa quer ir para um sítio mas aquilo é só homens, *o que é que eu vou para lá fazer?* Penso que serão estas duas as razões principais”. (TL)

Segundo Silva *et al.* (2005), a Mulher tem oportunidade, através deste tipo de prática, de demonstrar todas as características que marcam a mulher contemporânea. Actualmente, apesar da escassa participação, já é possível verificar a sua presença neste tipo de contextos, contrariando os requisitos que condicionam a sua prática: “força, agressividade e coragem”.

“A prática é exactamente dividida fifty-fifty, quer nas actividades...e isso seria natural e expectável, no turismo de aventura, mas também se vê senhoras no...talvez em Portugal não vejamos senhoras sozinhas a irem para o rio, mas isso também porque não as vemos a ir para a montanha sozinhas. Só as vemos algumas já, a irem sozinhas para algumas falésias de rocha fazer escalada. Especialmente ao redor dos grandes centros, como Lisboa e Porto, onde a escalada se desenvolveu, mas não vemos mulheres a irem sozinhas para a Serra da Estrela ou Gêres para fazer a parte alpina, digamos assim, na época invernal. Se formos a França, aos pirinéus, já vimos senhoras a irem sozinhas e no Canyoning isso também acontece lá. Portanto, eu penso que ainda é uma questão, da nossa sociedade ainda não se ter adaptado ainda integralmente a parte da mulher praticar sozinha”. (MO)

Historicamente algumas destas práticas estão associadas a comportamentos de excesso, muitas das vezes, relacionados com condutas de transgressão. O consumo de drogas faz parte deste tipo de comportamentos, daí termos considerado importante levantar questões em torno destes consumos e da sua relação com as práticas em análise.

Assim, o subtema responsável por integrar o conjunto de respostas relacionadas com esta problemática, denomina-se “associação da prática a consumos de risco”. Este subtema, por sua vez, foi organizado em três categorias: “tipo de prática”, ao qual está associado afirmações de dois sujeitos (n=2); “intrínseco aos sujeitos”, categoria com maior intensidade, enquadrando respostas de sete sujeitos (n=7); e, “cultura urbana”, associada às respostas de um dos sujeitos (n=1).

A maioria dos sujeitos rejeita este tipo de associação e afirma que este género de consumos faz parte de uma vontade pessoal, que em nada tem a ver com a prática em si, e que se deve somente à vontade do sujeito.

[...] “não concordo com a associação. Esse tipo de coisas existe no Skate, como existe noutras modalidades quaisquer...tudo depende daquilo que desejas e dos teus objectivos”. (HC)

“O Surf tem uma conotação com as drogas porque, o Surf surgiu nas sociedades modernas juntamente com a época psicadélica. Hoje em dia o Surf é um desporto normal. Cabe às entidades competitivas e as marcas gerir isso da melhor forma...não concordo com associação...cada um sabe o que faz”. (LB)

[...] “acho que isso acontece em todas as modalidades, e...em todas as modalidades existe pessoal, com esse tipo de comportamento mais desviante. Agora fazer disso uma bandeira? Eu acho que não é correcto. Agora que eles existem...existem, agora eu acho que é incorrecto colocar o rótulo de, pessoal do Skate é pessoal da droga, e outra coisa qualquer. A não ser que a gente vá para uma modalidade como o golfe, em que a aparência da pessoa nos leva a crer que tudo é um mar de rosas e se calhar também não é”. (HF)

Relativamente ao subtema “identidade da prática”, sobressaem três categorias: “distinção social” (n=9), “personalidade” (n=8) e “estilo de vida” (n=7).

O acesso diferenciado às práticas de lazer assinala, de uma forma bastante simples, a demarcação social existente (Terrero, 1999). Este tipo de práticas, pelos custos envolvidos, está geralmente associada a um público-alvo oriundo da recém designada nova classe média ou burguesia cultivada. Este grupo social, dotado de concepção do foro ecológico, recorre a instrumentos como forma de rentabilizar o seu corpo com impactos ecológicos, extremamente reduzidos (Gonçalves, 2009).

Por se verificar a referida demarcação social, através do acesso diferenciado às práticas de lazer e desportivas, não é de espantar que as práticas de aventura funcionem dentro da mesma essência, obrigando todos os potenciais praticantes a ultrapassarem um crivo selectivo, imposto pelas características destas actividades.

Neste contexto, tal como refere Gonçalves (2009), estamos perante um grupo de pessoas caracterizados do seguinte modo:

[...] “bem enquadrados especialmente de uma forma geral, são pessoas especialmente bem enquadradas” [...] (RM)

[...] “são professores, músicos, advogados, que têm muitas profissões” [...] (TL)

[...] “são de certeza pessoas que gostam de estar em contacto com a natureza” [...] (MO)

Na tentativa de traçar aqui um padrão de personalidade, sem querer entrar em questões que ultrapassam o domínio desta investigação, verificámos que estamos perante praticantes com elevados índices de autoconhecimento, descontraídos, com uma forma de estar na vida bastante tranquila, dotados de interesses diferenciados da maioria da população, pouco materialistas e com disposição para partilhar.

[...] “é alguém descontraído, com a pele morena...chinelos, no verão, calção...mais discreto. É uma onda muito relax” [...] (LB)

[...] “são pessoas que têm que ter algum autocontrolo, na minha opinião, isto aqui é uma coisa completamente empírica, mas são pessoas que têm que ter alguma autoconfiança e têm que ser um pouco destemidas para dar um pouco o passo em frente. Não é que tenham que ser malucas, nem doidas, mas tem que ser um pouco destemidas, porque senão, não entram naquele jogo”. (HF)

Apresentando uma opinião contraditória à de Henrique Frazão, Mário Pardo é da opinião de que o tipo de pessoas que realiza estas actividades deverá ser dotado de alguma irreverência, traduzida numa loucura saudável.

[...] “eu acho que um B.A.S.E. jumper tem, tem alguma coisa, tem alguma irreverência, porque...pronto, tem um pouco de loucura saudável, no bom sentido da palavra, acho que somos todos amantes da liberdade, mais?...Somos pouco dados...a andar em carneirada, como eu costumo dizer, tipo...gosto de traçar o meu próprio caminho, não gosto de andar...pacifismo, ecologia”. (MP)

A estas práticas está associado um estilo de vida bastante próprio. Não são consensuais as opiniões acerca de um estilo de vida diferenciado, alguns dos sujeitos referem que a sua vida pauta-se por escolhas e formas de estar divergentes dos demais, enquanto outros elementos da amostra defendem que fora da prática representam somente “mais um” nesta tríade social.

Apesar desta questão não se assumir consensual, tendo em conta o parecer dos sujeitos, somos da opinião de que é possível associar a este grupo de praticantes um estilo de vida descontraído, marcado pela utilização de roupa associada à sua prática de aventura, com repercussões na forma de encarar a vida e os outros que os rodeiam.

“Sempre uma onda muito desportiva, eu acho que a malta...é...uma vez mais é roupa descontraída, desportiva, percebes? Sem ligar muito àquelas formalidades”. (MP)

[...] “existem skaters de todos os estilos, religiões, cor...no geral são tudo pessoas diferentes, o que têm em comum é o desporto que praticam. É claro que visionam os meios urbanos de uma maneira bem diferente do comum das pessoas...mas olhas para um skater e consegues identificá-lo...anda com a sua tábua, calças justas...roupa larga...uma coisa mais underground...depois, geralmente estamos todos nos mesmos locais...que permitam andar”. (HC)

Estas três categorias, em conjunto, poderão dar-nos pistas para a existência de uma potencial subcultura, associada às actividades de aventura. Cada uma das designações, para caracterizar este tipo de práticas desportivas, faz parte integrante de, pelo menos, uma das definições existentes.

As novas práticas desportivas têm implicações ao nível das “relações sociais” dos sujeitos. Já falámos das implicações que este tipo de actividades provoca directamente em termos de constrangimentos pessoais e profissionais, resta aqui fazer alusão à forma como estas modalidades desportivas condicionam o seu relacionamento social.

De uma forma geral, percebemos que a realização destas actividades é responsável pelo reforço/criação de novos laços de amizade, tal facto foi referido por oito sujeitos (n=8) imprimindo à categoria, com a mesma designação, grande intensidade em termos de respostas.

[...] “relativamente a um conjunto de pessoas, conheci montes de gente. Actualmente tenho grandes amigos, que conheci, fruto desta situação”. (HF)

A segunda categoria com maior força dentro deste tema foi a categoria chamada “rótulo”, com referências por parte de quatro sujeitos (n=4). Esta categoria acabou por ser construída em virtude dos sujeitos mencionarem um conjunto de aspectos relacionados com a forma como são percebidos por aqueles que desconhecem a sua prática.

[...] “aqui em Porto-de-Mós, não porque mesmo as pessoas que estão extra...o desporto, já têm uma noção do que é. Mas por exemplo se nós formos para um sítio, onde ninguém tenha visto essa disciplina, ah são uns malucos e não sei quê, mas...acho que o pessoal agora está mais informado” [...] (MC)

Esta situação está ainda vinculada à concepção inicial em torno das práticas vistas como marginais, transgressoras, sendo os seus praticantes rotulados de loucos e marginais (Ronay, *et al.* 2006).

4. Conclusão

A vida neste momento de contemporaneidade pauta-se pela existência de rotinas diárias, impostas por obrigações próprias, perante instituições com as quais os membros da actual sociedade estabelecem ligações. Estas relações muitas vezes acabam por desencadear momentos crescentes de monotonia, munindo o nosso quotidiano de uma ausência de excitação sem igual, provocando no nosso imaginário o desejo de enfrentar situações novas, imprevisíveis, que rompem com esta realidade.

O desporto, mundo de estímulos, tem ao longo dos anos desempenhado um papel de relevo na nossa sociedade, ocupando uma posição paralela às nossas vidas insípidas. Através deste contexto, o Homem tem oportunidade de vivenciar experiências, gozar sensações das quais é privado diariamente, através de um espectáculo encenado, onde ele é espectador e produtor das próprias práticas desportivas.

Este é um contexto dotado de grande importância económica, por todo um enquadramento a si associado. Estamos a falar de práticas, órgãos institucionais, marcas, atletas, técnicos, espectadores, que choram e riem ao assistirem a manifestações de rendimento, onde o resultado final nem sempre é o mais importante.

Hoje em dia o desporto, para além do palco de emoções a si associado, avança para um local carregado de simbolismo, através da produção de performances exclusivas, numa teia social bem definida, produto de movimentos culturais específicos deste início de século.

As práticas de aventura estão associadas a alguns desses movimentos culturais actuais, classificados, por uns, como tribos e, vistos por outros, como subculturas emergentes.

Este tipo de actividades não é inocente. É responsável por fenómenos de demarcação social, através do acesso diferenciado às práticas pertencentes a este nicho, escolhendo o seu público-alvo e condicionando comportamentos sociais. Outros factores são responsáveis por alterações ao nível dos comportamentos sociais e consequentemente influenciam a escolha das práticas de lazer e desportivas: “ambiente, história, cultura, idade, género, nacionalidade e políticas” (Gonçalves, 2009).

Os desportos ou práticas de aventura, invariavelmente, estão associados à actual conjuntura social, pelos valores de incerteza, imprevisibilidade e risco que os definem. Esta definição foi um dos pontos que desejámos explicar no início desta dissertação. Ao realizarmos a pesquisa em torno de bibliografia de apoio deparámo-nos com uma infundável lista de caracterizações, muitas delas adaptadas ao contexto em que foram criadas, limitando a exposição de alguns dos conteúdos. Como tal, surgindo como um objectivo paralelo ao nosso trabalho, entendemos as práticas de aventura como actividades exploratórias do ambiente, natural ou urbano, onde a dependência dos elementos é factor primordial. Este enquadramento caracteriza-se por definir uma relação de complementaridade entre o atleta/praticante e o seu território de actuação. Estamos perante actividades associadas a subculturas performativas e criativas de risco, minimizado através do recurso a procedimentos rigorosos de segurança, onde a disciplina e a importância técnica potenciam todo o envolvimento contextual. Práticas ecléticas, representam um local de estímulos e de oferta de emoções, onde o Homem tem oportunidade de vivenciar todo um conjunto de sensações, num ambiente incerto, polivalente e único. Com impactos ao nível da personalidade, este tipo de actividades tem a capacidade de preparar o Homem para a vida, não se resumindo a um “colher de frutos” durante a sua prática. Os efeitos destas modalidades ultrapassam os momentos da sua realização, contribuindo para o crescimento pessoal dos indivíduos. Estes aspectos resumem um estilo de vida com maneiras bastante próprias de reflectir e de agir, por vezes, chocando aqueles que estão fora deste restrito nicho social.

Esta dissertação foi estruturada em torno de diferentes objectivos e questões a que nos propusemos responder ainda na sua fase de projecto. Ao longo do trabalho tivemos oportunidade de conhecer e perceber alguns dos aspectos relacionados com a sociedade, os movimentos culturais, o risco, as novas práticas

desportivas, entre outros factores, que contribuíram para a concretização dos objectivos inicialmente propostos.

Relativamente à identificação de uma subcultura de risco, intrínseca às novas práticas desportivas, apesar da maioria dos sujeitos caracterizar a sua prática de aventura como uma actividade de risco, não nos parece evidente a real existência de uma subcultura em torno deste conceito, uma vez que, embora estando implícito nas actividades expostas, não é esse o elo de ligação entre os praticantes.

Existe aqui uma clara conjugação de posições relacionadas com questões de ordem ambiental, tais como o respeito pela natureza, a integração neste contexto e a rentabilização de um espaço, através de todo o seu potencial, com impactos nulos ou reduzidos e, esse sim, parece resumir todo o conjunto de interesses e paixões deste grupo.

As práticas de aventura enquadram-se numa subcultura desportiva ecológica, munida de valores que espelham o tipo de relação existente com o contexto envolvente. Estamos a falar, concretamente, de valores associados a tranquilidade, solidariedade, competitividade, entre outros, que contribuem para a potencial existência de um movimento cultural específico associado a este tipo de actividades.

Para o grupo em análise, interesses relacionados com o contexto de prática sobrepõem-se a toda uma concepção de risco pré-concebida em torno das práticas de aventura analisadas. Estamos a falar de um risco explícito, mas, ao mesmo tempo, aceitável, funcionando como uma contrapartida pela “utilização” de um ambiente dotado de condições ímpares, não só em termos de envolvimento espacial, como também em termos de oferta sensorial.

Identificámos a existência de uma degustação de estímulos. Estes estímulos estão associados geralmente a sensações de satisfação, prazer, contemplação, superação pessoal, liberdade e tranquilidade. Todos eles, juntos, contribuem para uma abundância de emoções que este grupo de praticantes experimenta e que, em alguns casos, causa dependência, como se de uma droga se tratasse.

O período correspondente à juventude, tal como a bibliografia de apoio o fazia prever, acabou por revelar-se o momento em que a maioria dos sujeitos iniciou este tipo de práticas. Com referências junto dos seus familiares, do seu círculo de

amigos, ou de outros praticantes, o desejo de desenvolver uma actividade desportiva diferente de outras acontece por iniciativa do próprio, através da frequência em formações técnicas ou da consulta de informação específica.

Relativamente às questões relacionadas com factores motivacionais verificámos que estes prendem-se com aspectos de ordem intrínseca, do conteúdo da prática e de ordem extrínseca, tendo sido possível definirmos os seguintes perfis motivacionais: “explorador”, com base na curiosidade, aprendizagem e exploração de limites; “ecológico”, tendo em conta a relação com o meio; e, “caçador de emoções”, tendo por base conceitos como satisfação e prazer.

Perfis Motivacionais

Explorador	Ecológico	Caçador de Emoções
------------	-----------	--------------------

Tabela 18: Perfis motivacionais associados às práticas desportivas.

No que concerne ao primeiro perfil, “explorador”, oito sujeitos (n=8) realizam referências que justificam a sua integração neste perfil motivacional. Este foi definido com base na curiosidade própria do Homem, inerente a um desejo de conhecer e explorar novos caminhos, incrementando o índice de conhecimento. Esta situação inviabiliza a existência de um estado associado à estagnação de aprendizagem. Aliado à curiosidade e ao desejo de não estagnação, temos o desejo de explorar os próprios limites. A grande maioria dos sujeitos faz referência à vontade em identificar os seus próprios limites e em ultrapassá-los através da definição de novos objectivos.

O perfil “ecológico” tem na sua base o desejo de estar num espaço que, para os sujeitos, assume, por vezes, contornos quase idílicos. Todo este ímpeto impõe nos sujeitos uma relação de quase dependência, perto de uma relação simbiótica com o contexto.

O “caçador de emoções” representa o perfil do sujeito que desenvolve este tipo de práticas com o objectivo de usufruir de uma enormidade de sentimentos relacionados com a sua prática. A emoção, o prazer, o gozo, a amizade, assumem-se como as principais razões para a realização de práticas de aventura, uma vez que estas sensações, normalmente, não ocorrem no contexto diário.

Parece-nos importante salientar que não devemos olhar para os perfis como classificações estanques, pois estamos perante perfis que se encontram interligados e que assumem uma interdependência considerável, para a concretização de cada um dos seus objectivos particulares, contribuindo para a particularidade destes estilos de vida.

É possível identificar alguns preceitos que nos permitem identificar uma potencial subcultura, intrínseca às práticas de aventura: um estilo de vida associado, demarcação social, por ela instituída, e um perfil muito específico dos seus elementos.

As práticas de aventura afirmam-se como actividades de índole desportiva, às quais está associada um estilo de vida pautado pela descontração e a recusa em adequar a sua forma de estar a qualquer tipo de formalidade. Para isso contribui uma tendência descontraída, muitas das vezes, articulada com a utilização de roupa desportiva, de marcas associadas à prática desenvolvida e através da qual podemos identificar a subcultura em causa.

O processo de distinção social é algo marcante neste tipo de actividades. Tal como noutras modalidades desportivas, também estas têm exigências ao nível da sua participação. À partida, só se aceitarão pessoas que se identifiquem com o contexto no qual estas se desenvolvem, seja ele de índole natural ou de índole urbano, e a todo um conjunto de valores partilhados pelas diferentes práticas de aventura, como ecologia, pacifismo, liberdade, entre outros. Outro factor de distinção social prende-se com o domínio e a utilização de terminologia particular, a qual é partilhada entre membros deste movimento, naturalmente durante os diálogos estabelecidos, funcionando, igualmente, como um preceito próprio da identidade da prática. Os custos envolvidos, inerentes à aquisição de equipamentos específicos para desenvolver este tipo de modalidades, funcionam também como um crivo no acesso ao meio.

Estamos perante modalidades cujo público-alvo se situa economicamente numa condição associada à classe média ou média/alta. Para além do contexto, já referido, existe um domínio territorial relacionado com as práticas de aventura. Estes espaços funcionam como locais de performance, só sendo permitido o seu acesso

àqueles que respeitem um *dress code*, de equipamentos e de conduta, definido por toda a envolvimento da prática.

No que diz respeito à personalidade dos seus praticantes, não existe um padrão que possamos definir como um modelo que traduza o perfil daqueles que desenvolvem actividades de aventura. Associado a este estilo de vida, concluímos que os praticantes de desportos de aventura caracterizam-se por representarem pessoas “normais”, algumas com interesses diferenciados, dotadas de um desejo de aventura, com elevados índices de auto-conhecimento. Estas são pessoas tranquilas, mas ao mesmo tempo dotadas de alguma irreverência e loucura saudável, não pretensiosas e que não tendem a valorizar as questões materiais. Geralmente, são pessoas discretas, apesar desta premissa se tornar mais difícil pela associação do vestuário, desta forma de estar. Ao contrário da ideia da individualização do Homem, apanágio do contexto social, estamos perante pessoas que se definem como altruístas, próprias de um enquadramento contextual muito particular.

A criação/reforço de relações pessoais verifica-se nestes praticantes. Concluímos assim que os sujeitos, apesar dos impactos causados pela produção das suas práticas, conseguem enquadrar as suas ligações afectivas, reacondicionando-as, aos tempos e desejos de práticas. Estamos a falar de modalidades desportivas de aventura que representam um agrupado de actividades que não permitem a sua realização sempre que o praticante o deseja. A sua prática só é possível quando o contexto de acção, articulado com particulares condições climatéricas, o permite. Esta condição, naturalmente, condiciona o normal funcionamento dos aspectos diários de um adepto destas experiências, obrigando-o a tomar decisões ao nível da gestão pessoal e/ou profissional. Sendo cúmplice desta situação, a ansiedade da espera por boas condições, quando o contexto não o permite, poderá ser vista, em casos de praticantes “agarrados à cena”, como algo extremamente perturbante.

Concluímos que a maioria dos sujeitos não tem a noção de pertencer ou nega a condição de pertença a uma subcultura. Não foi significativo o número de sujeitos com referências à existência desse movimento cultural associado, contudo, os que o fizeram, realizaram-no através de referências ao contexto da designada subcultura e

a às suas particularidades, tais como paixões em comum, elementos relacionados com identidades da prática, bem como o domínio das técnicas performativas e que marcam esta subcultura.

Existe um conjunto de pequenos aspectos referidos que demonstram os impactos destas actividades nas vidas dos seus praticantes: as escolhas diárias são realizadas tendo em conta uma potencial sessão de prática, por isso todo o planeamento diário é estruturado em função daquele momento; obriga a uma consulta constante de informação em torno das condições de prática, com o objectivo de perceber se estão reunidas boas condições para a sua realização; os locais de férias são escolhidos em função da potencialidade do desenvolvimento da prática; e, até existe a necessidade de viajar, geralmente com equipamento, na possibilidade de surgir uma oportunidade para realizar uma sessão. Sem dúvida que deverá existir um suporte familiar adequado e, em casos como o de atletas de alto rendimento, até da própria entidade patronal.

REFERÊNCIAS

Abreu, L. (2010). História dos Campeonatos. *Kayaksurf.net*, [on-line]. Disponível: <http://www.kayaksurf.net/campeonatos.html>

Almada, F. (1992). *Cadernos da Sistemática das Actividades Desportivas 2. Base Conceptual da Sistemática das Actividades Desportivas. Taxonomia das Actividades Desportivas. Modelos de Tratamento do Conhecimento*. Cruz Quebrada: Edições FMH.

Almada, F. (1994). *Cadernos da Sistemática das Actividades Desportivas 4. Base Conceptual da Sistemática das Actividades Desportivas. Análise do Contexto. A Prospectiva nas Actividades Desportivas*. Cruz Quebrada: Edições FMH.

Almeida, A. *et al.* (2009). Esporte e Cultura: análise acerca da esportivização de práticas corporais nos Jogos Indígenas. *In XVI Congresso Brasileiro de Sociologia*. Rio de Janeiro: [on-line]. Disponível: <http://starline.dnsalias.com:8080/sbs/arquivos/30_6_2009_22_1_28.pdf> Acesso em: 29/10/2010.

Amaral, A. (2005). Uma breve introdução à subcultura cyberpunk - Estilo, alteridade, transformações e hibridismo na cibercultura. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*. Brasília, 3:1-22.

Andrade, L. (2010). As Lesões no Bodyboard. *Osbodyboard.blogspot.com*, [on-line]. Disponível: <http://sites.google.com/site/lailsonbodyboard/dicas-curiosidades/aslesoesnobodyboard>

APB, (2010). História. *Associação Portuguesa de Bodyboard*, [on-line]. Disponível: <http://www.bodyboardingportugal.com/historia.html>

Arakaki, S. (2009). Federação Internacional de Skate. *Skate Blog do Sidney Arakaki*, [on-line]. Disponível: <http://www.skataholic.com.br/2009/11/federacao-internacional-de-skate.html>

Araújo, M. (1983). A educação mesológica: contribuição das actividades físicas de ar livre e exploração. *Ludens*, 7, (2): 29-36.

- Araújo, L. (1988). Pós-Modernidade: Um Desafio para a Ética? In *Colóquio Internacional «Moderno – Pós-Moderno»*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 247-254.
- Areosa, J. (2007). *Atitudes e Comportamentos Perante o Risco*. Metropolitano de Lisboa.
- Armbrust, I. (2010). O Skate e suas possibilidades educacionais. *Motriz*, 16 (3): 799-807.
- ASA, (s.d.). Skate. *Action Sports Arabia*, [on-line]. Disponível: <http://www.actionsportsarabia.com/tek9.asp?pg=mission>
- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70 Lda.
- Base, L. et al. (2007). Lesões em surfistas profissionais. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*. Vol. 13, N.º 4 – Jul/Ago, 2007
- Bauman, Z. (1999). *Globalização: As consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Beck, U. (2006). *La Sociedad del riesgo - Hacia una nueva modernid*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, S.A.
- Brandão, L. et al. (2009). Entre a Marginalização e a Esportivização: Elementos para uma História da Juventude Skatista no Brasil. *Revista de História de Esporte*. 1 (2): 1-24
- Brooks, C. (s.d.). The Big Picture Background Information on U.S. Adult Activity Status. USA: American Windsurfing Industries Association.
- Brymer, E. (2008). *Extreme sports as ecotourism*. Melbourne: Victoria University.
- Caillois, R. (1951). *Les Jeux et les Hommes*. Paris: Gallimard.
- Camilo, A. et al. (2003). Tribos urbanas como contexto de desenvolvimento de adolescentes: relação com pares e negociação de diferenças. *Temas em Psicologia*, Vol. 11, (1), 61-75, [on-line]. Disponível em: <http://www.sbponline.org.br/revista2/vol11n1/art06_t.pdf> Acesso em: 10/09/2010.

- Cardoza, I. (2003). A sociedade pós-moderna e o fenómeno das tribos urbanas, *Lato & Sensu*, Vol. 4, (1): 3-5.
- Caria, T. (2008). O Uso do Conceito de Cultura na Investigação sobre Profissões. *Análise Social*, vol. XLIII (4): 749-773.
- Carmont, M. (2008). Mountain biking injuries: a review - *British Medical Bulletin*, 85: 101–112
- Carrington, D. (2000). Da Vinci's Parachute Flies. *BBC News*, [on-line]. Disponível: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/science/nature/808246.stm>
- Carvalhinho, L. (2006). *Os Técnicos e as Actividades de Desporto de Natureza – Análise da Formação, Funções e Competências Profissionais*. Tese de Doutoramento, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Minho, Vila Real.
- Carvalho, *et al.* (2008). Percursos Alternativos – O *Parkour* enquanto fenómeno (sub)cultural. In *VI Congresso Português de Sociologia: Mundos Sociais, Saberes e Práticas*. Faculdade de Ciências Sociais e Humana, Universidade de Lisboa.
- Cave, S. (2003). A Brief History of Skateboarding. About.com, [on-line]. Disponível: http://skateboard.about.com/cs/boardscience/a/brief_history.htm
- Chaves, C. (2000). Rodas do Skate. *Brasilecola.com*, [on-line]. Disponível: <http://www.brasilecola.com/educacaofisica/rodas.htm>
- Clemence, S. (2002). The World's Best Windsurfing. *Forbes.com*, [on-line]. Disponível: <http://www.forbes.com/2002/07/09/0709sport.html>
- Coêlho, C. (2009). *Olhar as Subculturas*. Lisboa: CIES-ISCTE.
- Coutinho, L. (1998). *Da Metáfora Paterna à Metonímia das Tribos: Um estudo psicanalítico sobre as tribos urbanas e as novas configurações do individualismo*. [on-line]. Disponível em: <<http://www.rubedo.psc.br/Artigos/tribus.htm>> Acesso em: 03/10/2010.
- Desnível, (2007). Canyoning. *Associação de Desportos de Aventura Desnível*, [on-line]. Disponível: <http://desnivel.pt/canyoning/>
- Elias, N. *et al.* (1995). *A Busca da Excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

FFME, (2011). Définition du canyonisme. *Fédération Française de la Montagne et de l'Escalade*, [on-line]. Disponível: <http://www.ffme.fr/canyonisme/definition.php>

Ferreira, P. (2002). Traços e Riscos de Vida – Uma Abordagem Qualitativa a Modos de Vida Juvenis - *Análise Social*, vol. XXXVI: 1029-1031.

Ferreira, V. (2006). *Marcas que Demarcam - Corpo, Tatuagem e Body Piercing em Contextos Juvenis*. Tese de doutoramento, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa do Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, Portugal.

Filho, F. (2005). Das subculturas às pós-subculturas juvenis: música, estilo e ativismo político. *Contemporanea*, 3, (1): 138-166.

Fochi, M. (2007). Hip-Hop brasileiro – tribo urbana ou movimento social? *Facom*, 17.

Fortes, R. (2007). Mídia e subcultura do surfe. In *XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Santos

Feixa, C. (1995). La Aventura Imaginaria. Una Visión Antropológica de las Actividades Físicas de aventura en la Naturaleza. *Apunts - Educación Física y Deportes*. 141: 36-43

Frasier, B. (2007). Better Surfing Comes with Property Rights. *The Future of Freedom Foundation*, [on-line]. Disponível: <http://www.fff.org/freedom/fd0607f.asp>

Gill, T. (2010). *Sem Medo, crescer numa sociedade com aversão ao risco*. Cascais: Princípia.

Gomes, R. (2005). “Tempos e lugares dos lazeres desportivos dos estudantes universitários de Coimbra”. In Rui M. Gomes (org.). *Os Lugares do Lazer*. Lisboa: IDP, pp. 55-76.

Gonçalves, A. (2009). *Vertigens, para uma sociologia da perversidade*. Coimbra: Grácio Editor.

Guivant, J. (2001). A Teoria da Sociedade de Risco de Ulrich Beck: Entre o Diagnóstico e a Profecia – *Estudos Sociedade e Agricultura*, 16: 95-112.

Hall, G. (2008). A Brief History About Skateboarding. *Ezinearticles.com*, [on-line]. Disponível:<http://ezinearticles.com/?A-Brief-History-About-Skateboarding&id=953952>

Honorato, T. (2004). *Uma História do skate no Brasil: do lazer à desportivização*. Campinas: ANPUH/SP-UNICAMP.

IFCS, (2010). Competition Climbing history, *International Federation of Sport Climbing*, [on-line]. Disponível: http://www.ifsc-climbing.org/?page_name=history

Jeólas, S. (2007). *Práticas de Risco nas Comunidades On-line sobre Velocidade: Entre o Prazer e o Medo*. Universidade Estadual de Londrina.

Layne, B. et al. (2010). *Frommer's Zion & Bryce Canyon National Parks*. Hoboken: Stephen Bassman.

Le Breton, D. (1991). *Passions du Risque*. Paris: Métailié.

Lopes, et al. (2008). *Mulheres e Construções Identitárias de Género nas (Sub)culturas de Música Electrónica de Dança – Um quadro analítico e resultados preliminares*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

Maffesoli, M. (1996). *The Time of the Tribes – The decline of individualism in mass society*. London: SAGE Publications Ltd.

Marivoet, S. (2005). Prática desportiva nos estilos de vida dos Europeus: obstáculos e tendências. In Rui M. Gomes (org.). *Os Lugares do Lazer*. Lisboa: IDP.

Marques, A. (2006). Espectáculo desportivo na sociedade globalizada. Porto: XI Congresso Ciências do Desporto e Educação Física dos países de língua portuguesa. [on-line]. Disponível: <http://citrus.uspnet.usp.br/eef/uploads/arquivo/v%2020%20supl5%20artigo3.pdf>
Acesso em: 1/09/2010.

Martinho, A. (2007). Estilos de vida e lazer urbano. In R. Gomes, (eds) *Olhares sobre o Lazer*. Coimbra: Centro de Estudos Biocinéticos.

Martins, R. (2008). Porque no Brasil a modalidade esportiva do bodyboarding não evoluiu? *http://www.efdeportes.com/ Revista Digital - Buenos Aires - Año 13 - Nº 126*, [on-line]. Disponível: <http://www.efdeportes.com/efd126/bodyboarding-no-brasil.htm>

McRae, E. (2003). *A Subcultura da Maconha, seus valores e rituais entre sectores socialmente integrados*. São Paulo: Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos.

Melo, R. (2009). Desportos de Natureza: reflexões sobre a sua definição conceptual – *Exedra*, 2: 93-104.

Mocelim, A. (2007). Simmel e Bauman: modernidade e individualização. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*. Vol. 4, 1 (1): 101-118.

Moreira, M. (2007). *Matriz de análise das tarefas desportivas. Sistema de classificação estrutural – modelo taxinómico do surf*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa.

Moreira, M. (2009). *Surf*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana – Universidade Técnica de Lisboa.

Morrison, J. *et al.* (2010). Evaluation of injury and fatality risk in rock and ice climbing. *Pubmed.gov*, [on-line]. Disponível: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/20632737>

Neto, C. (1994). *Mudanças Sociais, Desporto e Desenvolvimento Humano*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana – Universidade Técnica de Lisboa.

Nickel, *et al.* (2004). A Prospective Study of Kitesurfing Injuries - *The American Journal of Sports Medicine*, Vol. 32, (4): 921-927.

Pais, J. (1990). A construção sociológica da juventude - alguns contributos. *Análise Social*, 15, (105-106): 139-165.

Pais, J. (1998). Da Escola ao Trabalho: O que mudou nos últimos dez anos? In Manuel Villaverde Cabral e J. Machado Pais (coord.), *Jovens Portugueses de Hoje*. Oeiras: Celta: 189-214.

- Pais, J. (2005). Jovens e Cidadania. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 49: 53-70.
- Pelanda, et al. (2009). O processo de desportivização do MMA. Curitiba: 1.º Encontro da Alesde. [on-line]. Disponível: <http://www.efdeportes.com/efd131/o-processo-de-desportivizacao-do-mixed-martial-arts.htm> Acesso em 1/10/2010.
- Pelkey, M. (2009). El Capitan BASE jump, 1966. *basejumper.com*. [on-line]. Disponível:http://www.basejumper.com/Articles/Stories/Mike_Pelkey_El_Capitan_BASE_jump_1966_771.html
- Pereira, A. (2002). Razões para a prática de ginásticas de academia como actividade de lazer. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 2, (4): 57:63.
- Pereira, A. (2005). O alpinismo: Uma experiência no (pelo) corpo. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, (3): 311-321.
- Pereira, A. (2008). Percursos Alternativos – o *Parkour* enquanto fenómeno (sub)cultural. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 8, (3): 427-440.
- Peterson, W. et al. (2003). Mechanisms and prevention of windsurfing injuries. *Pubmed.gov*, [on-line]. Disponível: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/12975726>
- Pimentel, G. (2006). *Risco, Corpo e Socialidade no Vôo Livre*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.
- Pimentel, G. (2008). Aspectos Socioculturais na Percepção da Qualidade de Vida entre Praticantes de Esportes de Aventura. *Revista Salud Pública*, 10 (4): 561-570.
- Prymka, M. et al. (1999). Injury mechanisms in windsurfing regatta. *Pubmed.gov*, [on-line]. Disponível: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/10670063>
- Rochrs, H. et al. (2008). Práticas Culturais Familiares e o Uso de Drogas Psicoativas pelos Adolescentes: Reflexão Teórica - *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, vol. XII (2): 353-357.
- Rojek, C. (1995). *Decentring Leisure, Rethinking Leisure Theory*. London: SAGE Publications, Ltd.
- Ronay, R. et al. (2006). Gender differences in explicit and implicit risk attitudes: A socially facilitated phenomenon. *British Journal of Social Psychology*. 45: 397–419

Seigneur, V. (2006). The Problems of the Defining the Risk: the Case of Mountaineering. *Historical Social Research*, Vol. 31, (1): 245-256

Silva, *et al.* (2005). A aventura de ser mulher nas atividades físicas de aventura na natureza. [http://www.efdeportes.com/ Revista Digital - Buenos Aires - Año 10 - Nº 84 - Mayo de 2005](http://www.efdeportes.com/Revista_Digital_-_Buenos_Aires_-_Año_10_-_Nº_84_-_Mayo_de_2005)

Sobral, F. (1985). *Introdução à educação física*. Lisboa: Livros Horizonte.

Soto, C. (2007). Las actividades físicas de aventura en la naturaleza: un fenómeno moderno o posmoderno? - *Apunts*, 3.^{er} trimestre: 81-87.

Souza, L. (2009). *Individualismo ou era das tribos? Consumo e identidade no contexto da hipermodernidade*. Rio Grande do Norte: Departamento de Ciências Sociais e Política.

Splatula (2011). BASE Fatality List. *Spatula-BASE*, [on-line]. Disponível: <http://splatula.com/bfl/>

Starepravo, *et al.* (2008). *Surgimento do Esporte Moderno e o Processo Civilizador*. CEPELS/DEF/UFPR.

Teixeira, J. (2008). História da Formação da FPME. Federação Portuguesa de Montanhismo e Escalada, [on-line]. Disponível: http://www.ambi-reci.pt/afpme/index.php?option=com_content&view=article&id=13&Itemid=55

Terrero, P. (1999). Ocio, Práticas y Consumos Culturales. Aproximación a su estudio en la sociedad mediatizada. [on-line]. Disponível: http://www.dialogosfelafacs.net/dialogos_epoca/pdf/49-07PatriciaTerrero.pdf
Acesso em: 25/09/2010.

Tissue, K. (s.d.). The Origins of Mountain Biking. *About.com*, [on-line]. Disponível: http://mountainbike.about.com/od/mountainbikehistory/ss/MTB_history.htm

Tomlinson, J. (1997). *Enciclopédia básica sobre desportos radicais*. Porto: Edinter.

USPA, (2008). Skydiving Glossary, *United States Parachute Association*, [on-line]. Disponível: <http://www.uspa.org/AboutSkydiving/SkydivingTerminology/tabid/70/Default.aspx>

USPA, (2009). Skydiving Review, *United States Parachute Association*, [on-line]. Disponível:<http://www.uspa.org/AboutSkydiving/SkydivingSafety/tabid/526/Default.aspx>

Warshaw, M. (2003). *The encyclopedia of surfing*. Orlando: Hartcourt, Inc. [on-line]. Disponível:http://books.google.pt/books?id=DWQSYRx4MUC&dq=the+encyclopedia+of+surfing&printsec=frontcover&source=bn&hl=ptPT&ei=g6ilTOOrNKsuK4gbjy5TjAw&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=4&ved=0CCwQ6AEwAw#v=onepage&q&f=false.

Weller, W. (2005). A presença feminina nas (sub)culturas juvenis: a arte de se tornar visível. *Estudos Feministas*, 13, (1): 107-126.

Williams, B. (1999). *Halflives: Reconciling Work and Wildness*. Colorado: Johnson Books.

Zuckerman, M. (2008). *Sensation Seeking and Risky Behavior*. American Psychological Association, Washington.

ANEXOS

• **Entrevista 1**

Objectivo: Caracterizar em termos sociodemográficos cada elemento da amostra.

Serão focadas as seguintes dimensões:

- a) Características pessoais;
- b) Profissão;
- c) Família;
- d) Experiência desportiva/lazer.

DIMENSÃO	SUBDIMENSÕES	QUESTÕES
Características Pessoais	<ul style="list-style-type: none"> - Idade - Nacionalidade - Naturalidade (concelho, distrito...) - Situação conjugal - Residência (concelho, distrito...) - Constituição do agregado familiar - Condições do agregado familiar - Formação académica 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Qual a sua idade? 2. Qual a sua nacionalidade? 3. É natural de onde? 4. Qual é a sua situação conjugal? 5. Onde reside? 6. Com que vive? 7. Em que tipo de alojamento reside? 8. Qual a sua dimensão? 9. Reside em casa própria ou alugada? 10. Refira a sua formação académica? 11. Pode dizer-me, mais ou menos, o volume do seu rendimento mensal? 12. Como se enquadraria em termos de estatuto social?
Profissão	<ul style="list-style-type: none"> - Profissão 	<ol style="list-style-type: none"> 13. Qual é a sua profissão? 14. Qual é a situação actual na sua profissão? 15. À quantos anos? 16. Antes de exercer a profissão actual passou por outras?
Família	<ul style="list-style-type: none"> - Situação profissional dos pais - Família e desporto 	<ol style="list-style-type: none"> 17. Relativamente aos seus pais, qual é/foi a sua profissão? 18. Durante o seu processo de crescimento, alguém o influenciou a praticar desporto?
Experiência Desportiva/Lazer	<ul style="list-style-type: none"> - Contacto com o desporto - Actividades desenvolvidas - Prática actual 	<ol style="list-style-type: none"> 19. Ainda se recorda do momento em que começou a praticar desporto? Com que idade? 20. Ainda se lembra de todas as actividades de experienciou até à data? 21. Actualmente que actividades pratica? 22. De alguma forma, as outras actividades influenciaram a escolha

- da actual?
23. Qual é a sua experiência como praticante?
 24. Consegue categorizar o nível atingido?

• **Entrevista 2**

Objectivo: Recolher informação acerca da História de Vida de diversos indivíduos com algum historial ao nível de práticas de risco associadas a consumos de *actividades radicais*.

Serão focadas as seguintes dimensões:

a) Relação com a actividade.

DIMENSÃO	SUBDIMENSÕES	QUESTÕES
Relação com a actividade	<ul style="list-style-type: none"> - Prática desenvolvida - Risco - Percepção do Risco - Traços de masculinidade - Medo 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Qual a “actividade radical” que praticas? De que forma caracterizarias aquilo que fazes? 2. Como é que tudo começou? 3. Recorda-se da fase da vida em que isso aconteceu? 4. Consegue identificar diferentes fases em termos de relacionamento com a actividade? 5. A partir dessa análise, consegues identificar claramente a partir de que momento é que este tipo de actividades começou a fazer parte integrante da tua vida? 6. Que aspectos da tua vida diária sofreram alterações como consequência da prática sistemática deste tipo de actividades? 7. Consideras a tua actividade como uma actividade de Risco? Porquê? 8. De onde advém esse risco? 9. Existe uma forte relação entre este tipo de actividades e a população masculina. Consideras este desporto uma actividade de homens? Porquê? 10. Estamos perante actividades que desencadeiam alguns momentos de

- Stress	ansiedade nos seus praticantes. Já passou por algum desses momentos?
- Domínio e Auto-Domínio	11. <i>Stress contra stress</i> . Alguns autores são defensores desta máxima. Qual a sua opinião?
- Motivos	12. A passarem por este tipo de situações, consideras que estas te proporcionam um maior auto-domínio? Que importância é que isso tem na tua vida diária, ou é uma dimensão à parte?
- Preparação específica	13. Que motivos te levaram a manter esse tipo de actividades?
- Evolução da actividade	14. De que forma este tipo de actividades poderá ter condicionado o rumo da tua vida?
- Importância da técnica	15. A partir de que momento é que ganhas a noção de que é possível atribuir, à actividade que praticas, um cariz mais profissional, possibilitando-te o desenvolvimento de algo a <i>full-time</i> . Que razões te levaram a fazê-lo?
- Evolução tecnológica	16. Que razão ou razões te motivam a procurar novas metas/sensações?
- Segurança	17. Tens algum tipo de preparação específica durante a prática da tua actividade?
- Acidentes	18. Naturalmente, também a tua actividade sofreu evoluções ao longo dos anos. Quais? Vês com bons olhos essa evolução? Porquê?
- Risco extremo e morte	19. Valorizas a técnica como forma de obtenção de melhores resultados (a todos os níveis)?
	20. De que formas consideras importante a evolução tecnológica e a sua utilidade em termos de prática destas actividades?
	21. De que forma tentas contornar toda a imprevisibilidade do meio?
	22. Dada esta imprevisibilidade, consideras que este tipo de actividades coloca frente-a-frente o Homem e a Natureza?
	23. Tens algum seguro que cura eventuais acidentes?
	24. Como encaras a possibilidade de ocorrência de um acidente?
	25. Um autor categoriza actividades extremas, como aquelas em que um erro leva à morte do seu praticante. A tua actividade enquadra-se nesta ideologia? Que factores consideras importantes para fundamentar a tua opinião?
	26. Ao estarmos a tratar de actividades de risco, desenvolvidas em espaços onde a natureza tem um papel

		preponderante, e onde o seu comportamento é incerto, passa-te pela cabeça algum dia sofreres algum tipo de acidente?
	- Percepção da morte.	27. Consideras que a morte está subjacente à tua actividade? De que forma?
	- Transcendência	28. Essa percepção de morte condiciona a tua prestação durante a prática?
Relação com os outros	- Relações entre pares e entre não pares de prática	29. Uma vez que estamos a tratar de actividade de risco, onde esta variável faz parte integrante, acreditas em <i>algo</i> , durante a sua prática?
Valores intrínsecos à actividade	- Valores	30. Este tipo de actividade consome certamente algum tempo da tua rotina diária/semanal. De que forma isso condicionou as tuas relações, fora e dentro da actividade?
Outros comportamentos de risco	- Transgressão	31. Que valores considera que a sua actividade possui e transmite?
	- Utilização de espaços "proibidos"	32. Por vezes associamos este tipo de práticas, "actividades radicais", a comportamentos de risco, como drogas e álcool, uma vez que a sensação de euforia pode ser proporcionada por qualquer uma das três. Além do consumo de risco, associado à prática de "desportos radicais", tens ou tiveste algum tipo de conduta de risco?
		33. Concordas com este tipo de associação?
		34. A transgressão não passa somente por assumir comportamentos de risco, a utilização de espaços institucionalizados, por actividades dessa índole, tem crescido nos últimos anos, estabelecendo novos limites. Vês com bons olhos esta rentabilização de espaços à margem da lei?
Sensações	- Sensações transmitidas	35. Que meio associas à tua actividade? Que condições é que esse espaço te oferece?
		36. Que sensações lhe são transmitidas durante a prática? Concordas com este tipo de associação?
Percepção do tempo	- Tempo	37. Muitos dos relatos aos quais tivemos acesso, fazem referência a uma perda de consciência em termos temporais, durante as práticas. Essa situação verifica-se contigo? De que forma consideras essa realidade?
Categorização da Prática	- Carácter colectivo/individual	38. O facto de a sua modalidade possuir uma componente individual e/ou colectiva teve influência na escolha da mesma?
Percepção do espaço	- Artificial/Natural	39. Que percepção é que tens acerca

natural/artificial		da mutação dos espaços e sua aplicabilidade nas tuas práticas? (devo dar exemplos).
Identidade	-Estilo de vida associado	40. Consegues identificar traços típicos dos praticantes desta actividade?
Movimento Cultural	- Identificação de uma cultura inerente à prática	41. Considera que existe algum tipo de cultura associada a este tipo de actividade? 42. Sentes que pertences a uma espécie de tribo com códigos, linguagem, e estilos de vida próprios?

- **Entrevistas**

Henrique Frazão

1. Qual é a tua idade?
37.
2. Qual é a tua nacionalidade?
É Portuguesa.
3. És Natural de onde?
Coimbra.
4. Situação conjugal?
Casado.
5. Onde é que resides?
Nas Gaeiras.
6. Com quem é que vives?
Com a minha mulher, com a Ana Pimenta.
7. Em que tipo de alojamento é que vocês residem (apartamento/moradia...)?
Numa vivenda.
8. Qual é a sua dimensão (t0, t1, t2...)?
T4.
9. Casa própria?
Própria.
10. Qual é que é a tua formação académica?
Tenho licenciatura, pós-graduação, mestrado e sou doutorando.
11. Tens conhecimento acerca do volume de rendimento mensal do teu agregado familiar (até 1000€; 1000€ a 2000€; 2000€ a 3000€; 3000€ a 4000€; ...)?
Deve entre 2000 e 3000€.

12. Como é que te enquadrarias em termos de estatuto social? Classe baixa, classe média-baixa, classe média...
Classe Média.
13. Qual é a tua profissão?
Sou docente.
14. Tu não tiras dividendos económicos da tua prática?
Não. Trabalho exclusivamente na escola.
15. Há quantos anos trabalhas como professor?
Para aí há doze anos.
16. Tiveste alguma profissão antes de exercer a profissão actual?
Não, fui sempre professor.
17. Durante o teu processo de crescimento, alguém te influenciou a praticar desporto ou actividade física?
Sim, pah...os amigos. Nós andávamos sempre...qualquer motivo era para fazermos desporto ou subir árvores...pelo menos actividade física. Fazíamos sempre qualquer coisa e eu acho que foi a partir daí que, pah, criou-se aquela vontade, normal. Pelo menos eu entendo assim, é normal fazer desporto.
18. Ainda te recordas do momento em que começaste a fazer desporto?
Sim, foi com Judo. E há quanto tempo é que isso foi? Fogo, opah, eu tinha 14 anos, tinha para aí 14 anos, hã, pah...sei lá há vinte e dois anos atrás, para aí.
19. De todas as práticas desportivas que tu desenvolveste ao longo da tua vida, certamente existirão algumas mais marcantes. Consegues identificá-las?
O *Kitesurf* e o *Canyoning*. São aquelas que eu mais gosto.
20. Actualmente que prática de lazer desenvolves, em termos desportivos?
Aquela que eu faço com mais frequência é mesmo o *Kayaksurf* e o *Kitesurf*.
21. De que forma é que as práticas desportivas anteriores influenciaram as tuas escolhas actuais, em termos de práticas desportivas?
Epah...o contexto da natureza é dominador comum. Seja ela em leito terrestre ou aquático, hã...nunca me virei para os desportos motorizados, digamos assim. Pah...agora obviamente a questão da emoção, também é um factor extra de motivação, pah...mas eu acho que o palco da natureza, acho que foi aquele que sempre mais me motivou.
22. Há quantos anos é que praticas às actividades que falaste há pouco?
Hã...olha o *Kayaksurf* é mesmo muito recente, atrevo-me a dizer que faço aí há dois três anos, dois anos, dois anos. O *Kitesurf* não...o *Kitesurf* faço para aí há sete anos.
23. Para ti, como classificarias o nível atingido, em termos de prática?
Sou um praticante intermédio, acho que sim.
24. De que formas caracterizarias o *Kayaksurf*? Em termos taxonómicos.
É um desporto que é praticado em meio aquático, o mar, precisa de ondas e portanto, é preciso uma embarcação. Hã...epah...associado à embarcação à um conjunto de equipamento de protecção do praticante. Mas basicamente é uma prática aquática, através de uma embarcação que é realizada no mar.

25. Como é que tudo começou?

Epah...olha, foi num festival, no *OceanSpirit*, que é um festival de desportos aquáticos, em que o *Kayaksurf* é uma delas e foi a primeira vez que eu tive contacto com aquilo. E despertou-me interesse, até porque, pah...achei aquilo muito interessante, e depois achei que aquilo era uma potencial modalidade para os alunos a quem eu presto formação. Então, insisti em ver como era aquilo, gostei, interessei-me por aquilo e comecei a explorar um pouco aquilo.

26. Em que fase da tua vida é que isso aconteceu?

Foi há relativamente pouco tempo, há dois, três anos, num passado mesmo muito recente.

27. Em termos de relacionamento com a actividade, consegues identificar diferentes etapas subjacentes a esta?

É assim, esta prática é muito recente, este passado...esta minha prática é uma prática muito recente, hã...e eu por acaso tenho esta particularidade, que é eu quando me envolvo numa actividade, acabo por fazê-lo de uma forma bastante intensa e já com as outras actividades que eu explorei também foi a mesma coisa. E com o *Kayaksurf* foi a mesma coisa. Portanto, a partir do momento em que eu descobri a modalidade, interessei-me por ela, comecei a fazer uma pesquisa, hã...pelo tipo de embarcações, pelas pessoas que praticavam, aqui na zona, onde seriam os *spots*, mais, mais indicados e comecei aos poucos a fazer. Assim que comecei a ter alguma autonomia, aí comecei a fazer de uma forma muito mais, muito mais intensa e potente.

28. Que aspectos, na tua vida diária, se alteraram em função da tua prática?

Epah...é o tempo, o tempo, estou dentro de água, não posso estar a fazer outras coisas. Tento conjugar a minha actividade profissional e pessoal, de modo a que, pah...quando existem boas condições meteorológicas e de mar para a prática, ainda ter esse tempo disponível para aquilo. Passaste pela fase do “agarrado” à prática? Completamente, eu acho que...pahh, não sei se isso acontece a todas as pessoas ou não, mas pelos vistos já vi que ti também deverá ter acontecido, mas efectivamente, já no *Kite* passava-se a mesma coisa, que era a necessidade de perceber quando é que iria estar vento, se eu iria ter tempo para poder ir e com o *Kayaksurf* foi exactamente a mesma coisa. Havia uma ansiedade muito grande...quer dizer, não muito grande, mas havia alguma ansiedade no dia-a-dia, de perceber se efectivamente as condições iriam estar boas...este tipo de actividades diferencia-se muito das restantes, precisamente pelo factor meteorológico, não é? Porque não é a mesma coisa quando tu vais jogar *Ping-Pong*, tens uma determinada instalação desportiva, e qualquer hora podes ir para lá e as condições são sempre as mesmas. Eventualmente a temperatura pode ser diferente, no Verão ou no Inverno, mas o espaço físico e as condições...pah, e neste tipo de actividades não, não é?

29. Consideras que estamos perante uma actividade de risco?

Eu considero que é uma actividade que tem um potencial risco. E esse risco está relacionado com que factores? Esse risco advém de várias coisas. Advém de questões de ordem técnica, da pessoa, há...advém de questões de ordem material, dos equipamentos utilizados, e advém das questões de ordem contextual, da prática. Portanto, estes três aspectos, na minha opinião, são determinantes. Portanto, o conhecimento técnico, a técnica do executante, as características dos materiais utilizados e as características dos locais de prática.

30. Geralmente este tipo de práticas está associado, no geral, à população masculina. Tu achas que este estereótipo deve-se a quê?

É um facto que cá em Portugal é nulo ou muito reduzido mesmo o número de pessoas do género feminino a praticar *Kayaksurf*. Mas no estrangeiro isso não acontece, nomeadamente em Inglaterra e França. Agora nós temos que nos posicionar, o *Kayaksurf*, em Portugal é uma actividade super, super recente. E o *Kayaksurf* surgiu um pouco da canoagem de rio. Rio, águas bravas e depois essas pessoas, de águas bravas, é que actualmente em Portugal, estão no *Kayaksurf*. O que é que acontece? Nós em Portugal, temos uma população de *Kayaksurf*, muito, muito velha, e portanto, não há espaço...ou melhor, neste momento não há espaço de formação para que possamos cativar pessoas jovens e de ambos os sexos. E eu acho que, e este aqui também foi um pressuposto, que eu agarrei quando percebi como seria o estado do *Kayaksurf* em Portugal, que era que efectivamente os alunos, que eu ajudo na formação deles, tenham esta estratégia, como, como uma potencial estratégia de trabalho e portanto foi um pouco nisso. Mas respondendo à tua questão. Eu acho, efectivamente eu estou de acordo com a tua afirmação, na medida em que a população masculina é a população dominante, ou mesmo quase única, cá em Portugal, agora, do que é que isso se deve? Eu acho que é um pouco esta situação. Este historial da evolução da canoagem, de rio, de águas bravas, e depois as pessoas já estarem, agora, um pouco saturadas disso, e se calhar experimentarem coisas novas. Se nós formos ver os praticantes que estão nos *rakings*, são...ou as pessoas que participam no circuito nacional, são maioritariamente velhas, e os novos que aparecem, alguns até são filhos de praticantes. Mas já se começa a ver formação nesta área. Coisa que há três anos não existia.

31. Certamente já passaste por momentos de ansiedade durante a prática de *kayaksurf*. De que forma isso alterou perante a mesma?

Pah, infelizmente não alterou, mas devia alterar ☺ porque, porque, ephah, já tive alguns percalços, em que as coisas na altura resolvem-se porque tipicamente aquilo que acontece no *Kayaksurf* é uma pessoa ficar de cabeça para baixo e não conseguir, não conseguir voltar à posição inicial. Há...portanto isto é uma situação que é dramática, porque não conseguimos respirar debaixo de água. Pah...e por várias vezes isso já me aconteceu e que eu não me estava a conseguir voltar à posição inicial e uma das vezes, quando me estava a *ejectar*, uma das partes do equipamento do barco partiu-

se, então não me estava mesmo a conseguir *ejectar* daquilo, e portanto foi uma situação mais ou menos traumática, que depois passou e consegui ultrapassar, não me marcou mas ajudou-me, de alguma forma, no futuro a ter um pouco mais de, pah...de atenção ao estado de conservação do equipamento.

32. Em função do nosso stress diário, este tipo de práticas, são de alguma forma um escape a esta realidade. Alguns autores referem que situações de stress, durante a prática, ajudam a ultrapassar alguns dos problemas causados por esta conjuntura. Concordas com isto?

Sim, sim concordo. Acho que são coisas completamente diferentes, hã...nós quando estamos no nosso dia-a-dia, temos o stress porque queremos o nosso espaço para...pah, para de alguma forma libertarmos energias ou pensamentos, o que quer que seja. No entanto quando estamos na actividade também há o stress, de querer agarrar uma boa onda, há o stress de estarem mais pessoas no local de prática e ter de haver ali uma sintonia de, de...pah de viver ali assim um conjunto, e portanto há *stress's* que existem num sítio e existem noutro. Eu acho que sim.

33. De que forma ao passares pelos momentos de ansiedade, referidos anteriormente, na tua prática, te ajudam em termos de auto-domínio, ultrapassando situações menos agradáveis, na tua vida diária?

Eu acho...repara, uma pessoa vai-se conhecendo no decorrer da vida, não é? E basicamente, aquilo que vai acontecendo, é que uma pessoa começa por ter formas próprias de gerir a vida, e a própria autonomia da pessoa, também começa de alguma forma a dar a autoconfiança para gerir aquelas situações que possam ir surgindo.

34. Que razões te levam a manter este tipo de prática?

Então olha...uma delas, eu já disse, que é relativamente a uma potencial forma de poder transmitir o conhecimento que vou adquirindo aos meus alunos, para eles, de alguma forma, poderem utilizar como meio profissional. Outro aspecto é porque eu gosto muito do meu aquático. Acho que é um meio de prática, com características muito particulares, e gosto imenso. Pah...gosto pela emoção que provoca em mim, pelos desafios, que constantemente aquele meio de prática provoca, porque é muito instável, o mar é muito instável, por isso há ali um conjunto de instabilidade que é muito bom e que se torna um desafio constante e eu acho que é por causa disso, porque estamos sempre à procura de uma onda melhor, não só a onda, mas também que o nosso desempenho técnico, também seja cada vez melhor, nessa mesma onda. Eu penso que é o conjunto de isso tudo.

35. Estas práticas ou actividades condicionaram o rumo da tua vida?

Não, não condicionaram, agora, influenciaram. Influenciaram, na medida em que eu no meu meio profissional optei, a uma determinada altura, optei por me desvincular, mais daquilo que seria o meio terrestre, entre aspas, ou o meio de montanha, e comecei a apostar mais no meio aquático, precisamente devido ao gosto que eu tenho por aquele contexto.

36. Que razões te levam a procurar novas metas, novas situações?

Eu acho que...eu pessoalmente tenho consciência dos meus limites e das minhas capacidades. E eu efectivamente gosto de experimentar um pouco de tudo, o caso da escalada foi um deles, também cheguei a fazer, mas sei que para evoluir, para evoluir, chega a um determinado patamar, que para evoluir para além desse patamar, é preciso, muito, muito trabalho e então aconteceu o mesmo que no *Kitesurf*. Quer dizer, no *kite*, também comecei por fazer a prática, evolui até um certo ponto e depois, quer dizer...deixei-me estagnar e parti para outra coisa, porque uma das coisas que eu gosto muito de fazer, não é somente fazer um tipo de prática, mas vários tipos de prática. E isso também me dá uma bagagem e um traquejo bastante interessante, e eu aprecio em mim mesmo isso.

37. Falaste há pouco de uma preparação específica para atingir novas metas. Achas que este tipo de actividades exige algum tipo de preparação específica?

Acho, estamos a falar concretamente do *Kayaksurf*!? E acho, há ali questões de ordem pedagógica que devem ser administradas ou através de uma acção de formação, ou através de um *workshop*. Agora devem ser enquadradas por técnicos, por treinadores, por professores que tenham esse conhecimento. E se formos para outras modalidades, não queria estar a transportar isto muito para o *Kitesurf*, mas o *Kitesurf*, é efectivamente uma daquelas modalidades, em que um regime de autodidacta não funciona, resulta num acidente de certeza absoluta. E eu acho que as modalidades que estão associadas a meios de grande instabilidade como é o meio aquático, eu acho, no meu entendimento, devem ser sempre bem enquadradas por técnicos, por professores, ou por pessoas que tenham conhecimento técnico, relativamente a essa modalidade.

38. Falaste há pouco da evolução do *kayaksurf* a partir da canoagem de águas bravas. Consideras esta evolução benéfica, para este tipo de práticas?

São modalidades que vão surgindo a partir de outras modalidades. Pah...como tem acontecido com dezenas e dezenas de modalidades, sei lá...hã, sei lá...é criado um qualquer desporto com bola e a partir desse desporto surge o Voleibol, o Andebol, e outra coisa qualquer e com o *Kayaksurf*, aconteceu a mesma coisa. Efectivamente, o tronco comum foi a canoagem, pah...depois evoluiu para as *águas bravas*, para os *rodeos*, para o *Kayaksurf*, para o *Waveski*, para o *Stand-up Paddle*, epah...as coisas começam a evoluir. Agora sinceramente, não é que eu enquadre isso com bons olhos ou maus olhos, é a evolução.

39. Em termos técnicos, valorizas a técnica para a obtenção de bons resultados?

O equipamento é bom, claro que sim, mas a técnica, a aprendizagem, o conhecimento técnico, é o fundamental.

40. Em termos de evolução tecnológica. Geralmente a evolução de uma prática, anda a par com este tipo de cenário. O *Kayaksurf*, também sofreu esta evolução tecnológica?

Sim, ao nível dos próprios materiais. No passado eram feitos *kayaks* em plástico, em fibra, actualmente eles são feitos em carbono, *kévlar*, materiais altamente sofisticados.

41. De que formas tentas contornar toda a imprevisibilidade do meio?

Portanto, há sempre um trabalho de casa, que é uma pessoa ir ver aos vastos meios de informação, como é que serão as condições meteorológicas e de mar. Isso é uma situação e isso também se traduz um pouco naqueles três aspectos que já referi e que considere de destaque. Portanto a consulta de informação sobre o local de prática e as condições de prática, são determinantes. Epah...o outro aspecto, é o equipamento de protecção individual do próprio praticante, desde a embarcação, como também outro material, como o colete, como o capacete, como a pagaia, como o estado de conservação do barco, há...os flutuadores da embarcação. Portanto, isso aí são meios...isso aí eu posso controlar e eu devo-me assegurar de que eles estão em boas condições. Agora, epah...os outros são aqueles que eu não posso controlar, tento verificar como é que eles vão estar, de modo a verificar se o meu nível se adequa àquelas condições que eu penso vir a encontrar. Agora obviamente que uma onda mais complicada, pode vir a deitar tudo por água abaixo, mas pelo menos as condições em que eu tenho directa influência, essas variáveis eu consigo controlar e tenho atenção a elas.

42. Dadas as variáveis não controláveis, tu achas que estamos perante um confronto entre o homem e a natureza?

☺ Epah...depende daquilo que são as tuas ambições. Nós ainda ontem vimos o Mcnamara, o tipo sempre ali...o tipo quer é fazer ondas enormes, enormes, epah, é o desafio dele, ele se calhar vê aquilo dele como um grande confronto. Eu, aquilo que eu vejo quando vou para dentro de água, é que eu quero estar a usufruir, eu quero estar a...quero estar mesmo a usufruir daquilo que estou a viver naquele momento e não vejo aquilo como um confronto, até pelo contrário. Pelo contrário...mesmo como uma fusão, uma simbiose, de aquilo que nós somos e daquilo que a natureza nos oferece, neste caso o mar.

43. Em termos de acidentes, como encaras a possibilidade de ocorrência de um acidente?

Pah...eu penso em determinados momentos. Em determinados momentos, normalmente, neste caso, nós estamos a fazer uma reflexão sobre o assunto. Efectivamente há uma reflexão sobre isso. Na prática do dia-a-dia, eu depois de *checkar* aquilo que são as minhas, as minhas capacidades de intervenção no processo, nomeadamente na questão dos equipamentos, eu consigo de alguma forma abstrair-me um pouco dessa pressão dos acidentes. Mas obviamente, quando vejo o mar a crescer, que aquilo me assusta e que não vou a todas, não é? Há...mas não é uma obsessão. Agora efectivamente, naquilo que eu tenha influência directa, pah...penso, faço uma reflexão em determinados períodos, mas não tomo isso como uma obsessão, digamos

assim. Agora penso que eles podem existir e tento fazer, tudo aquilo que esteja ao meu alcance, para que eles não aconteçam.

44. Não me parece que o *kayaksurf* seja uma actividade de risco extremo, corrige-me se estiver enganado, onde um erro poderá custar a vida ao seu praticante. Ou achas que situações extremas, vivenciadas, neste tipo de prática poderão levar à ocorrência de um acidente grave?

Eu acho que...raramente os acidentes, os acidentes raramente resultam somente de um erro, mas sim da conjugação de várias situações que nós não controlámos ou não pensámos nelas. Epah...sinceramente, eu acho que não.

45. Pensas que a morte é algo subjacente à tua prática?

Epah...não, não penso que esteja subjacente. Mas que pode acontecer pode...agora, não implica que eu pelo tipo de prática que tenho, que isso possa vir a acontecer é uma hipótese, é verdade, mas não vejo que isso seja assim colocado dessa forma tão linear, que uma coisa esteja ligada à outra. Mas não quer isto dizer que isso não possa acontecer.

46. Falando em transcendência, acreditas em algo durante a tua prática?

Opah, eu acho que, a gente, às vezes nos encostamos um pouco a isso para nos sentirmos de alguma forma um pouco mais, mais seguros. Eu próprio, quando tive aqueles meus percalços, hã...epah...aquilo passou-se, olha, não tinha que acontecer, alguma coisa me ajudou e tudo se passou. Epah...Confesso que eu não tenho assim grande...eu quando lá estou, estou sempre a curtir a minha, é isso que me dá prazer, e...às vezes, quando estou tipo a desfrutar um “granda” pôr-do-sol, acredito que até existe qualquer coisa, por que aquilo...estou a ser brindado com uma coisa tão boa, pahhh. Mas agora numa situação de maior percalço, nós às vezes até queremos acreditar que sim, acho eu. Em situações de fragilidade, acho que isso muitas vezes acontece.

47. De que forma é que esta prática condicionou a tua relação com os teus pares, dentro da modalidade, e fora deste âmbito, com todos os outros que te rodeiam?

Ok...relativamente a um conjunto de pessoas, conheci montes de gente. Actualmente tenho grandes amigos, que conheci, fruto desta situação. Agora relativamente ao resto. Dentro de água, obviamente nós temos ali um conjunto de diferentes tribos dentro de água, está tribo do *Surf*, está a tribo do *Kayaksurf*, do *Wave*, do *Windsurf*, e às vezes é difícil gerir tanta coisa, há conflitos, e tu sabes, e eles por vezes existem. Eu pessoalmente tenho uma filosofia muito pacífica relativamente a isso. Hã...raramente me chateio com esse tipo de situações, já me chateie e já fiquei bastante transtornado com isso, mas raramente me conseguem chatear, porque a minha filosofia é estar a usufruir daquilo. Agora relativamente às outras pessoas que não têm o mesmo tipo de prática que eu, eu também gosto de fazer outras coisas, não faço só o *Kayaksurf*, faço também outras coisas, e gosto de ser respeitado em tudo aquilo que faço, por isso respeito os outros, por isso não tenho qualquer desatino com ninguém.

48. Que tipo de valores é que achas que a tua prática possui e que transmite cá para fora?
Epah...não sei. Epah, a amizade é sempre um valor que eu posso identificar, a ajuda, a solidariedade, há...opah...também um pouco de competição, pah, mas confesso que nunca pensei assim muito a fundo sobre esse tipo de situação.
49. Existe algum tipo de práticas, dentro deste contexto, nomeadamente dentro do deslize em onda, associadas, historicamente ao consumo de substâncias ilícitas. Tu tiveste algum tipo de comportamentos desta ordem, durante a tua adolescência? Motivada por este tipo de práticas?
Epah...olha ó Ricardo, não sei...eu realmente tenho um passado que apesar de não ser elevado ao nível de técnica ou de competição ou de outra coisa qualquer, ao nível de prática, tenho um passado muito vasto. E eu efectivamente tive oportunidade de experimentar algumas das modalidades como tu referiste, como o *ski*, o *snowboard*, o *windsurf*, e mesmo até com o *surf*, pah...e o sentimento que eu tenho em todas elas, é de um prazer muito grande, agora, obviamente que eu acabei por me descair mais, nesta fase, para a água, mas o sentimento é um sentimento de satisfação, pessoal, percebes?
50. Concordas com a associação de consumos de drogas a algumas das práticas actuais?
Pah...eu acho que isso acontece em todas as modalidade, e...em todas as modalidade existe pessoal, com esse tipo de comportamento mais desviante. Agora fazer disso uma bandeira? Eu acho que não é correcto. Agora que eles existem...existem, agora eu acho que é incorrecto colocar o rótulo de, pessoal do *Skate* é pessoal da droga, e outra coisa qualquer. A não ser que a gente vá para uma modalidade como o golfe, em que a aparência da pessoa nos leva a crer que tudo é um mar de rosas e se calhar também não é.
51. Concordas com a rentabilização de espaço públicos, urbanos, pré-definidos, para levar a cabo a sua prática de lazer?
Sem dúvida, completamente. Achas que há razões para que a sociedade veja isso como comportamentos transgressores? Se ela a vê como uma forma de estar, e pelo aspecto negativo...isso aí eu censuro completamente. Há...nós como profissionais do desporto, aquilo que nós pretendemos, é promover a prática desportiva, tal e qual, como os médicos, aquilo que pretendem promover é a ausência da doença. Epah...e eu acho que tudo aquilo que for feito por parte, de autarcas, de clubes, que vise, a colocação de instalações desportivas no meio urbano, sejam elas de que ordem for, sou 100% de acordo.
52. A tua actividade, naturalmente, está associada à natureza. Que condições é que este espaço te oferece para desenvolveres a tua prática?
É assim, a natureza é provavelmente o ginásio mais belo que nós podemos ter. E nessa ordem de ideias, pah...uma pessoa ter, fazer desporto na praia,

na água, na montanha, ou noutra sítio qualquer, acho que é simplesmente fantástico.

53. Que sensações é que te são transmitidas durante a prática?

Epah...eu já falei em algumas delas. Mas, a satisfação pessoal, epah...é uma satisfação muita grande. Consegues te abstrair de tudo aquilo que está à tua volta? Em determinados momentos consigo, completamente. E sobretudo, quando estou com amigos e começo a perceber que começa ali a haver uma relação de...pah, estamos a adorar esta cena, completamente, nem é pela qualidade das ondas. Às vezes, é pah...tipo, estou na água e está um ambiente completamente fantástico, não sou capaz, de ficar indiferente àquilo, e muitas das vezes até nem estou em grande situação de prática, mas estou a adorar o ambiente...pah...é uma satisfação brutal.

54. Já te aconteceu estares dentro de água e perderes completamente a noção de tempo?

Epah...completamente noção do tempo não, mas...estar dentro de água e, opah...e adorar aquilo ao máximo e...e deixar-me ficar, isso já. Mas perder a completa noção do tempo, não porque, uma pessoa sabe que invariavelmente o sol tem que se pôr e quando isso acontece, nós percebemos que estamos ali há tempo demais.

55. Estamos a falar de uma prática com características individuais. Isso influenciou a escolha deste tipo de prática?

Pah...aquilo que eu acho é o seguinte, efectivamente o facto de ser individual dá-me alguma autonomia, relativamente àquelas questões que nós falámos à pouco, a questão da organização da nossa vida pessoal e profissional e depois podermos realizar esta prática desportiva. Pah...no entanto, para mim também se torna determinante, que eu quando vou fazer *Kayaksurf*, que tenhas as pessoas que são da minha confiança e da minha amizade, a fazer aquilo que eu faço. Nessa ordem de ideias, quase que vejo aquilo como uma actividade colectiva, mas só nesse sentido.

56. Consegues identificar traços típicos de pessoas que praticam o *Kayaksurf*, ou nem por isso?

Opah...eu acho que as pessoas que fazem *Kayaksurf*, são pessoas que têm que ter algum autocontrolo, na minha opinião, isto aqui é uma coisa completamente empírica, mas são pessoas que têm que ter alguma autoconfiança e têm que ser um pouco destemidas para dar um pouco o passo em frente. Não é que tenham que ser malucas, nem doidas, mas tem que ser um pouco destemidas, porque, senão, não entram naquele jogo.

57. Achas que existe alguma cultura subjacente a este tipo de prática?

Acredito que sim. Consegues identificar esses sinais? Aquilo que eu acho, é que à semelhança daquilo que se passa à semelhança com o pessoal, do *Surf*, relativamente àquele domínio territorial, eu acho que isso também se passa um pouco no *Kayaksurf*. Lamentavelmente na minha opinião, mas acho que se passa, acho que não é generalizado, como também no *surf*, apesar de haver *spots*, que são mais de uns do que de outros.

58. Sentes que pertences a uma espécie tribo com códigos, estilos de vida própria, linguagem própria, ou nem por isso?

Repara...de alguma forma acho que sim. Estou colocado numa modalidade em que a linguagem, é uma linguagem...uma pessoa para se fazer entender tem que utilizar a linguagem que é utilizada por todos, os equipamentos também, portanto os locais também, o próprio mercado associado àquela prática, também, por vezes até o próprio vestuário, pahh...acho que sim, não de uma forma obsessiva, mas acho que acabo...eu dou por mim, por exemplo, quando estou no *Kayaksurf*, tenho um determinado tipo de comportamento e de linguagem com os meus pares, e quando estou no *Kitesurf*, tenho outro tipo de conduta e portanto isso efectivamente ajuda-me a perceber um pouco que realmente, cada modalidade tem...são específicas, têm as suas características.

59. Como encaras a possibilidade de ocorrência de um acidente fatal?

A questão que colocas é de difícil resposta. Na minha opinião acho que praticamente todos os desportos ou modalidades aportam essa responsabilidade.

A partir do momento que não se cumprem regras básicas de segurança...Por isso sim, acho que sim.

60. Tens algum tipo de seguro? Pergunto isto por um lado porque as seguradoras “fogem” deste tipo de actividades e por outro porque não deixa de ser um contra-senso, brincar com a vida e ao mesmo tempo assegurar-la.

Sim, tenho seguro que abrange um vasto número de modalidades.

61. Como enquadrarias a tua relação com a prática? Hobby/Lazer, competição... Porquê?

Lazer sem dúvida. Somente pretendo fazer duas coisas que adoro, desporto e descontrair num ambiente que adoro que é a água.

62. Tens alguma referência, ano nível do Kayaksurf, que te sirva de "modelo" na tua prática?

Sim...Claro que tenho pessoas que adoro ver surfar como referencia de admiração.

Hugo Carvalho

1. Qual é a tua idade?

25.

2. Qual é a tua nacionalidade?

Portuguesa.

3. És natural de onde?

Caldas da Rainha.

4. Qual é que é a tua situação conjugal?

- Solteiro.
5. Onde é que resides?
Caldas da Rainha.
6. Com quem é que vives?
Sozinho.
7. Em que tipo de alojamento é que resides (apartamento/moradia...)?
Apartamento.
8. Qual é a sua dimensão (t0, t1, t2...)?
É um t2.
9. Casa própria ou alugada?
Alugada.
10. Qual é que é a tua formação académica?
Tenho o 9º ano.
11. Tens conhecimento acerca do volume de rendimento mensal do teu agregado familiar (até 1000€; 1000€ a 2000€; 2000€ a 3000€; 3000€ a 4000€; ...)?
Até 1000€.
12. Como é que te enquadraria em termos de estatuto social? Classe baixa, classe média-baixa, classe média...
Classe média-baixa.
13. Qual é a tua profissão?
Trabalho numa loja de artigos de desporto, sou vendedor.
14. És efectivo?
Sim.
15. Há quantos anos é que exerces esta profissão?
Cerca de 4 anos.
16. Antes de exercer esta profissão, já tiveste outras?
Apenas trabalhos temporários.
17. Qual é que era/é a profissão dos teus pais?
Ceramistas.
18. Durante o teu processo de crescimento, alguém te influenciou a praticar desporto?
Sempre fiz desporto, é claro que as amizades influenciam sempre.
19. Ainda te lembra de todas as práticas, com maior expressão na sua vida, até à data?
Quando andava na secundária pratiquei *Futebol* e *Ginástica*, aos 13 anos comecei a praticar *Skate* e agora é o que levo mais a sério.
20. De que forma é que estas actividades influenciaram a tua prática actual?
Sinceramente acho que ambas não estão muito relacionadas com aquilo que faço actualmente...na altura quando comecei vi a malta a fazer, decidi experimentar e até aos dias de hoje, nunca mais deixei de fazer *Skate*.
21. Relativamente ao *Skate*, consegues dizer-me o nível atingido, dentro desta prática
De momento em Portugal sou atleta profissional desta modalidade, se bem que no resto da Europa e na América, o nível é muito maior...existe atletas a

viver somente deste tipo de coisas, pagos por marcas, com apoios de federações...em Portugal, nesse aspecto o apoio é bastante escasso.

22. De que forma é que caracterizas o *Skate*?

É um desporto urbano, criativo, individual, posso dizer que um estilo de vida...com locais bastante próprios para desenvolvermos aquilo que gostamos.

23. Como é que tudo começou realmente?

Tinha 13 anos e tinha vários amigos que já andavam de *Skate*, decidi comprar um também e aí surgiu o gosto por esta modalidade.

24. Em que fase da tua vida é que isto aconteceu? Foi a partir deste momento que o *Skate* faz parte integrante da sua vida?

Numa fase em que as amizades e companhias são bastante importantes para o nosso futuro...estava ali no início da adolescência...puberdade ☺

25. Que outras práticas tiveste antes e depois desta fase?

Aquelas que falei há pouco... nunca mais experimentei outro tipo de coisas.

26. Consideras isto uma actividade de risco? Porquê?

Considero, porque eu próprio já me lesionei bastantes vezes...senão tivermos cuidado nos espaços onde andamos, com as pessoas que estão nesses espaços, podemos ter problemas desse tipo...felizmente já existem meios para que esses acidentes não sejam tão graves assim, desde que os utilizemos podemos minimizar as suas consequências.

27. Nós geralmente associamos este tipo de práticas, aos homens e raramente vemos pessoas do género feminino a praticarem este tipo de actividades. Qual é a tua opinião acerca disto?

Acho que isso acontece mais em Portugal, já existem várias raparigas a praticar *Skate* em e eu acho isso bastante positivo...a modalidade tem que evoluir e esse é um dos pontos onde ela pode evoluir.

28. Certamente já tiveste algumas situações de ansiedade. De que forma é que essas alteraram a tua forma de estar perante a prática?

Qualquer desporto serve para relaxarmos e esquecermos tudo o resto, se bem que a nível competitivo a ansiedade é sempre maior, mas tento sempre estar focado apenas no que estou a fazer.

29. Existem autores que defendem que essas situações de ansiedade são benéficas para combater o stress diário, onde um autor utiliza a expressão de *stress contra stress*, para caracterizar esta relação. Qual é a tua opinião? Achas que faz sentido?

Acho que faz todo o sentido, até porque quando estou stressado é quando me apetece mais andar de skate...necessito disso para descontraír, para me abstrair dos meus problemas e daquilo que me rodeia, entro noutra mundo, onde só interessa aquilo que faço.

30. Que motivos te levam a manter este tipo de práticas?

O principal é mesmo o gosto pessoal que tenho por este desporto... por tudo aquilo que me dá...como te disse pela descontraicção que ele me proporciona...há...pelo estilo de vida que levo, mais descontraído...para

competir, também gosto de competir, estar com os meus amigos...essas coisas.

31. Este tipo de práticas condicionou a tua vida?

Não, é mais o inverso...a minha vida é que condicionou o meu desejo em praticar *Skate*. Em função dos meus tempos livres...na loja e com as minhas obrigações...é que vejo se tenho possibilidade de praticar *Skate*...depois tenho a sorte de trabalhar em frente a um *skatepark*.

32. Tens dividendos económicos deste tipo de práticas?

Não...infelizmente não ☺

33. Em termos de metas. Geralmente as pessoas envolvidas neste tipo de práticas, procura novas metas, novas sensações, isto também certamente lhe aconteceu. Que razões o motivaram e motivam a procurar novos objectivos?

É uma luta bastante pessoal para atingir o nível máximo...caso contrário não passas daquilo...não é o desejável...queremos saber quais é que são os nossos limites e a partir daí traçar novos e ultrapassá-los.

34. Este tipo de actividades requer algum tipo de preparação específica?

Nem por isso, se bem que andar no ginásio pode ajudar bastante...a malta tem é que ir para o *skatepark* ou outro local qualquer e andar...andar...sem isso não somos capazes de melhorar e atingir as metas de que falei.

35. Foi certamente uma actividade que evoluiu ao longo dos anos. Como encara esta evolução?

É bom ver que esta modalidade acompanha a evolução, só assim os atletas podem evoluir também...depois os matérias ao longos dos anos também tem melhorado e isso tem permitido, claro, que nos também melhoraremos.

36. Falando agora da parte técnica, valoriza a técnica como meio para a obtenção de melhores resultados?

Opah...é fundamental...caso contrário não passas daquele nível em que andas somente sobre a *tábua*...para fazeres todo o resto...ainda por cima no *Skate* onde tudo é tão rápido, tens que desenvolver esse ponto.

37. Em termos de segurança, que factores deves controlar para que não ocorra um acidente?

Devemos ter a noção do nosso nível e não arriscar em manobras cujo a base ainda não está firme, devemos acima de tudo estar seguros de nós próprios...e claro utilizar nesses momentos capacete...entre outras coisas.

38. Existe algo contra o qual “lutas” durante a prática de *skate*?

Geralmente luto contra mim mesmo...não sou apologista de *agora quero ser melhor do que aquele*...isso para mim não existe...sou eu e pronto.

39. Passa-te pela cabeça, a possibilidade de ocorrência de um acidente durante a prática?

Tento sempre não pensar nisso. Penso mais quando não consigo fazer o que quero...e estou ali a arriscar manobras que ainda não domino...aí sim, começo a bloquear.

40. Eu encontrei alguns autores que enquadram este tipo de práticas, como desportos ou actividades extremas, em que do decorrer das mesmas, um erro

- custaria a vida aos seus praticantes. Enquadra o *Skate* neste paradigma? Porquê?
- Isso só depende do nível de *Skate* que se fala, mas sim enquadrado!... existe malta a fazer coisas muito arriscada nestas coisas, mas...numa onda mais *soft* não é tão perigoso assim...mas esse tipo de coisas é raro.
41. Essa percepção de morte condiciona a sua prestação durante a prática?
Algumas vezes sim...e isso não me permite fazer muitas mais coisas.
42. Acreditas em algo durante a prática? Isto em termos de transcendência. Porquê?
Não...nunca acreditei nesse tipo de coisas...
43. De que forma é que este tipo de actividades alterou as relações com aqueles que te rodeiam?
Alterou mais na medida em que este desporto ainda é bastante discriminado pela sociedade portuguesa...somos olhados com vândalos, que não têm objectivos de vida...que andamos para aí a estragar coisas...somos em parte muito discriminados por termos este tipo de modalidade...talvez seja pela roupa...pela nossa rebeldia...não sei...e isso influencia as minhas relações com as outras pessoas fora deste meio. No *Skate*...tass bem, não tenho qualquer tipo de problema dessa ordem, está tudo para o mesmo nestes espaços.
44. Que tipo de valores é que achas que a tua actividade transmite?
Olha...as coisas que falei há pouco...rebeldia, descontração, um estilo de vida bastante próprio...gosto por um espaço aberto, companheirismo, não ligar muito aqueles que estão de fora...confesso que pelo estilo que temos também poderá provocar um pouco, mas não é essa intenção...nós estamos na nossa.
45. Muitas das vezes associamos este tipo de práticas radicais a consumos de substância ilegais, nomeadamente consumo de droga. Esta associação é justificada por estados idênticos de euforia experienciados numa e noutra situação. Tiveste algum tipo de comportamentos desta natureza? Concordas com a associação?
Não...e não concordo com a associação. Esse tipo de coisas existe no *Skate*, como existe noutras modalidades quaisquer...tudo depende daquilo que desejas e dos teus objectivos. Mas certamente não é a mesma coisa andar de *Skate ganzado* e andar de *Skate* fora desse estado...é que não consegues tirar partido daquilo que estás a fazer ali...mas sim...no *Skate* existe esse tipo de comportamentos...já vi.
46. Achas viável a rentabilização de espaços não normativos? Alguns consideram esta forma de estar como marginal e transgressora Porquê?
Por exemplo andar em frente ao tribunal ou na Câmara? Sim. Epah...desde que dê para andar e fazer qualquer coisa e óbvio que sim...eu próprio já andei nesses espaços...agora é natural que quando a polícia aparece...em princípio porque alguém os chamou, acho mal...desde que não estejamos a incomodar ou a danificar as coisas...não vejo problema...agora quando

- aparece alguém para chatear sem razão aparente, ainda me dá mais gozo andar ali.
47. Que condições é que uma cidade te oferece para a prática de *Skate*?
Em Portugal, qualquer cidade não tem condições para a prática de *Skate*, o melhor é mesmo os parques destinados para tal... aí podes andar à vontade sem problemas... noutros países da Europa isso é possível, existem muitos *Skaters* a rentabilizarem espaços e edifícios urbanos para andarem... é diferente... culturas diferentes, formas de estar diferentes.
48. Que sensações te são transmitidas durante a prática?
Alegria, bem-estar, por vezes dor e frustração.
49. É possível a ocorrência de perda de consciência em termos temporais!? Já te aconteceu perder completa noção do tempo?
Claro que é possível e já me aconteceu... quando dou por ela já é meia noite e a malta continua a andar ☺ tudo depende daquilo que andas a fazer e com quem o andas a fazer... é fixe quando isso acontece.
50. Existe algum traço característico, de alguém que pratica regularmente *skate*?
Na forma de estar perante a vida sim, mas existem *skaters* de todos os estilos, religiões, cor... no geral são tudo pessoas diferentes, o que têm em comum é o desporto que praticam. É claro que visionam os meios urbanos de uma maneira bem diferente do comum das pessoas... mas olhas para um *skater* e consegues identificá-lo... anda com a sua tábua, calças justas... roupa larga... uma coisa mais *underground*... depois, geralmente estamos todos nos mesmos locais... que permitam andar.
51. Considera que existe algum tipo de cultura associado a este tipo de prática?
Não... não vejo isso nesse prisma... temos uma maneira própria de ver as coisas, só isso.
52. Sente que pertences a alguma espécie de tribo com códigos, linguagem e estilos de vida próprios?
Não... sou eu e mais nada... felizmente tenho amigos e conhecidos que partilham os meus gostos.
53. Consegues identificar-me diferentes fases de relacionamento com a prática?
Pah... começo a fazer *Skate* aos 13 anos, como te disse... entretanto, motivado pelos meus amigos, começo a passar mais tempo a andar, a coisa foi evoluindo, sacar umas manobras, aprofundar a coisa e hoje em dia tenho a possibilidade de participar em algumas etapas do campeonato nacional.
54. Estamos perante uma modalidade que se enquadra num ideal de desporto individual. Tens a mesma opinião?
Não... os meus amigos representam o grande motivo para fazer *Skate*. Não gosto de andar sozinho, apesar de achar que é individual, sou da opinião que sem pessoal a acompanhar-te o *Skate* não é a mesma coisa.
55. Tens algum seguro de saúde/vida?
Não, nada.

56. Na primeira parte da entrevista fazes referência ao teu nível, tendo em conta os seguintes intervalos: iniciante, intermédio e experiente, como te enquadrarias em termos de nível?

Como disse, sou atleta profissional, por isso, penso que posso afirmar que sou experiente.

José Tavares

1. Qual é a sua idade?
43.
2. Qual é a tua nacionalidade?
Portuguesa.
3. É natural de onde?
Lisboa.
4. Qual é que é a sua situação conjugal?
Separado.
5. Onde é que reside?
Granada, Espanha.
6. Com quem é que vive?
Só.
7. Em que tipo de alojamento é que vocês reside (apartamento/moradia...)?
Apartamento.
8. Qual é a sua dimensão (t0, t1, t2...)?
T0.
9. Casa própria ou alugada?
Alugada.
10. Qual é que é a sua formação académica?
Licenciado gestão de empresas.
11. Tem conhecimento acerca do volume de rendimento mensal do seu agregado familiar (até 1000€; 1000€ a 2000€; 2000€ a 3000€; 3000€ a 4000€; ...)
1000 a 2000.
12. Como é que se enquadraria em termos de estatuto social? Classe baixa, classe média-baixa, classe média...
Baixa.
13. Qual é a sua profissão?
Professor de *Ski*.
14. É efectivo?
Efectivo-temporal.
15. Há quantos anos é que exerce esta profissão?
6 anos.
16. Antes de exercer esta profissão, já exerceu outras?

Sim. Responsável de departamento de grupos e incentivos em agência de viagens, consultor de desenvolvimento organizacional e gerente de empresa de turismo activo, estas terão sido as mais recentes e duradouras.

17. Qual é que era a profissão dos seus pais?

Tradutora e gestor comercial.

18. Durante o seu processo de crescimento, alguém o influenciou a praticar desporto?

O meu pai...o meu pai fez-me sócio do Sporting aos meus 3 anos, inscreveu-me no judo ainda na infância e apoiou-me no Voleibol na adolescência. Pratiquei Voleibol uns 5 ou 6 anos. O meu pai foi campeão nacional de Voleibol pelo Sporting, na sua juventude...mas não teve nenhuma influência no meu gosto pelos desportos de "aventura", que nem existiam no tempo dele.

19. Ainda se lembra de todas as práticas, com maior expressão na sua vida, até à data?

Comecei com *Judo* em criança; estive várias temporadas na *Natação*; o que pratiquei durante mais tempo em clubes foi o *Voleibol*, dos 15 aos 20, muito *Futebol* aos fins-de-semana; depois passei a desportos individuais: corridas de estrada, Montanhismo e triatlos, corridas de aventura.

20. De que forma é que estas actividades influenciaram a sua prática actual?

Inculcando-me disciplina e criando a necessidade de acção física.

21. Relativamente ao Alpinismo, consegue dizer-me o nível atingido, dentro desta prática?

O Alpinismo é uma actividade sobretudo individual, fora dos circuitos competitivos e de clubes. Não há medalhas, não há níveis pré-estabelecidos. Posso considerar o nível atingido como de 'experiente', se comparando com outros praticantes, mas mesmo assim num nível muito inferior a outros especialistas de vertentes específicas da modalidade.

22. De que forma é que caracteriza o *Alpinismo*?

Uma actividade de procura de sensações pessoais.

23. Como é que tudo começou realmente?

Tudo começou com a canoagem e o contacto com a natureza. Desenvolveu-se na Alemanha, em 1992, durante um curso de pós-graduação, ao contactar com várias modalidades, bicicleta montanha, rafting...e com a subida ao Toubkal, de 4.100m, em Marrocos. Vi fotografias e reportagens sobre o assunto.

24. Em que fase da sua vida é que isto aconteceu? Foi a partir deste momento que o *Alpinismo* faz parte integrante da sua vida?

Foi uma fase de mudança geográfica e de organização profissional, temporada em que vivi na Alemanha. A partir daí consolidou-se o meu interesse.

25. Que outras práticas desenvolveu antes e depois desta fase?

Já respondido...está atrás.

26. Considera isto uma actividade de risco? Porquê?

Um risco relativo porque depende da forma como encaramos/praticamos a actividade. Evidentemente a exposição a factores incontrolláveis, meteorologia, altitude...as distâncias percorridas ou a falta de preparação incrementam esse risco. No entanto considero muito mais arriscado actividades desportivas como as corridas de motos ou de *Ski*.

27. Nós geralmente associamos este tipo de práticas, aos homens e raramente vemos pessoas do género feminino a praticarem este tipo de actividades. Qual é a sua opinião acerca disto?

A mulher, em geral, não está disposta a viver momentos de desconforto como o homem.

28. Certamente já passou por algumas situações de ansiedade. De que forma é que essas alterações alteraram a sua forma de estar perante a prática?

Respondo com a frase de Prochnow: “As boas decisões vêm da experiência e a experiência vem das más decisões”.

29. Existem autores que essas situações de ansiedade são benéficas para combater o stress diário, onde um autor utiliza a expressão de *stress contra stress*, para caracterizar esta relação. Qual é a sua opinião? Acha que faz sentido?

Faz sentido, embora possam ser diferentes tipos de stress, o psicológico da cidade, contra o físico do campo. Aconselho a leitura do meu blog <http://aventuraaomaximo.blogspot.com>, de 30.04.10, sobre ‘Ambientes monótonos para escapar...da monotonia?!’, uma passagem do meu livro ‘Os novos exploradores e a aventura dos sentidos’, que cita Geiger: “o homem procura constantemente novos estímulos em novos ambientes, que podem ser perigosos e criar stress, para contornar a monotonia, da vida urbana e que pode incluir o stress”.

30. Que motivos o levam a manter este tipo de práticas?

Respondo citando Tiago Alves, ao reflectir sobre o “Porquê viajar?”: “A questão mais frequente e no entanto a mais difícil de responder (...) Há milhões de razões que eu podia apresentar para justificar o porquê detrás do meu estilo de vida corrente (de viajante). Um sentimento de inquietação cada vez que a vida se torna demasiado confortável, uma curiosidade pelo novo e pelo desconhecido que pouco a pouco se torna numa urgência difícil de controlar...”

31. Este tipo de práticas condicionou a sua vida

Claro! Já me fizeram perder outro tipo de oportunidades profissionais...e moldaram parcialmente a minha maneira de ser.

32. Já tirou dividendos económicos deste tipo de práticas? Se sim, a partir de que momento, é que se apercebe da possibilidade de tirar vir a ganhar dinheiro com este tipo de actividades, e que razões o motivaram a enveredar por essa estratégia?

Zero dividendos. Para isso há que conseguir algo realmente excepcional...

33. Em termos de metas. Geralmente as pessoas envolvidas neste tipo de práticas, procura novas metas, novas sensações, isto também certamente lhe aconteceu. Que razões o motivaram e motivam a procurar novos objectivos? Por vezes resultam de fantasias, sonhos antigos, que se instalaram num canto do nosso cérebro e estão apenas à espera do momento certo para brotar. Quando essas ideias nos começam a ‘incomodar’ com persistência dedicamos-lhes mais tempo e, depois, entramos num vórtice do qual não saímos facilmente...
34. Este tipo de actividades requer algum tipo de preparação específica?
Sim. “Para subir ao cume de uma montanha difícil, considero necessário: primeiro, que a montanha nos deixe, refiro-me sobretudo à meteorologia e condições do terreno; segundo, que reunamos as condições para tal – condição física e motivação, preparação psicológica; terceiro, que tenhamos um bom plano logístico. Este inclui, além da preparação/treino específico, o conhecimento do terreno, o equipamento adequado, a alimentação correcta e a estratégia de progressão, na qual o instinto pode, também, constituir parte relevante”.
35. Foi certamente uma actividade que evoluiu ao longo dos anos. Como encara esta evolução?
Uma evolução incrível, através das formas de preparação, da tecnologia incorporada nos equipamentos, na informação disponível e na divulgação e quase massificação da prática. Por exemplo, “a história da ‘conquista’ da face norte do Eiger, deixou um saldo trágico. Na primeira tentativa, em 1936, morreram os 4 escaladores. Nos 20 anos seguintes à primeira escalada com êxito (1938), de 39 tentativas resultaram 18 mortos ... A taxa de fatalidades (quase 50%) revela a sua dificuldade ...” (citação minha). Esta escalada demorava vários dias. Há pouco tempo, o suíço Ueli Steck concretizou-a no inverno, em 2h47!
36. Falando agora da parte técnica, valoriza a técnica como meio para a obtenção de melhores resultados?
Sim. A técnica é fundamental para melhorar a performance em certos desportos, como a Natação ou o *Ski*. Como professor de *Ski* observo-o diariamente. A relação é básica, fundamental, necessária, e *sine qua non* em certos desportos.
37. Em termos de segurança, de que forma tenta contornar toda a imprevisibilidade do meio? Estamos num meio natural, há muita coisa que não conseguimos controlar.
Essa falta de controlo absoluto constitui um incentivo, caso contrário seria muito aborrecido. A exploração e a aventura estão nesse bocadinho do desconhecido. A preparação deve ser feita levando em conta situações desagradáveis, depois cabe ao bom senso decidir.
38. Dada toda esta imprevisibilidade, acha que estamos perante actividades que desenvolvem um confronto entre o Homem e a Natureza?

O confronto pode dar-se em situações de sobrevivência. Prefiro ver uma relação de harmonia e complementaridade nessa dialéctica.

39. Passa-lhe pela cabeça, a possibilidade de ocorrência de um acidente durante a prática?

Sim. Condiciona-me na medida em que me deixa mais alerta e pode influenciar uma decisão de retirada ou de prosseguimento...Penso que uma das minhas qualidades é a capacidade de análise de risco e o reconhecimento da relação desse risco com o meu nível de preparação.

40. Eu encontrei alguns autores que enquadram este tipo de práticas, em contexto natural, como desportos ou actividades extremas, em que do decorrer das mesmas, um erro custaria a vida aos seus praticantes. Enquadra o *Alpinismo* neste paradigma?

O alpinismo em geral não, mas certos cumes sim. Lionel Terray disse: “Expor-se a si mesmo ao perigo não é a questão do jogo (do montanhismo), no entanto é parte dele.” Todo o montanhista tem que assumir isso!

41. Essa percepção de morte condiciona a sua prestação durante a prática?

Da morte não tanto, mas do risco elevado sim. Muitas pessoas a caminho de um cume dão a volta por crer que estão perto do seu “limite”.

42. Acredita em algo durante a prática? Isto em termos de transcendência.

Há pensamentos que nos motivam, que se usam para enfrentar as tentações de desistir e regressar a conforto. Penso que a transcendência pode suceder em momentos muito difíceis, talvez de sobrevivência, dos quais não tenho realmente consciência ou experiência.

43. De que forma é que este tipo de actividades alterou a relações com aqueles que o rodeiam?

As actividades de esforço mais extremo são praticadas por uma minoria, logo, quem as pratica não é tão bem compreendido pela ‘maioria’. Por outro lado, levaram-me a conhecer outras pessoas muito interessantes.

44. Que tipo de valores é que acha que a sua actividade transmite? Acho que transmite os valores errados...Devia transmitir aquilo de que realmente se trata: respeito pelo ambiente e pelos outros; solidariedade; disciplina, na preparação e organização, luta por objectivos...

45. Muitas das vezes associamos este tipo de práticas radicais a consumos de substância ilegais, nomeadamente consumo de droga. Esta associação é justificada por estados idênticos de euforia experienciados numa e noutra situação. Teve algum tipo de comportamentos desta natureza? E concorda com a associação?

Não tive comportamentos simultâneos ... Para desfrutar da natureza acredito que devemos estar na plena posse dos nossos sentidos. Porque é aí que eles mais se agudizam. Concordo com a associação em certas franjas de praticantes devido a que à uma determinada cultura urbana que transporta os seus hábitos para o meio natural. Penso que são culturas diferentes que por vezes se misturam, a cultura urbana vem mais detrás e é difícil bani-la ao entrar no meio natural, porque as duas não são incompatíveis.

46. Acha viável a rentabilização de espaços não normativos? Alguns consideram esta forma de estar como marginal e transgressora.
Não considero que exista uma relação directa entre as duas situações. Penso que essa cultura marginal já existe quando é transportada para esses espaços. Estou de acordo com a promoção desse tipo de espaços e parece-me que eles podem ser muito 'rentáveis' a nível social (se não económico).
47. É possível a ocorrência de perda de consciência em termos temporais!? Já lhe aconteceu perder completa noção do tempo? Durante a prática no terreno?
Nunca me aconteceu...
48. Quando vemos estamos a presenciar uma mutação em termos espaciais, e grande parte destas práticas, de natureza, não só se praticam em meio natural, como também já existem estruturas em meio urbano que recriam estas condições. Acha que é possível recriar estas condições noutros espaços, que não o natural? O que acha desta situação?
Considero estes espaços muito úteis e até fundamentais para a prática e preparação. As deslocações para o meio natural são custosas (em termos de dinheiro, tempo e poluição). Já existem várias situações: rocódromos, ski indoor, ondas de surf estáticas...
49. Existe algum traço característico, de alguém que pratica regularmente o 'montanhismo'?
Creio que sim. Nota-se uma maior tranquilidade nessa pessoa, um bem-estar no meio natural (talvez um stress quando tem que ir à cidade). Tendem a não ser pretensiosos (snobs) a ser menos materialistas e a estar mais disponíveis para partilhar (comida por exemplo) com os seus pares. A roupa é mais causal, normalmente de marcas conhecidas no meio 'montanha'.
50. Considera que existe algum tipo de cultura associado a este tipo de prática?
Creio que há várias subculturas. Mas não saberia descrevê-las com acuidade.
51. O José sente que pertence a alguma espécie de tribo com códigos, linguagem e estilos de vida próprios?
Nada de tribos, nem códigos ou linguagem, no meu caso. Mas admito que isso suceda com a maioria dos praticantes. Quanto a estilo de vida, não há dúvida de que o meu é um pouco menos ortodoxo.
52. A próxima questão está relacionada com a necessidade de fazer um seguro de saúde/vida, motivado pelas práticas que o José desenvolve. O José tem algum seguro deste tipo?
Tenho um seguro desportivo da Federação Espanhola de Montanha e Escalada (FEDME) igual ao de clubes em Portugal, que cobre quase todas as actividades em todo o mundo - BIII. Noutros momentos fiz um seguro de viagem através do meu banco. Porquê? Preocupam-me questões práticas como o extravio de bagagem ou em caso de acidente, os gastos com a assistência ou repatriação.

53. A outra questão, mais complexa, prende-se com as diferentes fases de relacionamento com as práticas de aventura. Consegue identificar diferentes fases de relacionamento com as práticas desenvolvidas.

Existe uma curva de experiência, ou seja, o que no início provocava mais ansiedade e medo, mais tarde deixa de o provocar, isto sinto-o claramente com a prática de canoagem em Águas Bravas. Também por isso aumenta o grau de dificuldade que vamos procurando. Outra fase que noto no caso da tem que ver com o conforto, antes fazia mais à bruta, fisicamente falando, ou seja, de mais longe, com menos meios... agora permito-me aproximar-me de forma mais cómoda, dar-me ao luxo de pagar um refúgio, comprar equipamento tecnologicamente mais avançado que permite outras presenças...

54. O que sente durante a ascensão a um pico?

Numa palavra? Curiosidade, sobretudo se é um pico novo para mim. Ver o que vem depois daquela barreira que está à minha frente. Tento pensar em manter-me fiel à conclusão de um desafio que me propus, saber porque me proponho a isso talvez seja o mais complicado. O meu próximo livro, "Os Novos Exploradores e a Aventura dos Sentidos", traz alguma luz sobre este ponto.

Luís Brito

1. Qual é a tua idade?

35 anos.

2. Qual é a tua nacionalidade?

Portuguesa.

3. És natural de onde?

Moçambique, Lourenço Marques, Maputo.

4. Qual é a tua situação conjugal?

Sou solteiro.

5. Onde é que resides?

Nas Caldas da Rainha.

6. Com quem é que vives?

Com a minha namorada.

7. Em que tipo de alojamento é que resides?

Moro num apartamento.

8. Qual é que é a sua dimensão? Fazes ideia?

T2, 100m².

9. É casa própria ou alugada?

Alugada

10. Qual é a tua formação académica?

Sou designer industrial.

11. E que habilitações ao nível escolar é que tens?
Tenho o bacharelato. E tenho também um curso técnico-profissional de design mecânico.
12. Podes dizer-me, mais ou menos, qual é que é o teu volume em termos de rendimento mensal? Mais de 1000 euros, menos de 1000 euros...
Menos de 1000 euros.
13. Como te enquadrarias, em termos de estatuto social? Classe baixa, classe média-baixa...
Classe baixa.
14. Qual é a tua profissão?
Neste momento estou desempregado, ou shaper, neste caso. Sou shaper.
15. Há quantos anos?
Há dois anos.
16. Antes de exerceres esta profissão, passaste por outra?
Passei.
17. Quais é que foram?
Foi designer industrial, para stands, e fui desenhador de metálo-mecânica, neste caso era preparador-medidor-orçamentistas, para estruturas metálicas.
18. Relativamente aos teus pais, qual é a profissão deles?
A minha mãe é bancária e o meu pai tem uma actividade por conta própria, e um restaurante.
19. Durante o teu processo de crescimento, houve alguém que te influenciasse a ir para o Surf?
Foi...hhh...talvez as pessoas, jovens mais velhos que eu, que o faziam e por influência, como também ia para a praia muitas vezes com os meus pais, também fazia Skimming, também os via. A minha família também apostou nisso, também disse como um desporto, ou futebol ou Surf, não interessa, desde que faças...
20. Com que idade é que começaste?
Com 14 ou 13.
21. A praticar mesmo Surf, Skimming?
Bodyboard.
22. Ainda te lembras de todas as actividades, pelas quais passas-te a nível desportivo?
Lembro-me pah, mais ou menos...
23. Tens marcas, bem balizadas, acerca disso?
Not, ya, se calhar, quando eu tinha 8 anos, ohhhh, até aos 10, joguei Futebol, joguei no..., era guarda-redes, depois joguei Hóquei, no Sporting aqui das Caldas, nos iniciados, ya, antes disso tudo já praticava Natação, pratiquei Natação, prai durante os oito anos, e depois entretanto conheci o Surf e foi o meu desporto.
24. O Bodyboard, praticaste até que idade?
Pratiquei aí até aos...comecei a fazer surf há 5 anos, pronto. Sempre fiz Bodyboard.

25. Actualmente, que actividade praticas?
Só Surf. Contudo, tudo o que implique desportos de água, Surf, Bodyboard, Paddle Surf, passear de barco, desde que envolva ondas e o veículo para deslizar a onda.
26. De que forma é que a actividade que anteriormente referiste influenciou a tua prática actualmente? Vamos só pensar no Surf.
Por ser um desporto individualista, não gosto de desportos de trabalho em equipa, trabalho em grupo, não gosto de desportos para trabalhar em grupo, porque ou remam todos para o mesmo lado ou então não funciona. Por isso é que gosto do Surf, como é individualista, obriga-te também a seres melhor do que eras, e assim consequentemente tens as tuas metas.
27. Qual é a tua experiência como praticante? Mais concretamente o nível atingido? Consegues categorizar isso?
Sou um intermédio. Sei estar na água, é a minha melhor...se meter isto num perfil, em termos de...onde eu me sinto melhor, se estou à vontade dentro de água, sei ler bem o mar, dado aos anos que lá ando.
28. De que forma caracterizarias o Surf?
Principalmente tudo se resume a um estilo de vida. É uma modalidade em que através da utilização de uma prancha deslizamos em direcção à praia.
29. Como é que tudo começou realmente?
Como te disse há pouco, comecei com o Bodyboard, sempre adorei tudo o que estivesse relacionado com o mar...pesco ☺ então de há cinco anos para cá comecei a fazer Surf. Comecei por ver e desde aí que desejava experimentar.
30. Em que fase da tua vida é que isto aconteceu? Foi a partir deste momento que o Surf fez parte integrante da tua vida?
Tinha para aí aos 13 anos, mas o Surf de uma forma geral, não a modalidade Surf propriamente dita. A partir desse momento nunca mais parei...hoje em dia consigo ainda conciliar com a criação de pranchas ☺
31. Que outras práticas desenvolveste antes e depois desta fase?
Antes disto tudo tinha praticado Futebol, como qualquer miúdo, Hóquei, Ténis, Basquet e Natação, depois mais nenhuma só Surf.
32. Consideras o Surf uma actividade de risco? Porquê?
Sim, pois em certas circunstâncias há possibilidade de pôr a vida em risco. Dias em que o mar está grande, quando surfamos em praias com pouco água e podemos bater no fundo ou levar com a prancha na cabeça depois de efectuarmos uma manobra. Por se desenvolver na água corremos o risco de por uma qualquer razão morrer afogados...penso que é isso...hã...depois temos aquelas situações em que estamos com dezenas de gajos na água e podemos levar com uma prancha em cima daquelas pessoas que ainda estão a aprender ☺
33. Nós geralmente associamos este tipo de práticas, aos homens e raramente vemos pessoas do género feminino, quer dizer, já vemos mais, a praticarem este tipo de actividades. Qual é a tua opinião acerca disto?

O Surf primeiramente requer preparação mental, o físico vem depois. Os homens devido à sua natureza física estão em vantagem. Contudo penso...se fores ali para o Baleal já vês muitas estrangeiras a aprenderem...nas escolas de Surf. Em Portugal não vemos tanto assim...temos a Filipa, por exemplo, mas são poucas.

34. Certamente já passaste por algumas situações de ansiedade. De que forma é que esses momentos alteraram a tua forma de estar perante a prática?

Como te disse há pouco, tenho a sorte de viver perto do mar e isso possibilitou-me conhecer melhor as suas características...mas penso que acima de tudo, esses momentos, a maioria fruto de más escolhas, geram erros e com eles aprende-se, logo a minha forma de estar mudou para melhor.

35. Existem autores que essas situações de ansiedade são benéficas para combater o stress diário, onde um autor utiliza a expressão de stress contra stress, para caracterizar esta relação. Qual é a tua opinião? Achas que faz sentido?

Sim, tal como na pergunta anterior só depois de errar se conhece realmente situação e na próxima vez já estou melhor preparado, mas vou errar outra vez ... é um ciclo infinito. Todas estas situações ajudam-me, por vezes, a ultrapassar da melhor maneira algumas das coisas menos agradáveis, com que tenho de enfrentar, na minha vida...mas a minha própria filosofia de vida ajuda-me nesse aspecto.

36. Que motivos te levam a manter este tipo de práticas?

São práticas onde eu me sei exprimir, onde me sinto bem, onde ultrapasso barreiras, onde posso ser melhor, existe uma cumplicidade entre o mar eu e a prancha.

37. Este tipo de práticas condicionou a tua vida?

Mudou logo tudo a nível profissional com as formações que tenho, sim, faço pranchas como sabes, e tento a partir daí ganhar uns trocos, que me permitam comer e ir ao médico. A nível pessoal e social também tem implicações...amigos, estilo de vida muito próprio e depois o mar é que decide, se der umas ondas na Foz, acordo mais cedo, antes do trabalho para ir surfar, ou faço uma pausa...ou saio mais cedo para ir surfar num instante e fazer umas ondas.

38. Já tiraste dividendos económicos deste tipo de práticas? Se sim, a partir de que momento, é que te apercebes da possibilidade de vir a ganhar dinheiro com este tipo de actividades e que razões te motivaram a enveredar por essa estratégia?

Sim, percebi que era possível quando o meu trabalho era requisitado, as pessoas vinham-me pedir para desenhar e construir as suas pranchas...depois a minha amizade com o Orlando também foi importante para que pudesse mostrar o meu trabalho e ele arranja-me clientes como sabes, tem uma excelente relação...epah...depois estou a tentar enveredar

- por esta estratégia porque gosto dela e é viável...já tenho site na net e tudo para mostrar aquilo que faço.
39. Em termos de metas. Geralmente as pessoas envolvidas neste tipo de práticas, procuram novas metas, novas sensações, isto também certamente te aconteceu. Que razões te motivaram e motivam a procurar novos objectivos?
- São desafios físico-mentais que tu próprio aceitas participar... e ambicionas mais e mais...uma onda maior, um tubo mais profundo...mais velocidade 😊 essas coisas.
40. Este tipo de actividades requer algum tipo de preparação específica?
- Sim, 99% mental e 1% físico...é muito mental...tudo se resume a isso...saber estar dentro de água é muito importante, o resto surge por acréscimo.
41. Foi uma actividade que evoluiu ao longo dos anos. Como encaras esta evolução?
- De uma forma natural...tinha que acontecer...desde as pranchas, aos materiais utilizados, aos fatos, aos próprios praticantes...tudo mudou...isso é bom, hoje em dia fazemos mais do que fazíamos aquelas que pessoas com pranchas enormes dentro de água, está mais rápido.
42. Falando agora da parte técnica, valorizas a técnica como meio para a obtenção de melhores resultados?
- Sim, claro...é muito importante...a técnica é importante em tudo, caso não evoluas nesse parâmetro...também não irá evoluir no Surf.
43. Em termos de segurança, de que forma tentas contornar toda a imprevisibilidade do meio? Estamos num meio natural, há muita coisa que não consigo controlar?
- É tudo mental sabes? Um ser humano normal se souber como controlar a mente e o corpo, consegue elevar-se à potência de 4 a 6 homens...logo...consegues lidar com um leque de situações inimagináveis 😊
44. Dada toda esta imprevisibilidade, achas que estamos perante actividades que desenvolvem um confronto entre o Homem e a Natureza?
- Não sei. O Surf precisa da natureza, a natureza não precisa do Surf.
45. Passa-te pela cabeça, a possibilidade de ocorrência de um acidente durante a prática?
- Não penso nisso durante a prática, mas é possível.
46. Eu encontrei alguns autores que enquadram este tipo de práticas, em contexto natural, como desportos ou actividades extremas, onde, um erro custaria a vida aos seus praticantes. Enquadras o Surf neste paradigma?
- Epa...sim...quanto não terão já morrido por más decisões...na outra pergunta já falei de algumas coisas que podem acontecer e que podem levar à morte do praticante...por vezes este tipo de coisas acontece quando o mar está mais pequeno e facilitamos.
47. Essa percepção de morte condiciona a sua prestação durante a prática?
- Sim...pah...quando vou Surf e o mar não está para brincadeiras...acabo até por sair...estou lá é para curtir, não é para estar aflito e pensar que me vai

- acontecer alguma coisa. O mar amanhã está lá, volto depois ou noutra semana.
48. Acreditas em algo durante a prática? Isto em termos de transcendência?
Não, acredito em mim, mais ninguém me tirará do mar a não ser eu...eu e a minha cabeça.
49. De que forma é que este tipo de actividades alterou a relações com aqueles que te rodeiam?
Tornou-me numa pessoa melhor. Tanto a nível pessoal como social.
50. Que tipo de valores é que achas que a tua actividade transmite?
Bons valores, positivos...responsabilidade, calma, ecologia...tudo pacífico, tranquilo...saber viver.
51. Muitas das vezes associamos este tipo de práticas radicais a consumos de substância ilegais, nomeadamente consumo de droga. Esta associação é justificada por estados idênticos de euforia experienciados numa e noutra situação. Tiveste algum tipo de comportamentos desta natureza? Concordas com a associação?
O Surf tem uma conotação com as drogas porque, o Surf surgiu nas sociedades modernas juntamente com a época psicadélica. Hoje em dia o Surf é um desporto normal. Cabe às entidades competitivas e as marcas gerir isso da melhor forma...não concordo com associação...cada um sabe o que faz.
52. Achas viável a rentabilização de espaços não normativos? Alguns consideram esta forma de estar como marginal e transgressora?
Tal como o Surf tem um espírito o Skate também tem e é muito diferente. O verdadeiro Skate é destruir, vandalizar, partir...hoje em dia também é um desporto normal. Cabe às entidades competitivas e as marcas gerir isso da melhor forma possível... controlando os seus atletas.
53. Nos associamos este tipo de práticas ao meio natural. Que condições é que esse espaço te oferece para a prática de Surf?
Água ☺ sem ela não era possível...ondas...força para deslizar uma prancha sobre a onda.
54. O que sentes durante a prática?
Prazer...satisfação...calma, paz, comigo e com o mundo...solidão, Não é fácil descrever...quem passa pela experiência tem uma real ideia daquilo que sentimos quando descemos uma onda.
55. É possível a ocorrência de perda de consciência em termos temporais!? Já te aconteceu perder completa noção do tempo?
Epah...claro...quando tudo está a correr bem, apanhas imensas ondas, sempre melhores e melhores, quando dás por ela o sol está a pôr-se, a partir daí não dá mais ☺
56. Actualmente presenciemos uma mutação em termos espaciais e grande parte destas práticas, de natureza, não só se praticam em meio natural, como também já existem estruturas em meio urbano que recriam estas condições.

Achas que é possível recriar estas condições noutros espaços, que não o natural? O que achas desta situação?

É a natureza humana...nós temos a tendência de aproximar os locais às nossas zonas...onde habitamos...mas sinceramente não é a mesma coisa...o mar oferece-nos coisas que uma piscina não consegue oferecer...não tem comparação.

57. Existe algum traço característico, de alguém que pratica regularmente surf?

Sim...é alguém descontraído, com a pele morena...chinelos, no verão, calção...mais discreto. É uma onda muito relax...de quem não liga para esse tipo de coisas.

58. Consideras que existe algum tipo de cultura associado a este tipo de prática?

Sim...falamos do mesmo modo....temos termos muito próprios, maneiras de vestir também própria...descontraído...penso que é isso...depois é o desejo de ir e estar no mar todos os dias...é um vício.

59. Sentes que pertences a alguma espécie de tribo com códigos, linguagem e estilos de vida próprios?

Sim...pelas razões que te falei antes ☺

60. Consegues identificar-me momentos diferentes fases de relacionamento com o Surf?

Deixa cá ver...era miúdo, fazia Skimming e aí tinha oportunidade de ver malta mais velho do que eu a fazer Surf. Depois veio o Bodyboard, ainda hoje faço, mas não com a dedicação de outro tempo em que era jovem...fazia sempre que podia e o mar deixava. Depois há 5 anos surge o Surf, sempre quis fazer...e há dois começo a fazer pranchas.

61. De que forma este tipo de prática condicionou a tua forma de estar com os teus pares, dentro da prática e com outras pessoas, fora do Surf?

Acabei por criar novos laços...novos amigos e reforçar as amizades que tinha. Fora da prática? Tudo na mesma, desde que me respeitem...

62. Tens algum tipo de seguro, de vida ou de saúde?

Não tenho nenhum seguro, nunca me preocupei muito com isso.

63. Como encaras a tua relação com o Surf? Estamos a falar de uma prática de lazer ou representa mais do que isso para ti?

Essencialmente vejo o Surf como lazer...mas, como sabes, acabo por ganhar uns trocos com isto, cada vez mais faço pranchas...

Mariana Machado

1. Qual é a tua idade?

19.

2. Qual é a tua nacionalidade?

Portuguesa.

3. Situação conjugal?

- Solteira.
4. Onde é que resides?
Caldas da Rainha...quer dizer...freguesia de vidais.
5. Com quem é que vives?
Com os meus pais.
6. Em que tipo de alojamento é que vocês residem?
Numa vivenda.
7. Qual é a sua dimensão?
É um T4.
8. Qual é que é a tua formação académica?
Tenho o 12º ano, ensino secundário.
9. Tens conhecimento acerca do volume de rendimento mensal do teu agregado familiar?
Até hoje...deve ter sido...menos de 1000 euros.
10. Como é que te enquadrarias em termos de estatuto social? Classe baixa, classe média-baixa, classe média...
Isso tem depois a ver com o rendimento?! É mais fácil pelos rendimentos... não sei os ordenados, é mais que o ordenado mínimo, portanto não se pode considerar baixa, deve ser média.
11. Qual é a tua profissão?
Estudante.
12. E não és *bodyboarder* profissional!?
Não, não.
13. Tu não tiras dividendos económicos da tua prática?
Não.
14. E patrocínios?
Sim, tenho patrocínios. Ajudam-me nos gastos.
15. Alguém te influenciou a praticares *Surf/Bodyboard*?
Sim. Tenho vários primos que...várias pessoas na família que o fazem, *Surf* e *Bodyboard*...hãããã...também tinha amigos meus que estavam a começar o *Surf*, foi por aí.
16. Ainda te recordas dos momentos em que começaste a praticar desporto...desporto no sentido mais generalista?
Quando andava na primária, tínhamos o hábito de ir regularmente à natação, depois também estava na ginástica.
17. Consegues balizar momentos em termos de contacto com actividades de índole desportiva, com algum significado para ti?
Aqueles que eu pratiquei durante algum tempo!? Então foi, primeiro, *Basquetebol*, depois fiz *Atletismo*, depois comecei com o *Surf*...e o *Bodyboard*. Estes foram aqueles que eu demorei mais tempo a praticar, depois pelo meio, ainda comecei a jogar *Rugby*, *Natação*, eu fazia natação e ao mesmo tempo jogava basquetebol. No ano passado ainda me inscrevi no pentatlo, tive lá uns meses e desisti.

18. De que forma, estas actividades influenciaram a prática de *Bodyboard* actualmente?

Sim, o Atletismo. Acho que foi importante.

19. Porquê?

Eu comecei a ganhar gosto e agora umas das maneiras, que eu faço para complementar o *Bodyboard*, vou correr, para ganhar mais ritmo.

20. Quantos anos de experiência é que tens no *Bodyboard*?

Hã...4-5 anos.

21. Consegues classificar o teu nível?

Estou no início do avançado. Antes da lesão estaria no avançado.

22. De que forma caracterizas a tua prática? Como descreverias o *Bodyboard*?

Hã...é um desporto de natureza, eu acho que nós estamos a praticar desporto, não é? Mas estamos sempre dependentes de uma condicionante natural, não é? Nós só podemos praticar o nosso desporto se houver ondas. Em relação ao desporto em si desenrolasse em meio aquático, exige muito de um atleta, especialmente, tendo em conta as manobras que nós realizamos. Hã...o que é que eu hei-de dizer? É relaxar e estar só a pensar naquilo. Deixa-me completamente...hã...despreocupada de tudo o que é o meu dia-a-dia. Eu vou para dentro de água e vou mesmo relaxar.

23. Como é que tudo começou?

Começou...desde pequena via primos a fazerem *Surf* e...e depois num dos verões na Foz, havia uma Escola de *Surf*, nas colónias de férias, há...e eu comecei a participar nessas actividades e depois decidi-me inscrever numa escola.

24. Com que idade é que, mais ou menos, começaste?

Foi com 14-15 anos. Eu comecei a fazer *Surf* e depois fui para o *Bodyboard*.

25. Existiram diferentes fases de relacionamento com a actividade, certamente. Tiveste um momento inicial, depois um momento intermédio e por fim, chegaste ao nível que apresentas hoje. Consegues, de alguma forma, identificar estes momentos através de marcos, relativamente bem delineados?

Sim...inicialmente eu como comecei a aprender a fazer *Surf*, aquela fase das espumas, até passar para o *outside*, foi cerca de um ano, que eu andei só a brincar na espuma, com a prancha de *Surf*. Depois ganhei mais à vontade, queria sempre ir cada vez mais longe, mais longe...até que comecei a aperceber-me de que queria fazer as ondas como os surfistas faziam, comecei a “ir para fora”, a apanhar. Quando eu mudei para o *Bodyboard*, eu já ia para o *outside*, a minha primeira fase de *Bodyboard*, foi a começar logo a cortar ondas, não passei pela fase das espumas no *Bodyboard*. Depois queria logo aprender a fazer manobras, “cortar”, já fazia bem...depois era começar a fazer manobras e eu lembro-me que no primeiro ano de competição, na minha primeira etapa, foi nas férias da Páscoa, e eu consegui fazer 360's. Depois na segunda etapa, ao ver os outros atletas, a mandarem *rolos*, que é outra manobra...eu no meio da prova eu pensei: *eu também quero fazer o*

que eles estão fazer. E depois nessa prova, conseguir mandar os meus primeiros *rolos*, depois já era *360's* e *rolos*, isso a meio do verão...sim acho que foi a meio do Verão. Depois, acho que passou mais uma outra etapa e na última etapa, já foi na Nazaré, na Praia do Norte, que...surfava ondas mais pequeninas, e ao longo desse ano comecei a surfar ondas maiores, e eu lembro-me que na sexta-feira antes do campeonato, o campeonato era no sábado e no domingo, eu surfei um metro e meio na Praia do Norte, era óptimo, naquela altura e mandei um tubo, não me lembro se foi dos primeiros...assim grandes sai de dentro de água sem ar. Nesse campeonato, já estava muito mais à vontade dentro de água, já tentei...já mandava mais *rolos* e *360's*...pronto foi assim a progressão.

26. A partir de que momento é que este tipo de actividades faz parte da tua vida? É a partir daquele momento que referiste há pouco?

Foi, sem dúvida.

27. Consideras isto uma actividade de risco? Porquê?

Sim, quando surfamos ondas grandes, às vezes só o facto de serem grandes, mas temos pouco água entre a onda e o fundo do mar, não é? Estarmos muito perto do fundo, quando o fundo é de rocha, ao mesmo de areia, nos magoamos, batemos no fundo. A fazer as manobras, eu por exemplo a fazer uma manobra, magoei-me e estive um ano parada. Podia ter corrido pior...às vezes quando levamos com ondas grandes, também quase morremos afogados.

28. Consideras esta prática como inteiramente masculina ou vez o universo feminino a “lutar” por um lugar com o universo masculino?

Sim, a mulher tem tantas oportunidades como o homem. Eu vejo por exemplo a melhor *bodyboarder*, em termos competitivos e surf...mas mais competitivos, que é a Neymara Carvalho, é uma brasileira e ela a nível nacional, *limpa os rapazes*, só um ou outro é que não.

29. Já passaste por momentos de ansiedade durante a prática certamente. De que forma é que isso alterou a tua postura nos momentos seguintes?

Já...tive sorte...todas as vezes que apanhei sustos, estava sempre com alguém ao lado essas pessoas diziam: *não, tu agora tens é que entrar outra vez para venceres o medo, para não ficares com medo, não é?* Uma das razões para eu ter mudado para o *Bodyboard*, foi ter-me magoado em *Surf*, tive muito tempo com o pé inchado. Foi nos Belgas, eu estava...fui para a corrente, comecei a levar com o *set*, a prancha a puxar, fiquei com o pé inchado durante duas semana e depois já não estava muito bem a conseguir-me pôr-me de pé, e depois comecei a ganhar medo, cada vez que me ponha em pé e disse: *não não, vou começar a experimentar o Bodyboard.*

30. Há autores que dizem que este tipo de actividades combatem, de certa forma, o nosso stress diário, concordas com isto? Ou achas que uma coisa nada tem a ver com a outra?

Não. Eu acho que de certa forma tem, porque andamos com o stress de...ou das aulas ou de ter que entregar trabalhos...e depois às vezes quando

sentimos a nossa vida a andar para trás, naqueles momentos em que nos assustamos no *Bodyboard*, pensamos aquilo foi uma pequena coisa que nós temos que conseguir controlar, de stress, os trabalhos, são pequenas coisas, na nossa vida que temos que controlar, e há aqueles momentos em que sentimos que tudo pode acabar ali e aquele pequeno stress é apenas uma coisa do dia-a-dia, que...ajuda-te em termos de autodomínio? Sim, eu acho que sim. Passamos a não dar tanta importância a momentos de maior nervosismo na nossa vida diária.

31. Que motivos é que levam a manter este tipo de prática? Quais as razões que te obriga a ir para o mar sempre que tens oportunidade?

Eu não sei explicar, eu fico tão feliz só pelo facto de entrar dentro de água. As ondas às vezes até estão horríveis, mas só o facto de entrar dentro de água e sentir. O que eu digo sempre às pessoas é que há algo que nos empurra, que nos faz deslizar, é uma coisa que não nos acontece no dia-a-dia, nós caminhamos sobre um piso sólido, e quando vamos para dentro de água...deve ser como voar, como os passarinhos, não é? Nós não conseguimos voar e no mar conseguimos fazer quase como os peixes, deslizar. É uma sensação que quase as pessoas, ninguém conhece, só quem faz *Bodyboard* e *Surf*, e qualquer desporto de água é que sente o que é estarem-nos a empurrar a fazer deslizar pelas ondas.

32. De alguma forma o *Bodyboard* alterou o rumo da tua vida?

Eu agora sempre que penso em ir para algum lado, por exemplo ir para a faculdade. Agora estou a lembrar-me daquele que foi mais recente...eu estava a pensar ir para a faculdade, tinha que arranjar uma faculdade que fosse perto de água, tinha que ser perto de água. Eu quando penso...hã...*este fim-de-semana tenho que estudar*, mas espera primeiro vou ver a hora que vai dar as melhores ondas para surfar, e depois vou estudar no resto das horas. Limita assim um bocado a nossa organização diária, não é? Mais coisas? Sou jovem...sempre que tenho oportunidade vou, sempre tive a escola em primeiro lugar, e depois é que era o *Bodyboard*. Então só nas tardes livres ou nas manhãs livres é que ia surfar. E depois talvez haja...sim muita gente...estou a lembrar-me agora de uma situação, muitas vezes eu não saio à noite porque quero ir surfar no outro dia às sete da manhã.

33. A partir de que momento é que tu achas que tiveste oportunidade para passar para um nível mais sério no *Bodyboard*. Quando é que tu te apercebeste de que poderias entrar em campeonatos e poderias lutar por lugares mais ambiciosos?

Foi em 2008, comecei a sentir...esperanças e fui à minha primeira final do Nacional Open, em que na minha meia-final eu consegui...tinha um *heat* complicado, com a ex-campeã nacional na altura e mais outras duas atletas que estavam sempre lá no top e eu consegui vencer à ex-campeã nacional e ainda a outra atleta que já fazia *Bodyboard* há muitos anos, consegui passar para a final e a partir desse dia comecei a sentir que conseguia estar na final

Open e quando fosse Open se calhar conseguia estar nas finais dos europeus e assim sucessivamente.

34. Tens algum tipo de preparação específica?

Preparo, mas não tenho nenhum treino diário. Eu normalmente quando me apetece vou correr, acontece-me frequentemente, vou correr...hã..depois, agora tenho treinador, voltei a ter treinador outra vez, mas são apenas...quando vou para dentro de água, o que é que eu faço mais? Às vezes...ah...fazia yoga.

35. A tua actividade sofreu alguma evolução ao longo dos tempos, vês com bons olhos essa evolução?

Hã...cada vez mais, existem pessoas que sabem e percebem o que é o *Bodyboard*. É assim, normalmente as pessoas...o *Surf*...o *Bodyboard*...o *Surf*, pronto. As pessoas confundem as duas coisas, pronto não é? Mas, eu acho que cada vez mais jovens sabem, conhecem a modalidade *Bodyboard*. Em termos materiais, o equipamento, está a evoluir cada vez mais, cada vez há mais materiais e isso influencia a obtenção de melhores resultados. Em termos federativos, não há evolução, quando comecei havia mais apoio do que agora.

36. Valorizas a técnica para a obtenção de melhores resultados?

Sim...sim...exacto. Portanto...hã...Eu acho que é assim, por vezes um bom competidor não é aquele que tem a melhor técnica de *Surf*...hã...porque é assim...nós sabemos fazer aquele...várias manobras e na competição isso passa por realizar muitas manobras, às vezes. Quanto mais manobras e minimamente no sítio certo da onda se fizer vai-se passando e chega-se à final. Por vezes o atleta não faz essas manobras com a melhor técnica que se calhar deveria fazer, não é? Hã...mas também há bons competidores que conseguem conciliar técnica com essa necessidade de fazer muita coisa para chegar a uma final. Mas em Portugal só um ou dois que são bons competidores e têm boa técnica.

37. Como tu contornas os problemas que a natureza te coloca quando vais para dentro de água? É um meio imprevisível, pode entrar um *set* que “varre” todos aqueles que estão dentro de água. Como é que tu contornas esse tipo de coisas?

Todos os dias vejo as previsões, mesmo que não vá surfar. Tenho o hábito de todos os dias ir ver as previsões, mesmo quando estou em Évora vou ver se vai chover ou não, e acabo sempre por ver como é que vai estar o mar. Na sexta-feira, por exemplo vejo na segunda, previsões para sexta, vejo na terça, e depois faço uma média das previsões das previsões que vi durante a semana e vejo mais ou menos as previsões certas para sexta-feira, vai estar bom naquele sítio, naquelas horas. Se naquele dia acordar e por exemplo o vento tiver diferente vou ter que tentar perceber logo...outro sítio, vou em função daquilo que no dia acontece.

38. Tu achas que estás perante actividades que colocam o Homem contra a natureza ou discordas desta afirmação? Existe aqui um confronto entre o Homem e a natureza?

É assim, eu acho que isto é assim, como é que eu hei-de explicar? Isto relaciona-se muito com a natureza, mas eu não sei se isto tem alguma coisa com o que vou dizer...cada vez mais quando vamos surfar, por exemplo para o Baleal, vemos cada vez mais pessoas, e acabam por vezes por estragar o nosso dia de *Surf*, porque nós não conseguimos surfar, porque é tanta gente e porque é que isso acontece...por quererem ganhar dinheiro com o *Bodyboard* e com o *Surf*, com as escolas de *Surf*...e isso vai estragar um pouco o que é estar dentro de água, calmo, sem nos chatearmos com outras pessoas que estão a surfar, que hoje em dia, em muitas praias não acontece. Não tenho realmente um confronto com a natureza, acabo por desfrutar da natureza e sair calmamente...acabas por contornar todos os problemas que a natureza te coloca? Sim...acho que sim ☺

39. Pensas na ocorrência de um acidente durante a tua prática?

Se me vai acontecer alguma coisa? Sim...penso de que forma isso afecta a tua maneira de estar dentro de água? Por vezes consigo estar uma hora dentro de água e em vez de estar calmamente a fazer as ondas, começo a estar com medo, começo a fazer menos ondas...e não pensas que poderás magoar-te? Sim, penso...

40. Nós temos alguns autores que classificam este tipo de actividades como actividades extremas. Esta classificação defende que um erro levará à morte do seu praticante. Enquadras o *Bodyboard* nesta classificação?

Acho que não...acho que...eu só conheço uma pessoa que às vezes pensa que é o fim do mundo quando alguma coisa corre mal, e quase...fica revoltado com tudo o que está ali. Eu vejo o *Bodyboard*, não é isso...nós falhamos, uma manobra, qualquer coisa e temos que pensar...não é um desporto extremo. Eu quando vou para dentro de água, *ok correu mal, para a próxima pode correr melhor, ou se hoje não correr melhor, eu sei que já houve momentos em que correu mal e voltou a correr tudo bem*, vou por aí...não sei...

41. Acreditas em algo durante a prática? Acreditas em alguma coisa? És crente?

Não. Tenho algumas superstições, por exemplo, eu quando usava os cordões...eu lembro-me quando usava os cordões, em vez de usar os fixadores normais, usava os atacadores, aquilo tinha que estar atado de uma certa forma, porque uma vez deu-me sorte assim, e...são pequenas coisas.

42. De que forma o *Bodyboard* condicionou a relação com as pessoas? Dentro e fora desta prática. Ou o tipo de relação que tens é igual e não existem separações.

Não...há. Quando eu comecei a fazer *Bodyboard*, estou sempre a conhecer pessoas novas e na altura, fiz um grande grupo de amigos, *vamos todos surfar*...era tudo muito engraçado. Mas os meus melhores amigos...depois vim a descobrir, não são aquelas pessoas que eu pensava que pertenciam a

esse grupo de *bodyboarders*. Acho que no *Bodyboard*, isso deve acontecer com muitas modalidades, quando...então ao nível de competição, as pessoas querem todas o mesmo, não é? E...há inveja, as pessoas não são amigas umas para as outras, e consigo dar-me muito bem com pessoas que não fazem *Bodyboard*, o meu grupo de amigos não são as pessoas que fazem *Bodyboard*, mas sim as pessoas que nada têm a ver com esse tipo de modalidade, que me ajudam, e que me apoiam também no *Bodyboard*.

43. Que valores é que o *Bodyboard* transmite?

Hã...calma, descontração, estava a ver se...eu estava a pensar em termos materiais, quem faz *Bodyboard* e *Surf*, hã...à volta do *Bodyboard* e *Surf* estão as grandes marcas, não é? Vês meninos com roupa de marca...não sei se...hã...quem está relacionado com o mar, com o *Bodyboard*, tem um estilo de vida próprio, sim...que sensações é que achas que transmites às outras pessoas? A pele queimada...sim, é só *boa vida*, por exemplo os meus professores acham que quando eu vou para uma competição, quando vou para a praia, é só *boa vida* e ir de férias. Os meus amigos, como me vêem entusiasmada e feliz, pelo facto de eu praticar *Bodyboard*, ficam todos entusiasmados, com vontade de aprender. Inicialmente quando me pergunto qual é que é a modalidade? Ahh, isso mete muito medo, o mar, que perigoso, depois ao longo do tempo vão-me conhecendo e depois vão experimentar o *Bodyboard*.

44. Nós por vezes associamos este tipo de práticas a consumos de droga. Já tiveste comportamentos de risco desta ordem?

Não. Concordas com essa associação? Eu oiço montes de amigos meus falar que, há muitos anos, havia um bocado, histórias...o pessoal que ia para a praia, era o pessoal das drogas. Actualmente, eu acho que não só o pessoal, toda a gente, mesmo jovens, indo para o mar ou não, está ligado a isso. Portanto acho que...e na competição, tu achas que este tipo de vida se adequa a este tipo de consumos? Competição e consumo de drogas, achas que é viável? Não, acho que...mas...altera o estado psicológico da pessoa e físico. Não está a competir de igual para igual com aqueles que não consomem.

45. Agora relativamente à utilização de espaços. Achas que existem comportamentos de transgressão ao usufruir de determinado espaço, que não está definido com sendo teu? Por exemplo, no verão existem áreas dirigidas a banhistas, concordas com isso?

Por exemplo, no Verão e isso. Isso é um bocado complicado de responder, porque sou *bodyboarder* e no Verão sou nadadora salvadora. Eu confio no lado dos nadadores salvadores que dizem que as pessoas têm que se conseguir banhar, não é? Hã...mas os surfistas também querem apanhar umas ondas. Se nós...eu por exemplo, quando estou a trabalhar, eu tento que até certa hora, se está ali a dar muito boas ondas, eu tento arranjar outro sítio para os banhistas, não é? Hã...há praias, em que a polícia marítima, a polícia marítima não...os concessionários, querem que aquela área seja só

para os banhistas, enquanto estão lá os surfistas, eles implicam...eu acho que está mal, não é? Hã...qual era a pergunta? Limite de fronteiras em termos de prática em função de determinada prática e não as poderes invadir. Concordas com isso? Sim, mas acho que do outro lado deverá existir bom senso e tentar colocar as duas hipóteses na água, tanto os banhistas como os surfistas.

46. Estamos perante o meio natural. Que condições é que esse meio te oferece para praticares *Bodyboard*?

Praia, sol, a água, deslizar sobre as ondas...o potencial das ondas, eu não sei dizer...a energia da onda? O meio aquático é...eu acho o meio aquático interessante. Eu acho que nós dentro de água conseguimos facilmente flutuar, somos leves dentro de água. É interessante o meio aquático.

47. Já te aconteceu perderes a consciência em termos temporais? Por exemplo, estares dentro de água e perderes a noção do número de horas passado em prática.

Ya...ainda hoje.

48. Pelo facto de o *Bodyboard* ser uma actividade individual, condicionou a tua escolha ou és da opinião contrária?

Não, não, não...porque a tua escolha? Eu nunca pensei muito sobre isso, sinceramente. Eu não gosto muito de surfar sozinha, uma pessoa, duas pessoas, hã...para nos incentivar a apanhar as ondas, e mandarmos determinada manobra. Às vezes quando estamos com outros *bodyboarders*, que têm mais nível que nós, nós olhamos, e tentamos que a próxima onda seja como ele fez na anterior. Acaba por ser também em grupo...surfamos muitas vezes sozinhos, mas não queremos, acho que queremos lá alguém.

49. Como vez a adaptação de espaços urbanos para levar a cabo algumas das práticas existentes actualmente? Reinvenção de espaços.

É assim, este fim-de-semana, tive oportunidade de surfar numa piscina de ondas artificial, num cruzeiro que está em Lisboa, e sinceramente, estou cheia de dores no corpo de cair, aquilo não tem nada de natural. O *Bodyboard* e o *Surf* numa piscina de onda, não é, não se pode chamar *Bodyboard* e *Surf*. Não tem nada a ver, não sei, aquilo é tão estranho. Aquilo é muito agressivo, tem pressão...forma aquela onda tubular ou a parede, com a pressão da água, magoa bastante.

50. Consegues identificar traços típicos de um *bodyboarder* ou é uma pessoa perfeitamente normal? Consegues ir na rua e dizer: *aquele é bodyboarder!*

Eu acho que de uma maneira geral sim, nem que seja pela marca do fato no pescoço. Às vezes pela roupa que ele veste, pelas marcas. Eu consigo ver se é um *skater* ou um *bodyboarder*. Pelas marcas usadas serem diferentes...e um *surfista* também, um *surfista* de um *bodyboarder*. Há marcas típicas de um *bodyboarder*. Existe alguma rivalidade entre ambos. Porquê? Não sei...acho uma parvoíce, só não faço mais *Surf*, porque não tenho muito jeito para a coisa. Gostava de fazer...eu faço *Bodyboard* deitada, e gostava de fazer as

mesmas ondas em pé. Deve ser fantástico, mas não consigo. É uma estupidez. As pessoas mais velhas é que têm esse preconceito.

51. Tu achas que pertences a algum tipo de tribo? Com códigos, linguagem, maneiras de estar próprias.

É assim, há muito vocabulário que nós usamos na praia, que normalmente quando chego à escola, e digo certas palavras da maneira como digo na praia...são diferentes. Pela forma de vestir, eu ando mais descontraída, quando vou para a praia de chinelos, ando mais tempo de chinelos...conseguimos apreciar coisas que outras pessoas não conseguem.

52. Tens algum seguro motivado pelo tipo de prática que desenvolves?

Não, não tenho.

Mário Pardo

1. Qual é a tua idade?

49.

2. Qual é a tua nacionalidade?

Portuguesa.

3. És natural de onde?

Lisboa.

4. Situação conjugal?

Vivo maritalmente ali com a Sarinha.

5. Onde é que resides?

Em Lisboa.

6. Com quem é que vives?

Com a Sara.

7. Em que tipo de alojamento é que vocês residem (apartamento/moradia...)?

Num apartamento.

8. Qual é a sua dimensão (t0, t1, t2...)?

É um T2 com um terraço fantástico.

9. Trata-se de uma habitação própria ou alugada?

É alugada.

10. Qual é que é a tua formação académica?

Epah tenho, o 11º ano, que nem era o 11ºano, na altura era o curso complementar, aliás o segundo ano do curso complementar e tenho algumas formações específicas em psicoterapia e aconselhamento. Tenho alguns cursos, digamos profissionais.

11. Tens conhecimento acerca do volume de rendimento mensal do teu agregado familiar (até 1000€; 1000€ a 2000€; 2000€ a 3000€; 3000€ a 4000€; ...)?

Epah...não sei, neste momento com a empresa, as coisas estão a correr razoavelmente bem, não sei, se eu me resumir ao ordenado que eu recebo da

- empresa, é pouco, mas obviamente é um bocado mais do que isso, tenho os patrocínios, não sei, dois mil para cima.
12. Como é que te enquadrarias em termos de estatuto social? Classe baixa, classe média-baixa, classe média...
Estatuto social? Pahh...epah, média, para média-alta.
13. Qual é a tua profissão?
Sou paraquedista. Sou...eu tenho várias vertentes, sabes, eu faço psicoterapia, portanto ainda faço psicoterapia, que era aquilo que eu fazia antes do paraquedismo ter ganho as proporções que tomou, depois entretanto formei-me como instrutor de paraquedismo, tenho uma escola de paraquedismo, e entretanto sou empresário. Tenho a empresa...portanto agora escola ☺
14. És uma pessoa que via o paraquedismo como prática de lazer e actualmente conseguiste fazer da mesma uma profissão!?
É verdade, sim.
15. Há quanto tempo é que desenvolves esta prática como uma profissão? Sem contabilizarmos a vertente de lazer. Desde quando tens dividendos económicos com o paraquedismo?
Pah, eu comecei com a escola em 1998, portanto desde aí. Obviamente começou com dimensões pouco expressivas e à medida que o tempo foi passando, as coisas foram ganhando uma expressão diferente.
16. Antes de exerceres a tua profissão, actualmente passaste por outras? Há pouco falaste da psicoterapia...passa tudo um pouco por aí!? Ou tiveste outro tipo de profissão antes?
Eu quando era mais novo fiz um bocadinho de tudo. Epah, fiz um bocadinho de tudo, desde empregado de mesa, tive um mês também como taxista, trabalhei até nas obras, numa altura, estava de férias, precisava de ganhar umas massas, depois trabalhei como vendedor, fiz-me à vida.
17. Os teus pais, que profissão é que tinham?
A minha mãe era empregada de escritório e o meu pai era perito de automóveis.
18. Durante o teu processo de crescimento, alguém te influenciou para a prática do paraquedismo? Ou foste tu que procuraste este tipo de actividade?
Fui eu, fui eu. Não tive ninguém, aliás, até porque na altura não havia grandes referências.
19. Em Portugal, continuas actualmente a ser a única referência em termos de prática?
Sim.
20. É uma prática ainda não institucionalizada?
Sim, sabes que o *B.A.S.E.* é uma prática um pouco à margem, mas já há federações de Base, na Noruega concretamente.
21. Ainda te lembras com que idade é que começaste a praticar paraquedismo?
Claro, foi quando fui para a tropa, quando tinha 19, talvez.

22. Que tipo de actividades, deste âmbito, é que tu experienciaste, onde a adrenalina e um factor de risco elevado esteja sempre presente?

O Paraquedismo e o *B.A.S.E Jump*, claro, foi uma atrás da outra. Pahh, sei lá, já fiz um pouco de escalada, um bocadinho de *rappel*, andar de bicicleta, *BTT*, confesso que esta acho mais arriscada do que o paraquedismo.

23. O Paraquedismo influenciou a prática dessas actividades ou foram essas actividades que influenciaram o paraquedismo? Não há aqui grande ligação pois não?

Não, a única ligação é um gosto pela aventura que existe em mim, cuja ordem dos factores é arbitrária percebes? Epah, gosto de aventura, gosto de explorar coisas, gosto de fazer coisas novas e diferentes.

24. Com o *B.A.S.E.*, há quantos anos és praticante?

Desde 2000, portanto há dez anos.

25. Consegues classificar o nível atingido? Se bem que neste tipo de prática, possivelmente será difícil utilizarmos a normal classificação do nível inicial, intermédio e avançado!?

Digamos que sou um *baser* experiente.

26. Consegues identificar diferentes fases em termos de relacionamento com a prática? Identificar fases...

Houve uma fase em que, no início, em que estava a modos que, em que eu estava “agarrado” à cena, porque queria muito fazer e pronto, só pensava naquilo. Depois passei de uma fase, em que continuava com grande entusiasmo, mas menos dependente, digamos assim, utilizando novamente esta imagem do “agarrar”, mas e...depois as coisas foram, não é arrefecendo, eu tenho a necessidade de procurar sempre ir mais além, daí que as coisas percam o gozo, mas isto é como todos nós, há uma forma...quando tu...e aliás o *B.A.S.E. Jump* surge um bocado nesse contexto, neste seguimento, o *B.A.S.E. Jump* surge numa altura em que eu tinha sido já campeão nacional três vezes e estava ali numa fase em que: ok, e agora? O que é que eu faço mais? E foi quando vi um salto de *B.A.S.E.* do tal austríaco o *Phil* e epah...é isto mesmo, é isto que eu quero. Entrei em contacto com ele e avancei, mas eu sinto esta necessidade de ir mais além percebes? Eu hoje em dia, o paraquedismo continua a dar-me gozo, claro que sim, hã...mas entretanto retirei-me um bocado daquela vertente competitiva, deixei de fazer competição, entrei numa fase mais, gosto de chamar mais criativa do que competitiva, em que, epah, gosto de fazer coisas diferentes, percebes? Gosto de criar coisas diferentes, daí que no *B.A.S.E.*, surgiram aqueles saltos mais... epah, com a mota, de cima do camião. E não sei quê, e mesmo que não tenha esses componentes adicionais, o facto de ser o *B.A.S.E.*, é uma das coisas que me fascina no *B.A.S.E.*, é precisamente que não é monótono, tu estás sempre a saltar de sítios diferentes, e a fazer coisas diferentes. Eu sinto, tenho um bocado a necessidade disso, nunca gostei muito de monotonia e continuo a não gostar, gosto de coisas novas, gosto de explorar, por isso, pah, por exemplo, às vezes dá-me imenso gozo fazer saltos de pára-

quedismo quando vou para sítios diferentes ou quando mete aparelhos diferentes e helicópteros *xpto* e aviões não sei do quê, coisas diferentes, gosto de acrescentar mais-valias, quando começa a ser sempre o mesmo, é giro, não deixa de ser uma experiência porreira, mas não dá aquele gozo, epah, que eu procuro.

27. E não procuras uma zona de conforto? Para ti, parece-me ser algo pouco desejável.

Isso não é completamente verdade porque há que haver aqui um equilíbrio. Sabes que estas coisas da psicoterapia deram-me alguma *estaleca* em termos de conhecimento pessoal e da natureza daquilo que nós somos e obviamente que eu não sou assim tão diferente das outras pessoas, aliás, sou igual às outras pessoas, uns temos mais necessidade de segurança do que outros, mas todos temos essa necessidade, portanto eu não sou diferente, tenho necessidade de ter ali alguma coisa de me movimentar dentro de uma zona chamada de conforto, que me dá alguma segurança, mas tenho também a necessidade de extrapolar dessa zona, não deixando de me querer sentir seguro, mas de alguma forma tenho necessidade de sair de uma zona de conforto e explorar novas cenas, portanto é um bocado isto.

28. Que aspectos da tua vida diária sofreram alterações com a prática do *base*?

Olha, eu tinha, tinha no meu carro, na altura quando ainda trabalhava, por conta de outrem e tinha no meu carro...arranjaram-me um autocolante, que eu gostava imenso e que eu espetei no meu carro e que me trouxe alguns problemas, que dizia "*god skydivers don't have a real job*", porque realmente um gajo para poder fazer este tipo de desportos muitas vezes, tens que te baldar ao trabalho, não é muito compatível com aquele trabalho normal das 9:00 às 17:00. Ou porque ia para campeonatos, ou porque ia saltar não sei aonde, hãã, o *Surf* a mesma coisa...mas e pronto, começou a afectar-me um bocado aí, porque para entidade patronal não lhe era muito agradável as minhas saídas, se bem que quando à vontade, as coisas são sempre compatíveis, mas pronto afectou-me de alguma forma e houve uma altura em que eu estava para ir a um campeonato do mundo e os tipos disseram-me que não podia na altura em que aquilo acontecia, a empresa precisava de mim e não dava para eu ir ☺ eu deixar de ir a um campeonato do mundo por causa dos vossos interesses? Esqueçam...além disso tinha férias para gozar e então pedi uma declaração à federação até porque a entidade patronal é obrigada a disponibilizar a malta quando esta vai participar em competições internacionais, como era o caso, portanto, e agarrei-me, obviamente que isso criou ali um ponto de fricção e acabei por zarpar dali para fora e foi bom, foi bom, porque depois surgiu a escola de paraquedismo, aliás, na altura ainda não era a escola de pára-quedismo, na altura comecei a trabalhar como freelancer, a fazer prática privada das minha psicoterapias e aconselhamento, depois entretanto, o pára-quedismo ganhou outras proporções e acabei por, sabes se calhar senão houvesse isto, não havia aquela coragem que por vezes é necessária para largarmos a zona de conforto e a segurança do

emprego, do emprego estável, isto tudo entre aspas, claro, porque a malta agarra-se um pouco a essa ilusão de segurança, que não passa disso, nos dias que correm cada vez existe menos, mas a malta agarra-se muita a isso, a essa ilusão de segurança e de ordenado certo no final do mês e não sei quê e por vezes não damos passos em frente para coisas muito mais interessantes e que nos realizam muito mais.

29. Consideras o base uma actividade de risco?

Sim

30. Porquê?

Porque é mesmo arriscado ☺

31. Que factores é que deves ter em conta para que alguma coisa não corra mal?

Pois, se correr mal é muito mau, pode ser mesmo muito mau. Tens que fazer as coisas com elevados critérios de rigor e de segurança e estar...e não deixar nada ao acaso, não podes ir para ali, na base: “isto dá”. Não podes, tens que estar absolutamente confiante que estás a fazer as coisas bem-feitas e mesmo assim convém sempre, ehhh, fazer uma dupla verificação e confirmar e estar na posse da informação correcta, da instrução correcta, porque caso contrário, pode ser fatal.

32. A partir do momento em que tu saltas, de uma determinada estrutura, existe alguma coisa, que tu não consigas controlar? Obviamente que o factores climatéricos condicionam...tirando isso, tu tens o total controlo durante o salto, ou existe alguma coisa que não consegues controlar? Pergunto isto porque há quem diga que existem factores que não controlamos na totalidade.

Isso é verdade, isso por vezes acontece. Obviamente que tu podes sempre dizer que podes prever...programar fazer um salto no dia tal, e podes sempre chegar à altura e dizer: “eu não salto; ehh, hoje não, não dá, não estão reunidas as condições”. Não é fácil exercer esta, esta...o exercer dizer que não, estas a perceber, sobretudo quando fizemos...imagina que estiveste duas ou três horas a subir uma montanha para saltar, chegas lá acima...queres saltar. Primeiro o problema de queres saltar, depois a ideia de que tens que voltar outra vez e por vezes não é fácil dizer que não, percebes? Portanto, saber, pah...ser rigoroso com critérios de segurança, não é uma coisa fácil, pelo menos eu falo por mim, mas podes sempre fazê-lo, e claro, que depois há sempre imponderáveis, mesmo que considerados todos os factores, que são previsíveis digamos assim, depois tens sempre a possibilidade de haver uma rajada de vento mais forte, sei lá, às vezes as coisas mais absurdas podem acontecer, embora nós, pelo tal cuidado, com o detalhe, com o pormenor, com tudo e com o rigor e tal, mas mesmo assim, há sempre uma possibilidade de alguma coisa correr tão bem, como podia correr mal.

33. Achas que isto é um tipo de prática dirigido somente para homens, ou também para mulheres?

Há mulheres, mas as mulheres, remete-nos um pouco para aquela questão, que fizeste anteriormente. As mulheres têm maior dificuldade em sair da sua zona de conforto. Para as mulheres, o factor de segurança tem um peso maior do que para os homens, normalmente.

34. Tens em conta o estereótipo? Ou da condição física da mulher?

Não...acho que tem mesmo a ver com as características da fêmea e do macho. Os homens são diferentes das mulheres, ponto final, parágrafo. Que elas às vezes queiram ser iguais aos homens, não são. E é uma pena quando o querem ser porque perdem a sua unicidade que é maravilhosa e é isso que nós gostamos de ver numa mulher, é a feminilidade e não a masculinidade. Mas pronto, eu acho que as características de uma mulher as remetem, normalmente, de valorizarem mais o factor segurança, o factor conforto, do que o risco, mas isto não invalida que não haja uma série de mulheres a fazer paraquedismo e até mesmo *B.A.S.E. Jump*, portanto, há mas não há em igual número.

35. Já tiveste algum momento de ansiedade quando executaste algum salto de base?

Obviamente que sim.

36. Algum situação mais complicada que tivesses que resolver?

Sim, já tive algumas situações menos confortáveis, felizmente nunca resultou em nada gravoso, mas já tive algumas situações de susto, digamos assim.

37. Alguns autores defendem que este tipo de práticas combatem o stress, fruto das nossas vivências diárias. A máxima é stress contra stress. Temos o stress diário, passamos por aquele momento de ansiedade durante a prática, e posteriormente ficamos mais descontraídos. Concordas com isto?

Não sei se concordo com a afirmação de stress contra stress, mas sem dúvida que este tipo de actividades gera algum stress em nós, alguma ansiedade, e que nos ajudam ou que nos forçam a aprender a lidar com o stress.

38. A questão do autodomínio?

Sim, pahlh, e a questão da gestão do stress, porque tens realmente que gerir a ansiedade, se queres realmente fazer este tipo de actividades. São actividades, que qualquer delas são geradoras de momentos de ansiedade bastante fortes, a adrenalina vem daí, portanto tens que de alguma maneira. Ou pões-te numa posição em que és obrigado a ter que lidar com isso, e isso dá-te algum traquejo, para outro tipo de situações e depois também, eu acho que é um escape, epah...faz-nos de alguma forma remeter para segundo plano aquelas preocupaçõessecas que a malta tem no dia-a-dia.

39. Podemos pensar que este tipo de pessoas, não somente no *B.A.S.E.*, vamos generalizar, são pessoas que estão mais bem preparadas perante a vida, perante uma determinada situação, que não estão habituadas a lidar diariamente, por exemplo, lidar com imprevistos. Há pessoas que ficam petrificadas e não conseguem reagir e com este tipo de actividade, desenvolvemos alguma bagagem.

Eu acho que sim.

40. Que motivos te levam a manter este tipo de prática?

É o gozo que ela me dá ☺

41. De que forma é que este tipo de prática pode ter condicionado a tua vida? De que que condicionou alguma coisa...

Condicionou completamente, então vês? Está na cara ☺ (na altura, tinha estado cerca de uma hora para que o Mário conseguisse resolver uma série de problemas em torno da sua empresa, estava extremamente atarefado) o que é que tu queres mais? ☺ Epah...olha, pronto, para já começou por ser uma grande paixão não é? E...que se foi alargando a ponto de deixar de ser um *hobby*, para ser uma actividade profissional, não é? Para além da minha carreira como atleta, surgiu a escola de paraquedismo, e depois a escola de paraquedismo cresceu, as coisas foram evoluindo, formou-se uma empresa e pronto agora o que não falta para aqui são projectos associados a esta história.

42. Foi a partir desse momento que tiveste a percepção de que aquela prática de lazer que tinhas poderia ser desenvolvida como uma prática profissional a *full-time*!?

Epah não, isto foi uma coisa que foi acontecendo naturalmente sabes? Foi tudo uma coisa...não foi nada, de maneira nenhuma foi planeado, foi pah, fruto do gozo que aquilo me dá a fazer, depois a vontade de partilhar a experiência, pah, com outra malta, surgiu a escola, e depois, epah, naturalmente, a coisa foi ganhando proporções, e acabou por se tornar no meu “ganha pão”, como se costuma dizer. Eu sou dos poucos que posso dizer que vivo do ar ☺

43. O que é que te motiva a procurar novas metas, novas sensações?

Epah...é...eu sempre fui uma pessoa, eu não me contento com, com, eu tenho necessidade de sentir que estou a crescer, que estou a evoluir de alguma forma. Eu acredito que isto é comum a todos nós, em mim é qualquer coisa que está muito presente, e pah, não tenho muitoooo, é isso, acho que é isso, é o desejo de não estagnar? É isso, é a vontade de crescer, de evoluir e de ir mais longe.

44. Tens algum tipo de preparação específica?

Epah, faço, depende daquilo que eu esteja a preparar-me para fazer. Faço uma preparação física de base, normal, digamos assim, tem um bom condicionamento aeróbio, que é importante e sobretudo faço por me sentir bem fisicamente, acho que é pouco mais do que isso. Depois para aqueles meus projectos um bocadinho mais arrojados, faço algum treino específico, em termos de capacidade de apneia, porque tenho aí uns projectos...continuas a manter o projecto do salto em grande altitude? Garantidamente pah. Isso está a andar? Epah, tem estado um bocadinho ali em cima da secretária, não é na gaveta, é em cima da secretária, porque, pronto, precisei de dar aqui um bocado de atenção aos projectos empresariais, que entretanto se meteram pelo meio, mas está ali para, e

quero ver se agora, no início de 2011 se volto a agarrar naquilo com vontade de andar para a frente, entretanto espero estabilizar esta, estes passos grandes, que demos aqui com a estrutura da *Gethigh*, as coisas têm estado a correr muita bem, também nesse aspecto, e pronto, quando a coisa estabilizar um bocadinho, melhor, mais, quero ver se me agarro outra vez àquilo com unhas e dentes.

45. Tu encaras com bons olhos todo o processo evolutivo que a queda livre sofreu ao longo dos anos?

Sim. Houve melhorias nível técnico!? A nível de atletas e de massa humana também evoluiu!? Como é que tu vês esse tipo de coisas? Epah, houve uma evolução garantidamente não é? Não só em termos de volume, portanto, quantidade de malta a aderir à actividade, como também em termos de técnicos, como tu disseste, e de pronto, em termos inclusivamente de equipamentos, e sem dúvida que sim, que há alguma melhoria, e temos agora, o grande projecto que nós temos em mãos, é absolutamente a criação de um centro de internacional de paraquedismo, que nós, pah, a que nós chamámos *Skydive Europe*, precisamente porque queremos ser O centro de referência, o centro de paraquedismo de referência na Europa e portanto há uma evolução gigantesca nesse aspecto, queremos pah criar provas internacionais, para além de nacionais, que já temos feito algumas, queremos poder organizar provas internacionais, e trazer atletas de gabarito a nível mundial.

46. A tua prática dá importância à parte técnica ou qualquer pode saltar? Tendo aquelas noções básicas, pode ter sucesso num salto?

Epah...por exemplo as modalidades desportivas, mais massificadas, caracterizam-se em parte pela existência de acções técnicas, certamente o *base* e a *queda-livre* também têm!? Sem dúvida que sim. Tu valorizas a parte técnica para a obtenção de resultados? Obviamente, é imprescindível não é? Como e que tu as consegues trabalhar? Pah, com uma boa instrução, essencialmente, com pesquisa, com troca de experiências e de conhecimentos, com outra malta, portanto que já tenha tanta ou mais do que eu, vamos trocando experiências, e informação, depois vamos partilhando isso na nossa escola, com os alunos, e tentando sempre, ir fazendo pah, critérios e procedimentos rigorosos para que as coisas corram da melhor forma possível, não queremos acidentes. Neste tipo de prática pode existir um técnico e um atleta? Acontece isto? Sim. Como é que vocês conseguem monitorizar um salto? E identificar erros cometidos...nós temos, portanto, servimo-nos de vídeos, portanto de registo de vídeo, para poder avaliar e mostrar também à malta, o que é que...*olha, aqui aconteceu isto, ali aconteceu aquilo, podes melhorar assim, podes melhorar assado*, portanto, sim, há, recorreremos a alguma tecnologia, para...e também a pessoas com experiência para o fazer para melhorar as capacidades técnicas de cada um.

47. Como é que vocês contornam a imprevisibilidade do meio? Existem muitos factores que vocês certamente não controlam!?

Eu diria que...aliás, eu diria que, eu diria não eu digo, eu costumo dizer, que o paraquedismo é bastante mais seguro do que andar aí na estrada, por exemplo. Porque tu, obviamente não podes, não é...quer dizer, não podes não, podes, pode acontecer vir uma “rabanada” de vento mais forte, mas normalmente esse tipo de condicionantes, estão, estão...são previsíveis, não há muitos factores que tu não controles. Pode acontecer uma rajada de vento um bocadinho mais forte, ou assim uma coisa, mas se fizeres a coisa com algum critério e com alguma margem de segurança, e se não estiveres ali o roçar o *redline*, não é, na linha vermelha, dificilmente acontece alguma coisa. Há poucos imponderáveis, é que eu quero dizer. Tu na estrada, há sempre o “gajo” que...passa o encarnado, passa o contínuo, ou que trava de repente, ou o óleo na estrada, ou o cão que se atravessa, portanto há um sem número de imponderáveis, que tu não controlas de maneira nenhuma, e que podem acontecer. No paraquedismo, não é tanto assim, sobretudo o paraquedismo, no *B.A.S.E.* também, embora no *B.A.S.E.*, epah...é um pouco mais exigente, e requer um rigor bastante maior do que o paraquedismo. Eu costumo dizer que é *outro campeonato*. Mas sobretudo no paraquedismo, mas também no *B.A.S.E.*, tu consegues prever com alguma, com alguma, falta-me a palavra...margem, com pouca margem de erro aquilo que vai acontecer e as condições...

48. Achas que estás perante uma actividade em que contornas a natureza ou tiras proveito dela?

Tiro proveito dela. Como é que o fazes? Epah, desfrutando daquilo, das ravinas, dos penhascos e dos ventos e das vistas. Não há aqui confronto? Não, não, pah, de maneira nenhuma.

49. Encaras a possibilidade da ocorrência de um acidente durante a prática. Ou isso não te passa pela cabeça?

Pah, claro que passa, claro que passa. Não é uma coisa que esteja sempre a pensar: *ai ai que me vai acontecer isto ou aquilo* percebes? Agora passa, não é passa no sentido, de estar sempre à espera de que me vá acontecer algum acidente, mas estou sempre a precaver-me para que tal não me aconteça. Portanto, sei que isso é uma possibilidade, que é uma coisa que pode acontecer, e pah, tento ser o mais cuidadoso e criterioso possível, nas minhas decisões e na forma como preparo, enfim, os meus saltos, as minhas acções, de maneira a precaver que isso não aconteça. És da opinião de que nem vale a pena pensar nisso (outros atletas consideram que ao o fazerem estar a limitar a sua acção através deste tipo de informação condicionador)? Não, não, eu acho que vale a pena pensar nisso. Vamos lá, não vale a pena viver horrorizado por isso, obcecado pela ideia de que me vai acontecer um acidente. Mas vale a pena pensar e acautelar-nos no sentido de precaver para que não aconteça percebes? Portanto, não é estar aqui: *ai ai que me vai acontecer*, mas é, *o que é que eu preciso de fazer para que não...para que as coisas sejam realmente seguras ou pelo menos tão seguras quanto possível.*

50. Nós estamos perante uma actividade de risco extremo. Que características consideras que o *B.A.S.E.* possui, de modo a enquadrá-lo nesta ideologia? Epah...tem pouca margem para erro percebes? É uma actividade que perdoa muitos poucos erros, portanto, como se costuma dizer, *um erro, é muito provável que seja a morte do artista*. Hã...agora como é que tu prevês isso? Epah, é através de critérios de...procedimentos muito rigorosos percebes? De critérios muito rigorosos.
51. És um homem de fé? És religioso? Acreditas em algo quando... Epah, não sou religioso. Não me considero uma pessoa religiosa, considero-me uma pessoa, pah...se que me possa servir dizer isto, espiritual. Hã...religioso no sentido de rezar não sei quantos *Pais Nossos* e *Avé Marias*, ir à igreja e não sei quê...não sou. Tenho uma religião, sou budista, é a religião com a qual me identifico mais, mas não o vejo como uma religião, vejo-o como uma filosofia, como uma forma de estar na vida, como uma forma de encarar a vida.
52. Voltando à questão da segurança, tens seguro de vida? Tens seguro de saúde? As seguradoras alinham neste tipo de situações? Epah, não é fácil, não é fácil. Porque quando, quando...já tentei fazer alguns seguros. Tenho um que é feito pela *Red Bull*, mas eu pessoalmente nunca consegui fazer nenhum. Não é não consegui...porque das duas uma, ou não me faziam ou diziam...sim senhor, mas pediam um valor tão exorbitante que...esqueçam lá isso não é? Portanto não é fácil fazer seguros para este tipo de actividades.
53. De que forma esta prática condicionou o relacionamento com os teus pares e fora deste círculo, junto de outras pessoas, alheias à prática? Há uma afinidade muito grande entre os praticantes. Há ali uma empatia, uma afinidade grande, entre a malta. Mas não afectou de maneira nenhuma, a minha relação com o resto do planeta. Não passaste pela fase obsessiva? Em que estavas dependente da prática? Sim, as minhas decisões de viajar, passam muito por sítios, onde eu possa saltar, ou pelo menos, estou...quando vou viajar ara qualquer lado, estou sempre a ver...será que há para ali um sítio qualquer para saltar? Portanto...por aí, sim. Mas tento associar umas coisas às outras.
54. Que valores é que achas que a tua actividade transmite? Respeito pela natureza, respeito pela vida, embora possa parecer o contrário ☺ elevados padrões de critério, de segurança e de disciplina, pah...são basicamente estes. Diria que são os mais importantes.
55. Por vezes, existem pessoas, utilizam este tipo de actividades como forma de associação a comportamentos de transgressão, comportamentos de risco, consumos de drogas, álcool, esse tipo de coisas. E viram neste tipo de práticas, um escape a este tipo de realidades, uma vez que os momentos de euforia propiciados, segundo alguns autores, poderão ser semelhantes. Concordas com este cenário?

Pah...sim e não. Sim, porque sim. E não porque eu acho que qualquer...há um monte de outras actividades que a malta recorre com o mesmo intuito. Portanto, eu acho que nesta como num sem número de outras actividades, isso pode acontecer. Portanto, acho que não tem a ver com a actividade em si, tem a ver com a pessoa. És da opinião de que um atleta de alta competição, dificilmente pode ter este tipo de vida, manter estes consumos. Mas isso não é só aqui, em qualquer actividade.

56. Concordas com a actual reinvenção de espaços urbanos, perpetuada por algumas das práticas desportivas existentes.

Completamente...o B.A.S.E. tem também uma ligação a espaços urbanos, um dos saltos é realizado neste tipo de espaço. Epah...quer dizer, não foi propositado, eu diria, pah. O que nós queremos é qualquer coisa vertical e com altura. Agora se é em espaço urbano ou não, é perfeitamente igual. Não interessa para nada.

57. Que tipo de sensações consegues usufruir durante um salto?

Medo, garantidamente, um *cagaço* do caraças, e ao mesmo tempo uma sensação enorme de contemplação, de superação, de liberdade, de realização, percebe? De consegues fazer qualquer coisa de fantástica. Quanto tempo é que dura um salto? 8 segundos, 10 segundos? Depende de onde saltas, mas sim, há saltos...não é muito mais do que isso.

58. É impossível, perderes a noção do tempo!? Não é?

Não dava jeito não é? Pergunto isto, porque noutra tipo de práticas existe malta que refere que quando as coisas estão a correr muito bem sentem que perdem a noção do tempo durante a mesma. Convosco não acontece este tipo de situação? Pah...nós também, nós também vamos para a montanha e também...aliás, dos saltos que mais gosto, eu gosto de todos, eu diria que aquilo que mais gozo me dá é a montanha. Pelo contacto mais próximo com a mãe natureza. Mas perder a noção do tempo, pah...não sei o que te diga. Acho que pode acontecer sim, eu acho que isso acontece em qualquer actividade em que tu estás a desfrutar e a curtir imenso, percebes? Acabas por te perder, sem noção do tempo, creio que sim. Lembro-me de algumas noções em que fui para ai ou para aqui, e sim às tantas já não sabia que dia é que era.

59. De uma forma muito grosseira, consideras a tua prática, uma modalidade individual ou colectiva?

Eu diria mais individual do que colectiva. E isso teve influência na tua escolha? Hã...talvez. Porquê? Tens alguns traços de personalidade que levam a este tipo de "coisas"? Eu gosto de ter tempo para mim, gosto de estar comigo e nesse contexto...e depois também, hã...aquilo que eu sentia quando tinha a equipa de paraquedismo, é que andava ali um bocado à arrastar o resto da malta, estás a ver? Portanto eu sou, eu acho que sou mais para coisas, individuais do que colectivas...também gosto de coisas colectivas, sabes?... há coisas...eu quero ir mais além sabes? Eu quero ir... e

normalmente a malta fica-se ali, ou por um motivo ou por outro, fica-se um bocadinho mais aquém, eu quero ir sempre mais além.

60. Consegues identificar traços típicos de um *B.A.S.E. jumper*?

Epah...eu acho que um *B.A.S.E. jumper* tem, têm alguma coisa, têm alguma irreverência, porque...pronto, tem um pouco de loucura saudável, no bom sentido da palavra, acho que somos todos amantes da liberdade, mais?... Somos pouco dados aaaa...a andar em *carneirada*, como eu costumo dizer, tipo...gosto de traçar o meu próprio caminho, não gosto de andar...pacifismo, ecologia.

61. Achas que existe algum tipo de cultura associado aos *base jumpers*?

Sim, através dos aspectos que te acabei de dizer. É muito naquela...eu por acaso fujo um bocadinho a esse padrão. Sempre uma onda muito desportiva, eu acho que a malta...é...uma vez mais é roupa descontraída, desportiva, percebes? Sem ligar muito a àquelas formalidades.

62. Achas que pertences a uma tribo? O que te faz sentir como pertencente a essa tribo?

Pah...eu acho que sim, acho que sim. É a identificação com...com aquela paixão, com o gozo de fazer aquele tipo de coisas, com estes traços que acabámos de referir. A malta está muito nesse registo, de alguma irreverência, de não seguir normas.

63. Relativamente à reinvenção de espaços urbanos, para o desenvolvimento de algumas práticas. Consideras esta utilização como transgressora ou marginal? Porquê?

Transgressora? Talvez, se quisermos ser rigorosos e inflexíveis. Contudo, de um modo geral estas “transgressões” não incluem destruição, nem danos, pelo que assim sendo, não prejudicando ninguém e servindo apenas para diversão, porque há-de ser tratado como transgressão? Marginal? De modo nenhum, não prejudica ninguém e nem os próprios, pelo contrário.

Miguel Cerejo

1. Qual é a tua idade?

33 anos.

2. Qual é a tua nacionalidade?

Portuguesa.

3. És natural de onde?

Nazaré, terra das ondas grandes.

4. Situação conjugal?

Casado.

5. Onde é que resides?

Tujal.

6. Com quem é que vives?

- Com a minha esposa e com a minha filha.
7. Em que tipo de alojamento é que vocês residem (apartamento/moradia...)?
Moradia, casa de madeira.
8. Casa própria?
Sim.
9. Qual é a sua dimensão (t0, t1, t2...)?
T4.
10. Qual é que é a tua formação académica?
Tenho o 9º ano, estou a acabar agora o 12º ano e penso seguir para a universidade.
11. Tens conhecimento acerca do volume de rendimento mensal do teu agregado familiar (até 1000€; 1000€ a 2000€; 2000€ a 3000€; 3000€ a 4000€; ...)?
Menos de 1000€.
12. Como é que te enquadrarias em termos de estatuto social? Classe baixa, classe média-baixa, classe média...
Sei lá, não tenho assim muitas dificuldades, em termos económicos. Talvez classe média. Porque a minha esposa recebe mais que eu.
13. Qual é a tua profissão?
Trabalho aqui na secção de desporto da Câmara Municipal de Porto de Mós. Por enquanto ainda não sou técnico de desporto, quando tiver o 12º ano concluído ficarei com essa habilitação.
14. Há quanto tempo é que exerces essa profissão?
Ora, faz 9 anos.
15. E já estás efectivo?
Já.
16. Antes de exerces esta profissão tiveste outra?
Tive, várias. Tive numa loja de bicicletas e trabalhei numa fábrica de envelhecimento de pedra.
17. Os teus pais, que profissão é que tinham?
A minha mãe era bancária e o meu pai trabalhava na EDP.
18. Recordas-te do momento em que começaste a praticar desporto? Num sentido mais generalista.
Foi logo aí a partir da 4ª classe.
19. E alguém te influenciou para que iniciasses determinada prática?
Aqui na zona de Porto-de-Mós houve sempre um incentivo muito grande nas escolas e então comecei no atletismo
20. Actualmente que actividade é que praticas?
BTT, *Downhill*.
21. De que forma é que outro tipo de práticas, até à data, influenciou a tua escolha actual?
É assim, a modalidade de relevo, na qual estive inserido, foi o Andebol. Foi onde eu estive mais tempo ligado. O *BTT* sempre foi um *hobby*, quando acabava a época do Andebol era quando começava a época do *BTT* e eu

- comecei a fazer o *BTT* a partir daí. Dantes, quando eu comecei, nem havia o *Downhill*, era só o *Cross-Country*.
22. Esta zona é pioneira no *Downhill*!?
- Sim, em 91. Agora andamos a compilar uma serie de informação sobre a origem do *Downhill*, e do município.
23. Quem é o principal órgão regulador desta vertente do BTT?
- Actualmente são algumas empresas que estão agregadas à Federação Portuguesa de Ciclismo. Eles é que fazem as provas, a Taça de Portugal e o Campeonato Nacional. Contudo, esta situação está para mudar este ano. Em princípio será a Federação a pegar nisso e as empresas ficarão de fora, agora por causa dos problemas económicos que houve, algumas empresas não se estão a safar.
24. Para ti, achas que isto faz sentido?
- Sinceramente não, porque as empresas estão dentro do meio e quando forem as associações ou até mesmo a Federação que isto vai voltar a cair um bocadinho...porque eu já vi isso, há uns anos atrás, aconteceu isso, e caiu. E depois houve ali a época dos Morangos com Açúcar, em que isto deu um *boom* muito grande e tem-se aguentado assim.
25. Quantos anos de experiência é que tens no *Downhill*?
- Desde 94, 16 anos.
26. Consegues classificar o teu nível?
- Avançado.
27. E participas anualmente no Campeonato Nacional?
- Sim. Tirando as lesões. Que uma pessoa fica arredada alguns meses ☺, tenho sempre participado. Ou conforme também as condições financeiras que nós arranjamos, para a época que pretendemos fazer.
28. Qual é que foi a tua melhor classificação em termos de Campeonato Nacional?
- Foi em 2000. Fiz o 16º lugar dos *elites*. Agora tenho tirado lugares melhores, mas já estou nos *masters* 30. Que é dos 30 para cima.
29. Esta é uma competição importante dentro do *Downhill*?
- Neste momento representam, possivelmente, um dos escalões mais competitivos. Porque os *elites*, podes ter 30 ou 40 e continuar nos *elites*. Só que tens aqueles escalões mais acima, se vires que queres trocar, dos *elites* sais. A única coisa é que não podes fazer Taças do Mundo. As Taças do Mundo são só feitas por *elites* e *juniores*.
30. De que forma caracterizas o *Downhill*?
- O *Downhill* como é que te hei-de explicar? Eu considero o *Downhill* um desporto muito completo. Porque puxa muito pela parte física e agora está cada vez mais a puxar pela parte psicológica. Porque fisicamente, ali os 10 primeiros estão a ser muito bons fisicamente e depois é conforme as pistas. A parte da cabeça funciona mais, aguentar a pressão e isso tudo.
31. Como é que tudo começou? Falaste há pouco que era um *hobby*, depois do *Cross*, fazes a transição para o *Downhill*.

Deixei o *Cross* porque o *Cross* começou a ir para um nível, o nível começou a aumentar e requeria muitas horas de treino. E ficava muito parecido com o ciclismo de estrada tinham que treinar duas ou três horas por dia, se quisesses andar na frente. E nós aqui, o pessoal como temos também, esta zona geográfica era boa, em termos de serras e isso, a maior parte do pessoal virou tudo para o *Downhill*.

32. Em que fase da tua vida é que isso começou?

O *Downhill*? Foi em 94, o *Cross* tinha começado antes.

33. Tinhas mais ou menos que idade?

Tinha 20 anos. A maior parte dos *masters 30* começaram igualmente com esta idade.

34. Que diferentes fases é que tu identificas em termos de relacionamento com a actividade?

Passei com curiosidade do *Cross* para o *Downhill*, depois no *Downhill* o grupo era mais restrito e o *Cross* começou a haver, os atletas escondiam muita as coisas uns dos outros e isso. No *Downhill* não, sempre houve entreajuda. Tipo o nosso colega ficava em primeiro como em 5º ou 20º, ou o “gajo” que ficasse em último. Sempre houve muita entreajuda, agora já não acontece tanto isso. Com a chegada deste pessoal mais novo eles são muito mais competitivos e já não vão por esse caminho. E nós não. Fizemos duas participações no Campeonato do Mundo de *Masters*, e fui com um grupo de colegas daqui. Fomos uns 8 ou 9, para França e nós...tudo equipas diferentes, tudo o que é atletas, trabalhavam para equipas diferentes, mas trabalhávamos todos juntos, discutíamos as diversas trajectórias, e isso. É outra maneira de trabalhar as coisas. Eram todos da tua idade? Sim, até mais velhos, alguns mais velhos.

35. A partir de que momento é que tomaste esta prática, como tua prática de lazer regular? A partir do momento em que ambicionas participar no Campeonato Nacional?

Quando fui para lá, não fui logo ir para o Campeonato Nacional. Tanto que nós, nessa altura, ainda temos...aqui a zona de Porto de Mós, é a zona que tem os melhores atletas, em termos de...em termos de *Top Ten*, a maior parte deles são todos daqui, agora há mais alguns do Norte, mas a maior parte, são quase todos daqui. A partir de 1994, o *Downhill* faz parte integrante da tua vida, até agora?! Sim.

36. Com que regularidade é que tu praticas o *Downhill*?

O *Downhill*, nós quase todos os fim-de-semana vamos andar, todos, agora praticamente todos os fim-de-semana, vamos andar. Tirando um ou outro em que esteja assim mesmo muito mau tempo, não vamos. Nós começámos, depois com a evolução que ele teve, tivemos que começar a cuidar mais do físico, partir um bocadinho daquilo que foi o *Cross*, no início. Porque as pistas também mudaram, e a maneira de treinar também teve que ser diferente. As bicicletas mudaram, tudo evoluiu e...a maior parte de nós, passa a semana no ginásio, só pegamos na bicicleta mesmo ao fim-de-semana.

37. Consideras esta prática como uma actividade de risco?

Hã...pergunta interessante. Não sei, porque por acaso até morre mais gente a jogar à bola. Então não concordas com o rótulo!? É uma actividade de risco, e mais do que qualquer desporto, até. Mas aquilo vai para uma actividade de risco, porque, é um desporto que tens de...andas sempre no limite. Das tuas capacidades, e geralmente o acidente acontece quando nós ultrapassamos o limite, ou quando não estás bem fisicamente, os teus limites deixam de ter aquilo nível, irão decrescer. Geralmente os acidentes acontecem quando nós estamos mais fatigados. Que é o que o pessoa novo agora, não tem tanto essa impressão da “coisa”. Que eles treinam muito...por exemplo uma prova de *Downhill* é feita num sábado e domingo. No sábado, são os treinos, no domingo é a prova, e muitos deles, conforme a pista...por exemplo aqui a pista de Porto-de-Mós, é considerada a mais dura da Taça de Portugal, é uma pista longa, pelas características que ela tem, em termos de piso, é muito dura, e eles não conseguem gerir o esforço ao longo daquilo, eles vem cá fazer sete ou oito descidas...nós também fazemos, mas esquecem-se que a corrida é no domingo, e às vezes o que fizeste em sete, oito descidas, estás a estragar o que fizeste em duas ou três...bastavam. O *Downhill* agora passa muito por aí...

38. Achas que existe uma relação forte deste tipo de prática com a população masculina, ou já se começam a ver mulheres a desenvolverem este tipo de modalidade?

Cá vê-se pouco. Muita pouca gente...nós tivemos cá uma muito boa, por acaso ele corria cá na minha equipa. Ele fez quarto numa Taça do Mundo, inédito, uma atleta portuguesa. Ela começou...é ali de Pombal. É a Aurea Agostinho...se quiseres pesquisar.

39. Certamente passarão por momentos de grande ansiedade durante a vossa prática. O que condiciona este tipo de situações, nos atletas desta modalidade?

Também é conforme as pessoas, tenho um colega meu que ele geralmente vomita antes. Tem a ver também com a parte nervosa das pessoas. E depois isso também, com o passar do tempo, com a experiência que tens vais conseguindo contornar essas coisas. Mas até começares é assim um bocadinho...principalmente quando as coisas...fazes o sábado todo a treinar e as coisas não estão a sair como tu queres, é um trabalho muito...além daquela parte de que eu te disse física, é um trabalho mental, porque tu, aquilo não é basicamente pegar na bicicleta e descer. Tens que definir as tuas linhas, as tuas trajectórias, que vais fazer durante o percurso. Aquilo tem que ficar na tua cabeça, para que no outro dia, sair automaticamente, estás aperceber?

40. Com toda a conjectura actual, estamos perante uma sociedade cada vez mais *stressada*, levando algumas pessoas a procurarem este tipo de prática como forma de libertar todo esse *stress* acumulado. Alguns autores referem até que

esta dose extra de stress, tem a capacidade de combater o stress acumulado diariamente. Concordas com esta associação?

Concordo, às vezes é um stress bom, contra um stress mau e anula ou outro. O que te leva a pensar desta forma? No final da actividade, a maior parte dos meus colegas e tudo...está tudo pacífico e isso. Porque é uma maneira de nós deixarmos...principalmente porque nós passamos ali o fim-de-semana sem falar dos problemas durante a semana. Andamos tão concentrados naquilo que o resto passa ao lado. Tem que ser, caso contrário não consegues fazer o trabalho que estás para fazer...

41. Achas que isso em termos de autodomínio de ajuda na tua vida diária?

Ajudou, muito. Aquela parte de que eu te falei à bocado, mesmo do Andebol e mesmo da vida privada. O *Downhill*, por causa de ter uma parte muito psíquica...geralmente as pessoas dizem: *ah, aquele gajo vem ali a descer a serra é doido*. Não, o doido cai, agora aquele que tem consciência das suas capacidades, faz os bons tempos e anda depressa. E isso puxou...eu sempre usei o *Downhill*, para vir para o Andebol, porque eu...havia situações no Andebol, havia pessoal que *stressava* no fim com uma jogada decisiva ou quê...eu não tinha problemas nenhuns...se fosse um livre de 7 metros eu iria lá marcar. Ou alguém a 10 segundos, como houve uma situação, em que nós ganhámos a Taça de Leiria, e o nosso treinador era o Amaral, o Amaral andou sempre a lixar-nos a cabeça, para a gente rematar com força, com força, com força, e no fim ganhámos o jogo porque eu fiz uma rosca, na linha final e ganhámos o jogo assim. Acho que isso puxou muito e pronto na vida privada, acho que puxa muito para aí, por isso é que acho que agora há muito gente agora a andar de bicicleta. Nós temos um lema nosso, quando andamos a treinar, que é: *nunca olhes para o sítio onde não queres passar*. Porque tu vais lá passar, então convém meteres na tua cabeça que é aquela linha, que vais ter que passar lá, só pensas naquela, não vais pensar naquela linha que é errada. O volante vai virar para lá e tu depois não consegues...

42. Que motivos te levam a manter este tipo de actividade?

Esse é um...esse atrás, depois já é o grupo de amigos e depois, já passou a ser o negócio. Lucras com o *Downhill*? Não lucro a 100%, mas tenho aí uns projectos para a frente e poderei vir a lucrar.

43. De que forma é que este tipo de prática condicionou aspectos da tua vida?

Com o nascimento da minha filha condicionou um bocado, que é normal...mas acho que é só inicialmente, porque nós depois começamos a conjugar as coisas, acho que dá tempo para tudo.

44. A partir de que momento é que achas que é possível atribuir à mesma um cariz mais profissional? Estavas a dizer que tens projectos para implementar algo...

Um dos meus sonhos era, não era ser piloto, cá em Portugal em impossível, mas...em termos de criar aí umas estruturas, e eu trabalho aí com uma empresa, que trabalha aqui em Porto de Mós e na zona da Lousã, que trabalha...que é um serviço de transportes que nós temos, porque o *Downhill*,

nós precisamos de alguém que nos leve ao cimo do percurso para efectuar a descida. Nós temos lá uma empresa a fazer esse serviço, mediante um pagamento, eles têm seguro, nós damos seguro, damos guias, eu trabalho como guia, hã...damos algumas noções básicas, sobre pessoal que vai experimentar, ou isso, e vai passar por aí.

45. Que razões te motivam a estabelecer novas metas/sensações?

O *Downhill* também passa por aí, experimentar coisas novas, porque se andares sempre a fazer a mesma coisa, também te acabas por chatear. E andar em sítios diferentes, isso foi o que nos levou a ir a França duas vezes e para o ano vamos lá voltar outra vez, fazer ali 11 ou 12 dias nos Alpes, experimentar sítios diferentes, porque o *Downhill*, a andar em Porto de Mós é uma coisa, ires para a Lousã, é completamente diferente, o estilo de andares de bicicleta aqui ou andares na Lousã, por causa dos tipos de piso ou ires por exemplo lá para cima, para a zona do Norte, que por exemplo, eles lá tem uma dificuldade, que quando começa a chover, para eles é um *ai Jesus*. Nós lá andamos à vontade, porque lá é granito e a bicicleta não escorrega tanto, como aqui, aqui parece sabão. Lá é granito e aqui é calcário, escorrega muito mais, os tipos de piso...nós conseguimos conjugar isso tudo. Nós quando andamos um fim-de-semana na Lousã, e vimos um fim-de-semana treinar aqui para Porto de Mós, ali as primeiras descidas parecemos uns *anormalzinhos*, que não sabemos andar de bicicleta, porque deixámos de estar habituados a andar na pedra, e passa muito por aí, por experimentar coisas novas. E esse projecto que eu tenho de...com essa empresa fazer aqui os transportes, é um. Tinha outro que era fazer uma escola mas, se calhar, só mais para a frente mesmo, quando largar, ou começar a cortar só um bocadinho com as provas, requerer muito tempo. Aqui na zona alguém tem esse tipo de oferta? Cá em Portugal ainda não há, por isso é que nós queremos ser os primeiros, lá fora já há. Quase todas as estâncias de *ski*, eles para rentabilizarem, aquelas infraestruturas...todas as estâncias agora têm um *bikepark*. Para rentabilizar durante o Verão. Isto começou no Canadá, com a estância de Whistler, onde foi agora os Jogos Olímpicos de Inverno, e eles no primeiro ano que abriram o *bikepark*, tiveram 60% a mais de entrada de dinheiro e agora é o maior do mundo, com mais de 200 e tal km só de trilhos de *downhill*.

46. Relativamente à tua prática, tens algum tipo de preparação específica para desenvolveres a mesma?

Tenho. Como te preparas? Faço ginásio, e faço pelo menos uma vez *Motocross*, durante a semana, treino de moto. De que forma é que isso te ajuda? O ginásio é para uma pessoa se preparar melhor fisicamente, e aí vais tirar partido da técnica que nós temos, ou que vamos ganhando. Quanto mais bem preparados fisicamente nós estivermos, melhor. O *Motocross* é também a parte física, porque ao contrário do que muita gente pensa, no *Motocross*, usa-se muito mais as pernas que os braços, e também para ficarmos com a

- noção da velocidade, que é às vezes uma coisa muito importante. Nós pensamos que estamos a andar depressa e não estamos.
47. A tua actividade sofreu alterações ao longo dos anos, como encararas essa evolução?
- Vejo com bons olhos. O *Downhill*, o *Downhill*...aliás as outras disciplinas do *BTT* é que vão beneficiar com o *Downhill*. Porque o *Downhill* é considerada a “Fórmula 1 das Bicicletas”, tudo o que é produtos, primeiro começa no *Downhill* e depois é que acaba para as outras gamas...para as outras actividades, do *BTT*.
48. Valorizas a técnica para a obtenção de bons resultados?
- No presente momento faz a diferença. A técnica em relação à bicicleta, ao material técnico da bicicleta!? A tudo...tipo de pneus, tipo de borrachas, grau de óleos que usamos nas suspensões, tem tudo a ver, a postura corporal do atleta e aí vai-se chegando à parte física também.
49. De que forma é que consideras importante toda a evolução tecnológica e a utilidade desse material em termos de prática?
- Muito importante. Melhor material, melhores resultados? Às vezes não é bem isso, mas quando se começa a chegar a um nível máximo, faz a diferença.
50. Em termos de segurança, vocês estão num contexto em que existe grande imprevisibilidade. Como é que contornam essas características?
- A segurança em termos de condições climáticas, depois podem ter influência no percurso, isso depois vai tudo pegar, isto é tipo um bolo, vai tudo pegar, depois, com a parte técnica das bicicletas, até mesmo o teu estilo de condução, vais ter de modificar. Para molhado ou para seco. Eu dou até melhor com o molhado, tive sempre melhores resultados quando está molhado do que quando está enxuto. Não sei porquê, nunca cheguei a perceber ☺
51. És da opinião de que estamos perante práticas onde existe o confronto entre o Homem e a natureza?
- Não, o confronto é sempre com o relógio. A parte competitiva é...tu tens que te adaptar ao meio que te vão dar naquele fim-de-semana, que era a tal situação que eu te tinha explicado antes. Tipos de piso...conforme os sítios onde nós andamos, até mesmo o tipo de pedra, tem influência, principalmente aqui em Porto-de-Mós, que é calcário para o granito, o granito agarra muito mais.
52. Como encaras a possibilidade de ocorrência de um acidente? Isso altera a tua forma de estar?
- Hã...durante o fim-de-semana da prova, ou quando andamos a treinar, tentamos não pensar nisso, as por exemplo eu e outros colegas, principalmente os mais velhos, temos uma maneira de pensar diferente deste pessoal novo em termos de segurança. O pessoal novo está muito influenciado por causa dos filmes que vê, porque agora à muita coisa. Eles esquecem-se que aquelas pessoas que eles vêem nos filmes são profissionais e eles se caírem o patrão continua a pagar-lhes durante um mês ou dois,

enquanto eles estão parados. E cá não, estamos a falar de um desporto profissional.

53. Em virtude de esse risco, consideras esta prática, como um desporto extremo, em que um erro pode levar à morte do praticante?

Poderá levar, mas é muito mínimo se tomarem as precauções em termos de segurança de equipamento, equipamento do piloto, e depois é também a parte física que vai pegar com isso, uma boa...se uma pessoa tiver bem fisicamente...e que outros factores é que consideras importante, que possam levar à ocorrência de um acidente? Às vezes é ultrapassar mesmo os limites, há coisas que nos sobrepõe, há um erro técnico, que às vezes, com aquela coisa de querermos ir mais depressa, geralmente, nós caímos é nos treinos, eu principalmente é assim. Uma pessoa cai, é sinal de que chegou ao limite, não convém passar daquilo, ou então arranjar outro sítio para passar, tirar tempo.

54. Tu pensas na morte quando estás a desenvolver a tua actividade?

Não, nada.

55. E acreditas em alguma coisa, sendo esta uma prática que possui algum risco!?

Não...eu acho que nós temos de acreditar é em nós próprios. Eu sou um pouco liberal em relação a isso ☺ só acredito em coisas plausíveis. Só acredito em coisas que nós conseguimos ver.

56. De que forma é que este tipo de prática condiciona a tua maneira de estar, com os teus amigos, os teus pares do *Downhill*?

Se há assim divergências e isso!? Como geres os dois grupos? Por exemplo aqui em Porto-de-Mós, não porque mesmo as pessoas que estão extra...o desporto, já têm uma noção do que é. Mas por exemplo se nós formos para um sítio, onde ninguém tenha visto essa disciplina, *ah são uns malucos* e não sei quê, mas...acho que o pessoal agora está mais informado, o público em si. Dentro do grupo...dentro do grupo, é, somos, competimos uns contra os outros, mas somos amigos ali a 100%, no final da prova, vamos para o café, beber qualquer coisa e passamos assim o tempo.

57. Que valores é que tu achas que a tua prática possui e que consegue transmitir?

Mais essa do companheirismo, que há entre o pessoal. E achas que aqueles que estão fora da actividade tem essa percepção, uma vez que aquilo que a maioria vê é uma grande vertente competitiva? No *downhill* acho que sim, no *cross*, como eu tinha falado da outra vez, os pilotos escondem mais as coisas uns dos outros. Eu posso dizer-te que, por exemplo à uns anos, numa prova em Gouveia, na *Maxis Internacional*, nós estávamos a...ficámos lá numa estalagem, até era um "coiso" de freiras, e de manhã estávamos a tomar o pequeno-almoço e nós vimos o pessoal do *cross* a esconder o que estávamos a comer ☺ e o pessoal do *downhill* vai jantar junto. Pahh...às vezes durante...na pista ou isso, não é esconder por esconder, pronto...também temos que ter os nossos trunfos. E às vezes...o que se

passa muito com o pessoal novo que entrou agora, querem passar onde os melhores passam, mas esquecem-se que às vezes, que essa linha ou essa trajectória que eles estão a tomar pode não ser a indicada, por exemplo, para eles. Acho que cada um...acho que isto passa por cada um escolher o que tem a fazer e mais nada.

58. Tens algum seguro de saúde ou de morte/invalidéz?

Não...as companhias seguradoras não vão muito nisso. Tentei fazer um mas era muito caro, era tudo praticamente calculado ao osso, e a quantia a pagar era exorbitante.

59. Existe uma ligação, ou melhor, foi já referido, em alguns momentos, uma ligação entre comportamentos de risco, consumo de drogas, às actividades radicais. Tudo motivado por sensações de euforia, semelhantes, sentidas em ambos os contextos. Tu de alguma forma tiveste algum tipo de contacto com este tipo de coisas?

Não...e agora é cada vez mais difícil, por causa dos controles antidoping. Tu concordas com este tipo de associação? Eu acho que isso está a ficar um bocado ultrapassado, porque mesmo o povo português está com outra modalidade sobre essas coisas. Nós vimos agora por exemplo no *Surf*, a quantidade de gente que vai ver...de certeza que não vai ver um grupo de drogados a andar numa prancha não é? Acho que vão por alguma coisa além disso...extra isso.

60. Temos visto muitas vezes a utilização de espaços urbanos para desenvolver algumas das práticas actuais. Concordas com a utilização de espaços urbanos para desenvolver práticas desportivas?

É o meio mais rápido de nós transmitirmos o que se passa na serra. Principalmente em Portugal. Porque o português não tem muito a mentalidade de ir ver desportos de aventura e sair do meio urbano. O *Downhill* urbano, até foi em Lisboa que começou e eu fui lá nesse ano, foi mesmo com esse intuito. Já que as pessoas não iam à serra ver, nós trouxemos o *Downhill* para dentro da cidade, vila, ou aqui, para eles verem o que é o *Downhill* e imaginarem como é que é aquilo na serra.

61. Que meio é que associas à tua actividade e que condições é que esse espaço ou espaços te oferecem para desenvolveres a tua prática?

É assim, o cidadão é momentâneo, é basicamente para as provas, porque nós não andamos aí...e também a maior parte dos circuitos está tudo fechado. O circuito cidadão tem mais visibilidade, por exemplo em termos de patrocínios, quem tem, ou quem quer arranjar, é muito mais fácil, já por causa dessa imagem que nós transmitimos cá para fora. A outra temos, principalmente aqui na zona, acho que temos excelentes condições. Acho que da parte Norte, mais a Sul para baixo, devemos ser os que têm melhores condições.

62. Já alguma vez te aconteceu, durante a prática, perderes completamente a noção do tempo?

- Já me aconteceu foi voltar para trás ☺ Não sei...acho que nós quando experimentamos uma coisa boa depois dificilmente queremos voltar. Por exemplo, das duas vezes que fui lá fora correr ao mundial, fomos um grupo engraçado, que até era pessoal de várias equipas, e nós vimos como outros países vivem a modalidade, ficámos assim um bocado com a sensação, quando estávamos a vir embora, de...*epah...o que é que a gente vai fazer para Portugal?* Portugal vive muito por causa do Futebol e nós vimos por exemplo França, que é uma grande potência no Futebol e uma grande potência no *Downhill*, das maiores e agora a Inglaterra.
- 63.O facto de estarmos perante uma modalidade que tem uma componente individual muito grande influenciou a tua escolha?
Por um lado influenciou e acho que cada vez mais vai influenciar mais pessoas. Os desportos individuais, para mim, acho que vão ser o futuro, porque...desaparece aquela parte de teres...podes ter o treinador, mas é tu, andas, por exemplo, um ano inteiro a jogar Futebol e podes não jogar vez nenhuma, só porque o treinador embirrou contigo ou os outros são melhores, e não sei quê...e isto tu podes ser bom, podes ser mau, podes ser assim assim, podes praticar sempre. No Futebol não, só são os bons é que praticam, o resto é tudo arrecadado.
- 64.Consegues identificar traços típicos de um praticante e *Downhill*?
Não...existe de tudo no *Downhill*. Temos pessoas que as identificamos como sendo o mais maluco e o mais calmo que existe. Por exemplo existe um corredor francês, 10 vezes campeão do mundo, ninguém gostava dele porque ele era uma pessoa extremamente calma e entrava em divergência com os outros, porque era uma altura em que havia muito americanos, tu sabes que os americanos são tudo em grande e o francês não, é tudo ali certinho. Ele era extremamente profissional...na altura em que começou, notava-se mais a diferença.
- 65.Consideras que existe algum tipo de cultura associado ao *Downhill* ou não?
Não, acho que não. Cultura como, o que é que queres dizer com isso? Utilização do mesmo tipo de linguagem, roupa, materiais, formas de estar...não...podes olhar para ele e parecer-te por exemplo um surfista, ou uma pessoa normal. Não existe um padrão definido!
- 66.Sentes que pertences a alguma tribo, com códigos, linguagem e estilos de vida própria?
Os da minha geração, que estão no *Downhill*, não. Mas por exemplo o pessoal mais novo é normal, nós vimos por exemplo nos fóruns, como eles falam isso. Usam muito a linguagem dos telemóveis, e nós não. O pessoal a partir dos 30 para cima, não é muito pegado a isso. Às vezes eles mandam-nos mensagens e eu às vezes até respondo para eles assim: *olha escreve em português*. Não percebo nada do que eles dizem, é *k's* para tudo.
- 67.O que sentes quando descas um trilho?
Liberdade...medo, velocidade, penso que é isto ☺
- 68.O que sentes, ou que sensações tens durante a prática do *Downhill*?

É tudo uma sensação de liberdade, adrenalina, era a profissão de sonho poder viajar e andar por todo o mundo isto tudo na parte lúdica do desporto.

69. Quando é que tiveste o primeiro contacto com a actividade?

O meu primeiro contacto com o Downhill foi no ano de 1994. Uma prova aqui em Porto de Mós e foi uma experiência que veio a que eu trocasse o Cross-Country pelo Downhill e como na altura as *bikes* que se usavam eram praticamente as mesmas para as duas disciplinas foi fácil a troca, pela adrenalina pela emoção e também pelos métodos de treino que passaram a ser diferentes.

o cross já me ocupava muito tempo para treinar.

Miguel Oliveira

1. Qual é a sua idade?
43 anos.
2. Qual é a tua nacionalidade?
Portuguesa.
3. É natural de onde?
Ulme, concelho da Chamusca.
4. Qual é que é a sua situação conjugal?
Casado.
5. Onde é que reside?
Distrito de Coimbra, concelho de Penacova, Gavinhos.
6. Com quem é que vive?
Com a esposa e com os filhos.
7. Em que tipo de alojamento é que vocês residem (apartamento/moradia...)?
Moradia.
8. Qual é a sua dimensão (t0, t1, t2...)?
T5.
9. Casa própria ou alugada?
É própria.
10. Qual é que é a sua formação académica?
Mestrado, ainda.
11. Tem conhecimento acerca do volume de rendimento mensal do seu agregado familiar (até 1000€; 1000€ a 2000€; 2000€ a 3000€; 3000€ a 4000€; ...)?
2000 euros.
12. Como é que se enquadraria em termos de estatuto social? Classe baixa, classe média-baixa, classe média...
Ao preço que as coisas estão hoje eu diria que era média-baixa.
13. Qual é a sua profissão?
Sou professor universitário.

14. É efectivo?

Não, neste momento no Ensino Superior, só um professor agregado é que é efectivo.

15. Há quantos anos é que exerce esta profissão?

Desde 2003.

16. Antes de exercer esta profissão, já exerceu outras?

Sim. Quais? Era professor de Educação Física, era professor do quadro de nomeação definitiva, há...foi director técnico de algumas federações desportivas em Portugal. E fui director e guia de alta montanha...director de uma empresa e guia de alta montanha.

17. Qual é que era a profissão dos seus pais?

A minha mãe era costureira e o meu pai teve um negócio próprio, uma loja de mercearia, a dada altura, e depois trabalhos por conta de outrem, numa garagem agrícola.

18. Durante o seu processo de crescimento, alguém o influenciou a praticar desporto?

Penso que devido ao facto do meu pai ter falecido muito cedo, na véspera de eu fazer 8 anos, eu estive mais ligado ao meu irmão mais velho, que fazia desporto e portanto, desde os meus cinco anos que faço prática desportiva enquadrada, no âmbito associativo. Portanto, há...tive penso que a felicidade de apanhar o movimento da direcção geral do desporto, do *desporto para todos*, entre 75 e 80, que me permitiu participar e iniciar uma série de actividades, na altura gratuitas, e portanto estavam disponíveis na minha área de residência que era Tomar, e portanto, à partida foi o gosto pessoal, que me fez com que eu fizesse as minhas coisas.

19. Ainda se lembra de todas as práticas, com maior expressão na sua vida, até à data?

Sim. Quais é que foram? Atletismo, canoagem, Badminton, Escalada e a parte do Alpinismo que vem até aos nossos dias, Orientação, Tiro com Arco, o Judo, Andebol, há...vai ser difícil parar 😊

20. De que forma é que estas actividades influenciaram a sua prática actual?

A prática actual é resultado de várias situações. Há...por um lado, quando deixei de ir competir, como atleta federado, de alto rendimento, no Atletismo, devido a uma lesão, tive que me virar para outros caminhos. Especializei-me e desenvolvi mais coisas na área do Montanhismo, a parte de escalada em rocha e em gelo no Alpinismo, há...que me fizeram fazer também formação como técnico, no estrangeiro, e...portanto era uma disciplina que me permitia, gerir as minhas “maleitas”, digamos assim. Há...claro que houve sempre um prazer associado. Mas quando deixei a prática desportiva de competição, nalgumas modalidades, aconteceu no Judo, no Atletismo, no Badminton, há...e até na Canoagem de Água Bravas, surgiu mais uma necessidade, gosto pela exploração, tudo o que tivesse relacionado com o ar livre, em ambientes portanto naturais. O que não quer que eu seja exclusivo, tanto que, vinte e tal anos depois, agora, voltei a ter uma necessidade enorme de

competir e faço competição de Badminton, a nível federado e faço as corridas de montanha a nível federado. Portanto houve essa necessidade, mas continuo a fazer a parte exploratória de montanha, que em determinada altura da minha vida foi exclusivamente uma actividade profissional, durante 10 anos não fiz mais nada em termos profissionais, mas hoje já não tem sequer esse carácter, nem sequer esse prazer, portanto há uma evolução ao longo dos tempos. Hoje em dia é uma necessidade de consumo próprio e levar alguns amigos e mostrar-lhes, e às vezes até à iniciação da própria família, dos mais novos.

21. Em termos de *Canyoning*, consegue dizer o nível atingido, dentro desta prática?

Eu começo a fazer *Canyoning*, nos finais da década de 80 e princípios da década de 90. Estamos a falar há 20 anos atrás. Cá em Portugal? Cá em Portugal. Numas primeiras experiências que estão ligadas também ao início a modalidade em Portugal. Portanto havia basicamente 3 ou 4 pessoas ligadas ao Alpinismo e à Escalada, que começaram a fazer essas experiências, documentado, por informação que vinha de outros países, nomeadamente de França. Hã...onde o *Canyoning* tinha uma expressão maior e estava a desenvolver-se bastante. É a partir daí que nós temos a iniciativa, pessoal, de ir a França, fazer uma primeira formação como praticante e depois uma formação com técnico, nesse caso o chamado o grau de *iniciador*, mais tarde o de monitor e de instrutor, que é a qualificação mais elevada. Portanto, em termos experiência como praticante, podemos considerar elevado, não é?! Dado ter feito *Canyoning* em muitos países do mundo, com cordilheiras montanhosas, com rios apropriados a essa prática, e como técnico também. Em Portugal, existiam duas pessoas, com a nossa formação, e...em 2004, quando organizámos o primeiro curso de formação, juntamente com os colegas franceses, conseguimos formar 12 iniciadores, portanto os primeiros técnicos reconhecidos. Hoje em dia existirão em Portugal aí uns 20 iniciadores e existirão penso que uns 4 monitores, mesmo assim todos abaixo da nossa qualificação. Portanto continuo a participar nos cursos de formação, nos poucos que se vão desenvolvendo em Portugal e inclusive também já fui formador quer em Espanha quer em França, na Escola Nacional de Esqui e Alpinismo em França e na Federação Espanhola de Desportos de Montanha e de Escalada. Portanto qualificar o grau de experiência ☺

22. De que forma é que o professor caracteriza o *canyoning*?

Podemos encará-la de várias formas, não é? Eu acho que é uma actividade fundamentalmente exploratória do ambiente, que para a qual é preciso determinadas manobras e pode exigir ou não, mais capacidade física, mais conhecimento das manobras técnicas. Tudo também depende do grau de envolvimento, dos caudais, da própria classificação do nível de dificuldade do rio, e portanto eu continuo a achar que o *canyoning* dificilmente alguma vez terá uma competição desportiva no âmbito da competição. Tentaram em França e em Espanha, não resultou, hã...há nos anos 90, a meio da década

de 90, não resultou, fizeram com 2 ou 3 modelos de competições diferentes, portanto continuo a achar que é uma actividade exploratória, portanto é assim que a defino. Em Portugal está muito virada para o mercado do turismo de aventura. Houve uma tentativa de desportivização em França e Espanha? Houve. Que não resultou? Que não resultou.

23. Como é que tudo começou realmente?

O que se passa é o seguinte, depois da abertura do nosso país, a seguir ao 25 de Abril, nós começamos, realmente todos a ter acesso a publicações que vinham de outros países. Eu lembro-me que em 90, no início da década de 90, ainda não havia internet, isso é uma coisa que acontece em 97/98 no nosso país, portanto nós não tínhamos essa forma, hoje, fantástica de conhecer e trocar informação. Portanto basicamente, tinha a ver com alguns de nós que iam lá fora, fazer algumas formações, nomeadamente em França e Espanha, que também traziam informação, conheciam novas práticas, traziam alguma bibliografia, revistas também, tornávamo-nos assinantes, começávamos a receber informação. E portanto víamos como uma actividade agradável. Hã...acontece num Verão, no Gêres, ao voltar de várias escaladas, um bom alpinista português, na casa dos 60 anos, achar interessantíssimo, umas lagoas que se viam à distância num vale, que eram um pouco inacessíveis. É a partir daí que nós, com mais ou menos equipamento, na altura, ainda sem fatos isotérmicos, sem nada e tentar explorar. Basicamente é o que aconteceu, e ficámos surpreendidos pelo mundo que existia nos desfiladeiros aquáticos, nas gargantas aquáticas do Gêres. Portanto é aí que se começa realmente a explorar. Depois houve como que uma corrida, no final da década de 80 e início dos anos 90, ver quem é que descobria mais *Cannyonigs*, ver quantos percursos havia no nosso país, havia uma equipa centrada em Lisboa e outra no Porto, que começou a fazer essa exploração e rapidamente também se concluiu, se fechou o ciclo, porque em Portugal não há mais do que 20 itinerários, para a prática de *Cannyoning*. Em contraponto com a Madeira não é? Só a ilha da Madeira tem mais de 100 itinerários.

24. Em que fase da sua vida é que isto aconteceu?

Ora isto acontece no início dos anos 90, portanto há vinte anos, eu tinha 23 anos. Foi a partir deste momento que o *cannyoning* faz parte integrante da sua vida? Sim, sim, o *Cannyoning* sim.

25. Que outras práticas desenvolveu antes e depois desta fase?

A parte do Alpinismo e a ascensão em Alta Montanha, tem sempre um carácter exploratório, para além da parte desportiva em si. Mas tem sempre um carácter exploratório, é um carácter muito pessoal, eu penso que não há competição directa com outros, não é *quanto tempo é que o outro demorou? Ou ele já lá chegou e eu não cheguei*. O que interessa é conseguir chegar e descer com segurança. Basicamente acho que é a única actividade exploratória que eu faça, e nalguns casos sim, a Canoagem de Águas

Bravas, a descida de rios, desconhecidos em Água Bravas, é uma das outras actividades exploratórias.

26. Considera isto uma actividade de risco?

Eu acho que há um risco envolvido, óbvio, agora tudo depende do que é que nós queremos passar, até onde nós queremos ir. Eu penso que, com a experiência, as pessoas, quando estão em prática, sozinhas, portanto não estão enquadradas por terceiros, não estão a dar formação, não estão a conduzir grupos em empresas, o risco é bastante controlado, porque nós sabemos bem até onde é que podemos ir. Conhecemos o meio, os materiais, equipamos as coisas com segurança. Eu diria que raramente corro risco, não quer dizer que não haja um...os riscos, menos subjectivos, que não são tão objectivos, um desmoronamento, qualquer coisa, mas controlando, com informação, das condições meteorológicas do momento para a prática, e se estiverem más condições meteorológicas para a prática, hoje em dia não pratico, hoje em dia, refiro bem, não pratico. Se tivermos os equipamentos adequados, se cumprirmos as normas de segurança, eu penso que o risco está eliminado, ou está grandemente eliminado, em contraponto com, nós fazemos um percurso de BTT que supostamente é muito mais, menos arriscado, ou até no Futebol, é menos arriscado, mas depois à um adversário que resolve pontapear-nos e lesionar-nos até ao resto da vida, portanto eu acho que o risco é relativo.

27. Nós geralmente associamos este tipo de práticas, aos homens e raramente vemos pessoas do género feminino a praticarem este tipo de actividades. Qual é a sua opinião acerca disto?

Não concordo. No *Canyoning* não, nem no Alpinismo de certeza absoluta. A prática é exactamente dividida *fifty-fifty*, quer nas actividades...e isso seria natural e expectável, no turismo de aventura, mas também se vê senhoras no...talvez em Portugal não vejamos senhoras sozinhas a irem para o rio, mas isso também porque não as vemos a ir para a montanha sozinhas. Só as vemos, algumas já, a irem sozinhas para algumas falésias de rocha fazer escalada. Especialmente ao redor dos grandes centros, como Lisboa e Porto, onde a escalada se desenvolveu, mas não vemos mulheres a irem sozinhas para a Serra da Estrela ou Gêres para fazer a parte alpina, digamos assim, na época invernal. Se formos a França, aos pirinéus, já vimos senhoras a irem sozinhas e no *Canyoning* isso também acontece lá. Portanto, eu penso que ainda é uma questão, da nossa sociedade ainda não se ter adaptado ainda integralmente à parte da mulher praticar sozinha.

28. Certamente já passou por algumas situações de ansiedade. De que forma é que essas alterações alteraram a sua forma de estar perante a prática?

As situações de ansiedade que eu tive em *Canyoning* foram em condução de grupos. Nunca foi em prática minha pessoal. Porquê? Que quando conduzimos grupos, são pessoas, que não conhecemos de lado nenhum, que nos aparecem, e que muitas vezes violam as informa...as indicações que lhes damos, no início, quando fazemos a angariação de clientes, digamos assim,

como fazia, no passado, e dão informações falsas. Dizendo que as pessoas têm determinado nível de condição física, que praticam muitos desportos, que são muito destemidos, não sei quê, que têm experiências anteriores. E às vezes não acontece...e acontece que até da própria idade, chegaram a falsear resultados, que eram grupos de 10/12 pessoas, e depois havia um que...aquilo a maioria era 30, mas havia um com 60 anos, realmente a média dava 30 mas é difícil com 60 anos, tinha que ter alguns com 0 anos. Hã...o que fez...e eu inclusive cheguei já a escrever sobre isso, foi ter cautelas redobradas na angariação dos clientes, quando o fazia. Ia tentar, entre outras, jogar por baixo, ou seja, as pessoas davam-me informação e nós imediatamente diminuíamos o nível que devíamos ir com aquele grupo de pessoas para que aquilo batesse certo, este foi o tipo de cuidados a ter com essas pessoas.

29. Existem autores que essas situações de ansiedade são benéficas para combater o stress diário, onde um autor utiliza a expressão de *stress contra stress*, para caracterizar esta relação. Qual é a sua opinião? Acha que faz sentido?

Eu acho que sim. Qualquer prática desportiva, não tem a ver com...embora, o facto de andarmos sozinhos em Alta Montanha e nos desfiladeiros aquáticos, etc, dá-nos...desenvolve-nos a auto-estima, uma auto-confiança, hã...que nos faz resolver problemas de uma forma mais fácil no dia-a-dia e encarar aquilo que existe no dia-a-dia, que nos provoca o tal stress, de uma outra forma, mas nem sempre, por isso é que eu, muitas vezes, acho que não encaixo na vida da cidade, não é? Não deixo de estar stressado numa fila quando estou atrasado e tenho que levar os miúdos à escola, e voltar para faculdade. É difícil dizer, mas para outras situações de stress, sim, encaramos as coisas com mais calma, e sentamo-nos a pensar, como se costuma dizer, para encontrar uma solução para o problema.

30. Que motivos o levam a manter este tipo de práticas?

Prazer. Somente? Gosto...a actividade física desportiva está intimamente ligada a mim. Não seria capaz de viver sem ela. Gosto de explorar os meus limites, gosto de vencer obstáculos da natureza, gosto de cont...eu acho que a natureza não se domina, nós contornamo-la, quando ela nos permite, os factores meteorológicos, eu continuo a dizer que são sempre os que mandam mais. Portanto, ver em cada momento, até onde as minhas capacidades, psicológicas, físicas me permitem ir, e técnicas, claro também, é boa dá-me essa satisfação, portanto gosto por prazer. É prazer por essa parte, é o prazer de explorar o ambiente, a natureza, é prazer, não é mais do que isso. Os meus miúdos pequenos já fazem *Canyoning*, o Francisco já faz desde os 6 anos, a Inês fez 6 anos este ano, começou este ano também, e portanto vou frequentemente com eles, claro, adaptando as condições para eles.

31. Este tipo de práticas condicionou a sua vida?

É assim condiciona-nos...é assim, a determinada altura, até a viatura me condicionava, tinha que ter uma viatura, que me permitisse transportar

determinado tipo de equipamento. Depois havia um interesse grande em deslocar-nos em termos de residência, mais para Norte, para estar mais perto dos locais, coisa que acontece mais hoje. Já estamos a uma hora de distância de locais bons de prática, mas, tirando isso, não vejo grande coisa, são opções apenas.

32. A partir de que momento, já disse que tirou dividendos económicos, deste tipo de prática, é que se apercebe da possibilidade de tirar dividendos económicos deste tipo de actividades, e que razões o motivaram a enveredar por essa estratégia?

Eu aos 11 anos disse que queria ser professor de Educação Física e fui tirar o curso. E depois de estar na escola, alguns anos, comecei, aliás, penso que isso hoje é um lugar comum, aliás, muito pior do que no meu tempo, hã...a sentir uma certa desmotivação com o trabalho que se fazia nas escolas. Eu estive em várias escolas, sempre me empenhei imenso mas havia uma data de obstáculos, difíceis, muito difíceis de contornar e que impediam que desenvolvêssemos um trabalho satisfatório, que nos agradasse e que nos sentíssemos plenamente realizados. Como havia esta parte paralela, e eu ia a fazer ocasionalmente, surgiu a oportunidade, em duas empresas estrangeiras, uma empresa francesa que era a *Terres d'Aventure*, e depois uma americana que era a *International Montagne Guide*, de eu trabalhar como guia, como eu já tinha a formação base, aproveitei o momento e decidi. Primeiro, foi em trabalhos sazonais, períodos de férias, depois foram licenças de vencimento e à terceira, foi quando abandonei a escola, portanto decidi que não queria estar mais na escola, a escola não era mais o meu lugar e segui a vida como guia...não foi a pensar que iria ganhar muito dinheiro ou mais dinheiro, foi, *ok, é suficiente*, eu consigo viver com o dinheiro que ganho daquela actividade, e dá-me outro tipo de prazer, e realmente deu. Até ao momento em que nasce o meu primeiro filho, e era complexo, porque nessa altura era a 100%, o tempo de dedicação a essa actividade, e ainda por cima com a empresa, e eu dos 12 meses, passava 9 meses no estrangeiro, tinha 9 meses no estrangeiro e 3 em Portugal. Porque tinha uma actividade muito voltada para a Alta Montanha. E portanto aí reequacionei e é quando volto a Portugal para apanhar outras actividades, o cargo de Director Técnico, que já me tinha sido oferecido várias vezes na Federação Portuguesa de Campismo e Montanhismo em Portugal, depois surgiu uma oportunidade na faculdade, primeiro uma cooperação com a federação e depois numa segunda fase, o ficar definitivamente aqui e desenvolver algumas coisas que, hoje em dia, ainda não consegui bem desenvolver, fruto também destas mudanças todas, de Bolonha, etc, mas pronto, pensamos que ainda lá iremos.

33. Em termos de metas. Geralmente as pessoas envolvidas neste tipo de práticas, procura novas metas, novas sensações, isto também certamente lhe aconteceu. Que razões o motivaram e motivam a procurar novos objectivos? Quando nós estamos nesta prática, curiosamente há uma vantagem, no *Canyoning*, relativamente à *Escalada*, é engraçado, porque a mim chateia-

me escalar várias vezes a mesma via, repeti-la e conhecer os passos, enquanto no *Canyoning*, o que eu gosto e adoro é dos mais fantástico que existe, que é explorar um rio novo, algo que nós desconhecemos completamente, mas não me importo de fazer um rio conhecido, porque sei que ali está aquela cascata, está ali aquela lagoa, está ali aquele destrepe, está ali aquela paisagem deslumbrante, e portanto não me importo de repetir várias vezes o mesmo rio, aliás é mais aliciante nesse aspecto, do que as outras. No entanto há sempre essa, esse gosto, esse interesse, em conhecer algo novo, umas vezes, por uma questão de prazer apenas, até, visual, satisfação pessoal de conhecer algo novo, outras vezes, para, é um tipo de prazer diferente, *vamos ver se conseguimos, estamos ao nível de? Temos capacidade física e técnica para resolver aquele problema, quando os problemas são mais complexos.* A nível do *Canyoning*, os limites em Portugal estão bem balizados, não é? Temos um rio que podes...dar para descer em dois dias, máximo, que é o Rio Poio, um rio dos mais complexos na Serra do Alvão, mas temos locais do mundo, em que se pode fazer *Canyoning* dormindo no rio, em 4 ou 5 dias, são situações mais complexas.

34. Este tipo de actividade requer algum tipo de preparação específica?

É preciso ter uma certa condição física, como é óbvio e depois é necessário conhecer as manobras. Antes da saída propriamente, antes da actividade, à que aferir bem as condições meteorológicas, e depois é preparar os equipamentos que as pessoas tem com certeza, avaliar as condições dos equipamentos, e preparar toda a logística necessária. Agora não há assim uma preparação assim muito complexa, digamos nos dias que antecedem a actividade, é como que ir jogar ténis, é preciso habituar às sapatilhas, à raquete e ao calção, para ali é preciso o fato isotérmico, o arnês, o capacete, as cordas, é preciso ter algumas cautelas, mas nada de especial, penso eu.

35. Foi certamente uma actividade que evoluiu ao longo dos anos. Como encara esta evolução?

Portugal não contribuiu nada para essa evolução, digamos assim. Mas eu pessoalmente faço parte de uma equipa internacional de desenvolvimento de equipamentos desportivos para o *Canyoning*, trabalhamos com fabricantes, para testar novos equipamentos, portanto, penso que sim, que se desenvolveu algumas coisas extremamente interessantes, umas não são mais do que adaptação de outras, mas isso acontece em todo o lado, mas de um material, inicialmente da espeleologia, cujo meio de progressão é a corda, e portanto tinha muito mais manobras, adaptadas ao *Canyoning*, nas manobras de cordas, utiliza-se a corda para progredir, enquanto na *escalada* e na montanha, utiliza-se o corpo, a corda é um meio de seguro e não a forma de progressão. Utilizando mesmo assim alguns equipamentos de Escalada, que eram mais adaptados, alguns, poucos, mas que eram...no *Canyoning*, chegou-se a alguns equipamentos melhores, já há os fatos isotérmicos mais específicos, já há mochilas específicas, já há calçado específico, para *Canyoning*, arneses específicos para *Canyoning*, ainda

não se conseguiu desenvolver um bom capacete, específico para *Canyoning*, estamos a trabalhar nisso neste momento, mas em termos de mosquetões, o tipo de descensores, já se evoluiu. Por exemplo nas cordas, um dos meios fundamentais, não se evoluiu muito, porque as cordas específicas para *Canyoning*, que são flutuantes, pecam porque não são boas para as manobras de resgate e para subir com dispositivos mecânicos, que imediatamente as desfazem todas, aí ainda há um trabalho a fazer, ainda há um trabalho a fazer. Utilizamos as cordas...as melhores cordas ainda continuam a ser, as do tipo de *Espeleologia*, mas essas não flutuam, e portanto adaptou-se a técnica, para que a corda nunca entre dentro de água, para que nunca se enrolar em rochedos, e em coisas do género, mas houve alguma evolução, no equipamento, que é claro que foi obra, mas acho que ainda há um longo caminho a percorrer.

36. Falando agora da parte técnica, valoriza a técnica como meio para a obtenção de melhores resultados?

Sim, claro. Vamos ver, as técnicas base, são muito naturais, tem a ver com a marcha, com o destrepe, alguns conhecimentos por causa do salto, quando se faz salto, que é uma das manobras mais perigosas, mas, nas manobras mais específicas que tem a ver com a corda, aí sim é importantíssimo. Vemos muitas pessoas, inclusive, a conduzir terceiros, de uma forma profissional, em *Canyoning*, que não conhecem as manobras. Não tem formação, enquanto não houver uma fiscalização efectiva, desta situação, portanto, isto vai continuar a acontecer, e portanto essas pessoas, utilizam manobras erradas que faz com que os praticantes, pouco experientes, possam bloquear a meio das cordas, eles não os consigam tirar de lá, utilizarem demasiada força, ter que estragar material cortando cordas, pondo em risco, por vezes, os próprios praticantes. Quando se utiliza técnicas adequadas, esta situação, não é necessária, portanto eu acho que é fundamental desenvolver as técnicas, continuamos a desenvolver, técnicas e a estudar técnicas, melhores.

37. Em termos de segurança, de que forma tenta contornar toda a imprevisibilidade do meio? Estamos num meio natural, há muita coisa que não consigo controlar.

Não, temos que conseguir, como dizem os treinadores de Futebol, *jogar em antecipação*, temos que conseguir prever em cada momento se aquela rocha se pode mover ou não. Temos que prever se as condições meteorológicas vão mudar, mas para isso também já teríamos informação prévia, avaliar o caudal do rio e portanto fazer queda de material, que por sua vez nos arrasta a nós, ou nos estraga a ancoragem ou alguma coisa do género. Portanto, nós temos que estar constantemente em antecipação, conhecendo muito bem o tipo de meios, o tipo de rochas, como é que elas funcionam, inclusive quando colocamos equipamento, o chamado equipamento de *fortuna*, equipamento para abandonar, temos que perceber em que tipo de meio, é granito? É xisto, é calcário? Portanto nós temos que jogar com toda essa informação, mas sempre em antecipação.

38. Dada toda esta imprevisibilidade, acha que estamos perante actividades que desenvolvem um confronto entre o Homem e a Natureza? Disse há pouco que nós não podemos confrontar a natureza, quanto muito contornamo-la!?
- Exacto, e é isso mesmo. Eu acho que o Homem, a única hipótese que tem com a natureza, é compreendê-la, estudá-la, conhecê-la profundamente, e aproveitar dos momentos em que ela nos permita que nos façamos as coisas. Não há outra forma.
39. Passa-lhe pela cabeça, a possibilidade de ocorrência de um acidente durante a prática?
- Não, não me passa pela cabeça. Nunca vejo isso dessa forma.
40. Eu encontrei alguns autores que enquadram este tipo de práticas, em contexto natural, como desportos ou actividades extremas, em que do decorrer das mesmas, um erro custaria a vida aos seus praticantes. Enquadra o *Cannyonig* neste paradigma?
- Sim, a essência é essa, sem dúvida. Não se pode cometer lapsos, quaisquer. Aliás, continuo a achar, que as pessoas e nomeadamente, isso acontece em Portugal, mas já aconteceu em Espanha, já aconteceu em França, agora eles têm é muitos anos à nossa frente, em termos de formação dos praticantes e dos técnicos e portanto vão evoluindo, estão à frente de nós. Agora eu penso é que nós não temos que repetir todos os erros que eles já fizeram não é? Nós podemos aprender com eles e passar para a frente. Eu continuo a achar que a maioria dos acidentes, a maioria dos acidentes no *Cannyonig*, acontece em zonas mais fáceis. Porquê? Porque as pessoas não estavam em segurança, uma aproximação a uma descida em *rappel* sem uma corda de segurança, não é? Sem um corrimão, porquê? Ah, *porque era uma plataforma muito estável, muito larga...* pois, é nessas que há os acidentes, porque nas outras, toda a gente está em segurança. Essa aí para mim é óbvia. Porque os acidentes no *Cannyonig*, e há um estudo muito interessante sobre isso, feito por uma equipa de médicos, durante o ano inteiro, em França, e que eu te posso disponibilizar, que demonstram quais é que são os maiores acidentes em *Cannyonig*, e as causas deles. A entorse é uma situação incontornável, nós não conseguimos, resolver, o problema com as manobras de cordas, só aconteceu quando as pessoas, não tinham formação, ou então, aconteceu quando as pessoas facilitaram e não estavam ancoradas como devia ser e a outra situação tem a ver com a manobra mais divertida, para a maioria das pessoas, que é o salto. Quando o salto começa atingir alturas, demasiado elevadas, há lesões ao nível da coluna e dos membros inferiores, basicamente.
41. Essa percepção de morte condiciona a sua prestação durante a prática?
- Não.
42. Acredita em algo durante a prática? Isto em termos de transcendência.
- Não.
43. De que forma é que este tipo de actividades alterou a relações com aqueles que o rodeiam?

Bom, os meus primeiros pares de actividade eram muito poucos e portanto como...continuamos a ser reconhecidos em Portugal, como as pessoas que iniciaram o *Canyoning*, eu e essas duas ou três pessoas, e que pode ter sempre alguma coisa a transmitir. Não creio que tenha alterado rigorosamente nada. Com todos os outros, também não. É assim, o *Canyoning*, não está assim muito desenvolvido em Portugal. Quando eu levo algumas pessoas, ainda aconteceu agora em Setembro, que levei dois núcleos de famílias amigas até mais para proporcionar aos seus filhos, juntamente com os meus filhos. O que acontece é o de sempre para quem experimenta *Canyoning* pela primeira vez, é a surpresa total, o desconhecimento daquele tipo de meio, nem faziam ideia de que existia aquele tipo de coisa em Portugal, mas realmente não se pode aventurar sem os equipamentos específicos e o conhecimento do meio. Mas pronto, na mesma como o Miguel, de todos os dias, amigo e coisa do género. E termos de relacionamento com os seus entes mais próximos, passou pela fase de estar dependente da actividade? Não, é assim, quando eu conheci a minha esposa, que eu conheci e namorei, casámos em 6 meses, por acaso antes de uma expedição aos Himalaias, e portanto foi decidido de que tinha que ser antes da expedição. Já eu estava envolvido em todas essas práticas e elas, mantiveram-se. A única redução que houve foi exactamente a partir do nascimento do meu filho, porque como é óbvio, quando era profissional, era todos os dias da semana, não é? Ou havia reconhecimentos para fazer, ou havia coisas para preparar, ou rios para reequipar, ou grupos para levar, havia sempre algo para fazer. E agora isso não aconteceu, mas agora em termos de relacionamento, não, porque eu introduzi a minha esposa, nessa actividade também, ela acompanha-me, não me...não alterou. Algumas pessoas, que eu conheço, destes meios, do *Alpinismo*, da *Escalada*, da *Canoagem*, tendem a relacionar-se mais, nos círculos de amizade, e até a criar círculos de amizade com as pessoas do meio. Há...isso não aconteceu comigo, eu tenho pessoas, que tem as mais diferentes profissões da minha, médicos, arquitectos, professores, outras coisas quaisquer, bancários...sei lá, donos de fábricas, tenho uns amigos...qualquer pessoa, e portanto eu mantenho o meu círculo de amizades. Quando vou para a prática, posso deixar de estar com esse círculo de amizades para estar com o outro específico, às vezes eu próprio tento canalizar algumas dessas pessoas que tem mais gosto pela actividade desportiva e para este tipo de actividades de natureza, para os levar para os locais, mas não, não vejo isso dessa forma.

44. Que tipo de valores é que acha que a sua actividade transmite?

Bom, isso podia estar aqui um dia a falar sobre isso. Quando as pessoas estão em pleno convívio com a natureza, começa, a ter a realmente as tais preocupações ambientais, que hoje em dia se houve falar por todo o mundo e ouve-se falar nas escolas e tentar ensinar aos miúdos, mas nunca os levam aos ambientes para eles terem contacto com aquilo. Portanto fazem muitos projectos, muito giros, com umas cartolinas, internet e *powerpoints*, mas

continuam a pensar que as *ervilhas nascem dentro de um saco*, e os *frangos nascem também já mortos*. Portanto eu acho que é importante reaproximar, porque é do que se trata, as pessoas do seu meio natural, portanto esse é um valor, que tem a ver com o compreender com o sítio, onde vivemos e preservamos. Mas depois há uma série de toda outra...de valores, é difícil, pensar nisso, quando eu estou no terreno e não compreendo uma coisa, seja ela do âmbito meteorológico, geológico, botânico, qualquer coisa que aconteça que eu não compreenda, eu quando volto, à terra, como se costuma dizer, eu tento procurar porque é que aconteceu, tento me informar e portanto também estimula, o desenvolvimento do meu conhecimento para outras coisas. Há montes de valores, em termos da prática desportiva, bom...o ensinar as pessoas que são educadas, nesta prática, não terão mais ou menos respeito e conhecimentos do que outros, nesse aspecto aí, relativamente à prática desportiva do *Basquetebol* ou da *Ginástica*, eu penso que o domínio do corpo, a concepção do corpo, todo esse prazer que pode estar relacionado com o estar em forma e conseguir fazer as coisas, nessa parte eu acho que é igual.

45. Muitas das vezes associamos este tipo de práticas radicais a consumos de substância ilegais, nomeadamente consumo de droga. Esta associação é justificada por estados idênticos de euforia experienciados numa e noutra situação. Teve algum tipo de comportamentos desta natureza?

Não, nunca tive, isto foi sempre um pouco, uma forma de estar e uma filosofia minha. Nunca experimentei essas substâncias em algum momento da minha vida. No entanto eu penso que essa imagem não é de todo correcta. Neste tipo, todo, de práticas, que é...que eu encontrei ao longo dos anos, houve nichos de pessoas, com alguma prática, nomeadamente...também foi divulgada pelos grandes meios de comunicação e associada a esse...da *Escalada do Boulder*, a actividade de *Boulder*, fundamentalmente essa, e no *Ski*, mais ultimamente, até a parte do *Snowboard*, em que eram pessoas que consumiriam substâncias, nalguns nichos essas pessoas, isso existe, isso existe, mas existe, como existe noutras quaisquer actividades, sejam elas desportivas ou não. Agora esses praticantes, nem pouco, nem de perto estão, se aproximam daquilo que é a prática de elite, não tem qualquer capacidade para isso. Os indivíduos que se aproximam das práticas de elite, são puros, completamente, como qualquer atleta que vai aos jogos olímpicos, ou a um campeonato do mundo e a partir do momento em que começa, no caso destas actividades em que tem um risco, realmente assumido, dados os ambientes, é assim, eu se for jogar *Basquetebol* e se tiver consumido uma substância ilícita, quer dizer, posso levar com uma bola na cara, posso levar com ela nos dedos e partir um dedo, posso cair para o lado, se eu for para um ambiente de *escalada*, de *Ski* ou de *Canyoning*, o que me pode acontecer é morrer, aí sim, eu duvido que as pessoas se coloquem nesses ambientes.

46. Fez referência agora aos *snowboarders*, este grupo por vezes optam por descer encostas, fora de pista. Como encara este tipo de postura? Acha

viável a rentabilização de espaços não normativos? Alguns consideram esta forma de estar como marginal e transgressora.

No caso do *Ski* está perfeitamente institucionalizada a prática de *Ski* e de *Snowboard* fora de pista, e há ambientes próprios. Os indivíduos que exploram as pistas, não querem permitir, como é óbvio, até porque normalmente as zonas que eles normalmente não utilizam para esquiar, é porque realmente não se pode, por questões de segurança, porque eles realmente aproveitam todos os quilómetros possíveis para criar pistas, portanto só se não há essas condições. Eu penso que essa rebeldia, digamos, se é que lhe podemos chamar assim, existe em todo o lado, até na sala de aula, quando um aluno, apesar do professor ter chamado à atenção, ele acha que o que tem interesse é exactamente fazer algo perante os colegas. Eu penso que isso não é mais do que isso, são pessoas a tentar chamar a atenção para alguma coisa. Porque se for um praticante sério, que queira explorar um ambiente, mais natural, não maltrata o ambiente, por exemplo o caso do *Ski*, fora de pista, ele não vai procurar a estância, para que é que ele vai estar a gastar dinheiro no *forfait* e estar ali a exhibir-se à frente das pessoas, não e mais do que isso, elevai para um sítio solitário.

47. Nos associamos este tipo de práticas ao meio natural, obviamente, que condição é que esse espaço lhe oferece para a prática do *canyoning*?

O *Canyoning* não pode ser praticado fora do seu meio natural, quer dizer, criar um espaço artificial, deve ser, deve ter uns custos que nem imagino, não é? É assim os rios não tem todos as mesmas condições, nós podemos fazer prática de rios, alguns sem qualquer tipo de equipamento, ou seja não é preciso corda, arneses, basta ter o capacete, fato isotérmico e o calçado, até rios em que é preciso todo equipamento e mais algum. Que condições? Eles têm as condições próprias que já existem, os bosques e as montanhas, tem as condições para a prática da *Orientação*, as zonas de neve, têm a neve para esquiar, e os caudais nas zonas, os caudais moderados nas zonas das nascentes dos rios, em zonas encaixadas, têm aquilo que se pretende para fazer a progressão naquele meio, destrepe, os saltos para as lagoas, as zonas dos escorregas não é? Quando hoje em dia, vemos isso transformado é ao contrário, que são as piscinas dos tubos, que temos pelos nossos país, não é? Dos parques aquáticos, quando as pessoas não fazem ideia de que isso se pode fazer num meio natural...em zonas polidas pela água e que fazem também aqueles tubos todos com os “S”, as curvas, as rectas, a vir acabar numa lagoa, o que é isso que se simulou num parque aquático? É mais do que isso.

48. Que sensações lhe são transmitidas durante a prática?

É...está sempre a ver com o prazer e sentir bem, hoje em dia, acho que não há ninguém que não diga que não tenha isto ou aquilo que lhe afecta ou lhe preocupe, é um trabalho para entregar, é a preocupação dos filhos na escola, é sei lá, pessoas que podem ter a determinada altura um problema de ordem económica ou outros. Quando estamos neste ambiente, isso tudo passa, isso

tudo passa, nós esquecemo-nos do dia-a-dia, a única coisa que conta é cada movimento que fazemos, e o explorar aquele movimento e desfrutar e isto não é um *cliché*, isto existe. Todas as pessoas que eu levo e que não têm experiência, são capazes a determinada altura de me dizer, que se esqueceram naquele momento de tudo, só aquilo é que contava, já não se lembravam, às vezes se é um colega, da mulher e dos filhos, não se lembrava dos problemas do trabalho, eu tenho situações giras. Eu lembro-me de que em tempos levar um médico, numa altura em que eu conduzia profissionalmente, um médico amigo que, a determinada altura no meio do rio, disse-me que aquilo era capaz de ser a solução para muitos dos pacientes deles, que eu até a brincar lhe disse, *então fazemos já aqui um contracto, o doutor prescreve e eu sou a farmácia*. Mas portanto, isso acontece, quando estamos lá, esquecemos um pouco tudo, vivemos aquele momento.

49. Pelo que refere é possível a ocorrência de perda de consciência em termos temporais!? Já lhe aconteceu perder completa noção do tempo?

Esta existe, que não pode acontecer com uma pessoa com responsabilidade de enquadramento técnico. Porquê? Porque corre-se o risco de ficar retido no rio. E isso é que é muito complexo. Portanto quem tem a responsabilidade de enquadramento, tem que controlar o tempo, a não ser um louco, que é o que eu considero, ninguém vai enquadrar pessoas num rio que desconhece. Embora há loucos que o façam. Mas para isso tem que ter no mínimo o *croqui* do rio, e conhecer os tempos médios de velocidade e conhecer bem o seu grupo para os poder...e tem de controlar o tempo. É por causa dessas coisas são que nós vemos os rios com mais prática em Portugal, o Rio Teixeira, grupos perfeitamente desmesurados de 25 a 30 pessoas a sair às 11 da noite do rio, não é? É um disparate completo.

50. Quando vemos estamos a presenciar uma mutação em termos espaciais, e grande parte destas práticas, de natureza, não só se praticam em meio natural, como também já existem estruturas em meio urbano que recriam estas condições. Acha que é possível recriar estas condições noutros espaços, que não o natural?

Não creio. Em duas ou três situações já foram criadas, em situações de tipo de feiras e de mostras desportivas, em que tinham estruturas artificiais, de escalada e coisa de género e colocaram ao lado, por exemplo uma rochas, com água a cair, artificialmente e as pessoas, para experimentarem, tinham que vestir um espaço isotérmico, subir lá acima, descer a cascata em *rappel*, cair na lagoa e depois tirar aquilo tudo. Para estar em cinco minutos de prática perdiam mais de meia hora. E não é exequível, não creio que seja exequível, precisa de condições, especiais, que não se conseguem....quer dizer, conseguir-se-iam reproduzir, em França há duas pistas artificiais, de *hidrospeed*, a famosa natação em águas bravas, mas essas pistas, são feitas com material insuflável e servem basicamente para a instrução de quer

praticantes quer de técnicos, e está reduzida em termos de espaço, como é óbvio. Acho muito complexo fazer algo para o *canyoning*.

51. Existe algum traço característico, de alguém que pratica regularmente o *canyoning*?

Não é difícil, é muito complicado.

52. Considera que existe algum tipo de cultura associado a este tipo de prática?

Não, acho que...é de certeza...são de certeza pessoas que gostam de estar em contacto com a natureza.

53. O professor sente que pertence a alguma espécie de tribo com códigos, linguagem e estilos de vida próprios?

Eu não sinto que pertença a qualquer tipo de grupos desses género. A única coisa que sinto é que cada vez mais, me sinto diferente dos interesses da maioria das pessoas dos nossos dias, seja no meu local de trabalho, seja com alguns desses praticantes. Movem-me outras coisas. Não quer dizer que as coisas que me movem hoje, sejam as mesmas que me moverão daqui a 10 anos. Porque isso já me aconteceu no passado, porque eu já quis ser uma coisa, quis ser outra, foi alterando, havia determinado tipo de interesses e hoje não. Eles foram-se alterando, eles vão-se alterando ao longo da vida, e portanto eu sinto realmente que tenho interesses diferenciados da maioria das pessoas e dos meus pares, eu não consigo sentir prazer nenhum em estar num café, 2 horas a falar com as pessoas, ou posso estar noutro ambiente qualquer a falar com os meus amigos, nada me leva a uma discoteca. Mas eu fui a uma discoteca quando era jovem. Se eu passar bem hoje nisso, não era bem a discoteca que eu queria e a música, o que eu queria se calhar era as namoradas, e aquela coisa, e portanto ia lá com outros objectivos. Mas não há realmente assim grandes coisas, não me sinto incluindo num grupo, sinto-me diferente, eu não sou melhor nem pior do que ninguém, sinto que sou diferente e tenho interesses diferentes. Tenho levado algumas pessoas, que me rodeiam a pensar sobre isso, depois acabam por dizer que sim é interessante, mas não conseguem porque estão muito agarrados à forma como o cônjuge, marido ou mulher, actua e vive e tem que o acompanhar, ou os colegas da profissão, ou os pais dos amigos com quem convive regularmente. Eu penso que tenho tido a felicidade de, isto se calhar é obra do acaso, em não ter dores de cabeça com isso. As pessoas que me rodeiam, acompanham-me e quando não me acompanham, está tudo bem na mesma, *ok eu vou para a montanha, vou para a Serra da Estrela, vou para a Serra da Freita fazer um canyoning*, neste caso. O pior que pode acontecer é eu não ter ninguém para ir.

54. O professor tem algum seguro de saúde/vida motivado pelo tipo de práticas que desenvolve?

Tenho um seguro de vida que cobre todas as actividades que pratico, em qualquer local do mundo, e que contempla a possibilidade de resgate por meios aéreos.

Tiago Lopes

1. Qual é a tua idade?
41.
2. Qual é a tua nacionalidade?
Portuguesa.
3. Situação conjugal?
Casado.
4. Onde é que resides?
Aveiro
5. Com quem é que vives?
Mulher e filha.
6. Em que tipo de alojamento é que vocês residem (apartamento/moradia...)?
Moradia.
7. Qual é a sua dimensão (t0, t1, t2...)?
T5.
8. Casa própria ou alugada?
Própria.
9. Qual é que é a tua formação académica?
Mestre.
10. Tens conhecimento acerca do volume de rendimento mensal do teu agregado familiar (até 1000€; 1000€ a 2000€; 2000€ a 3000€; 3000€ a 4000€; ...)?
2000 a 3000 euros.
11. Como é que te enquadrarias em termos de estatuto social? Classe baixa, classe média-baixa, classe média...
Classe Média.
12. Relativamente aos teus pais, qual é que é/foi a sua profissão?
Desenhador e professora, ambos aposentados, nesta fase.
13. Qual é a tua profissão?
Professor.
14. Há quantos anos?
18 anos e ...uns meses.
15. Qual é a tua situação, em termos profissionais? Efectivo?
Sim, ainda lhes chamam os do Professores do Quadro de Nomeação Definitiva (PQND).
16. Antes de exerceres esta profissão tiveste outras?
Não.
17. Não és *kitesurfer* profissional!?
Não.
18. Tu não tiras dividendos económicos da tua prática?
Em parte sim, uma vez que também dou formação (esporádica).
19. Alguém te influenciou a praticares *kitesurf*?

- Ninguém em particular. Fui um dos primeiros na minha zona.
20. Ainda te recordas dos momentos em que começaste a praticar desporto...desporto no sentido mais generalista?
- Sim. Muito cedo... não sei se com 5 anos. Por aí!
21. Consegues balizar momentos em termos de contacto com actividades de índole desportiva, com algum significado para ti?
- Sim, ao nível federado, apenas pelo Basquetebol, dos 16 aos 18 anos. As outras tiveram mais que ver com desporto escolar e as ditas radicais terão começado por volta dos 17 anos, o *Windsurf*.
22. De que forma, estas actividades influenciaram a prática de *Kitesurf* actualmente?
- Estas, ditas mais clássicas, como sendo o Atletismo, Basquetebol e todas as outras abordadas na formação de professor de Educação Física pouco tiveram a ver com a iniciação ao *Kitesurf*.
23. Porquê?
- Não têm nada a ver com o *Kitesurf*. Já o *Windsurf*, que também praticava regularmente...com certeza!
24. Quantos anos de experiência é que tens no *Kite*?
- Mais de 8 anos.
25. Consegues classificar o teu nível?
- Avançado...muito *prá* frente! ☺☺
26. Actualmente que actividades praticas?
- Kitesurf*, *Windsurf* e *Paddle-Surf*.
27. Como caracterizarias o *Kitesurf*?
- Kitesurf* é portanto uma modalidade que abarca várias áreas. Abarca desde andar nas ondas, desde águas planas com pranchas bidireccionais. Há várias vertentes no fundo. Que vertente praticas? Épah...eu pratico de acordo com as condições, pratico, não digo todas elas porque existe uma que se chama *cross-racing*, que é para fazer regatas, no fundo, os “gajos” entram a norte com vento sul, por exemplo, imagina e estarão sempre a fazer uma travessia sempre no mesmo bordo. É digamos que uma competição de...mas isso aí é uma vertente...é a vertente de corrida, digamos assim...isso eu não faço. Voltando à questão, é uma modalidade de...digamos...é radical no fundo, uma pessoa, não digo que seja de descargas de adrenalina grandes, mas que...é uma actividade que causa muita dependência, isto vê-se logo sob o ponto de vista da expectativa dos dias em que há vento, nós andamos...somos completos doidos pelos sites de meteorologia porque andamos sempre à espera, não digo da “tempestade certa” mas de um bom dia, de boas condições, estás a perceber? Logo começa logo aí, antes de ir para a água. E depois na água, digamos que é o envolvimento, com os elementos, estás a perceber? Na medida em que tu comesças a andar mais e a usar digamos, a fazer *kite* em condições mais “agrestes”, epah...é pores-te também à prova não é? No fundo, muitas vezes, estou dentro de ondulação, que às vezes penso: *se a minha mãe olhasse aqui para este cenário, ela*

tinha um ataque cardíaco :) portanto digamos há situações em que o tamanho das ondas, mesmo própria motricidade e os saltos, às vezes quando são muito altos, nota-se que há uma dimensão que nos põe algum perigo, só que pah...honestamente, com o avançar digamos da experiência, aquilo é o teu meio natural, não sei se te estou a responder à questão!?

28. Como é que tudo começou?

Epah...primeiro foi o *Windsurf*, começavam nas feiras, digamos anuais de mostra de material, o *Kitesurf*, começava a aparecer, eu fui sempre adiando, mas houve uma altura, pah, que por curiosidade, mandei vir um *kite*, sem prancha, só o *kite*, epah...e andava a brincar com o *kite* na areia, e passado pouco tempo mandei vir uma prancha e a partir daí, aquilo foi digamos, no início como complemento do *Windsurf*, porque poder-se-ia utilizar com ventos mais marginais, uma vez que o *Windsurf* só fazia já com ventos muito fortes, porque as pranchas eram de ondas, tinham pouco volume, e portanto aqueles dias em que há vento mas não era suficiente para andar de *Windsurf* com pranchas de ondas, digamos que poderia ser o complemento ideal. Mas rapidamente uma pessoa começa a perceber que o tamanho dos *kites* também é variável e portanto há *kites* grandes sim, para ventos mais fracos, mas também há *kites médios, pequenos e minúsculos* ☺ e portanto é possível andar com ventos fortíssimos e com segurança, desde que realmente desde que haja esta evolução, no sentido de te adaptares ao material e não só, e sentires que estás à vontade naquilo que fazes.

29. Recordas-te em que fase da vida em que isso aconteceu?

Em que fase da vida? Epah, era solteiro ☺☺ digamos que é difícil dizer, porque parece que houve alguma coincidência na minha vida para poder começar a fazer *Kitesurf*, eu acho que aquilo que está na base pelo início do *Kitesurf* foi a paixão pela água e pelo vento. Esses elementos digamos que eu já os dominava no *Windsurf*, e aquilo foi mais a curiosidade de perceber que poderia haver ali uma perspectiva de começar a fazer outras coisas. Eu por exemplo agora tenho um complemento do *Surf*, que é o *Stand-Up Paddle*, é digamos que uma prancha de *Longboard* muito grande, sabes o que é? Eu não parei com as outras (práticas) mas arranjei outra forma de interagir com aqueles elementos, com o mar...uma pessoa quando fica algum tempo sem ir ao mar parece que fica com uma neura dos diabos pah...aquilo é viciante.

30. Que diferentes fases em termos de etapas tiveste nesta prática? Referiste há pouco que começaste com o *Windsurf*, depois compras um *kite*, entretanto compras a prancha? Como se processou toda a tua evolução, como praticante de *Kitesurf*?

Epah...o *Kite* é uma modalidade que tem um período de aprendizagem que eu posso considerar, um tudo ou nada, mais prolongado que o *Windsurf*, actualmente com material ajustado, aprende-se a fazer *Windsurf* numa tarde e o *Kite* não é tanto assim, demora umas horinhas. Mas de qualquer forma, depois não tem paralelo com nenhuma outra modalidade que tenha experimentando na evolução, portanto, em poucas semanas, parece que já te

sententes um herói naquilo, já dominas...quer dizer, depois a prática é tudo, se tu só tiveres disponibilidade para ires lá uma vez por semana ou só aos fins-de-semana e ainda por cima não há vento, quer dizer...e se espaçar muito as idas à água, naturalmente que essa evolução não acontece da forma como eu estou a dizer. Mas em condições naturais normais e de disponibilidade, epah...em muito pouco tempo tu estás a andar...eras principiante e hoje estás a sentir-te como um dos melhores, aquilo é mesmo assim ☺ não há...não conheço nenhum desporto em que a evolução seja tão exponencial. Aquilo são degraus, mas não são degraus individuais, são...passas dois em dois...é uma coisa impressionante.

31. A partir de que momento é que este tipo de práticas começa a fazer parte da tua vida?

Desde que eu comecei a fazê-lo de forma regular, nunca mais me abandonou...portanto digamos que isto é um dos elementos chave da minha vida, não posso conceber ☺ a minha vida sem este tipo de prática? Que idade é que tinhas? Epah...deixa-me cá ver, desde que comecei a ir à água não é? Essas coisas? Sim. Eu quando comecei a ganhar dinheiro digamos que comecei a ter mais disponibilidade, mas antes quando andava no curso, já fazia com regularidade, já tinha carta de condução, sei lá, desde...desde os meus 20 anos, volta disso, mas comecei com menos, vinte, vinte e poucos anos ☺ a carta de condução é factor importante não é? É, no *Windsurf* é fundamental, no *Kite*, pode não ser, se tu morares perto do *spot* ☺ assim como no *Windsurf* não é? Agora a questão da carta é importante porque realmente no *Windsurf* é necessário transportar imenso equipamento que é pesado.

32. Consideras a tua actividade como uma prática de risco?

Hã...é relativo, mas posso considerar assim de risco. Mas o risco neste caso é da avaliação...psicologicamente a pessoa tem que ser consciente e tem que ser madura, digamos assim, para o *Kite*. Para o *Kite* não se pode dizer que *o meu miúdo tem uma disponibilidade motora fantástica, já vai aprender a fazer kite*...não é a mesma coisa. Portanto, isto aqui, com miúdos, é necessário sempre a presença de um adulto para garantir...porque eles “têm sangue na guelra” e isto realmente nesse aspecto é inseguro. É inseguro porque uma má avaliação das condições, pah...o *Kite* pode transformar-se numa arma mortal. No início quando eu comecei a fazer *Kite*, o material ao nível da segurança passiva e activa era muito pouco eficaz e portanto essa avaliação ainda mais importante se tornava, e posso dizer-te que a maior parte dos acidentes mortais, aconteceram nesses anos. O material evoluiu bastante e hoje em dia até dá uma excessiva confiança, excessiva autoconfiança. Há portanto um sistema que dizem que é o *totally depowered*, portanto, significa que se pode anular completamente a potência do *kite*, que é mentira, anula fortemente, mas não a 100% e portanto isso também coincidiu com, não só a dimensão dos acidentes mais perigosos e que inclusive originavam morte, mas também com o aumento do número de

praticantes, porque naquela altura era preciso ter uma condição física considerável, quando o *kite* caia à água para levantá-lo da água a pessoa tecnicamente...era exigente, mas sobretudo fisicamente, porque uma pessoa tinha que andar ali às vezes, tempos e tempos na água, e não era qualquer um qualquer, tinha que ser um atleta, eram aqueles que aprendiam com aquelas condições. Hoje em dia, pah...aquilo são sistemas quase que automáticos de tirar o *kite* da água, só falta ter um botãozinho para levantar ☺ mas naquela altura não era. Portanto, hoje em dia, continua a haver acidentes, mas são sobretudo de uma fraca avaliação das condições meteorológicas ou porque...pessoas que possam ter associado à sua condição física um ou outro problema de saúde e que numa situação de maior *stress* possam ter um acidente. Normalmente a coisa...agora é raro ouvir-se de uma notícia de uma morte.

33. Que aspectos da tua vida diária mudaram em função desta prática. Disseste que passaste por aquela dependência em relação à água, consideras que condicionas a tua vida em função dos teus momentos de prática?!

Epah...é assim, quando uma pessoa...antes de casar e de ter esta filhota, era tudo muito mais simples. Quando se junta outras circunstâncias, claro que agora tenho que adaptar na medida do possível. Tenho a possibilidade também de ter uns sogros que já estão reformados e que podem de alguma forma apoiar uma ou outra vez e portanto...pah...tem que ser uma combinação. Mas há dias, são poucos...mas há dias em que uma pessoa não tem mesmo forma de evitar não ir, mas são poucos.

34. Existe uma forte relação deste tipo de práticas com a população masculina. Consideras o *Kitesurf* uma actividade tipicamente masculina?

Epah...não, mas em qualquer desporto e neste em particular, existem muitos mitos associados e desde logo, o primeiro é que é um desporto que exige muita força e isso retira logo uma grande quantidade de mulheres ou de raparigas, que se calhar poderiam experimentar isto. Depois é um desporto que estando a ser realizado sobretudo nalgumas zonas do nosso país, por homens e vêem-se poucas mulheres, noutros nem tanto, já começam a aparecer umas quantas, digamos que é mais difícil uma rapariga entrar num meio em que os homens já lá estão ☺ não é? E são só homens...eu vejo mais as coisas nestas perspectivas. Uma é o mito de que é preciso muita força e não é, depois o outro é realmente uma pessoa quer ir para um sitio mas aquilo é só homens, *o que é que eu vou para lá fazer?* Penso que serão estas duas as razões principais.

35. Outro dos mitos associados a este tipo de práticas, está relacionado com o consumo de álcool, drogas, articulados com determinadas práticas desportivas ou de lazer. Concordas com este tipo de associação? Achas que este tipo de comportamentos não se verifica na nossa faixa etária?

Eu não tenho nenhum...eu não conheço ninguém que faça *Kite*, pelo menos das minhas relações pessoais, que tenha qualquer desvios dessa natureza. Portanto, por um lado tens razão porque realmente as nossas idades, dizes

bem, porque são poucos os miúdos que fazem *Kite*. Porque aquilo é caro e normalmente é pessoal já de uma certa idade e se tivessem problemas dessa natureza, não digamos, não privilegiavam o *Kite* ou um desporto que exige algum envolvimento financeiro não é? Desviavam isso para outras áreas ☺ por acaso eu...não se vê, não se vê, pelo menos eu não conheço.

36. Certamente já terás passado por alguns momentos de ansiedade, falaste há pouco em situações em que o mar estava muito grande, as condições de ventos também não eram as melhores...isso condicionou a tua forma de estar e de viver a prática em sessões seguintes?

Pah...já passei por situações de risco de vida mesmo, mas foram sobretudo no *Windsurf*, no *Kite*, já tive algumas situações que poderiam ter corrido mal. Epah...eu pela experiência e que já são de alguns anos, sinto é que uma pessoa tem que aprender com os erros, alguns deles somos naturalmente, são da nossa responsabilidade, outros podem ser do material, um problema qualquer que surgiu com o material e normalmente quando as coisas correm mal, não é só por um factor, é o conjunto de vários factores negativos que se conciliam ali, para a coisa correr mal e uma pessoa se for um bocadinho racional e se perceber que realmente há razões para aquilo ter acontecido, hã...pah...não condiciona assim tanto. Posso-te dizer é que quando vou para um *spot* novo, um sítio que está como vento tipo Guincho, às vezes, quando vou lá, assim no Verão, pah...dias de mar grande, vento forte, um gajo quando está a encher o *kite*, está com umas palpitações maiores, mas aquilo é só nos primeiros momentos, estás a ver? É porque estás num meio pouco habitual, o ambiente está inóspito, uma pessoa vai com alguma dose de cautela e isso está muitas das vezes associado a uma certa ansiedade. Mas desaparece rapidamente ☺

37. Achas que estes momentos de ansiedade, de certa forma combatem aquele *stress* diário que acumulamos nas nossas profissões, a nível pessoal. Achas que é viável?

Epah...é e inclusivé tenho vários testemunhos de colegas, a quem eu vou dando formação de *Kite*, e colegas meus de escola e que também fizeram a formação de *Kite* comigo e outras pessoas que mais ou menos vou acompanhando, mas todos aqueles que fazem comigo e que aprenderam à pouco tempo, têm exactamente essa percepção, epah...porque a vida na escola, agora também está muito mais complicada, não é? A avaliação, os problemas todos, epah...e uma gajo quando está num cenário daqueles mesmo porreírissimos e faz aí uma horita ou mais de *Kite*, epah, sem *stress's*, tudo a correr bem, e pah...aquilo é uma maravilha ☺☺ uma gajo está pronto para beber umas minis ☺☺

38. Achas que em termos de autodomínio, este tipo de práticas é importante para o seu desenvolvimento?

Epah...eu penso que sim, porque estas coisas tem sempre uma transversalidade e são de alguma forma, fazem o *transfer* para outras áreas. Eu não te sei dizer nestas ou naquela situação, *eu fui buscar ao Kite esta*

mais-valia, mas no fundo até porque no fundo estas situações são muito específicas e digamos que lidar com estes elementos e aquela dose de autoconfiança que muitas vezes é necessária ter, epah...dá-me ideia que também é um traço da minha personalidade noutras áreas. Se eu fui buscar ao *Kite* ou se isso também já me ajudou no *Kite*, agora também é um bocado difícil perceber, mas de certeza que há interferência de uma para outra.

39. Que motivos te levam a manter esta prática?

Epah...sabes que...aquilo é uma data de coisa pah, mas eu posso dizer-te que quando saio de um dia daqueles com ondas perfeitas em que tu fazes quase o tubo ali com a prancha, o *Kite* parado, epah...um gajo vai para a cama e vai sonhar com isto ☺ epah, um dos aspectos fundamentais, é teres...fisicamente estares apto, porque quando uma pessoa tem uma lesão, enquanto a coisa não está resolvida, uma pessoa não vai facilitar, não se vai meter ao barulho, a não ser que sejam, assim, lesões de menos importância e portanto é importante teres saúde e estares apto, fisicamente capacitado, estares ato a 100%. Enquanto eu sentir essa capacidade, hei-de estar sempre ligado à modalidade, e outras das formas que me faz, digamos continuar, envolvido nisto, é que o conjunto de coisas que é possível fazer numa onda, epah...ainda é tão grande, há tanta evolução ainda por se concretizar que ela verdadeiramente nunca terá fim, há sempre gente a inventar coisas e portanto, uma pessoa...é sempre a busca do dia perfeito, esse dia perfeito tem a ver com as ondas com determinadas características, o vento com outras características e uma pessoa anda sempre do dia perfeito ☺

40. O *Kitesurf* mudou a tua vida?

Epah...sim, em grande medida sim. Consideras que ele teve implicações no rumo da tua vida? Condiciona, no sentido, de que por exemplo, férias em família, eu tento sempre arranjar ali qualquer coisa ☺ que também me possibilite a prática, por exemplo, nesse aspecto condiciona. Eu podia ir visitar cidades da Europa e vou para ilhas e coisas assim que tenham mar e água. Nesse aspecto condiciona, claro. O das viagens é um deles, mas há outras coisas não é? Que uma pessoa podia fazer e não...aquilo é um bocado uma obsessão.

41. Tiras algum tipo de dividendos económicos da prática do *Kite*? Uma vez falamos que “representavas” uma marca de material de *Kite* em Portugal.

Epah...não, a questão é esta. Eu nunca me considerei representante de marca alguma, simplesmente, como as pessoas em causa, já me conheciam do *Windsurf* e sabem que eu ao nível da prática já tinha um nível que era, portanto, interessante, digamos que os desejos das marcas é estar em muitos sítios, não é? E poderem vender em vários sítios e nessa base, digamos que surgiu um convite para poder vender material dessa marca e como eu também estive envolvido aí numa sociedade que já se desintegrou e que agora estou apenas eu a trabalhar, no fundo a dar formação de *Kite*, mas é uma formação que não corresponde digamos a uma...não faço daquilo nem

uma actividade secundária sequer. Portanto nos meus tempos livres...portanto nem tenho *site* nem nada, é a “passa palavra”, as pessoas que fizeram formação, no fundo conhecem outras e com as quais depois dizem que: *o Tiago é assim, é bom e tal ou aprenderam bem e tal...e* vão aparecendo todos os anos sete, oito pessoas que vou dando cursos e depois no fundo também há a ligação essas pessoas precisam de material com a dita marca. Se isso me vai melhorar economicamente? Não, aquilo basicamente funciona para eu ir trocando todos os anos de material ☺

42. Que razões me motivam a procurar novas metas? Disseste-me há pouco de que agora andas a experimentar o *Paddle-Surf*, é o desejo de não estagnação?

Epah...é, e nisto aqui, o desporto só evoluiu quando existem pessoas que conseguem não ficar felizes, vá lá, com aquilo que acham que já está num nível porreiro, mas quando diversificam, quando vão para outras áreas, quando de alguma forma introduzem, neste caso eu considero um introdutor, na minha zona de algumas nuances, por exemplo no *Kite* fui o primeiro aqui a usar uma prancha de *Surf*, ainda com *foot straps*, mas a malta já andava a fazer umas ondas, mas era tudo com bidireccionais, digamos que quis avançar para esta área. Agora o *Paddle-Surf*, também somos só dois, mas se calhar daqui a por dois anos, também já somos alguns 15 ou mais e portanto é um bocado não para ser, digamos uma referência, mas porque eu sinto também necessidade de ir por outros caminhos.

43. Tens algum tipo de preparação específica para... (nem cheguei a terminar a pergunta).

Não ☺☺, nada, o meu aquecimento é encher o *Kite* e ir para a água.

44. O *Kite* passou por imensas evoluções e tu já tiveste oportunidade de falar de algumas delas, consideras a evolução benéfica para a evolução de uma prática?! Material, humana, social...

Epah...é importante, claro que é importante, mesmo a existência de uma Federação...antes existia uma associação, agora acho que já existe uma federação. Sabes que cada vez...agora há muitos praticantes e tem havido alguns problemas nalgumas praias, em que durante o resto do ano são utilizadas por praticantes de *Kitesurf* e quando chega a altura do Verão, do pico do Verão, são interditas, completamente interditas, até porque já houve alguns acidentes e portanto o facto de haver mais praticantes e haver uma federação, pode de alguma forma ajudar a criar alternativas.

45. Valorizas a técnica como forma de obtenção de melhores resultados/performance?

A técnica é realmente importante, claro que sim, mas acho que sim. Costuma-se dizer que o que faz um bom *kitesurfista* não é o material que tu levas, mas o macaco que leva aquele material ☺☺ estás a ver? Tu até podes ser...ter material de há três anos e seres um excelente *kitesurfista* e metes os outros gajos no bolso, os gajos que andam lá com o *xpto*, estás a perceber? A técnica neste caso é primordial!

46. Uma vez que te encontras num contexto dotado de variáveis instáveis, como é que tu contornas toda a imprevisibilidade que caracteriza este espaço?
Pah...pois, isto aqui é como em todas as modalidades, a automatização do gesto. No início, quando se está a aprender tudo é confusão. A instabilidade do meio, o vento que sopra, a orientação do vento, na medida em que tu te enquadras, automatizas digamos, todos os procedimentos, tu deixas de pensar nesses acessórios, tu agora comesças agora é a olhar exactamente onde é que está o pico da onda, a velocidade da onda...digamos que canalizas a tua atenção para os pormenores do meio e esqueces a prancha, o *kite*, tudo isso passa a não existir, porque o teu corpo está de tal forma harmonizado com esses equipamentos que agora o que interessa é tirar partido ☺ como num carro tu já não vais ver onde está a mudança e tudo mais, tu já estás é a sentir, onde é que tens que acelerar na curva, o que é que vem? Estás a perceber?
47. Achas que estamos perante um combate, figurativo, entre o Homem e a Natureza?
Não, não...quer dizer, nós desafiamos os nossos limites muitas vezes quando por exemplo nos pomos à prova em dias de muito vento, ou em dias em que o mar está grande, não é um combate Homem-Natureza, mas mais uma oportunidade de nós testarmos um pouco os nossos limites, mas é uma perspectiva diferente. Mas sempre respeitando claro, nós nunca podemos ultrapassar os nossos limites e quando tentamos fazê-lo, normalmente a coisa corre mal.
48. Tu pensas na ocorrência de um acidente durante a prática?
Epa...durante a prática do *Kite*? Deixa-me ver...não há dias iguais não é? Aqueles dias mais pacíficos, nem pouco mais ou menos. Nos dias mais agressivos ou quando existe uma situação em que o *kite* caiu à água, a rebentação grande...quer dizer, não digo que uma pessoa...que esses pensamentos estejam completamente fora, mas sinceramente não é por aí, porque eu sinto que a pulsação cardíaca não acelera assim tanto. Mas é como te dizia há pouco, é mais antes de entrares no meio, depois quando entras no meio, comesças a sentir-te mais à vontade. Também já senti dias em que aquilo não estava para brincadeiras, mar muito grande, vento a falhar e aí qualquer erro pode custar no mínimo todo o material despedaçado. Há dias em que uma pessoa percebe *epah...isto é riscos a mais, vamos sair...*ou quando está forte demais, isto pode haver aqui um *stress* ☺
49. Encontrei alguns autores que enquadram o *Kitesurf* como uma modalidade extrema. Concordas com este pensamento?
Não, não se pode ver o todo pela parte, ou seja, existem realmente pessoas que gostam realmente pessoas que gostam de andar em condições extremas, assim como existem aqueles especialistas do *Surf* que só apanham ondas muito grandes, as outras ondas pequenas não lhes diz nada, portanto nesta modalidade existe aquele senhor de 50 e tal anos, anda de um lado para o outro, mas nunca tentou sequer fazer um salto, portanto ele também faz

- Kitesurf*, mas não é nenhum extremo ☺ não é? E existem realmente explorações extremas destes equipamentos, isso sim.
50. Consideras que a morte está subjacente à tua prática ou não?
Está subjacente a tudo mas realmente existem riscos que se calhar podem não ser tão altos quando eu estou a conduzir um carro ☺
51. Em termos de transcendência, acreditas em algo durante a prática? Tens algum tipo de crença? Superstição?
Epah...nalgumas circunstâncias, antes de entrar me benzi, mas eu não faço disso sistema, nem pouco mais ou menos. Mas já passei, como te digo, por situações no *Windsurf* em que lá ia ficando mesmo, foi digamos...tenho sete vidas, neste momento já tenho só 6 ou 5 ☺☺ estive mesmo para não vir e portanto são situações que nos marcam e portanto havendo qualquer coisa que se pareça com uma situação que nos pode por em causa, a integridade física...eu não me recordo assim, nos últimos tempos de ter passado por nenhuma delas, já senti...agora se eu acredito quando vou fazer nessas condições em algo? Não pah...eu até penso é mais na minha filhota, estás a perceber? Eu sou mais consciente hoje, do que era se calhar há uns tempos atrás, há uns anos atrás, portanto, sinto que tenho outras responsabilidades.
52. Falando agora do relacionamento, das ligações que tens à tua volta, achas que ficaram condicionadas em função da tua prática?
Sim...é verdade é verdade. Portanto existem nichos de pessoas que praticam a modalidade, com as quais também só me encontro naquelas circunstâncias e outras que faziam parte das minhas amizades e que também se juntaram nesta prática e com as quais ainda mais há motivo de conversa.
53. Que valores é que achas que a tua actividade possui?
Epah...olha, sim é preciso disciplina, é preciso... hã... auto-controlo... hã... maior respeito pela natureza e pelos outros, portanto há muita gente que não... tem atitudes menos parecidas com estas que te estou a dizer, mas à partida, poderia e deveria ter uma atitude mais ecológica, mas...o que é que te posso dizer mais? Ao nível de... hã... de auto-estima, naturalmente, também...porque como te disse a evolução é muito rápida e uma pessoa facilmente se considera um herói ☺☺ hã... epah, poderia te enumerar uma data delas, eu também não estou assim muito consciente de todas elas porque convivo com este tipo...isto é quase com parte da minha pele, estás a perceber? ☺☺
54. Relativamente à utilização de espaços proibidos, isto acontece, talvez mais noutras práticas, mas como disseste há pouco, existem certas zonas do nosso país que são utilizadas por *kitesurfers* durante o Inverno, estou aqui a recordar-me por exemplo da Lagoa de Óbidos, que durante o Verão não é permitida a sua utilização para este tipo de práticas, mais propriamente durante a época balnear. O que é tu achas da utilização destes espaços? Consideras que por este facto estamos a tornar estas práticas marginais ou transgressoras? Ou achas que deverá imperar o bom senso?

Pois, deveria haver bom senso, de ambas as partes, para que as coisas pudessem correr pelo melhor, a questão aqui tem que ver com...aliás, são duas as questões, a primeira é que existem pessoas que respeitam e que de alguma forma tendem causar o menor impacto possível nos veraneantes, estou a falar dos *Kitesurfistas*, não é? Há pessoas que respeitam digamos o outros e não vão para zonas onde estão banhistas, onde estão veraneantes, ali com grande acumulação...em grande concentração, mas há muitos que também não fazem isso e como é um desporto de grande espectáculo visual, não é? O que é que acontece? As pessoas passam no meio dos veraneantes, lá com o *Kite* no ar e pode acontecer uma situação qualquer de falha de vento ou de menos experiência...isto acontece geralmente com os menos experientes...há e há algum stress em que o *kite* pode cair na areia e puder atingir uma série de pessoas, e são com acidentes destes que depois as autoridades tendem a tomar essas decisões menos agradáveis. Depois há gente que tendem a dar *saltos* em cima das pessoas que estão em cima da água e pode causar ali um desagradável acidente. Portanto em vez de serem o mais discretos possível a passar pela zona das pessoas, se calhar até fugir um bocadinho daquele que é o local, mais habitual de entrada, mas porque está muita gente na praia, se calhar poderiam evitar e ir um bocadinho 100 metros mais a Sul, ou 50 metros mais a Norte, estás a perceber? Mas não, gostam mesmo de andar onde está muita gente, epah...isto claro...por outro lado, como este desporto tem uma exigência ao nível de espaço porque tem 20 e tal metros de linhas até ao *kite* e é necessário um espaço para levantar, há zonas da nossa costa em que em Agosto, o metro quadrado de areia é super ☺☺ disputado, logo existe dificuldade em compatibilizar as duas coisas, e portanto aí, o que é que aconteceu? Em algumas praias, existem zonas concessionadas só para levantar e baixar *kites* e de entrada na água e as pessoas não podem entrar ali. Se entrarem estão a infringir uma norma que lhes pode causar algum prejuízo, do qual as autoridades não são portanto responsáveis. Portanto...estás a ver a ideia? Portanto nalguns casos é possível arranjar essas zonas, digamos específicas para levantar e baixar *kites*, noutras não é possível...e portanto também por um mês, nem que se ande mais ao fim da tarde, não é? Tem que haver um bocado de bom senso. Normalmente este tipo de situações, de proibição aconteceram com ocorreram acidentes, se não tivessem acontecido acidentes, não haveria problema nenhum.

55. Que sensações é que te são transmitidas quando usufruis de uma sessão de *Kite*?

Eu sei lá meu ☺ é difícil dizer-te aquilo que eu sinto ☺ ...é uma felicidade imensa, é uma felicidade imensa...aquilo...não consigo arranjar uma palavra. Há quem diga que é um orgasmo, ☺☺ isto é à gajos de futebol, quando marcam golos ☺ epah, não sei, é uma felicidade incrível.

56. Alguma vez passaste por momentos em que perdeste noção do tempo decorrido dentro de água? Existiu algum momento de perda de noção temporal?

Normalmente eu levo relógio ☺ mas isso não tem nada a ver com o facto de querer fazer determinado tempo durante a prática, até porque isto é muito físico, embora há pouco dizia que não é só um desporto para rapazes, não...mas é que se forem três horas...eu já fiz mais de três horas seguidas com condições de vento muito forte e ao longo deste tempo o mar não está exactamente da mesma forma, como sabes, fazes *Surf*, há a maré enchente, há a maré vazante e há períodos melhores de ondas do que outros, e quando o mar começa a ficar assim mais rafeiro, epah...um gajo sai. Pelo contrário, já estás a andar há algum tempo e começam a surgir os melhores *sets* e tudo mais, aí sim, uma pessoa perde um bocado a noção do tempo e avança mais. E sobretudo naqueles dias...não digo no Verão em que uma pessoa já entra muito tarde na água, aquele *lusco-fusco*...mas epah...se tu entras a meio da tarde, tu rapidamente, epah...três horas, já deu para fazer mais do que uma sessão, porque uma pessoa saía, descansava e entrava novamente, mas não existe assim tanto a noção de perda do tempo. A não ser que realmente haja essa situação em que estejas a apanhar ali *sets* contínuos porreiros pah...e o tempo, fazes um ou dois bordos para recuperar uma posição no pico da onda e quando dás por ela, passa assim meia hora num instante, nem deste por ela.

57. Eu considero o Kite um desporto individual, mas de certa forma existe uma comunidade dentro de água e todos tem a noção de que olham uns pelos outros naquele contexto. Tenho pessoas que me enquadrariam este tipo de práticas numa classificação de desporto individual e outras enquadrariam como um desporto colectivo, dentro desta linha de pensamento de que falei. Que considerações é que tens em relação a isto?

Epah...desde logo aquilo que eu transmito a uma pessoa que acaba de aprender a fazer *kite*, é que é fundamental que ele faça com companhia, porque temos que ser uns pelos outros portanto, nem sempre é possível quando há mar grande e uma pessoa anda no mar relativamente grande, às vezes nós não nos apercebemos de que há um individuo na água, está na água no sentido de que o *kite* caiu e ficou embrulhado numa onda, isto pode passar despercebido, mas normalmente não passa, portanto é natural que uma pessoa, tenha ali capacidade de poder auxiliar e portanto essa norma é importante que seja cumprida, não só pelo principiante, como também pela pessoa mais experiente, pah...isso é uma das linhas de segurança básicas. Já me aconteceu ia sozinho para a água, mas sabia que das duas uma, ou que o mar não estava fortemente mau, e portanto seria uma prática relativamente controlada, se acontecesse alguma coisa com o material...desde que tivesse em boas condições físicas, agora, se levar com uma prancha na tola, não tenho lá ninguém, é um risco que se corre e nós não devemos passar por essas situações, devemos sempre arranjar alguém,

que esteja também a andar e nessa perspectiva é um enquadramento colectivo, é a segurança sobretudo. Contudo concordas que isto é uma prática individual?! É.

58. Por este facto achas que a tua escolha em termos de prática recaiu sobre esta condicionante?

Epah...pois vamos lá a ver, o *Windsurf*, também sempre foi uma prática individual e portanto o *Kite* surge, no seguimento do *Windsurf* como te dizia há pouco, agora pah...se a minha realidade fosse, eu fazer o *Windsurf*, desde sempre sozinho e *Kite* sozinho, provavelmente eu não teria este nível de satisfação e não teria aguentado tanto tempo, portanto é importante para mim ter outras pessoas a andar. Nós sentimos...até andamos mais tempo se estivermos lá, mais uma pessoa. Por exemplo se estivermos para sair e está a chegar pessoal à praia, epah...*ainda vou andar mais um bocadinho*. É por aí também...

59. Existe actualmente uma reinvenção dos espaços que nos rodeiam, consideras esta mutação de espaços benéfica para as actividades desportivas e de lazer?

Epah...aí fujo um pouco da minha área, o *Kitesurf* não pode ser praticado noutras zonas que não as naturais, não posso fazer *Kite* urbano, mas têm havido provas em piscinas, com ventoinhas. A prática em si não tem nada a ver com este enquadramento. Achas que perde qualidade por se desenvolver em meio artificial? Epah...no caso do *Skate*, tu podes criar artificialmente coisas, muito específicas, e até desenvolver a prática, a partir dessas coisas mesmo específicas que queres desenvolver. No caso do *Kite* e do *Windsurf*, existem zonas para fazer *ollies*, não sei se sabias disso? Fazem como no *Skate*, mas honestamente é mais uma variante mas não substitui, de todo, a essência do *Kite*. É tudo num meio natural...a água. Ao nível dos *records* do mundo de velocidade, à pois aquilo, há zonas em que criam pequenos muros para que a água esteja o mais lisinha possível, nesse caso, existe por exemplo um benefício evidente para atingir um *record* de velocidade, é criar espaços artificiais, que muito dificilmente a natureza proporciona, mas isso, é uma variante muito específica.

60. Consegues identificar traços típicos de um praticante de *Kite*?

Epah...não ☺☺ estás a falar da personalidade, do aspecto morfológico? ☺ Personalidade, aspecto, forma de vestir, falar...esse tipo de coisas. Epah, não confundem-se muito com as pessoas, ditas normais. As pessoas que são professores, músicos, advogados, que têm muitas profissões, que fazem *Kite*, e não deixam de ter um género de...de...vestir...que sempre tiveram só por que fazem *Kite*, acho eu.

61. Achas que existe algum tipo de cultura associado ao *Kitesurf*?

Epah...nesse aspecto de uma onda de música, do vestir, muito própria, muito própria de miudagem que começa a fazer sei lá, *Surf* ou *Skate*, penso que não, não existe. Nalguns países nem tanto, sei lá, Brasil, França, Alemanha e Espanha, há realmente pah...miúdos, nas ordem nos 15-16 anos, já muitos a

fazerem, se fores às provas de *freestyle*, do campeonato do mundo, quem ganha aquilo são miúdos de 16 anos, 17, mas que são acompanhados pelos pais, pelo menos naqueles primeiros anos e que digamos, isso é fórmula 1 ao nível do *freestyle*, mas por exemplo, nas ondas já é malta mais velhota.

62. Tu achas que pertences a uma tribo com códigos e estilos de vida bastante próprias?

Não ☺

63. Tens algum tipo de seguro de saúde/vida, motivado pelo tipo de práticas de aventura que desenvolves?

Não tenho nenhum tipo de seguro específico para cobrir essas práticas.

Como enquadrarias a tua relação com o Kitesurf? Enquadras esta prática numa vertente de lazer, competição... Porquê?

Kitesurf é, para mim, muito mais que uma forma de lazer. Passou a ser um verdadeiro "vício". Esta necessidade de ir à água é fundamental para me sentir bem psicologicamente e ultimamente também o sinto no SUP, quando não há vento...Enquadro esta modalidade nos planos da satisfação pessoal, do bem-estar físico e emocional e do constante desafio inerente à sua prática, quer pela presença dos ELEMENTOS: vento/ondas/mar...quer pela contínua evolução que o Kitesurf envolve.

Raúl Martins

1. Qual é a sua idade?

39 anos.

2. Qual é a tua nacionalidade?

Portuguesa.

3. É natural de onde?

Arganil.

4. Situação conjugal?

Casado.

5. Onde é que reside?

Em Coimbra.

6. Com quem é que vive?

Mulher e dois filhos.

7. Em que tipo de alojamento é que vocês residem (apartamento/moradia...)?

Temos uma moradia.

8. Qual é a sua dimensão (t0, t1, t2...)?

É t5.

9. É uma casa própria ou alugada?

É própria.

10. Qual é que é a tua formação académica?

Doutoramento.

11. Tem conhecimento acerca do volume de rendimento mensal do teu agregado familiar (até 1000€; 1000€ a 2000€; 2000€ a 3000€; 3000€ a 4000€; ...)?
Mais de 5000 euros.
12. Como é que se enquadraria em termos de estatuto social? Classe baixa, classe média-baixa, classe média...
Eu acho que média-alta ou alta.
13. Qual é a sua profissão?
Sou professor e além disso faço investigação.
14. Há quantos anos é que é professor?
Desde 1993, há 17 anos.
15. Passou por outras profissões antes de começar a leccionar?
Não.
16. Relativamente aos seus pais, que profissão é que exercem/exerciam?
São empresários.
17. Durante o seu processo de crescimento, alguém o influenciou a praticar desporto?
Quem me influenciou a vir para esta área, digamos assim, foi um professor que eu tive no 9º ano, de Educação Física, que era um “fanático da coisa” e portanto eu achei interesse naquilo.
18. Quais é que foram as actividades mais marcantes até à data, em termos de prática desportiva?
Ténis e o Windsurf.
19. Actualmente pratica o *Windsurf*?!
Sim, com menos regularidade do que devia, mas faço.
20. Alguma actividade, de índole desportiva, influenciou a escolha do *Windsurf*?
Não, são independentes.
21. Há quantos anos é que pratica o windsurf?
Pratico windsurf desde 97, portanto há 13 anos.
22. Consegue categorizar o nível?
Um nível intermédio.
23. Como é que definiria o windsurf?
É uma modalidade de grandes espaços, uma modalidade feita na natureza. É uma modalidade feita num contexto, de ar, de duplo fluído, que é o ar e a água. Modalidade de risco, mas não perigosa, desde que sejam cumpridas as normas de segurança. Portanto, tem normas de segurança específicas, como qualquer outra modalidade, de uma forma geral, diria eu. Portanto, tem algum risco, mas cumprido as normas de segurança o risco fica minimizado.
24. Como é que tudo começou, em termos de prática do *Windsurf*?
Olha, começou num fim-de-semana de *Windsurf* que eu fiz, enquanto estudante, em Lisboa no FMH, andava no segundo ou terceiro ano, na lagoa de Albufeira. Um fim-de-semana em que aquilo não foi nada gratificante. O *Windsurf* tem um problema, na fase inicial da aprendizagem é difícil, nós não aprendemos nada de jeito, dificilmente começamos a ter autonomia na prática “daquilo”, portanto tem uma fase inicial muito chata, ao contrário por exemplo

do *Kitesurf*, que as pessoas em 3 ou 4 dias ficam a fazer *Kitesurf*. Por isso é que há tanta gente em tão pouco tempo a fazer *Kitesurf*. O *Windsurf* não tem uma fase inicial muito dura. Nesse fim-de-semana durante o curso na faculdade, mas depois tive 3 ou 4 anos sem voltar a fazer o *Windsurf* e depois houve um ano, já licenciado, em que foi logo o primeiro ou segundo ano após a licenciatura, em que eu trabalhei em Paço de Arcos, como *personal trainer*, e tinha um aluno, na altura com 40 e tal, 50 anos, que trabalhava o ano inteiro no ginásio, a preparar-se fisicamente para poder ir todos os anos, 15 dias, para a ilha Margarita na Venezuela, fazer o *Windsurf*. E ele andava o ano inteiro, no ginásio, para poder usufruir de 15 dias do *Windsurf*. Dizia ele, *se eu não andar aqui, eu chego lá, faço Windsurf no primeiro dia e vou para o hotel os outros oito para recuperar, fico todo partido e então são 15 dias em que eu só faço dois ou três*. Portanto ele andava um ano inteiro a treinar para poder chegar lá e fazer o *Windsurf* do primeiro ao último dia. Depois esse, o João Peres, era o nome dele, essa pessoa, acabou por ter mais tarde um dissabor, até deves ter ouvido nas notícias, foi um que em Carcavelos a fazer *Windsurf*, rebentou-lhe lá uma peça, o *diablo*, e ele passou 48 horas à deriva. Portanto ele tem o *record* de resistência, em cima de uma prancha de *Windsurf*, sem fato isotérmico. Foi uma coisa impressionante. Agora por causa das normas de segurança. Ele cometeu dois ou três erros, capitais: foi sem fato isotérmico, foi sozinho, para a água, não disse a ninguém que ia, nem deixou ninguém em terra à espera dele, foi fazer *Windsurf* com vento *offshore*, em Carcavelos, a nortada é *offshore*, com a maré a descer. Portanto ali na foz do Rio Tejo, maré a descer e *offshore*, meu amigo, e depois estava a fazer *bordos* quase até à Forno da Telha, quase até à Costa da Caparica, portanto aconteceu-lhe o acidente, lá no meu do Rio Tejo, no meio da corrente com vento *offshore*, ele desapareceu em pouco tempo, portanto isto é por causa das normas de segurança. E foi esse João Peres, ele era completamente fanático do *Windsurf*, com as conversas, *epah*, realmente o *Windsurf*, eu até gostava daquilo e já fiz um fim-de-semana, e não sei quê e tal, depois acabei por comprar o material, a ele, material usado, e comecei a fazer e foi um ano em que, em que fiz com força.

25. Teve diferentes fases de adaptação ao *Windsurf*?

Sim.

26. Consegue balizar, mais ou menos, a diferentes fases, tendo em conta as progressões feitas durante a prática?

Consigo, mais ou menos. Muita persistência, muita persistência, depois as coisas progrediram porque eu tive a, acabou por haver sempre aqui, um certo suporte social. Nós sozinhos acho que acabamos por desmotivar, quando temos suporte social, as coisas são mais fáceis. Eu tive a sorte de em Lisboa tinha o João Peres que acabava, por íamos conversando e aquilo acabava por servir de incentivo para fazer e trazer descobertas, para discutir e para conversar. Quando vim depois para Coimbra, em 1997, dar aulas, vim para uma escola, onde havia um professor de Educação Física, e há, que 24 horas

por dia a pensar no *Windsurf*. E então aí serviu de incentivo para fazer. Fomos fazendo, fui aprendendo as manobras. O *Windsurf* tem uma progressão de manobras, nós aprendemos a deslizar, depois aprendemos a fazer a viragem pela frente, depois aprendemos a *cambar*, que é virar pela parte de trás do mastro, com o vento pela popa, depois aprendemos a *cambar* mas em “*jaibe*”, portanto sempre a deslizar, depois aventuramo-nos nas ondas, depois há os *bodystarts*, a partir do momento em que fazemos os *waterstarts*, *beachstarts*, a partir do momento em que fazemos os *waterstarts* estamos em condições de ir para o mar. Já não ficamos atrapalhados. Mas as coisas foram evoluindo, foi muita prática, muita persistência e depois meti na cabeça de que devia ser capaz de escrever um livro de *Windsurf*, e acabei por escrevê-lo e publicá-lo em 2004. E ao ter metido esse objectivo na cabeça, obriguei-me a mim próprio a aprender, porque achava que era sério da minha parte, escrever um livro, sobre uma coisa que eu tecnicamente soubesse o mínimo. Obriguei-me, com esse objectivo a aprender mais, e cheguei a ir para Tarifa, este ano estive em Tarifa e vou para Viana com regularidade, e portanto foi digamos o percurso foi basicamente este.

27. A partir desse contacto em Paço de Arcos, o windsurf, passa a fazer parte integrante da vida do professor?

Sim.

28. Falamos há pouco do risco. O professor considera que o windsurf é uma actividade de risco. Porquê?

É uma actividade de risco, na medida em que, estamos sozinhos. Em primeiro lugar estamos a trabalhar com dois fluidos que são a água e o vento. Estamos a trabalhar na água, e porque é que é arriscado? É arriscado porque não temos “pé”, pela profundidade da água, é arriscado pela distância, porque no windsurf, facilmente deslizamos uma distância considerável, portanto é impensável regressar a nado ou regressar com o material às costas, é relativamente impensável. Se estiver o vento contra é absolutamente impensável, e portanto tudo isto, podemos, estamos a trabalhar a prancha pode facilmente deslizar, saltar, virar e bater-nos na cabeça, portanto daí eu aconselhar que se use capacete, e que se use sempre fato isotérmico, e portanto quer dizer, tem alguns riscos, tem alguns riscos associados, uma pessoa que caia da prancha, que tenha o azar de lhe bater a prancha na cabeça, que desmaie, a água pode provocar um afogamento. Há aqui alguns riscos que apesar de ser um risco controlado, e portanto se nós respeitarmos as normas de segurança, se levamos o fato isotérmico, se levamos capacete, se fizermos bordos curtos e se estivermos no mar, por exemplo, em Viana, temos os molhes, *epah*, nós sabemos que o molhe tem um limite, dentro do molhe, há uma ondulação, passando o molhe é mar aberto, a ondulação é completamente diferente. E portanto é tudo isto, há normas de segurança, *epah*, agora eu sei, se sou destemido, e o molhe está lá, mas é figura de estilo, eu passo o molhe e continuo a andar como se o meu objectivo fosse chegar aos Estados Unidos, há pessoas dessas, eu estou lá em Viana, há lá

uma amiga que é a Petra, alemã, que durante meio ano está na Suíça a dar aulas de ski, e meio ano está em Viana a gastar o dinheiro a fazer windsurf, epah, isto é que é um estilo de vida, só que a Petra tem dois cães, só, mais nada, uns skis e uma roloute. A Petra mete-se em cima da prancha, eu estou na praia a vê-la, ela põem-se em cima da prancha, portanto com vento *sideshore*, ela vai pela perpendicular, por ali fora, desaparece. Ela põe-se em cima da prancha, e desaparece, eu deixo de a ver no horizonte, na linha do horizonte, em linha recta, a malhar ondas. Sozinha, e claro, ninguém a acompanha, isto é de doidos, os windsurfistas, há um ou dois, mas a malta não faz isto, do meu ponto de vista, isto viola as normas de segurança mais elementares. Se tem um acidente qualquer lá fora, em mar aberto, não há GPS's, bem esse meu amigo João Peres, o irmão depois ofereceu-lhe um *breitling*, um relógio, que tem uma espécie de GPS que emite numa frequência dos militares. Carrega no botão, aquilo emite um sinal, deu 600 contos por ele na altura. Mas agora diz-me assim: ele agora vai para a água e leva sempre o relógio? Se calhar não...deve estar em casa guardado numa caixa possivelmente.

29. Considera que o *Windsurf* é uma actividade só para homens? Porquê?

Não. Contudo eu diria que o *Windsurf* é mais masculino, a prevalência de prática, olhando para os praticantes, eu diria que há muitos mais praticantes, homens do que mulheres. Mas também há bastantes mulheres a fazer o *Windsurf*.

30. Mesmo em Portugal?

Em Portugal poucas, diria eu, muito poucas. Ontem realizei uma entrevista com uma outra pessoa, relacionada com o *Downhill* e ele respondeu-me que em Portugal não há mulheres é todo no estrangeiro. Pois em Portugal eu dir-te-ia se calhar o mesmo, não há. Há uma ou outra, mas portanto, uma dúzia delas, se calhar de Norte a Sul.

31. E se calhar sem atingir o nível que actualmente temos nos homens!?

Não...não.

32. Este tipo de prática é muitas vezes responsável por situações de alguma ansiedade. O professor já passou por alguma? De que forma alterou a sua forma de estar perante a prática?

Já passei. Olha, por exemplo, eu lembro-me de uma vez em que eu fui para o mar, em Viana do Castelo, em que, epah, fiz a saída, entrei na água, e fiz dois bordos, e tive que sair, porque estava completamente estafado, cansado, de tanta contracção, de tanta sincinésia, de tanta tensão, fiquei completamente...e da ansiedade, pela inexperiência, porque aquilo causa tensão, e se tu não tiveres um perfeito domínio técnico e se não tiveres, consciência de que tens esse domínio técnico, não estamos na nossa zona de conforto, de maneira nenhuma, portanto, é exactamente isso, estamos fora da nossa zona de conforto, aquilo é mar aberto, e tu andas lá, sabes que estás no mar, sabes aquelas pequenas ondas em que nós estamos na praia e são pequenas ondas, tu vais para lá e afinal desapareces dentro delas, e

portanto o mastro que tem 3 ou 4 metros de altura e de repente tu estás cá fora e só vês meio mastro, afinal está lá em baixo três metros, e portanto quem lá vai, olha para um lado e olha para o outro, existe água dos dois lados. E diz assim: a vela cai, por uma razão qualquer ou ando aqui embrulhado, máquina de lavar roupa, como nós dizemos a fazer o quê?

33. Alguns autores referem que este tipo de práticas representa uma solução para o stress diário que acumulamos. Então dizem que estas situações de ansiedade, pelas quais passamos, durante as práticas de lazer de cada um, são uma solução para esse stress. Concorda com isso?

Eu acho que sim, porque...aliás, nós temos aquelas tabelas do Borg da sensação subjectiva, do esforço e da dor, uma delas, que é a *cr10*, até tem o máximo em aberto, a sensação subjectiva da dor e do esforço, ela também é aplicada para o esforço, tem um máximo em aberto, tem o 10 como máximo e a seguir ao 10 tem um ponto e eles dizem que está em aberto porquê? Porque tu achas que o teu máximo de dor, o teu máximo de sofrimento hoje, ou de ansiedade, chama-lhe o que quiseres, é 1, tu achas que não consegues para além desse limite suportar mais nada, mas tu não sabes, tu achas que é esse máximo. Mas estás balizado, com teu dia-a-dia, com o teu stress, com os teus problemas naquele máximo. Mas amanhã, nada te garante que não vivas uma situação, de maior ansiedade, de maior stress e tu dizes assim... por isso é que as pessoas se superam: *eu nem imaginava que conseguia fazer*. Tu superaste um determinado nível, significa que aquele ponto que estava em aberto, agora está balizado mais à frente, afinal eu consigo aguentar aqueles níveis de stress, eu afinal consigo lidar positivamente, com aquela carga emocional, e portanto, eu acho que tudo o que seja exposição ao stress e tudo o que obrigue o sujeito a resolver situações, potencialmente stressantes, eu acho que em princípio, se ele as conseguiu resolver, com sucesso, isso em princípio terá repercussões positivas para outras situações da sua vida, do seu dia-a-dia.

34. Por exemplo, em termos de auto-domínio!? É importante?

Eu acho que sim, quando eu há pouco te dizia, eu fui para o mar sem grande experiência, possivelmente, já não me recordo muito bem disso, sem grande experiência, fui para o mar e de repente estava a 300, 400 metros da praia, e estava se calhar também a tremer, já não me recordo, mas estava com um tensão muscular de tal ordem que tive que sair. Porque já não tinha força, em 5 minutos eu desgastei-me, atingi a exaustão em 5 minutos de prática. Ora, se tu estás lá, e se te vês nesta situação, consegues manter a calma e resolver esta situação, bom, isto dá-te uma experiência, para o futuro. Tu dizes assim: *afinal eu naquela situação limite, eu consegui resolver, portanto vamos lá com calma porque esta também parece muito complicada, mas eu hei-de conseguir*. Então se estivestes dois dias, em cima de uma prancha em alto mar, sozinho, bem eu acho que isto dá uma superação, isto é morrer e renascer, eu acho que um tipo que vive uma experiência destas, a partir daí,

todas as coisas passam a ser relativizadas de uma maneira completamente diferente.

35. Que motivos levam o professor a manter este tipo de prática?

Os motivos? Porque me identifico com aquilo, com a prática, porque, a crença na saúde, não sei se é a crença na saúde, eu acho que não é a crença na saúde, é olha, a pertença social, acho que isso é um bom ponto, mesmo eu que tenho consciência das várias implicações, nós gostamos de nos identificar com uma coisa que seja diferente. E então o pessoal do *Windsurf* e se calhar do *Surf* e do *Bodyboard* é a mesma coisa, mas o pessoal do *Windsurf* é claramente...eu vejo o pessoal com grandes carros, pessoas com um estatuto sócio-económico alto, médio-alto, para cima, portanto desafogados, chamamos-lhes assim, portanto e o que é que os faz andar naquilo? É ser diferente, é fazer uma coisa que poucos fazem, que há poucos a fazerem, é uma coisa que é relativamente difícil, tem implicações financeiras, relativamente complicadas, nem todos têm acesso, e portanto aquilo tem um estilo de vida, associado com a aventura, com a liberdade e portanto é um pouco este reconhecimento social à volta desta imagem da prática, mais do que a crença na saúde, porque eu a crença na saúde, *ah faz bem à saúde*, para isso vou ali dar umas corridas, eu acho que não se aplica neste tipo de práticas. É um local tão diferente do nosso dia-a-dia, que nos liberta completamente a cabeça, é tão diferente de qualquer experiência que se possa ter no dia-a-dia, que portanto nós não vamos lá à procura de água, fazer isto porque o médico mandou, dizem que é três vezes por semana...

36. De que forma é que este tipo de prática condicionou o rumo da vida do professor? Falou há pouco que já escreveu o livro sobre a temática, existiram mais coisas que tenham mudado em função da prática?

Existiram, agora por acaso eu estou aqui a deixar o restante estilo de vida, domino o *Windsurf*, mas houve uma altura da minha vida em que o *Windsurf*, durante muitos anos, talvez durante 10 anos da minha vida, a minha vida, funcionava de acordo com o ritmo do *Windsurf*. Ou seja, eu vou-te explicar...tu não fazes o *Windsurf* quando queres, imagino que o *Surf* seja o mesmo, tu não fazes *Surf* quando queres, eu faço *Windsurf* quando, para já tenho uma tarde livre, porque o vento sopra essencialmente à tarde, portanto eu tenho que ter uma tarde inteira livre, não é meia hora livre, nem uma hora, porque eu numa hora não vou para Aveiro, não, tenho que ter uma tarde livre. Depois, nessa tarde, tenho que ter vento, portanto eu para fazer *Windsurf*, como eu costumo dizer, *tenho que andar sempre atrás do vento*, tenho de saber quando é que há vento, tenho que andar no *windguru* permanentemente a ver quando é que há vento, portanto isto significa que eu para fazer o *Windsurf*, a minha vida tem que funcionar de acordo com o *windsurf*, e depois há vento amanhã à tarde, amanhã à tarde eu tinha combinado ir ao cinema com a mulher, mas se há vento e não havia vento há quinze dias...é isto não é? Tens que andar atrás das condições, estás completamente submetido às condições, portanto não é calçar as

sapatilhas...chegar agora a casa, calçar as sapatilhas e ir correr ou pegar na bicicleta e ir andar, é completamente diferente. Portanto, é fácil com actividades destas, é fácil que elas sejam um elemento estruturante do nosso estilo de vida. Hoje é menos, de repente começo a ter filhos, e depois começo a dizer, já só faço nas férias, já só faço de vez em quando, não é? Mas quando tu as queres fazer regularmente, e queres fazer todas as semanas e mais do que uma vez por semana, como eu andei a fazer durante dez anos, aí há muitas outras coisas que ficam paradas porque naquele dia tem que ser o *Windsurf*, porque amanhã já não há vento, é hoje.

37.O professor tira dividendos económicos da sua prática de lazer?

Não.

38. Que razões o motivam a procurar novas práticas, metas e sensações, dentro do windsurf?

Aprendizagem constante. É o dueto paradigma, criatividade/aprendizagem *versus* estagnação. Um dia destes estava a ver uma senhora com 60 anos, a dizer, perdi o emprego, agora já estou velha, para aprender, para fazer outra coisa, possivelmente, mas isso é encarares a vida, numa lógica de fatalidade, de fatalismo, e dizer: *epah isto já não é para mim, burro velho não aprende línguas*. Portanto, outra forma completamente diferente de estar na vida, é dizer: *eu consigo aprender, aprendo em qualquer fase da vida, posso não aprender ao ritmo que aprende um jovem de vinte anos, mas eu consigo aprender, consigo fazer hoje até tenho condições que não tinha aos vinte anos, que até tenho carro e se quiser...consigo gerir a vida de uma outra maneira*, e portanto é um pouco isto, é aprendizagem constante, é a vontade de aprender permanentemente.

39.O professor tem algum tipo de preparação específica para a prática do *Windsurf*?

Não...nós costumávamos dizer que o *Windsurf*, se articula muito bem com o *BTT*. Há muita gente que diz isto, eu tenho algumas dúvidas, mas como não há sempre vento, quando não há sempre vento, o pessoal pegava na bicicleta e fazia uns *BTT's* e compensava isto. Também andava aí pela natureza...eu tenho algumas dúvidas. O *Windsurf* é uma prática muito específica, e portanto as práticas são específicas, os efeitos são específicos e portanto deve ser treinada tanto quanto possível na sua...como um todo, a prática em si mesma. Mas já te disse há pouco que um senhor treina o ano inteiro no ginásio, portanto é possível fazer uma preparação relativamente específica, porque aquilo é preciso muitos gémeos, muitos dorsais, lombares, é preciso braços, e portanto é possível trabalhar alguns grupos musculares que nos preparem depois para o *Windsurf*...sim, é possível, mas eu confesso que pessoalmente não o faço.

40.O *Windsurf* como prática sofreu alguma evolução ao longo dos anos, o professor vê com bons olhos essa evolução. O professor vê com bons olhos essa evolução, é muito importante para atingir novas metas?

É fundamental, as pranchas hoje, são incomparavelmente mais leves, mais rápidas, as velas...os mastros são mais leves, são mais flexíveis, adaptam-se facilmente a várias condições de vento, as velas são mais flexíveis também, têm um *windrange*, nalguns casos, até um *windrange* maior, são mais suaves, a vela não é rígida, suporta, porque o vento também não é sempre constante, portanto há pequenas rajadas, pequenas variações, as velas hoje estão preparadas para suportar facilmente isso, portanto são mais confortáveis, e portanto é tudo diferente não há comparação possível em termos de velas, de mastros e de pranchas com o passado e portanto, claro a evolução, investigação, desenvolvimento de novos produtos materiais, claro.

41. Relativamente à parte técnica, qual a sua importância neste tipo de prática?

É fundamental...tem que ter técnica.

42. Relativamente aos aspectos de segurança, como consegue contornar toda a imprevisibilidade do meio?

Bem, há imprevisibilidade, mas também, há normas de segurança que estão mais ou menos bem definidas. Por exemplo, nesta prática, as normas de segurança devem ser cumpridas e ao serem cumpridas, a segurança aumenta...ou melhor o potencial de insegurança é reduzido a uma ínfima percentagem, diria eu. Como contorna as condições climáticas? Tem que haver um grande conhecimento das condições, não há...se vamos fazer *Windsurf* para o mar, parte-se do princípio de que quem lá anda domina, que sabe que tipo de mar é que lá tem, como é que estão as correntes, como é que estão os ventos, porque caso contrário, o melhor é ficarem numa lagoa, ou ficarem numa zona mais protegida. Portanto um grande domínio técnico, com certeza, e um grande domínio dos factores climáticos, também, isso é fundamental, domínio e conhecimento.

43. Dada toda esta imprevisibilidade, acha que estamos perante um confronto entre o Homem e a natureza?

Eu não diria confronto, eu diria colaboração, porque se entrarmos na linha de confronto a natureza...quer dizer, há um vencedor natural à partida, é a natureza. O Homem não confronta a natureza, o Homem tem é que saber colaborar, tem que saber fazer em função das condições que a natureza lhe proporciona.

44. O professor considera a ocorrência de um potencial acidente durante a sua prática? E de que forma isso poderá condicionar a sua prática?

Não condiciona a minha actividade, não condiciona a minha prática, o momento do acidente. Mas tento-me proteger para minimizar os riscos. Por exemplo, uso um capacete...

45. Existem alguns autores que enquadram este tipo de prática como uma actividade extrema. Pessoalmente, discordo...estes autores justificam tal enquadramento, em virtude de um erro vir a provocar a morte do praticante. Enquadra o *Windsurf* nesta lógica?

Acho que não, o *Windsurf* também não é toda a mesma coisa. Porque é diferente se eu pegar numa prancha, mais ou menos grande, e se eu for fazer

uns bordos e andar a deslizar, isso é uma coisa, mesma que esteja muito vento. Outra coisa é eu ir para o mar, e pode até nem ter ondulação, posso andar lá no meio das ondas sem andar aos saltos...outra coisa é ir para o mar e andar lá a fazer saltos. Eu acho que isso é diferente.

46. O professor acredita em algo durante a sua prática...é crente, religioso?

Não, isso para mim não existe. Nem tenho aqueles comportamentos, aquelas crenças, aquelas coisas que eles benzem-se, não sei quantas vezes. Sou capaz de ter uma atitude contrária a isso, de provocação, passar por cima dos gatos pretos, por baixo das escadas de propósito, e de entrar com o pé esquerdo só para chatear.

47. De que forma a prática condiciona a relação com os seus pares dentro do *Windsurf* e com aqueles que não se encontram dentro deste círculo?

Permite estabelecer laços com as pessoas que praticam, criar laços de proximidade, porque há ali...por exemplo com a família, no meu caso concreto, durante vários anos, eu consegui que a minha mulher e os meus filhos, fossem comigo para Viana do Castelo, porque eu ia fazer o *Windsurf*...eles iam apanhar areia. Ninguém vai para Viana do Castelo fazer praia, há alguns que vão, mas é preciso ser muito fundamentalista. E portanto isso condiciona. Também houve alturas em que eu fui para Sagres, sozinho, e a minha mulher foi para Vilamoura ou não sei para onde e eu fui acampar para Sagres, sozinho, sei lá. Isso cria alguns condicionamentos. Nem sempre...eu conheço pessoas, que conseguem...que a mulher, que a família, os filhos, andem com eles, o tempo todo, ou seja, há ali claramente uma componente determinante que é o que quero fazer e há claramente uma componente toda que é determinada, que é a que vai atrás. Eu não acredito que haja alguém que goste de ir fazer praia para Sagres, para o Martinhal, tenho dificuldade em acreditar nisso, ou que alguém goste de ir para Viana do Castelo fazer praia, isso não existe...quer dizer, a praia é fabulosa, é linda, mas a partir das duas da tarde, começar a levar areia sempre em cima, é um bocado estranho, não é?

48. Que valores é que acha que esta actividade possui e transmite às outras pessoas?

Responsabilidade, eu acho que é fundamental ser-se responsável, medir bem...ser consciente, dos riscos, respeitar a natureza, ter consciência dos nossos limites, não vale a pena desafiar as condições, há dias em que está vento demais, e é preferível ficar na terra sentadinho, a ver, e portanto saber...é preciso ter um grau de consciência, um grau de responsabilidade...eu acho que é isto, estas actividades, que tem mais risco, naquelas em que há mais risco associado, ou potencialmente mais risco associado, o grau de responsabilidade tem que ser maior, porque cabe ao sujeito decidir, quando é que vai, quando é que não vai, não é? Ficar resguardado. Portanto eu acho que é um pouco isto.

49. Muitas das vezes associamos este tipo de práticas a alguns comportamentos de risco, relacionados com substâncias ilícitas. O professor teve alguma conduta, deste género, durante a sua fase de adolescente?

Não.

50. E concorda com esta associação? Porquê?

Não, no *Windsurf* não.

51. E nas outras práticas?

Acho que isso está relacionado com esta lógica de excessos, nós olhamos para aquelas pessoas e são pessoas que gostam de desafiar os limites, gostam estar para além de...e o desafiar limites, depois tem a ver também com os comportamentos aditivos, nomeadamente desafiar limites, o entrar no campo da proibição, de fazer coisas que o comum ser humano, não faz, e *eu faço*. Portanto, Eu faço e até faço um desporto radical, é um desporto que poucos fazem e tenho outro tipo de comportamentos que estão para além do limite, socialmente padronizados, portanto eu acho que é um pouco isso.

52. Em função destes comportamentos de transgressão, o professor concorda com a utilização de espaços urbanos para a utilização, por exemplo o skate, o skate utiliza espaços, na minha cidade, como o tribunal ou a igreja...o professor considera que isto representa um comportamento de transgressão ou acha que é necessário utilizar estes espaços e reinventá-los?

Acho que sim, acho que são espaços públicos, que podem ser...há formas, mas aqui a questão é: *o que é uma utilização correcta desses espaços públicos?* Desde que não perturbem as pessoas, porque é possível, nós utilizarmos, mesmo nessas actividades, sem ser de forma ostensiva. Uma coisa é eu levar o meu skate e ir para ali ostensivamente, utilizar aquele espaço, perturbar e fazer com que as pessoas se desviem sistematicamente, porque eu estou ali e domino, com um aparelho estranho, com umas rodas, outra coisa é eu levar o skate debaixo do braço, ter consciência de que estou a utilizar um espaço público, um espaço público, por definição, por natureza, não é meu, é de todos nós, portanto é um espaço que é de todos nós, logo tenho algum direito de utilização, tal como os outros e portanto, tenho uma utilização conservadora desse espaço. Eu não vejo mal nenhum, em utilizá-los dessas diferentes maneiras, outra coisa por exemplo já é, se esse parque estiver numa zona residencial e eu tenho alguma rampa de skate e vou para lá às três da manhã, e estou lá a fazer barulho, e a perturbar as pessoas, eu acho que aí...mas isso tem mais a ver com as normas sociais do que...com as normas da boa educação, da boa convivência em sociedade, em grupo, do que propriamente com o desporto em si. Os mesmos que fazem isso com o skate, se calhar também conseguem, pegar na mota e andarem lá à noite a fazerem barulho e a acelerar. Portanto, acho que é um pouco isto, utilizar os espaços que estão...ai, eu acho que devem ser utilizados, devem ser aproveitados, por quem consiga ver neles, maneiras diferentes de os utilizar.

53. Existe algum espaço, onde se possa praticar windsurf fora do seu meio natural?

Existe, existe...em Lisboa em Oeiras. Aquele homem que eu te falei, na última entrevista, que ficou para lá perdido 48 horas, era tão maluco, tão maluco por aquilo que criou um parque com uma lagoa, lago artificial no Porto Salvo. É do tamanho de um campo de Futebol, imagina um lago do tamanho de um campo de futebol, no Porto Salvo, fica num alto, desabrigado, tem vento de Norte a entrar muito bem, e tem um lago do tamanho de um campo de futebol, tem 100 metros por 40 ou 50 e depois tem uma série de serviços à volta, de instalações, com restaurantes, com lojas de roupas...

54. Já passou por alguma situação de perda de consciência temporal? A prática estava a correr tão bem que, se esqueceu de tudo...

Já aconteceu, já aconteceu algumas vezes, andar na água, o material está todo tão bem regulado, e nós andamos ali tão descansados, que está tudo a correr tão bem que ficamos ali 4 horas, assim seguidas, *epah, já está a escurecer*. Sim, isso já me aconteceu já.

55. O facto do *Windsurf* se enquadrar num tipo de actividade de cariz individual, condicionou a sua escolha em termos de prática desportiva?

Eu acho que sim, eu acho que sim. Eu não tenho nenhum estudo feito sobre isso e tenho...confesso que não é uma área que tenha merecido muita preocupação, mas realmente assim na experiência que eu tenho, fico com a sensação das pessoas que apostam mais no colectivo, não é exactamente o mesmo das pessoas que aposta mais nos individuais. Não quer dizer que depois haja posições diferentes. Mas eu acho que há perfis diferentes, acho que há perfis diferentes das pessoas. E realmente no que me toca, tenho trabalhado muito mais com os desportos individuais, do que com colectivos. Portanto, mas enfim, não sei...mas olha, eu nunca vi nenhum trabalho sobre isto, mas eu admito que possa haver aqui uma tendência clara. Estás a ver, isso era uma questão simples de investigar, era passar um questionário à malta...caracterizávamos aquela malta toda.

56. Consegue identificar traços típicos de personalidade de um *windsurfer*?

São pessoas normais...não conseguimos na rua identificar um *windsurfer*, ao contrário de um *surfista*. É mais fácil...mas mesmo assim...os *windsurfistas* não é fácil porquê? Porque os *windsurfistas*, *epah*...são pessoas socialmente, eu diria bem enquadrados especialmente de uma forma geral, são pessoas especialmente bem enquadradas, com um ar prático e que se vestem à civil, portanto não cultivam, portanto não têm o culto da...dessa atitude de diferenciação, *eu quero fazer parte de um nicho cá fora, quero segregar*, quase, eu acho que não. Saímos dali, daquele contexto de *Windsurf*, e depois vamos todos trabalhar, uns são engenheiros, outros são professores universitários, outros são não sei quê, portanto há esta...são pessoas mais velhas, porque o *Windsurf* tem um problema, para fazer *Windsurf*, é preciso ter um carro, que te leve o material, logo isso elimina, condiciona logo as pessoas e portanto os miúdos também só podem se os pais foram com eles. Portanto...eu não consigo encontrar assim um traço muito fácil...

57. O professor acha que pertence a alguma espécie de tribo com códigos, linguagem e estilos próprios?

Não... não acontece isso pelas razões apresentadas anteriormente? Sim.

58. Considera viável a existência de uma cultura associada à prática do Windsurf? Porquê?

Considero. Porquê? Porque há um conjunto de especificidades associadas à modalidade que remetem para uma lógica de entendimento restrito, nomeadamente no que respeita aos aspectos técnicos de materiais e equipamentos, técnicas de execução ou condições de prática (clima e água). A não existência de conhecimento generalizado destes factores por parte das pessoas, como por exemplo acontece no futebol, onde quase todos se sentem habilitados para opinar, acaba por funcionar como uma espécie de 'barreira à entrada' naquele 'clube', o que de certo modo poderá contribuir para a existência de uma espécie de subcultura.

59. O professor tem algum tipo de seguro? De vida ou de saúde?

Uma dada vez tentei fazer um seguro de vida que cobrisse o meu estilo de vida e que não me obrigasse a morrer da maneira que as seguradoras querem, e que geralmente é muito pouco provável, nomeadamente que previsse a prática de escalada e windsurf. Sabes qual foi o resultado? Não consegui fazer o seguro em nenhuma seguradora. Disseram-me que era um estilo de vida com muitos riscos.

60. Que tipo de sensações usufrui durante a prática?

Superação pessoal; ultrapassar os limites em cooperação e não contra, com os elementos da natureza, concretamente vento e água.

61. De que forma contactou com este tipo de prática?

O primeiro contacto com o Windsurf aconteceu durante um curso de Windsurf, no tempo da faculdade.

62. A próxima questão pretende caracterizar o relacionamento do professor com a prática. Estamos a falar de uma prática de lazer!? Qual a razão para a enquadrar nestes moldes?

Quando resolvi evoluir na prática, fi-lo numa perspectiva profissional. Porque queria ensinar, e dei vários cursos de formação de professores, para além de ter co-criado um Centro de Formação Desportiva em Windsurf, no âmbito do Desporto escolar, e porque queria escrever um livro sobre a modalidade, obriguei-me a aprender até um nível técnico razoável, que me permitisse falar/ensinar com alguma 'propriedade'. Hoje penso que posso dizer que pratico essencialmente numa lógica de lazer. Mas não esqueço que os meus rendimentos advêm de 'ensinar desporto', pelo que há sempre um misto de lazer/profissional.

• **Análise de conteúdo – categorização**

Tema	Subtema	Categorias
Hábitos desportivos precedentes	Práticas desportivas e de lazer marcantes	Individual – (HC); (JT); (LB); (MC); (MO); (MM)
		Colectiva – (HC); (JT); (LB); (MC); (MO); (TL); (MM)
Ligação entre as práticas desenvolvidas e a prática actual		Combate – (HF); (JT); (MO)
		Confrontação directa – (MO); (RM)
		Adaptação ao meio – (HF); (JT); (MP); (MC); (MO); (TL); (MM)
		Grandes espaços – (MO)
		Independente – (HC); (MC); (RM); (TL)
		Enquadramento – (LB)
		Fuga/Evasão – (HF); (MP); (MO)
		Preparação física – (MM)
		Valores – (JT)
	Caracterização	Actividade de risco – (HF); (HC); (MP); (MC); (RM); (TL); (MM)
		Actividade eclética – (MC); (HC); (MM)
		Enquadramento – (HF); (HC); (JT); (MP); (RM)
		Contexto – (HF); (HC); (LB); (MO); (RM); (TL); (MM)
		Estilo de vida – (HC); (JT); (LB); (MP); (TL)
		Equipamento – (HF); (HC); (LB); (TL)
		Importância da técnica – (HF); (HC); (JT); (LB); (MP); (MC); (MO); (RM); (TL); (MM)
		Organização – (JT)
Prática de aventura	Evolução	Componente humana – (HC); (JT); (LB); (MP); (TL); (MM)
		Componente técnica – (JT); (MP); (MC); (MO)
		Componente material – (HF); (HC); (JT); (LB); (MP); (MC); (MO); (RM); (TL); (MM)
		Componente física – (MC)
		Componente mediática – (JT)
	Valores	Ecológicos – (JT); (LB); (MP); (MO); (RM); (TL)
		Vitalidade – (LB); (MP)
		Segurança – (MP); (TL)
		Disciplina – (JT); (MP); (TL)
		Responsabilidade – (LB); (RM)
		Tranquilidade – (HC); (LB); (MM)
		Amizade – (HF); (MC)
		Solidariedade – (HF); (HC); (JT); (MC)
		Competitividade – (HF); (JT); (MC)
		Rebeldia – (HC)
	Impactos no desenvolvimento pessoal	Gestão de stress – (HF); (HC); (JT); (MP); (MC); (MO); (RM); (TL); (MM)
		Gestão de problemas – (HF); (HC); (JT); (LB); (MP); (MC); (MO); (RM); (TL); (MM)
Contexto da prática de aventura	Interacção e novos usos	Competências – (HF); (LB); (MP); (MO); (RM)
		Complementaridade – (HF); (JT); (LB); (MP); (MO); (RM); (TL); (MM)
		Adaptação – (MC)
		Reinvenção de espaços – (HC); (JT); (MC); (RM); (TL); (MM); (LB)

Práticas de Aventura – Uma Subcultura de Risco

		<p>Informação – (HF); (MO); (RM); (MM)</p> <p>Condições de Prática – (HF); (JT); (LB); (MP); (MC); (MO); (RM); (TL); (MM)</p> <p>Controlo – (HF); (JT); (LB); (MP); (MO); (RM)</p> <p>Domínio da Actividade – (HF); (HC); (JT); (MP); (MO); (RM); (TL)</p> <p>Equipamento – (HF); (HC); (MC); (MO); (TL)</p>
	Relação com a prática	<p>Questões Materiais – (HF); (LB); (MO); (RM)</p> <p>Questões Técnicas – (HF); (HC); (JT); (MP); (MO); (TL); (MM)</p> <p>Questões Contextuais – (HF); (LB); (MO); (RM); (MM)</p> <p>Relativização – (MC)</p>
Risco	Ansiedade	<p>Situação desconfortável – (HF); (MP)</p> <p>Causas – (HC); (JT); (LB); (MC); (MO); (RM); (TL); (MM)</p> <p>Impactos – (HF); (HC); (JT); (LB); (MP); (MC); (TL); (MM)</p>
	Acidentes	<p>Pré-consciente – (HF); (HC); (LB); (MP); (MP); (MM)</p> <p>Consciente – (HF); (HC); (JT); (LB); (MP); (TL); (MM)</p> <p>Prevenção – (HF); (MP); (RM)</p> <p>Origem – (HF); (JT); (LB); (MP); (MO); (TL); (MM)</p>
Segurança	Seguro de Saúde/Vida	<p>Facilidade/Dificuldade – (MP)</p> <p>Sim/Não – (HF); (HC); (LB); (MP); (MC); (MO); (RM); (TL); (MM)</p> <p>Valor – (MP); (MC)</p>
	Primeiro contacto	<p>Outras práticas – (JT); (LB); (MO)</p> <p>Informação/Formação técnica – (HF); (MC); (RM); (TL); (MM)</p> <p>Pares – (HC); (MM)</p> <p>Profissão – (MP)</p>
	Fase da vida	<p>Jovem pubertário – (HC); (LB); (MM)</p> <p>Jovem – (JT); (MP); (MC); (MO); (RM); (TL)</p> <p>Adulto – (HF)</p>
	Referências	<p>Praticantes – (LB); (MP); (MO); (RM); (HF)</p> <p>Relações pessoais – (HC); (MC); (MM)</p> <p>Autodidacta – (JT); (TL)</p>
Desenvolvimento como praticante	Experiência	<p>Até 5 anos – (HF); (MM)</p> <p>De 5 a 10 Anos – (LB); (TL)</p> <p>De 11 a 15 Anos – (HC); (MP); (RM)</p> <p>Mais de 16 anos – (JT); (MC); (MO)</p>
	Nível atingido	<p>Intermédio – (LB); (RM)</p> <p>Avançado – (HC); (HC); (JT); (MP); (MC); (MO); (TL); (MM)</p>
	Relação com a prática	<p>Hobby/Lazer – (HF); (JT); (MC); (MO); (RM)</p> <p>Competição – (MM)</p> <p>Profissionalização da prática – (HC); (MP)</p> <p>2ª Actividade – (MC); (MO);</p> <p>Necessidade – (TL)</p>
	Fases	<p>Aprendizagem – (HF); (HC); (LB); (MP); (MC); (MO); (RM); (TL); (MM); (JT)</p> <p>Aperfeiçoamento – (HF); (HC); (MP); (MO); (RM); (TL); (MM); (JT)</p> <p>Criativa – (LB); (MP)</p> <p>Competitiva – (HC); (MP); (MC); (MM)</p>

Práticas de Aventura – Uma Subcultura de Risco

	Preparação específica	Competências físicas – (HC); (JT); (MP); (MC); (MO); (TL); (MM) Competências fisiológicas - (TL) Competências psicológicas – (MM); (JT) Competências específicas – (HF); (HC); (JT); (LB); (MP); (MC); (MO); (RM); (MM)
	Razões para desenvolver a prática	Intrínsecas – (TL); (JT); (HC); (MO); (MP) Conteúdo da prática – (TL); (MM); (JT); (HC); (MO) Extrínsecas – (TL); (MM); (HC); (MO); (RM)
“Desenvolvimento” da prática	Implicações	Compatível/Incompatível com vida pessoal e profissional – (MP); (RM); (LB); (HF); (MC); (TL); (MM); (JT); (HC); (MO) Criação de projectos pessoais – (MP) Criação de projectos profissionais – (MP); (LB)
	Crenças	Acredita/Não Acredita – (HF); (HC); (JT); (MC); (RM); (MO); (LB); (TL) Religião – (MP) Superstições – (MM) Espiritualidade – (MP)
	Perda de consciência temporal	Aconteceu/Não aconteceu – (JT) Motivos – (MP); (RM); (HF); (MC); (LB); (TL); (HC); (MO)
Representações sociais e culturais da actividade	Sensações	Medo – (MP) Contemplação – (MP); (HF); (JT) Superação – (MP); (RM) Liberdade – (MP); (MC) Realização – (MP) Hedonistas – (LB); (HF); (TL); (MO) Satisfação – (LB); (HF); (TL); (MM); (HC); (MO) Tranquilidade – (LB); (MO) Solidão – (LB) Adrenalina – (MC) Negativas – (HC)
	Estereótipo de género	Participação feminina – (MP); (RM); (HF) Factores psicológicos – (MP); (JT) Masculinização – (RM); (HF); (MO) Factores biológicos – (LB); (MP) Factores socioculturais – (TL); (HC); (MO); (LB); (MC); (RM)
	Associação da prática a consumos de risco	Tipo de prática – (HF); (MO) Intrínseco aos sujeitos – (MP); (RM); (LB); (MM); (JT); (HC); (MO) Cultura Urbana – (JT)
	Identidade da prática	Estilo de vida – (RM); (MP); (LB); (HF); (MM); (JT); (HC) Distinção social – (RM); (MC); (MP); (LB); (HF); (TL); (MM); (HC); (MO) Personalidade – (RM); (MC); (MP); (LB); (HF); (TL); (JT); (MO) Prática geracional – (RM); (MC); (TL); Subcultura – (RM); (MP); (LB); (JT); (HC)
	Relações sociais	Criação/Reforço de laços (MP); (RM); (LB); (HF); (MC); (TL); (MM); (JT); (MO) Família – (RM) Outras práticas – (HF) “Rótulo” – (MC); (JT); (HC); (MO)

• **Análise de conteúdo – entrevistas**

Henrique Frazão

Tema	Subtema	Categorias	Unidade de Registo	Unidade de Conteúdo	
Hábitos Desportivos Precedentes	Práticas Desportivas e de Lazer Marcantes	Combate	(...) <i>Judo.</i>	Sim, foi com Judo / O Kitesurf e o Canyoning . São aquelas que eu mais gosto.	
		Adaptação ao Meio	(...) <i>Kitesurf</i> (...) / (...) <i>Canyoning</i> (...)		
Prática de aventura	Ligação entre as práticas Desenvolvidas e a Prática Actual	Fuga/Evasão	(...) <i>contexto da natureza</i> (...) / (...) <i>emoção</i> (...) / (...) <i>natureza</i> (...)	(...) o contexto da natureza é dominador comum. Seja ela em leito terrestre ou aquático (...) / (...) agora obviamente a questão da emoção , também é um factor extra de motivação, pah...mas eu acho que o palco da natureza acho que foi aquele que sempre mais me motivou.	
		Caracterização	Contexto	(...) <i>meio aquático</i> (...) / (...) <i>mar</i> (...) / (...) <i>ondas</i> (...) / (...) <i>meios de grande instabilidade</i> (...)	É um desporto que é praticado em meio aquático , o mar , precisa de ondas e portanto, é preciso uma embarcação . Há...epah...associado à embarcação à um conjunto de equipamento de protecção do praticante . / Epah...sinceramente eu acho que não . / (...) aquilo que eu acho é o seguinte, efectivamente o facto de ser individual dá-me alguma autonomia, relativamente àquelas questões que nós falámos à pouco, a questão da organização da nossa vida pessoal e profissional (...) / (...) e eu acho que as modalidades que estão associadas a meios de grande instabilidade como é o meio aquático (...) / O equipamento é bom, claro que sim, mas a técnica, a aprendizagem, o conhecimento técnico, é o fundamental .
			Actividade de Risco	(...) <i>acho que não.</i>	
			Equipamento	(...) <i>embarcação</i> (...) / (...) <i>equipamento de protecção do praticante</i> (...)	
			Enquadramento	(...) <i>individual</i> (...)	
Importância da Técnica	(...) <i>fundamental.</i>				
Prática de aventura	Evolução	Componente Material	(...) <i>materiais</i> (...) / (...) <i>materiais altamente sofisticados.</i>	Sim, ao nível dos próprios materiais . No passado eram feitos kayaks em plástico, em fibra, actualmente eles são feitos em carbono, kevlar, materiais altamente sofisticados .	
		Amizade	(...) <i>amizade</i> (...)		
	Valores	Solidariedade	(...) <i>solidariedade</i> (...) / (...) <i>ajuda</i> (...)	(...) a amizade é sempre um valor que eu posso identificar, a ajuda , a solidariedade , há...opah...também um pouco de competição , pah, mas confesso que nunca pensei assim muito a fundo sobre esse tipo de situação.	
		Competitividade	(...) <i>um pouco de competição</i> (...)		
Impactos no Desenvolvimento Pessoal	Gestão de Problemas		(...) <i>formas próprias de gerir a vida</i> (...) / (...) <i>gerir aquelas situações</i> (...)	(...) para de alguma forma libertarmos energias ou pensamentos , o que quer que seja. / E basicamente, aquilo que vai acontecendo, é que uma pessoa, começa por ter formas próprias de gerir a vida , e a própria autonomia da pessoa, também começa de alguma forma a dar a autoconfiança para gerir aquelas situações que possam ir surgindo.	
		Gestão de Stress	(...) <i>libertarmos energias ou pensamentos</i> (...)		

Práticas de Aventura – Uma Subcultura de Risco

	Competências	(...) <i>autonomia</i> (...) / (...) <i>autoconfiança</i> (...)	
	Interacção e novos usos	(...) <i>usufruir</i> (...) / (...) <i>não vejo aquilo como um confronto, até pelo contrário</i> (...) / (...) <i>fusão</i> (...) / (...) <i>simbiose</i> (...)	(...) <i>aquilo que eu vejo quando vou para dentro de água, é que eu quero estar a usufruir, eu quero estar a...quero estar mesmo a usufruir daquilo que estou a viver naquele momento e não vejo aquilo como um confronto, até pelo contrário.</i> / (...) <i>mesmo como uma fusão, uma simbiose, de aquilo que nós somos e daquilo que a natureza nos oferece, neste caso o mar.</i>
Contexto da prática de aventura	Informação	(...) <i>trabalho de casa</i> (...) ; (...) <i>meios de informação</i> (...) / (...) <i>consulta de informação</i> (...)	Portanto, há sempre um trabalho de casa , que é uma pessoa ir ver aos vastos meios de informação , como é que serão as condições meteorológicas e de mar . / Portanto a consulta de informação sobre o local de prática e as condições de prática, são determinantes. Epah...o outro aspecto, é o equipamento de protecção individual do próprio praticante, desde a embarcação, como também outro material (...) / (...) isso aí eu posso controlar e eu devo-me assegurar de que eles estão em boas condições . / (...) <i>aqueles que eu não posso controlar, tento verificar como é que eles vão estar, de modo a verificar se o meu nível se adequa àquelas condições que eu penso vir a encontrar.</i> Agora obviamente que uma onda mais complicada, pode vir a deitar tudo por água abaixo, mas pelo menos as condições em que eu tenho directa influência, essas variáveis eu consigo controlar e tenho atenção a elas.
	Condições de prática	(...) <i>condições meteorológicas e de mar.</i>	
	Equipamento	(...) <i>equipamento de protecção individual</i> (...)	
	Controlo	(...) <i>condições em que eu tenho directa influência</i> (...) / (...) <i>essas variáveis eu consigo controlar e tenho atenção a elas.</i>	
	Domínio da actividade	(...) <i>verificar se o meu nível se adequa àquelas condições</i> (...)	
Risco	Questões Técnicas	(...) <i>questões de ordem técnica</i> (...)	Esse risco advém de várias coisas. Advém de questões de ordem técnica , da pessoa, há...advém de questões de ordem material , dos equipamentos utilizados, e advém das questões de ordem contextual , da prática.
	Questões Materiais	(...) <i>questões de ordem material</i> (...)	
	Questões Contextuais	(...) <i>questões de ordem contextual</i> (...)	
	Situação Desconfortável	(...) <i>tive alguns percalços</i> (...) / (...) <i>situação mais ou menos traumática</i> (...)	
	Impactos	(...) <i>infelizmente não alterou, mas devia alterar</i> (...) / (...) <i>resolvem-se</i> (...) / (...) <i>ajudou-me</i> (...) / (...) <i>a ter um pouco mais de, pah...de atenção</i> (...)	
Ansiedade			(...) <i>infelizmente não alterou, mas devia alterar</i> (...) / (...) <i>resolvem-se</i> (...) / (...) <i>ajudou-me</i> , que depois passou e consegui ultrapassar, não me marcou mas ajudou-me , de alguma forma, no futuro a ter um pouco mais de, pah...de atenção ao estado de conservação do equipamento.

Práticas de Aventura – Uma Subcultura de Risco

Acidentes		Pré-consciente	(...) penso (...) / (...) não é uma obsessão (...) / (...) penso que eles podem existir (...)	(...) eu penso em determinados momentos. / Na prática do dia-a-dia, eu depois de checkar aquilo que são as minhas, as minhas capacidades de intervenção no processo, nomeadamente na questão dos equipamentos, eu consigo de alguma forma abstrair-me um pouco dessa pressão dos acidentes. / Mas obviamente, quando vejo o mar a crescer , que aquilo me assusta e que não vou a todas, não é? Há...mas não é uma obsessão . / Agora penso que eles podem existir e tento fazer tudo aquilo que esteja ao meu alcance, para que eles não aconteçam . / Epah...não, não penso que esteja subjacente, mas que pode acontecer pode...agora, não implica que eu pelo tipo de prática que tenho, que isso possa vir à acontecer é uma hipótese , é verdade (...)
		Consciente	(...) consigo de alguma forma abstrair-me (...) / (...) pode acontecer (...) / (...) é uma hipótese (...)	
		Prevenção	(...) checkar (...) / (...) tento fazer tudo aquilo que esteja ao meu alcance (...)	
		Origem	(...) o mar a crescer (...) / (...) tipo de prática (...)	
Segurança	Seguro de Saúde/Vida	Sim/Não	(...) tenho seguro (...)	Sim, tenho seguro que abrange um vasto número de modalidades.
Desenvolvimento como praticante	Primeiro contacto	Evento Técnico	(...) festival (...) / (...) festival de desportos aquáticos (...)	(...) foi num festival , no OceanSpirit, que é um festival de desportos aquáticos , em que o Kayaksurf é uma delas e foi a primeira vez que eu tive contacto com aquilo.
	Fase da vida	Adulto	(...) há relativamente pouco tempo (...) / (...) muito recente (...)	Foi há relativamente pouco tempo (...) / Olha o Kayaksurf é mesmo muito recente .
	Referências	Praticantes	(...) pessoas que adoro ver surfar (...)	Sim...Claro que tenho pessoas que adoro ver surfar como referência de admiração.
	Experiência	Até 5 Anos	(...) dois, três anos (...)	(...) há dois, três anos , num passado mesmo muito recente.
	Nível atingido	Intermédio	(...) intermédio (...).	Sou um praticante intermédio , acho que sim.
	Relação com a Prática	Hobby/Lazer	Lazer (...)	Lazer sem dúvida. Somente pretendo fazer duas coisas que adoro, desporto e descontrair num ambiente que adoro que é a água.
	Fases	Aprendizagem	(...) descobri a modalidade (...) / (...) comecei a fazer uma pesquisa (...) / (...) comecei aos poucos a fazer (...) / (...) comecei a ter alguma autonomia (...)	(...) a partir do momento em que eu descobri a modalidade , interessei-me por ela, comecei a fazer uma pesquisa , há...pelo tipo de embarcações, pelas pessoas que praticavam, aqui na zona, onde seriam os spots, mais, mais indicados e comecei aos poucos a fazer . Assim que comecei a ter alguma autonomia , aí comecei a fazer de uma forma muito mais, muito mais intensa e potente .
		Aperfeiçoamento	(...) comecei a fazer de uma forma muito mais, muito mais intensa e potente.	

Práticas de Aventura – Uma Subcultura de Risco

Preparação Específica	Competências específicas	<p>(...) há ali questões de ordem pedagógica (...) / (...) acção de formação (...) / (...) workshop (...) / (...) por técnicos, por treinadores, por professores (...) / (...) bem enquadradas (...)</p>	<p>Acho, estamos a falar concretamente do Kayaksurf!? E acho, há ali questões de ordem pedagógica que devem ser administradas ou através de uma acção de formação, ou através de um workshop. Agora devem ser enquadradas por técnicos, por treinadores, por professores que tenham esse conhecimento. / (...) eu acho, no meu entendimento, devem ser sempre bem enquadradas por técnicos, por professores, ou por pessoas que tenham conhecimento técnico, relativamente a essa modalidade.</p>
Razões para desenvolver a prática	<p>Intrínsecas</p> <hr/> <p>Conteúdo da prática</p> <hr/> <p>Extrínsecas</p>	<p>(...) gosto pela emoção (...) / (...) experimentar um pouco de tudo (...)</p> <hr/> <p>(...) gosto muito do meio aquático. / (...) pelos desafios (...) / (...) conjunto de instabilidade (...) / (...) desafio constante (...)</p> <hr/> <p>(...) poder transmitir o conhecimento (...) / (...) utilizar como meio profissional (...)</p>	<p>(...) uma potencial forma de poder transmitir o conhecimento que vou adquirindo aos meus alunos, para eles, de alguma forma, poderem utilizar como meio profissional. Outro aspecto é porque eu gosto muito do meio aquático. / (...) gosto pela emoção que provoca em mim, pelos desafios, que constantemente aquele meio de prática provoca (...) / (...) o mar é muito instável, por isso há ali um conjunto de instabilidade que é muito bom e que se torna um desafio constante (...) / (...) eu efectivamente gosto de experimentar um pouco de tudo, o caso da Escalada foi um deles (...)</p>
"Desenvolvimento" da prática	Implicações	<p>Compatível/Incompatível com Vida Pessoal e Profissional</p>	<p>Epah...é o tempo, o tempo, estou dentro de água, não posso estar a fazer outras coisas. Tento conjugar a minha actividade profissional e pessoal, de modo a que, pah...quando existem boas condições meteorológicas e de mar para a prática, ainda ter esse tempo disponível para aquilo. / Havia uma ansiedade muito grande...quer dizer, não muito grande, mas havia alguma ansiedade no dia-a-dia, de perceber se efectivamente as condições iriam estar boas...este tipo de actividades diferencia-se muito das restantes, precisamente pelo factor meteorológico (...)</p>
Representações sociais e culturais da actividade	Crenças	<p>Acredita / Não acredita</p>	<p>(...) eu acho que a gente às vezes nos encostamos um pouco a isso para nos sentirmos de alguma forma um pouco mais, mais seguros. / (...) acredito que até existe qualquer coisa, por que aquilo...estou a ser brindado com uma coisa tão boa, pahhh. Mas agora numa situação de maior percalço, nós às vezes até queremos acreditar que sim, acho eu. Em situações de fragilidade, acho que isso muitas vezes acontece.</p>
Perda de consciência temporal	Sim/Não	<p>(...) completamente noção do tempo não (...) / (...) deixar-me ficar, isso já (...) / (...) Mas perder a completa noção do tempo, não (...)</p>	<p>(...) completamente noção do tempo não, mas...estar dentro de água e, opah...e adorar aquilo ao máximo e...e deixar-me ficar, isso já. Mas perder a completa noção do tempo, não, porque, uma pessoa sabe que invariavelmente o sol tem que se pôr e quando isso acontece, nós</p>

Práticas de Aventura – Uma Subcultura de Risco

			<i>percebemos que estamos ali há tempo demais.</i>
	Motivos	<i>(...) adorar aquilo ao máximo (...)</i>	
Sensações	Satisfação	<i>(...) satisfação pessoal (...) / (...) satisfação muita grande (...) / (...) satisfação brutal.</i>	<i>Mas, a satisfação pessoal, epah...é uma satisfação muita grande. / Às vezes, é pah...tipo, estou na água e está um ambiente completamente fantástico, não sou capaz, de ficar indiferente àquilo (...) / (...) muitas das vezes até nem estou em grande situação de prática, mas estou a adorar o ambiente...pah...é uma satisfação brutal. / (...) eu quando lá estou, estou sempre a curtir a minha, é isso que me dá prazer (...) / (...) às vezes, quando estou tipo a desfrutar um “granda” pôr-do-sol (...)</i>
	Hedonista	<i>(...) dá prazer (...)</i>	
	Contemplação	<i>(...) ambiente completamente fantástico (...) / (...) adorar o ambiente (...) / (...) desfrutar (...)</i>	
Estereótipo de género	Participação Feminina	<i>(...) em Portugal é nulo ou muito reduzido (...) / (...) no estrangeiro isso não acontece (...)</i>	<i>É um facto que cá em Portugal é nulo ou muito reduzido mesmo o número de pessoas do género feminino a praticar Kayaksurf. Mas no estrangeiro isso não acontece, nomeadamente em Inglaterra e França. / Eu acho, efectivamente eu estou de acordo com a tua afirmação, na medida em que a população masculina é a população dominante, ou mesmo quase única, cá em Portugal (...)</i>
	Masculinização	<i>(...) a população masculina é a população dominante (...) / (...) quase única (...)</i>	
Associação da Prática a Consumos de Risco	Tipo de Prática	<i>(...) isso acontece em todas as modalidades (...)</i>	<i>(...) eu acho que isso acontece em todas as modalidades, e...em todas as modalidades existe pessoal, com esse tipo de comportamento mais desviante. Agora fazer disso uma bandeira? Eu acho que não é correcto. Agora que eles existem...existem, agora eu acho que é incorrecto colocar o rótulo (...)</i>
Identidade da Prática	Personalidade	<i>(...) têm que ter algum autocontrolo (...) / (...) têm que ter alguma autoconfiança (...) / (...) um pouco destemidas (...) / (...) tem que ser um pouco destemidas (...)</i>	<i>(...) são pessoas que têm que ter algum autocontrolo, na minha opinião, isto aqui é uma coisa completamente empírica, mas são pessoas que têm que ter alguma autoconfiança e têm que ser um pouco destemidas para dar um pouco o passo em frente. Não é que tenham que ser malucas, nem doidas, mas tem que ser um pouco destemidas (...) / Acredito que sim. / Aquilo que eu acho, é que à semelhança daquilo que se passa à semelhança com o pessoal, do Surf, relativamente àquele domínio territorial, eu acho que isso também se passa um pouco no Kayaksurf. / (...) de alguma forma acho que sim. / uma pessoa para se fazer entender tem que utilizar a linguagem que é utilizada por todos, os equipamentos também, portanto os locais também, o próprio mercado associado àquela prática, também, por vezes até o próprio vestuário, pahh...acho que sim, não de uma forma obsessiva. / (...) relativamente a um conjunto de pessoas, conheci montes de gente. Actualmente tenho grandes amigos, que conheci, fruto desta situação. / Agora relativamente às outras pessoas que não têm o mesmo tipo de prática que eu, eu também gosto de fazer outras</i>
	Distinção Social	<i>(...) domínio territorial (...) / (...) utilizar a linguagem que é utilizada por todos (...) / (...) locais também (...)</i>	
	Estilo de Vida	<i>(...) equipamentos também (...) / (...) mercado associado àquela prática(...) / (...) o próprio vestuário (...)</i>	

Práticas de Aventura – Uma Subcultura de Risco

Relações Sociais	(...) conheci montes de gente (...) / (...) tenho grandes amigos (...) / (...) também gosto de fazer outras coisas (...) / faço também outras coisas.	coisas, não faço só o Kayaksurf, faço também outras coisas.
------------------	---	--

Hugo Carvalho

Tema	Subtema	Categorias	Unidade de Registo	Unidade de Conteúdo
Hábitos Desportivos Precedentes	Práticas desportivas e de lazer marcantes	Colectiva	(...) Futebol (...)	Quando andava na secundária pratiquei Futebol e Ginástica , aos 13 anos comecei a praticar Skate e agora é o que levo mais a sério.
		Individual	(...) Ginástica (...)	
	Ligação entre as práticas desenvolvidas e a prática actual	Independentes	(...) não estão muito relacionadas (...)	Sinceramente acho que ambas não estão muito relacionadas com aquilo que faço actualmente.
Prática de aventura	Caracterização	Estilo de Vida	(...) estilo de vida (...)	É um desporto urbano, criativo, individual , posso dizer que um estilo de vida...com locais bastante próprios para desenvolvermos aquilo que gostamos. / Considero, porque eu próprio já me lesionei bastantes vezes...senão tivermos cuidado nos espaços onde andamos, com as pessoas que estão nesses espaços, podemos ter problemas desse tipo (...) / Opah...é fundamental...caso contrário não passas daquele nível em que andas somente sobre a táboa...para fazeres todo o resto...ainda por cima no Skate onde tudo é tão rápido, tens que desenvolver esse ponto.
		Actividade Eclética	(...) criativo (...)	
		Enquadramento	(...) individual (...)	
		Contexto	(...) urbano (...) / (...) locais bastante próprios (...)	
		Actividade de Risco	(...) lesionei bastantes vezes (...) / (...) podemos ter problemas desse tipo (...)	
		Importância da Técnica	(...) é fundamental (...) / (...) tens que desenvolver esse ponto (...)	
		Equipamento	(...) táboa (...)	
Evolução	Componente Humana		(...) atletas (...)	É bom ver que esta modalidade acompanha a evolução, só assim os atletas podem evoluir também...depois os materiais ao longos dos anos também tem melhorado e isso tem permitido, claro, que nos também melhoraremos.
		Competente Material	(...) materiais (...)	
Valores	Rebeldia		(...) rebeldia(...)	Olha...as coisas que falei há pouco... rebeldia, descontração , um estilo de vida bastante próprio...gosto por um espaço aberto, companheirismo , não ligar muito aqueles que estão de fora (...)
		Tranquilidade	(...) descontração (...)	
		Solidariedade	(...) companheirismo (...)	
Impactos no Desenvolvimento	Gestão de Problemas		(...) abstrair dos meus problemas (...)	Acho que faz todo o sentido, até porque quando estou stressado é quando me apetece mais andar de

Práticas de Aventura – Uma Subcultura de Risco

Contexto da prática de aventura	Pessoal	Gestão de Stress	(...) quando estou stressado (...)	skate...necessito disso para descontraír, para me abstrair dos meus problemas e daquilo que me rodeia, entro noutra mundo, onde só interessa aquilo que faço.
	Interacções e novos usos	Reinvenção dos Espaços	(...) desde que não estejamos a incomodar ou a danificar as coisas (...)	Geralmente luto contra mim mesmo...não sou apologista de agora quero ser melhor do que aquele...isso para mim não existe...sou eu e pronto. / (...) desde que não estejamos a incomodar ou a danificar as coisas ...não vejo problema...agora quando aparece alguém para chatear sem razão aparente, ainda me dá mais gozo andar ali.
		Domínio da Actividade	(...) noção do nosso nível (...) / (...) seguros de nós próprios (...)	(...) felizmente já existem meios para que esses acidentes não sejam tão graves assim, desde que os utilizemos podemos minimizar as suas conseqüências. / Devemos ter a noção do nosso nível e não arriscar em manobras cujo a base ainda não está firme, devemos acima de tudo estar seguros de nós próprios ...e claro utilizar nesses momentos capacete ...entre outras coisas.
	Condicionantes	Equipamento	(...) meios (...) / (...) capacete (...)	
Risco	Relação com a prática	Questões Técnicas	(...) depende do nível de Skate (...)	Isso só depende do nível de Skate que se fala, mas sim enquadrado! Existe malta a fazer coisas muito arriscada nestas coisas, mas...numa onda mais soft não é tão perigoso assim...mas esse tipo de coisas é raro.
	Ansiedade	Causas	(...) nível competitivo (...)	Qualquer desporto serve para relaxarmos e esquecermos tudo o resto, se bem que a nível competitivo a ansiedade é sempre maior, mas tento sempre estar focado apenas no que estou a fazer.
		Impactos	(...) tento sempre estar focado (...)	
	Acidentes	Pré-Consciente	Tento sempre não pensar nisso. / Penso mais quando não consigo (...)	Tento sempre não pensar nisso. Penso mais quando não consigo fazer o que quero...e estou ali a arriscar manobras que ainda não domino...ai sim, começo a bloquear . / Algumas vezes sim...e isso não me permite fazer muitas mais coisas .
Consciente		(...) começo a bloquear. / (...) não me permite fazer muitas coisas.		
Segurança	Seguro de Saúde/Vida	Sim/Não	Não (...)	Não, nada.
Desenvolvimento como praticante	Primeiro contacto	Pares	(...) tinha vários amigos que já andavam de skate (...)	(...) tinha vários amigos que já andavam de skate , decidi comprar um também e aí surgiu o gosto por esta modalidade.
	Fase da vida	Jovem Pubertário	(...) 13 anos (...) / (...) puberdade.	Tinha 13 anos (..) / Numa fase em que as amizades e companhias são bastante importantes para o nosso futuro...estava ali no início da adolescência... puberdade .
	Referências	Relações Pessoais	(...) amizades(...)	Sempre fiz desporto, é claro que as amizades influenciam sempre.
	Experiência	De 11 a 15 Anos	(...) aos 13 anos (...)	Pah...começo a fazer Skate aos 13 anos (...)
	Nível atingido	Avançado	(...) experiente.	Como disse, sou atleta profissional, por isso, penso que posso afirmar que sou experiente .

Práticas de Aventura – Uma Subcultura de Risco

	Relação com a Prática	Profissionalização da Prática	(...) <i>atleta profissional</i> (...)	<i>De momento em Portugal sou atleta profissional desta modalidade, se bem que no resto da Europa e na América, o nível é muito maior (...)</i>
	Fases	Aprendizagem	(...) <i>começo a passar mais tempo a andar</i> (...)	(...) <i>motivado pelos meus amigos, começo a passar mais tempo a andar, a coisa foi evoluindo, sacar umas manobras, aprofundar a coisa e hoje em dia tenho a possibilidade de participar em algumas etapas do Campeonato Nacional.</i>
Aperfeiçoamento		(...) <i>foi evoluindo</i> (...) / (...) <i>manobras</i> (...) / (...) <i>aprofundar a coisa</i> (...)		
Competitiva		(...) <i>Campeonato Nacional</i>		
	Preparação específica	Competências Físicas/Fisiológicas/Psicológicas	(...) <i>ginásio</i> (...)	Nem por isso , se bem que andar no ginásio pode ajudar bastante...a malta tem é que ir para o skatepark ou outro local qualquer e andar ...andar...sem isso não somos capazes de melhorar e atingir as metas de que falei. / O principal é mesmo o gosto pessoal que tenho por este desporto...por tudo aquilo que me dá ...como te disse pela descontração que ele me proporciona...há...pelo estilo de vida que levo, mais descontraído...para competir, também gosto de competir , estar com os meus amigos ...essas coisas. / É uma luta bastante pessoal para atingir o nível máximo...caso contrário não passas daquilo...não é o desejável...queremos saber quais é que são os nossos limites e a partir daí traçar novos e ultrapassá-los.
Enquadramento específico		(...) <i>tem é que ir para o skatepark</i> (...) (...) <i>outro local qualquer e andar</i> (...)		
Razões para desenvolver a prática	Intrínsecas	(...) <i>gosto pessoal</i> (...) / (...) <i>estilo de vida</i> (...) / (...) <i>gosto de competir</i> (...) / (...) <i>saber quais é que são os nossos limites</i> (...)		
	Conteúdo da prática	(...) <i>tudo aquilo que ele me dá</i> (...)		
		Extrínsecas	(...) <i>amigos</i> (...)	
“Desenvolvimento” da prática	Implicações	Compatível/Incompatível com vida pessoal e profissional	(...) <i>tempos livres</i> (...) / (...) <i>obrigações</i> (...)	<i>Não, é mais o inverso...a minha vida é que condicionou o meu desejo em praticar Skate. Em função dos meus tempo livres...na loja e com as minhas obrigações...é que vejo se tenho possibilidade de praticar Skate...depois tenho a sorte de trabalhar em frente a um skatepark</i>
	Crenças	Acredita / Não acredita	<i>Não</i> (...)	<i>Não...nunca acreditei nesse tipo de coisas.</i>
Representações sociais e culturais da actividade	Perda de Consciência Temporal	Motivos	(...) <i>depende daquilo que andas a fazer e com quem andas a fazer</i> (...)	<i>Claro que é possível e já me aconteceu...quando dou por ela já é meia noite e a malta continua a andar © tudo depende daquilo que andas a fazer e com quem o andas a fazer...é fixe quando isso acontece.</i>
	Sensações	Satisfação	<i>Alegria, bem-estar</i> (...)	Alegria, bem-estar , por vezes dor e frustração .
Negativas		(...) <i>dor e frustração</i> .		
	Estereótipo de género	Factores Socioculturais	(...) <i>acontece mais em Portugal</i> (...)	<i>Acho que isso acontece mais em Portugal, já existem várias raparigas a praticar Skate em e eu acho isso bastante positivo...a modalidade tem que evoluir e esse é um dos pontos onde ela pode evoluir.</i>

Práticas de Aventura – Uma Subcultura de Risco

Associação da Prática a Consumos de Risco	Intrínseco aos Sujeitos	(...) depende daquilo que desejas e dos teus objectivos (...)	Não...e não concordo com a associação. Esse tipo de coisas existe no Skate, como existe noutras modalidades quaisquer...tudo depende daquilo que desejas e dos teus objectivos . Mas certamente não é a mesma coisa andar de Skate ganzado e andar de Skate fora desse estado...é que não consegues tirar partido daquilo que estás a fazer ali...mas sim...no Skate existe esse tipo de comportamentos...já vi.
	Distinção Social	(...) rebeldia (...) / (...) mesmos locais (...)	(...) talvez seja pela roupa ...pela nossa rebeldia...não sei...e isso influencia as minhas relações com as outras pessoas fora deste meio(...) / Na forma de estar perante a vida sim, mas existem skaters de todos os estilos, religiões, cor...no geral são tudo pessoas diferentes , o que têm em comum é o desporto que praticam . É claro que visionam os meios urbanos de uma maneira bem diferente do comum das pessoas...mas olhas para um skater e consegues identificá-lo...anda com a sua tábua, calças justas...roupa larga ...uma coisa mais underground ...depois, geralmente estamos todos nos mesmos locais ...que permitam andar. / Não...não vejo isso nesse prisma...temos uma maneira própria de ver as coisas , só isso. / Não...sou eu e mais nada...felizmente tenho amigos e conhecidos que partilham os meus gostos . / Alterou mais na medida em que este desporto ainda é bastante discriminado pela sociedade portuguesa...somos olhados com vândalos , que não têm objectivos de vida ...que andamos para aí a estragar coisas...somos em parte muito discriminados por termos este tipo de modalidade (...). / No Skate... tass bem , não tenho qualquer tipo de problema dessa ordem, está tudo para o mesmo nestes espaços.
	Estilo de Vida	(...) roupa (...) / (...) tábua, calças justas...roupa larga (...) / (...) underground (...)	
	Subcultura	(...) pessoas diferentes (...) / (...) desporto que praticam (...) / (...) maneira própria de ver as coisas (...) / (...) partilham os mesmos gostos (...)	
Identidade da Prática	Relações sociais	(...) tass bem (...) / (...) bastante discriminado (...) / (...) vândalos (...) / (...) não têm objectivos de vida (...) / (...) muito discriminados (...)	

José Tavares

Tema	Subtema	Categorias	Unidade de Registo	Unidade de Conteúdo
Hábitos Desportivos Precedentes	Práticas desportivas e de lazer marcantes	Combate	(...) Judo (...)	Comecei com Judo em criança; estive várias temporadas na Natação ; o que pratiquei durante mais tempo em clubes foi o Voleibol (dos 15 aos 20), muito Futebol aos fins-de-semana; depois passei a desportos individuais: corridas de estrada, Montanhismo e triatlos, corridas de aventura .
		Individual	(...) Natação (...) / (...) corridas de estrada (...) / (...) triatlos (...)	
		Colectiva	(...) Voleibol (...)	
		Adaptação ao Meio	(...) Montanhismo (...) / (...) corridas de	

Práticas de Aventura – Uma Subcultura de Risco

		<i>aventura (...)</i>		
	Ligação entre as práticas desenvolvidas e a prática actual	Valores	(...) disciplina (...) / (...) necessidade de acção física (...) Inculcando-me disciplina e criando a necessidade de acção física.	
	Caracterização	Enquadramento	(...) individual (...)	O Alpinismo é uma actividade sobretudo individual, fora dos circuitos competitivos e de clubes . Não há medalhas, não há níveis pré-estabelecidos. / Uma actividade de procura de sensações pessoais . / Sim. A técnica é fundamental para melhorar a performance em certos desportos, como a Natação ou o Ski. Como professor de Ski observo-o diariamente. A relação é básica, fundamental, necessária , e sine qua non em certos desportos.
Organização		(...) fora dos circuitos competitivos e de clubes (...)		
Estilo de Vida		(...) sensações pessoais.		
Importância da Técnica		(...) fundamental (...) / (...) relação é básica, fundamental, necessária (...)		
Prática de aventura	Evolução	Componente Técnica	(...) formas de preparação (...)	Uma evolução incrível, através das formas de preparação , da tecnologia incorporada nos equipamentos , na informação disponível e na divulgação e quase massificação da prática .
		Componente Material	(...) equipamentos (...)	
		Componente Mediática	(...) informação (...) / (...) divulgação (...)	
		Componente Humana	(...) massificação da prática (...)	
Valores		Disciplina	(...) disciplina (...)	(...) respeito pelo ambiente e pelos outros; solidariedade; disciplina , na preparação e organização, luta por objectivos .
		Solidariedade	(...) solidariedade (...)	
		Ecológicos	(...) respeito pelo ambiente (...)	
		Competitividade	(...) luta por objectivos (...)	
Impactos no Desenvolvimento Pessoal		Gestão de Stress	(...) diferentes tipos de stress (...)	Faz sentido, embora possam ser diferentes tipos de stress , o psicológico da cidade, contra o físico do campo. / (...) “o homem procura constantemente novos estímulos em novos ambientes, que podem ser perigosos e criar stress, para contornar a monotonia , da vida urbana e que pode incluir o stress”.
		Gestão de Problemas	(...) contornar a monotonia (...)	
Contexto da prática de aventura	Interacções e novos usos	Complementaridade	(...) harmonia e complementaridade (...)	O confronto pode dar-se em situações de sobrevivência. Prefiro ver uma relação de harmonia e complementaridade nessa dialéctica. / Estou de acordo com a promoção desse tipo de espaços e parece-me que eles podem ser muito ‘rentáveis’ a nível social, se não económico.
		Reinvenção de Espaços	(...) promoção desse tipo de espaços (...)	
	Condicionantes	Condições de Prática	(...) situações desagradáveis (...)	A exploração e a aventura estão nesse bocadinho do desconhecido. A preparação deve ser feita levando em conta situações desagradáveis , depois cabe ao bom senso decidir.
		Domínio da Actividade	(...) preparação (...)	
		Controlo	(...) cabe ao bom senso decidir.	

Práticas de Aventura – Uma Subcultura de Risco

Risco	Relação com a prática	Questões Contextuais	(...) <i>metereologia, altitude, as distâncias percorridas (...)</i>	Um risco relativo porque depende da forma como encaramos/praticamos a actividade. Evidentemente a exposição a factores incontroláveis, meteorologia, altitude...as distâncias percorridas ou a falta de preparação incrementam esse risco.
		Questões Técnicas	(...) <i>falta de preparação (...)</i>	
	Ansiedade	Causas	(...) <i>más decisões (...)</i>	Respondo com a frase de Prochnow: “As boas decisões vêm da experiência e a experiência vem das más decisões ”.
		Impactos	(...) <i>boas decisões (...)</i> / (...) <i>experiência (...)</i>	
Acidentes	Consciente		(...) <i>mais alerta (...)</i> / (...) <i>influenciar uma decisão (...)</i> / (...) <i>reconhecimento da relação desse risco com o meu nível de preparação (...)</i> / (...) <i>assumir isso (...)</i>	Sim. Condiciona-me na medida em que me deixa mais alerta e pode influenciar uma decisão de retirada ou de prosseguimento...Penso que uma das minhas qualidades é a capacidade de análise de risco e o reconhecimento da relação desse risco com o meu nível de preparação . / O alpinismo em geral não, mas certos cumes sim. Lionel Terray disse: “Expor-se a si mesmo ao perigo não é a questão do jogo, do montanhismo, no entanto é parte dele.” Todo o montanhista tem que assumir isso!
		Origem	(...) <i>nível de preparação (...)</i> / (...) <i>certos cumes (...)</i>	
Segurança	Seguro de Saúde/Vida	Sim/Não	<i>Tenho um seguro desportivo (...)</i>	Tenho um seguro desportivo da Federação Espanhola de Montanha e Escalada (FEDME) igual ao de clubes em Portugal, que cobre quase todas as actividades em todo o mundo (...)
Desenvolvimento como praticante	Primeiro contacto	Outras Práticas	(...) <i>canoagem (...)</i>	Tudo começou com a canoagem e o contacto com a natureza.
	Fase da vida	Jovem	(...) <i>em 1992 (...)</i>	Desenvolveu-se na Alemanha, em 1992 (...)
	Referências	Autodidacta	<i>Vi fotos e reportagens sobre o assunto.</i>	(...) e com a subida ao Toubkal, de 4.100m, em Marrocos. Vi fotografias e reportagens sobre o assunto.
	Experiência	Mais de 16 Anos	(...) <i>temporada que vivi na Alemanha.</i>	Foi uma fase de mudança geográfica e de organização profissional, temporada em que vivi na Alemanha . A partir daí consolidou-se o meu interesse.
	Nível atingido	Avançado	(...) <i>experiente (...)</i>	Posso considerar o nível atingido como de “ experiente ”, se comparando com outros praticantes, mas mesmo assim num nível muito inferior a outros especialistas de vertentes específicas da modalidade.
	Relação com a Prática	Hobby/Lazer	(...) <i>zero dividendos (...)</i>	Zero dividendos . Para isso há que conseguir algo realmente excepcional.
	Fases	Aprendizagem	(...) <i>no início provocava mais ansiedade e medo (...)</i> / (...) <i>antes fazia mais à bruta (...)</i>	Existe uma curva de experiência, ou seja, o que no início provocava mais ansiedade e medo, mais tarde deixa de o provocar , isto sinto-o claramente com a

Práticas de Aventura – Uma Subcultura de Risco

			(...) mais tarde deixa de o provocar (...) / (...) permito-me aproximar-me de forma mais cómoda (...)	prática de canoagem em Águas Bravas. Também por isso aumenta o grau de dificuldade que vamos procurando. Outra fase que noto no caso da tem que ver com o conforto, antes fazia mais à bruta , fisicamente falando, ou seja, de mais longe, com menos meios...agora permito-me aproximar-me de forma mais cómoda , dar-me ao luxo de pagar um refúgio, comprar equipamento tecnologicamente mais avançado que permite outras presenças...
		Competências Físicas/Fisiológicas/Psicológicas	(...) condição física (...) (...) motivação (...) / (...) preparação psicológica (...)	Sim. "Para subir ao cume de uma montanha difícil, considero necessário: primeiro, que a montanha nos deixe, refiro-me sobretudo à meteorologia e condições do terreno; segundo, que reunamos as condições para tal – condição física e motivação, preparação psicológica ; terceiro, que tenhamos um bom plano logístico . Este inclui, além da preparação/treino específico , o conhecimento do terreno , o equipamento adequado , a alimentação correcta e a estratégia de progressão , na qual o instinto pode, também, constituir parte relevante".
Preparação específica		Competências específicas	(...) preparação/treino específico (...) (...) plano logístico (...) / (...) conhecimento do terreno (...) / (...) equipamento (...) / (...) alimentação (...) / (...) estratégias de progressão (...)	
		Intrínsecas	(...) sentimento de inquietação (...); (...) curiosidade (...) / (...) fantasias (...) / (...) ideias (...)	Há milhões de razões que eu podia apresentar para justificar o porquê detrás do meu estilo de vida corrente, de viajante. Um sentimento de inquietação cada vez que a vida se torna demasiado confortável, uma curiosidade pelo novo e pelo desconhecido que pouco a pouco se torna numa urgência difícil de controlar..." / Por vezes resultam de fantasias , sonhos antigos, que se instalaram num canto do nosso cérebro e estão apenas à espera do momento certo para brotar. Quando essas ideias nos começam a 'incomodar' com persistência dedicamos-lhes mais tempo (...) / Essa falta de controlo absoluto constitui um incentivo, caso contrário seria muito aborrecido.
Razões para desenvolver a prática		Conteúdo da Prática	(...) falta de controlo absoluto (...)	
"Desenvolvimento" da Prática	Implicações	Compatível/Incompatível com vida pessoal e profissional	(...) oportunidades profissionais (...)	Claro! Já me fizeram perder outro tipo de oportunidades profissionais ...e moldaram parcialmente a minha maneira de ser.
Representações sociais e culturais da actividade	Crenças	Acredita / Não acredita	Há pensamentos que nos motivam (...) / (...) não tenho realmente consciência (...)	Há pensamentos que nos motivam , que se usam para enfrentar as tentações de desistir e regressar a conforto. Penso que a transcendência pode suceder em momentos muito difíceis, talvez de sobrevivência, dos quais não tenho realmente consciência ou

Práticas de Aventura – Uma Subcultura de Risco

			<i>experiência.</i>
Perda de Consciência Temporal	Aconteceu/Não Aconteceu	<i>Nunca (...)</i>	Nunca me aconteceu.
Sensações	Contemplação	<i>(...) desfrutar da natureza (...)</i>	<i>Para desfrutar da natureza acredito que devemos estar na plena posse dos nossos sentidos. Porque é aí que eles mais se agudizam.</i>
Estereótipo de género	Factores Psicológicos	<i>(...) momentos de desconforto (...)</i>	<i>A mulher, em geral, não está disposta a viver momentos de desconforto como o homem.</i>
Associação da Prática a Consumos de Risco	Intrínseco aos Sujeitos	<i>(...) certas franjas de praticantes (...)</i>	<i>Concordo com a associação em certas franjas de praticantes devido a que à uma determinada cultura urbana que transporta os seus hábitos para o meio natural. Penso que são culturas diferentes que por vezes se misturam, a cultura urbana vem mais detrás e é difícil bani-la ao entrar no meio natural, porque as duas não são incompatíveis.</i>
	Cultura Urbana	<i>(...) cultura urbana (...)</i>	
Identidade da Prática	Estilo de Vida	<i>A roupa é mais casual (...) / (...) marcas conhecidas no meio de montanha (...) / (...) um pouco menos ortodoxo (...)</i>	<i>Creio que sim. Nota-se uma maior tranquilidade nessa pessoa, um bem-estar no meio natural, talvez um stress quando tem que ir à cidade. Tendem a não ser pretensiosos, snobs, a ser menos materialistas e a estar mais disponíveis para partilhar, comida por exemplo, com os seus pares. A roupa é mais causal, normalmente de marcas conhecidas no meio 'montanha'. / Creio que há várias subculturas. Mas não saberia descrevê-las com acuidade. / Nada de tribos, nem códigos ou linguagem, no meu caso. Mas admito que isso suceda com a maioria dos praticantes. Quanto a estilo de vida, não há dúvida de que o meu é um pouco menos ortodoxo. / As actividades de esforço mais extremo são praticadas por uma minoria, logo, quem as pratica não é tão bem compreendido pela 'maioria'. Por outro lado, levaram-me a conhecer outras pessoas muito interessantes.</i>
	Personalidade	<i>(...) maior tranquilidade (...) / (...) bem estar no meio natural (...) / Tendem a não ser pretensiosos (...) / (...) menos materialistas (...) / (...) disponíveis para partilhar (...)</i>	
	Subcultura	<i>(...) subculturas (...)</i>	
	Relações sociais	<i>(...) conhecer outras pessoas (...) / (...) não é tão bem compreendida pela maioria (...)</i>	

Luís Brito

Práticas de Aventura – Uma Subcultura de Risco

Tema	Subtema	Categorias	Unidade de Registo	Unidade de Conteúdo	
Hábitos Desportivos Precedentes	Práticas desportivas e de lazer marcantes	Colectiva	(...) Futebol (...) / (...) Hóquei (...)	Not, ya, se calhar, quando eu tinha 8 anos, ohhhh, até aos 10, joguei Futebol , joguei no..., era guarda-redes, depois joguei Hóquei , no Sporting aqui das Caldas, nos iniciados, ya, antes disso tudo já praticava Natação, pratiquei Natação , “pra’i” durante os oito anos, e depois entretanto conheci o Surf e foi o meu desporto.	
		Individual	(...) Natação (...)		
	Ligação entre as práticas desenvolvidas e a prática actual	Enquadramento	(...) desporto individual (...)		Por ser um desporto individualista , não gosto de desportos de trabalho em equipa, trabalho em grupo, não gosto de desportos para trabalhar em grupo, porque ou remam todos para o mesmo lado ou então não funciona.
Prática de aventura	Caracterização	Estilo de Vida	(...) estilo de vida (...)	Principalmente tudo se resume a um estilo de vida . É uma modalidade em que através da utilização de uma prancha deslizamos em direcção à praia . / Água , sem ela não era possível... ondas ...força para deslizar uma prancha sobre a onda . / Sim, claro...é muito importante ...a técnica é importante em tudo , caso não evoluas nesse parâmetro...também não irá evoluir no Surf.	
		Equipamento	(...) prancha (...) / (...) uma prancha (...)		
		Contexto	(...) praia (...) / (...) água (...) / (...) ondas (...) / (...) onda (...)		
		Importância da Técnica	(...) muito importante (...) / (...) importante em tudo (...)		
	Evolução	Componente Material	(...) pranchas (...) / (...) materiais utilizados (...) / (...) fatos (...)		De uma forma natural...tinha que acontecer...desde as pranchas , aos materiais utilizados , aos fatos , aos próprios praticantes ...tudo mudou...isso é bom, hoje em dia fazemos mais do que fazíamos aquelas que pessoas com pranchas enormes dentro de água, está mais rápido.
		Componente Humana	(...) praticantes (...)		
	Valores	Responsabilidade	(...) responsabilidade (...)		Bons valores, positivos... responsabilidade , calma , ecologia ... tudo pacífico , tranquilo ... saber viver .
		Tranquilidade	(...) calma (...) / (...) tudo pacífico (...) / (...) tranquilo (...)		
		Ecológicos	(...) ecologia (...)		
		Vitalidade	(...) saber viver.		
Impactos no desenvolvimento pessoal	Gestão de Problemas	Competências	(...) estou melhor preparado / (...) Tornou-me numa pessoa melhor (...)	Sim, tal como na pergunta anterior só depois de errar se conhece realmente situação e na próxima vez já estou melhor preparado , mas vou errar outra vez ... é um ciclo infinito. Todas estas situações ajudam-me, por vezes, a ultrapassar da melhor maneira algumas das coisas menos agradáveis , com que tenho de enfrentar, na minha vida...mas a minha própria filosofia de vida ajuda-me nesse aspecto. / Tornou-me numa pessoa melhor , tanto a nível pessoal como social.	
		(...) ultrapassar da melhor maneira algumas das coisas menos agradáveis (...)			
Contexto da Prática de Aventura	Interacção e novos usos	Complementaridade	O Surf precisa da natureza (...) / (...) mar oferece-nos coisas (...)	Não sei. O Surf precisa da natureza , a natureza não precisa do Surf. / É a natureza humana...nós temos a tendência de aproximar os locais às nossas zonas...onde habitamos...mas sinceramente não é a mesma coisa...o mar oferece-nos coisas que uma	
		Reinvenção dos Espaços	(...) gerir isso da melhor forma (...) / (...) controlando os seus atletas (...)		

Práticas de Aventura – Uma Subcultura de Risco

				<i>piscina não consegue oferecer...não tem comparação. / Cabe às entidades competitivas e as marcas gerir isso da melhor forma possível, controlando os seus atletas.</i>
Condicionantes	Controlo		<i>(...) controlar a mente e o corpo (...)</i>	<i>É tudo mental sabes? Um ser humano normal se souber como controlar a mente e o corpo, consegue elevar-se à potência de 4 a 6 homens...logo...consegues lidar com um leque de situações inimagináveis.</i>
	Condições de Prática		<i>(...) situações inimagináveis.</i>	
Risco	Relação com a Prática	Questões Materiais	<i>(...) prancha na cabeça (...) / (...) levar com uma prancha (...)</i>	<i>Sim, pois em certas circunstâncias há possibilidade de pôr a vida em risco. Dias em que o mar está grande, quando surfamos em praias com pouco água e podemos bater no fundo ou levar com a prancha na cabeça depois de efectuarmos uma manobra. Por se desenvolver na água corremos o risco de por uma qualquer razão morrer afogados...penso que é isso...há...depois temos aquelas situações em que estamos com dezenas de gajos na água e podemos levar com uma prancha em cima daquelas pessoas que ainda estão a aprender.</i>
		Questões Contextuais	<i>(...) o mar está grande (...) / (...) bater no fundo (...) / (...) na água (...) / (...) dezenas de gajos na água (...)</i>	
	Causas	<i>(...) más escolhas (...) / (...) erros (...) / (...) mar (...)</i>		
	Ansiedade	Impactos	<i>(...) aprende-se (...) / (...) forma de estar mudou para melhor (...) / (...) acabo até por sair (...)</i>	
Acidentes	Pré-consciente		<i>Não penso nisso (...)</i>	<i>Não penso nisso durante a prática, mas é possível. Epah...sim...quanto não terão já morrido por más decisões? ...na outra pergunta já falei de algumas coisas que podem acontecer e que podem levar à morte do praticante...por vezes este tipo de coisas acontece quando o mar está mais pequeno e facilitamos.</i>
	Consciente		<i>(...) é possível (...)</i>	
	Origem		<i>(...) más decisões (...) / (...) facilitamos</i>	
Segurança	Seguro de Saúde/Vida	Sim/Não	<i>Não (...)</i>	<i>Não tenho nenhum seguro, nunca me preocupei muito com isso.</i>
Desenvolvimento como praticante	Primeiro contacto	Outras Práticas	<i>(...) comecei com o Bodyboard (...)</i>	<i>(...) comecei com o Bodyboard, sempre adorei tudo o que estivesse relacionado com o mar...pesco, então de há cinco anos para cá comecei a fazer Surf. Comecei por ver e desde aí que desejava experimentar.</i>
	Fase da vida	Jovem Pubertário	<i>Com 14 ou 13. / (...) uns treze anos (...)</i>	<i>Com 14 ou 13. / Tinha para aí uns 13 anos, mas o Surf de uma forma geral, não a modalidade Surf</i>

Práticas de Aventura – Uma Subcultura de Risco

			<i>propriamente dita.</i>
Referências	Praticantes	(...) <i>jovens mais velhos</i> (...)	<i>Foi... humm... talvez as pessoas, jovens mais velhos que eu, que o faziam e por influência... como também ia para a praia muitas vezes com os meus pais, também fazia Skimming, também os via.</i>
Experiência	De 5 a 10 Anos	(...) <i>há 5 anos.</i>	<i>Pratiquei aí até aos... comecei a fazer Surf há 5 anos, pronto. Sempre fiz Bodyboard.</i>
Nível atingido	Intermédio	<i>Sou um intermédio.</i>	<i>Sou um intermédio. Sei estar na água, é a minha melhor... se meter isto num perfil, em termos de... onde eu me sinto melhor, se estou à vontade dentro de água, sei ler bem o mar, dado aos anos que lá ando.</i>
Relação com a Prática	Hobby/Lazer	(...) <i>lazer</i> (...)	<i>Essencialmente vejo o Surf como lazer... mas como sabes acabo por ganhar uns trocos com isto, cada vez mais falo pranchas...</i>
Fases	Aprendizagem	(...) <i>Skimming</i> (...) / Depois veio o Bodyboard (...) / (...) <i>há cinco anos surge o Surf</i> (...)	(...) <i>era miúdo, fazia Skimming (...) / Depois veio o Bodyboard, ainda hoje faço, mas não com a dedicação de outro tempo em que era jovem (...) / (...) Depois há cinco anos surge o Surf, sempre quis fazer... e à dois anos começo a fazer pranchas.</i>
	Criativa	(...) <i>fazer pranchas.</i>	
Preparação específica	Competências específicas	(...) <i>saber estar dentro de água</i> (...)	<i>Sim, 99% mental e 1% físico... é muito mental... tudo se resume a isso... saber estar dentro de água é muito importante, o resto surge por acréscimo.</i>
Razões para desenvolver a prática	Intrínsecas	(...) <i>expressar</i> (...) / (...) <i>sinto bem</i> (...) / (...) <i>ultrapasso barreiras</i> (...) / (...) <i>posso ser melhor</i> (...) / (...) <i>ambicionas mais</i> (...)	<i>Por isso é que gosto do Surf, como é individualista, obriga-te também a seres melhor do que eras e assim consequentemente tens as tuas metas. / São práticas onde eu me sei expressar, onde me sinto bem, onde ultrapasso barreiras, onde posso ser melhor, existe uma cumplicidade entre o mar eu e a prancha. / São desafios físico-mentais que tu próprio aceitas participar... e ambicionas mais e mais... uma onda maior, um tubo mais profundo... mais velocidade, essas coisas.</i>
	Conteúdo da prática	(...) <i>é individualista</i> (...) / (...) <i>obriga-te também a seres melhor</i> (...) / (...) <i>desafios físico-mentais</i> (...) / (...) <i>onda maior</i> (...) / (...) <i>tubo mais profundo</i> (...) / (...) <i>velocidade</i> (...)	
	Extrínsecas	(...) <i>cumplicidade entre o mar e a prancha</i> (...)	
“Desenvolvimento” da Prática	Implicações	Compatível/Incompatível com vida pessoal e profissional	<i>Neste momento estou desempregado, ou shaper, neste caso. Sou shaper. / A partir desse momento nunca mais parei... hoje em dia consigo ainda conciliar com a criação de pranchas. / Mudou logo tudo a nível profissional com as formações que tenho, sim, faço pranchas como sabes, e tento a partir daí ganhar uns trocos, que me permitam comer e ir ao médico. A nível pessoal e social também tem implicações... amigos, estilo de vida muito próprio e depois o mar é que</i>

Práticas de Aventura – Uma Subcultura de Risco

			(...) shaper (...) / Sou shaper. (...) / (...) conciliar com a criação de pranchas (...) / (...) faço pranchas (...) / (...) estou a tentar enveredar por esta estratégia (...)	decide, se der umas ondas na Foz, acordo mais cedo, antes do trabalho para ir surfar, ou faço uma pausa...ou saíu mais cedo para ir surfar num instante e fazer umas ondas. / (...) depois estou a tentar enveredar por esta estratégia porque gosto dela e é viável...já tenho site na net e tudo para mostrar aquilo que faço.
	Crenças	Acredita / Não acredita	Não (...)	Não, acredito em mim, mais ninguém me tirará do mar a não ser eu...eu e a minha cabeça.
	Perda de consciência temporal	Motivos	(...) tudo está a correr bem (...)	Epah...claro...quando tudo está a correr bem , apanhas imensas ondas, sempre melhores e melhores, quando dás por ela o sol está a pôr-se, a partir daí não dá mais.
	Sensações	Hedonistas	(...) prazer (...)	Prazer...satisfação...calma, paz , comigo e com o mundo... solidão , Não é fácil descrever...quem passa pela experiência tem uma real ideia daquilo que sentimos quando descemos uma onda.
Satisfação		(...) satisfação (...)		
Tranquilidade		(...) calma (...) / (...) paz (...)		
Solidão		(...) solidão (...)		
Representações sociais e culturais da actividade	Estereótipo de género	Factores Biológicos	(...) homens devido à sua natureza física estão em vantagem (...)	Os homens devido à sua natureza física estão em vantagem . Contudo penso...se fores ali para o Baleal já vês muitas estrangeiras a aprenderem...nas escolas de Surf. Em Portugal não vemos tanto assim ...temos a Filipa, por exemplo, mas são poucas.
		Factores Socioculturais	(...) vês muitas estrangeiras (...) / Em Portugal, não vemos tanto assim (...)	
	Associação da Prática a Consumos de Risco	Intrínseco aos Sujeitos	(...) cada um sabe o que faz.	O Surf tem uma conotação com as drogas porque, o Surf surgiu nas sociedades modernas juntamente com a época psicadélica. Hoje em dia o Surf é um desporto normal. Cabe às entidades competitivas e as marcas gerir isso da melhor forma... não concordo com associação... cada um sabe o que faz.
	Identidade da Prática	Personalidade	(...) descontraído (...) / (...) discreto (...) / (...) onda muito relax (...)	Sim...é alguém descontraído , com a pele morena...chinelos , no Verão, calção...mais discreto . É uma onda muito relax ...de quem não liga para esse tipo de coisas. / Sim... falamos do mesmo modo ...temos termos muito próprios, maneiras de vestir também própria...descontraído ...penso que é isso...depois é o desejo de ir e estar no mar todos os dias ...é um vício. / Acabei por criar novos laços...novos amigos e reforçar as amizades que tinha. Fora da prática? Tudo na mesma , desde que me
Distinção Social		(...) termos muito próprios (...)		
Estilo de Vida		(...) descontraído (...) / (...) chinelos (...) / (...) calção (...) / (...) maneiras de vestir também própria (...)		
Subcultura		(...) pele morena (...) / (...) desejo de ir e estar no mar, todos os dias (...)		
Relações sociais		(...) criar novos laços (...) / (...) novos		

Práticas de Aventura – Uma Subcultura de Risco

amigos (...) / (...) reforçar as amizades respeitem...
(...) / Tudo na mesma (...)

Mário Pardo

Tema	Subtema	Categorias	Unidade de Registo	Unidade de Conteúdo
Hábitos Desportivos Precedentes	Práticas desportivas e de lazer marcantes	Adaptação ao Meio	(...) Escalada (...) / (...) BTT (...)	O paraquedismo e o B.A.S.E Jump, claro, foi uma atrás da outra. Pahh, sei lá, já fiz um pouco de Escalada , um bocadinho de rappel , andar de bicicleta, BTT (...)
	Ligação entre as práticas desenvolvidas e a prática actual	Fuga/Evasão	(...) aventura (...)	Não, a única ligação é um gosto pela aventura que existe em mim, cuja ordem dos factores é arbitrária percebes?
Prática de aventura	Caracterização	Estilo de Vida	(...) pouco à margem (...)	(...) o B.A.S.E. é uma prática um pouco à margem (...) / São actividades, que são, qualquer delas geradoras de momentos de ansiedade bastante fortes. / Epah...tem pouca margem para erro percebes? É uma actividade que perdoa muitos poucos erros , portanto, como se costuma dizer, um erro é muito provável que seja a morte do artista. / Eu diria mais individual do que colectiva . / Obviamente, é imprescindível não é?
		Actividade de Risco	(...) geradoras de momentos de ansiedade (...) / (...) pouca margem para erro (...) / (...) perdoa muitos poucos erros (...)	
		Enquadramento	(...) mais individual do que colectiva (...)	
	Evolução	Importância da técnica	(...) é imprescindível (...)	Epah, houve uma evolução garantidamente não é? Não só em termos de volume, portanto, quantidade de malta a aderir à actividade , como também em termos de técnicos , como tu disseste, e de pronto, em termos inclusivamente de equipamentos , e sem dúvida que sim, que há alguma melhoria (...)
		Componente Humana	(...) malta a aderir à actividade (...)	
		Componente Técnica	(...) em termos de técnicos (...)	
		Componente Material	(...) equipamentos (...)	
	Valores	Ecológicos	Respeito pela natureza (...)	Respeito pela natureza, respeito pela vida , embora possa parecer o contrário, elevados padrões de critério, de segurança e de disciplina , pah...são basicamente estes. Diria que são os mais importantes.
		Vitalidade	(...) respeito pela vida (...)	
		Segurança	(...) de segurança (...)	
Disciplina		(...) elevados padrões de critério e de disciplina (...)		
Impactos no desenvolvimento pessoal	Gestão de Stress	(...) aprender a lidar com o stress. / (...) gestão do stress (...) / (...) gerir a ansiedade (...)	(...) este tipo de actividades gera algum stress em nós, alguma ansiedade, e que nos ajudam ou que nos forcem a aprender a lidar com o stress . / Sim, pahh, e a	

Práticas de Aventura – Uma Subcultura de Risco

	Competências	(...) dá-te algum traquejo (...)	questão da gestão do stress , porque tens realmente que gerir a ansiedade , se queres realmente fazer este tipo de actividades. / (...) ou pões-te numa posição em que és obrigado a ter que lidar com isso, e isso dá-te algum traquejo , para outro tipo de situações e depois também, eu acho que é um escape , epah...faz-nos de alguma forma remeter para segundo plano aquelas preocupações que a malta tem no dia-a-dia. / Eu acho que sim .
	Gestão de Problemas	(...) é um escape (...) / (...) remeter para segundo plano aquelas preocupações (...)	
Contexto da prática de aventura	Interacção e novos usos	Tiro proveito dela. / (...) desfrutando daquilo (...)	Tiro proveito dela. / Epah, desfrutando daquilo , das ravinas, dos penhascos e dos ventos e das vistas.
	Complementaridade	(...) dizer que não (...) / (...) não é fácil dizer que não (...) / (...) há sempre uma possibilidade de alguma coisa correr tão bem, como podia correr mal. / (...) não há muitos factores que tu não controles. (...)	Hã...agora como é que tu prevês isso? Epah, é através de critérios de... procedimentos muito rigorosos percebes? De critérios muito rigorosos . / Obviamente que tu podes sempre dizer que podes prever...programar fazer um salto no dia tal, e podes sempre chegar à altura e dizer: "eu não salto; epah, hoje não, não dá, não estão reunidas as condições". Não é fácil exercer esta, esta...o exercer dizer que não , estas a perceber, sobretudo quando fizemos...imagina que estiveste duas ou três horas a subir uma montanha para saltar, chegas lá acima...queres saltar. Primeiro o problema de queres saltar, depois a ideia de que tens que voltar outra vez e por vezes não é fácil dizer que não , percebes? Portanto, saber, pah... ser rigoroso com critérios de segurança , não é uma coisa fácil, pelo menos eu falo por mim, mas podes sempre fazê-lo, e claro, que depois há sempre imponderáveis , mesmo que considerados todos os factores, que são previsíveis digamos assim, depois tens sempre a possibilidade de haver uma rajada de vento mais forte, sei lá, às vezes as coisas mais absurdas podem acontecer , embora nós, pelo tal cuidado, com o detalhe , com o pormenor , com tudo e com o rigor e tal, mas mesmo assim, há sempre uma possibilidade de alguma coisa correr tão bem, como podia correr mal / (...) pode acontecer vir uma "rabanada" de vento mais forte, mas normalmente esse tipo de condicionantes, estão, estão...são previsíveis, não há muitos factores que tu não controles . Pode acontecer uma rajada de vento um bocadinho mais forte, ou assim uma coisa, mas se
	Controlo	(...) há sempre imponderáveis (...) / (...) as coisas mais absurdas podem acontecer (...) / (...) esse tipo de condicionantes estão, estão...são previsíveis (...) / Há poucos imponderáveis (...)	
	Condições de prática	(...) há sempre imponderáveis (...) / (...) as coisas mais absurdas podem acontecer (...) / (...) esse tipo de condicionantes estão, estão...são previsíveis (...) / Há poucos imponderáveis (...)	
	Condicionantes	(...) ser rigoroso com critérios de segurança (...) / (...) procedimentos muito rigorosos (...) / (...) critérios muito rigorosos (...) / (...) detalhe (...) / (...) pormenor (...) / (...) se fizeres a coisa com algum critério e com alguma margem de segurança (...)	
	Domínio da actividade	(...) ser rigoroso com critérios de segurança (...) / (...) procedimentos muito rigorosos (...) / (...) critérios muito rigorosos (...) / (...) detalhe (...) / (...) pormenor (...) / (...) se fizeres a coisa com algum critério e com alguma margem de segurança (...)	

Práticas de Aventura – Uma Subcultura de Risco

				<p>fizeres a coisa com algum critério e com alguma margem de segurança, e se não estiveres ali o roçar o redline, não é, na linha vermelha, dificilmente acontece alguma coisa. Há poucos imponderáveis, é que eu quero dizer (...)</p>	
Risco	Relação com a prática	Questões Técnicas	(...) dupla verificação (...) / (...) informação correcta (...) / (...) instrução correcta (...)	<p>Não podes, tens que estar absolutamente confiante que estás a fazer as coisas bem-feitas e mesmo assim convém sempre, epahh, fazer uma dupla verificação e confirmar e estar na posse da informação correcta, da instrução correcta, porque caso contrário, pode ser fatal.</p>	
	Ansiedade	Situação Desconfortável	(...) situações menos confortáveis (...) / (...) situações de susto (...)	<p>Sim, já tive algumas situações menos confortáveis, felizmente nunca resultou em nada gravoso, mas já tive algumas situações de susto, digamos assim.</p>	
		Impactos	(...) nada gravoso (...)		
	Acidentes	Pré-consciente		(...) Claro que passa, claro que passa. / Não é uma coisa que esteja sempre a pensar (...) / Agora passa (...) / (...) acho que vale a pena pensar nisso (...)	<p>Pah, claro que passa, claro que passa. / Não é uma coisa que esteja sempre a pensar: “ai ai que me vai acontecer isto ou aquilo”, percebes? / Agora passa, não é passa no sentido, de estar sempre há espera de que me vá acontecer algum acidente, mas estou sempre a precaver-me para que tal não me aconteça. / Portanto, sei que isso é uma possibilidade, que é uma coisa que pode acontecer, e pah, tento ser o mais cuidadoso e criterioso possível, nas minhas decisões e na forma como preparo, enfim, os meus saltos, as minhas acções, de maneira a precaver que isso não aconteça. / (...) eu acho que vale a pena pensar nisso. Vamos lá, não vale a pena viver horrorizado por isso, obcecado pela ideia de que me vai acontecer um acidente.</p>
			Prevenção	(...) estou sempre a precaver-me para que tal não me aconteça (...) / (...) cuidadoso e criterioso possível (...) / (...) de maneira a precaver que isso não aconteça (...)	
Consciente		(...) sei que isso é uma possibilidade (...) / (...) é uma coisa que pode acontecer (...) / (...) não vale a pena viver horrorizado por isso, obcecado pela ideia (...)			
Segurança	Seguro de Saúde/Vida	Facilidade/Dificuldade	(...) não é fácil, não é fácil (...) / (...) não é fácil fazer seguros para este tipo de actividades	<p>Epah, não é fácil, não é fácil. Porque quando, quando...já tentei fazer alguns seguros. Tenho um que é feito pela Red Bull, mas eu pessoalmente nunca</p>	

Práticas de Aventura – Uma Subcultura de Risco

	Sim/Não	<i>Tenho um que é feito pela Red Bull (...) / (...) pessoalmente nunca consegui fazer nenhum (...)</i>	consegui fazer nenhum. Não é não consegui...porque das duas uma, ou não me faziam ou diziam...sim senhor, mas pediam um valor tão exorbitante que...esqueçam lá isso não é? Portanto não é fácil fazer seguros para este tipo de actividades.	
	Valor	<i>(...) exorbitante (...)</i>		
Primeiro contacto	Profissão	<i>(...) tropa (...)</i>	<i>(...) foi quando fui para a tropa (...)</i>	
Fase da vida	Jovem	<i>(...) tinha 19 (...)</i>	<i>(...) quando tinha 19, talvez.</i>	
Referências	Praticantes	<i>(...) vi um salto de B.A.S.E do tal austríaco, o Phil (...)</i>	<i>(...) foi quando vi um salto de B.A.S.E. do tal austríaco, o Phil e epah...é isto mesmo, é isto que eu quero. Entrei em contacto com ele e avancei (...)</i>	
Experiência	De 11 a 15 Anos	<i>(...) há dez anos.</i>	<i>Desde 2000, portanto há dez anos.</i>	
Nível atingido	Avançado	<i>(...) experiente.</i>	<i>Digamos que sou um baser experiente.</i>	
Desenvolvimento como praticante	Relação com a Prática	Profissionalização da Prática <i>Sou paraquedista (...) // (...) deixar de ser um hobby, para ser uma actividade profissional (...)</i>	Sou paraquedista. Sou...eu tenho várias vertentes, sabes, eu faço psicoterapia, portanto ainda faço psicoterapia, que era aquilo que eu fazia antes do paraquedismo ter ganho as proporções que tomou, depois entretanto formei-me como instrutor de paraquedismo, tenho uma escola de paraquedismo, e entretanto sou empresário. / (...) começou por ser uma grande paixão não é? E...que se foi alargando a ponto de deixar de ser um hobby, para ser uma actividade profissional , não é?	
	Fases	Aprendizagem	<i>(...) “agarrado” à cena (...)</i>	<i>(...) no início, em que estava a modos que, em que eu estava “agarrado” à cena, porque queria muito fazer e pronto, só pensava naquilo. Depois passei de uma fase, em que continuava com grande entusiasmo, mas menos dependente (...) / (...) o B.A.S.E. Jump surge um bocado nesse contexto, neste seguimento, o B.A.S.E. Jump surge numa altura em que eu tinha sido já campeão nacional três vezes e estava ali numa fase em que: ok, e agora? O que é que eu faço mais? (...) / (...) deixei de fazer competição, entrei numa fase mais, gosto de chamar mais criativa do que competitiva, em que, epah, gosto de fazer coisas diferentes, percebes?</i>
		Aperfeiçoamento	<i>(...) grande entusiasmo, mas menos dependente (...)</i>	
		Criativa	<i>(...) mais criativa do que competitiva (...)</i>	
		Competitiva	<i>(...) competição (...) / (...) campeão nacional três vezes (...)</i>	
Preparação Específica	Competências Físicas/Fisiológicas/Psicológicas	<i>(...) preparação física de base (...)</i>	<i>Epah, faço. Depende daquilo que eu esteja a preparar-me para fazer. Faço uma preparação física de base,</i>	

Práticas de Aventura – Uma Subcultura de Risco

Competências específicas	<p>(...) projectos um bocadinho mais arrojados faço algum treino específico (...)</p>	<p>normal, digamos assim, tem um bom condicionamento aeróbio, que é importante e sobretudo faço por me sentir bem fisicamente, acho que é pouco mais do que isso. Depois para aqueles meus projectos um bocadinho mais arrojados, faço algum treino específico (...)</p>
Intrínsecas	<p>Gosto de aventura (...) / (...) explorar coisas (...) / (...) fazer coisas novas e diferentes (...) / (...) necessidade de procurar ir sempre mais além (...) / (...) sinto esta necessidade de ir mais além (...) / (...) criar coisas diferentes (...) / (...) nunca gostei muito de monotonia (...) / (...) gosto de coisas novas (...) / (...) gosto de explorar (...) / (...) acrescentar mais-valias (...) / (...) aquele gozo (...) / (...) necessidade de sair de uma zona de conforto (...) / (...) explorar novas cenas (...) / (...) gozo (...) / (...) sentir que estou a crescer (...) / (...) evoluir de alguma forma (...) / (...) desejo de não estagnar (...) / (...) vontade de crescer, de evoluir e de ir mais longe. / (...) ter tempo para mim (...) / (...) estar comigo (...) / (...) quero ir mais além (...) / (...) quero ir sempre mais além.</p>	<p>Epah, gosto de aventura, gosto de explorar coisas, gosto de fazer coisas novas e diferentes. / (...) eu tenho a necessidade de procurar sempre ir mais além, daí que as coisas percam o gozo, mas isto é como todos nós (...) / (...) mas eu sinto esta necessidade de ir mais além percebes? Eu hoje em dia, o paraquedismo continua a dar-me gozo, claro que sim, há (...) / Gosto de criar coisas diferentes, daí que no B.A.S.E., surgiram aqueles saltos mais...epah, com a mota, de cima do camião. E não sei quê, e mesmo que não tenha esses componentes adicionais, o facto de ser o B.A.S.E., e é uma das coisas que me fascina no B.A.S.E., é precisamente que não é monótono, tu estás sempre a saltar de sítios diferentes, e a fazer coisas diferentes. Eu sinto, tenho um bocado a necessidade disso, nunca gostei muito de monotonia e continuo a não gostar, gosto de coisas novas, gosto de explorar, por isso, pah, por exemplo, às vezes dá-me imenso gozo fazer saltos de pára-quedismo quando vou para sítios diferentes ou quando mete aparelhos diferentes e helicópteros xpto e aviões não sei do quê, coisas diferentes, gosto de acrescentar mais-valias, quando começa a ser sempre o mesmo, é giro, não deixa de ser uma experiência porreira, mas não dá aquele gozo, epah, que eu procuro. / (...) tenho também a necessidade de extrapolar dessa zona, não deixando de me querer sentir seguro, mas de alguma forma tenho necessidade de sair de uma zona de conforto e explorar novas cenas, portanto é um bocado isto. / É o gozo que ela me dá. / Epah...é...eu sempre fui uma pessoa, eu não me contento com, com, eu tenho necessidade de sentir que estou a crescer, que estou a evoluir de alguma forma. Eu acredito que isto é comum a todos nós, em mim é qualquer coisa que está muito presente, e pah, não tenho muitoooo, é isso, acho que é isso, é o desejo de não estagnar? É isso, é a vontade de crescer, de evoluir e de ir mais longe. /</p>
Razões para desenvolver a prática	<p>Conteúdo da prática</p>	
Extrínsecas	<p>(...) sítios diferentes (...) / (...) aparelhos diferentes (...)</p>	

Práticas de Aventura – Uma Subcultura de Risco

			<p><i>Eu gosto de ter tempo para mim, gosto de estar comigo e nesse contexto... / (...) eu quero ir mais além sabes? Eu quero ir... e normalmente a malta fica-se ali, ou por um motivo ou por outro, fica-se um bocadinho mais aquém, eu quero ir sempre mais além.</i></p>
	Compatível/Incompatível com vida pessoal e profissional	<p><i>(...) tens que te baldar ao trabalho (...) / (...) não é muito compatível com aquele trabalho normal (...) / (...) para entidade patronal não lhe era muito agradável (...) / (...) empresa precisava de mim e não dava para ir (...) / (...) criou ali um ponto de fricção (...) / (...) acabei por zarpar dali para fora (...)</i></p>	<p><i>(...) um gajo para poder fazer este tipo de desportos muitas vezes, tens que te baldar ao trabalho, não é muito compatível com aquele trabalho normal das 9:00 às 17:00, ou porque ia para campeonatos, ou porque ia saltar não sei aonde, hãã, o Surf a mesma coisa...mas e pronto, começou a afectar-me um bocado aí, porque para entidade patronal não lhe era muito agradável as minhas saídas, se bem que quando à vontade, as coisas são sempre compatíveis, mas pronto afectou-me de alguma forma e houve uma altura em que eu estava para ir a um campeonato do mundo e os tipos disseram-me que não podia na altura em que aquilo acontecia, a empresa precisava de mim e não dava para eu ir. Eu deixar de ir a um campeonato do mundo por causa dos vossos interesses? Esqueçam...além disso tinha férias para gozar e então pedi uma declaração à federação até porque a entidade patronal é obrigada a disponibilizar a malta quando esta vai participar em competições internacionais, como era o caso, portanto, e agarrei-me, obviamente que isso criou ali um ponto de fricção e acabei por zarpar dali para fora e foi bom, foi bom, porque depois surgiu a escola de paraquedismo (...) / Condicionou completamente, então vês? Está na cara</i></p>
	Criação de Projectos Pessoais	<p><i>(...) surgiu a escola de paraquedismo (...)</i></p>	<p><i>Epah...olha, pronto, para já começou por ser uma grande paixão não é? E...que se foi alargando a ponto de deixar de ser um hobby, para ser uma actividade profissional, não é? Para além da minha carreira como atleta, surgiu a escola de paraquedismo, e depois a escola de paraquedismo cresceu, as coisas foram evoluindo, formou-se uma empresa e pronto agora o que não falta para aqui são projectos associados a esta história. / (...) o grande projecto que nós temos em mãos, é absolutamente a criação de um centro de internacional de paraquedismo, que nós, pah, a que nós chamámos Skydive Europe, precisamente porque queremos ser O centro de referência, o centro de</i></p>
"Desenvolvimento" da Prática	Implicações	<p><i>(...) formou-se uma empresa (...) / (...) projectos associados a esta história. / (...) criação de um centro internacional de paraquedismo (...)</i></p>	

Práticas de Aventura – Uma Subcultura de Risco

			paraquedismo de referência na Europa (...)		
Representações sociais e culturais da actividade	Crenças	Religião	(...) não sou religioso (...) / Não me considero uma pessoa religiosa (...) / Tenho uma religião, sou budista (...)	<p><i>Epah, não sou religioso. Não me considero uma pessoa religiosa, considero-me uma pessoa, pah...se que me possa servir dizer isto, espiritual (...) / (...) Tenho uma religião, sou budista, é a religião com a qual me identifico mais, mas não o vejo como uma religião, vejo-o como uma filosofia, como uma forma de estar na vida, como uma forma de encarar a vida.</i></p> <p><i>Não dava jeito não é? / Mas perder a noção do tempo? pah...não sei o que te diga. Acho que pode acontecer sim, eu acho que isso acontece em qualquer actividade em que tu estás a desfrutar e a curtir imenso, percebes? Acabas por te perder, sem noção do tempo, creio que sim.</i></p> <p><i>Medo, garantidamente, um cagaço do caraças, e ao mesmo tempo uma sensação enorme de contemplação, de superação, de liberdade, de realização, percebes? De conseguires fazer qualquer coisa de fantástica.</i></p> <p><i>Há mulheres, mas as mulheres, remete-nos um pouco para aquela questão, que fizeste anteriormente. As mulheres têm maior dificuldade em sair da sua zona de conforto. Para as mulheres, o factor de segurança tem um peso maior do que para os homens, normalmente. / Os homens são diferentes das mulheres, ponto final, parágrafo. Que elas às vezes queiram ser iguais aos homens, não são. E é uma pena quando o querem ser porque perdem a sua unicidade que é maravilhosa e é isso que nós gostamos de ver</i></p>	
		Espiritualidade	(...) espiritual (...)		
	Perda de consciência temporal	Motivos	(...) estás a desfrutar e a curtir imenso (...)		
			Medo		Medo (...) / (...) cagaço do caraças (...)
	Sensações	Sensações	Contemplação		(...) contemplação (...)
			Superação		(...) superação (...)
			Liberdade		(...) liberdade (...)
			Realização		(...) realização (...)
			Participação Feminina		Há mulheres (...) / (...) há, mas não há em igual número.
	Estereótipo de género	Factores Biológicos	Os homens são diferentes das mulheres (...)		

Práticas de Aventura – Uma Subcultura de Risco

		(...) dificuldade em sair da sua zona de conforto (...) / (...) factor de segurança (...) / (...) valorizarem o factor segurança (...) / (...) conforto (...)	numa mulher, é a feminilidade e não a masculinidade. Mas pronto, eu acho que as características de uma mulher as remetem, normalmente, de valorizarem mais o factor segurança , o factor conforto , do que o risco, mas isto não invalida que não haja uma série de mulheres a fazer paraquedismo e até mesmo B.A.S.E. Jump, portanto, há, mas não há em igual número .
Associação da Prática a Consumos de Risco	Intrínseco aos Sujeitos	(...) a ver com a pessoa.	Portanto, eu acho que nesta como num sem número de outras actividades, isso pode acontecer. Portanto, acho que não tem a ver com a actividade em si, tem a ver com a pessoa .
	Estilo de Vida	(...) onda muito desportiva (...) / (...) sem ligar muito àquelas formalidades. / (...) roupa descontraída, desportiva (...)	Pah...sim e não. Sim, porque sim e não porque eu acho que qualquer...há um monte de outras actividades que a malta recorre com o mesmo intuito. Portanto, eu acho que nesta como num sem número de outras actividades, isso pode acontecer . Portanto, acho que não tem a ver com a actividade em si, tem a ver com a pessoa. / Epah...eu acho que um B.A.S.E. jumper tem, tem alguma coisa, tem alguma irreverência , porque...pronto, tem um pouco de loucura saudável , no bom sentido da palavra, acho que somos todos amantes da liberdade , mais?...Somos pouco dados aaaa...a andar em carneirada , como eu costumo dizer, tipo...gosto de traçar o meu próprio caminho, não gosto de andar... pacifismo, ecologia . / Sim, através dos aspectos que te acabei de dizer. É muito naquela...eu por acaso fujo um bocadinho a esse padrão. Sempre uma onda muito desportiva , eu acho que a malta...é...uma vez mais é roupa descontraída, desportiva , percebes? Sem ligar muito àquelas formalidades . / (...) eu acho que sim, acho que sim. É a identificação com...com aquela paixão , com o gozo de fazer aquele tipo de coisas, com estes traços que acabámos de referir. A malta está muito nesse registo, de alguma irreverência, de não seguir normas. / Há uma afinidade muito grande entre os praticantes. Há ali uma empatia , uma afinidade grande , entre a malta. / Mas não afectou de maneira nenhuma, a minha relação com o resto do planeta.
	Distinção Social	(...) pacifismo (...) / (...) ecologia.	
	Personalidade	(...) alguma irreverência (...) / (...) loucura saudável (...) / (...) pouco dados hãã...a andar em carneirada (...)	
	Subcultura	(...) amantes da liberdade (...) / (...) paixão (...)	
Identidade da Prática			
	Relações sociais	(...) afinidade muito grande (...) / (...) empatia (...) / (...) afinidade grande (...) / (...) não afectou (...)	

Práticas de Aventura – Uma Subcultura de Risco

Miguel Cerejo

Tema	Subtema	Categorias	Unidade de Registo	Unidade de Conteúdo
Hábitos Desportivos Precedentes	Práticas desportivas e de lazer marcantes	Individual	(...) <i>Atletismo</i> (...)	Aqui na zona de Porto de Mós houve sempre um incentivo muito grande nas escolas e então comecei no Atletismo / É assim, a modalidade de relevo, na qual estive inserido, foi o Andebol . Foi onde eu estive mais tempo ligado. O BTT sempre foi um hobby, quando acabava a época do Andebol, era quando começava a época do BTT (...)
		Colectiva	(...) <i>Andebol</i> .	
		Adaptação ao Meio	(...) <i>BTT</i> (...)	
	Ligação entre as práticas desenvolvidas e a prática actual	Independentes	(...) <i>acabava a época do Andebol era quando começava a época do BTT</i> (...)	O BTT sempre foi um hobby, quando acabava a época do Andebol era quando começava a época do BTT e eu comecei a fazer o BTT a partir daí.
Prática de aventura	Caracterização	Actividade Eclética	(...) <i>desporto muito completo</i> .	Eu considero o Downhill um desporto muito completo . Porque puxa muito pela parte física e agora está cada vez mais a puxar pela parte psicológica. / A parte da cabeça funciona mais, aguentar a pressão e isso tudo. / É uma actividade de risco , e mais do que qualquer desporto, até. Mas aquilo vai para uma actividade de risco (...) / No presente momento, faz a diferença .
		Actividade de Risco	<i>É uma actividade de risco</i> (...) / <i>vai para uma actividade de risco</i> (...)	
		Importância da técnica	(...) <i>faz a diferença</i>	
	Evolução	Componente Física	(...) <i>cuidar mais do físico</i> (...)	(...) <i>depois com a evolução, tivemos que começar a cuidar mais do físico</i> , partir um bocadinho daquilo que foi do Cross, no início. / Porque as pistas também mudaram e a maneira de treinar também deve ser diferente. As bicicletas mudaram, tudo evoluiu (...)
		Componente Técnica	(...) <i>pistas</i> (...)	
		Componente Material	(...) <i>bicicletas</i> (...)	
	Valores	Amizade	(...) <i>companheirismo</i> (...)	No Downhill não, sempre houve entreaajuda . / Mais essa do companheirismo , que há entre o pessoal. / Sempre houve muita entreaajuda. Agora á não acontece tanto isso. Com a chegada deste pessoal mais novo, eles são mais competitivos e já não vão por esse caminho.
		Solidariedade	(...) <i>sempre houve entreaajuda</i> (...) / (...) <i>Sempre houve muita entreaajuda</i> (...)	
		Competitividade	(...) <i>eles são mais competitivos</i> (...)	
Impactos no desenvolvimento pessoal	Gestão de stress	(...) <i>é um stress bom contra um stress mau</i> (...) / (...) <i>está tudo pacífico</i> (...)	Concordo , às vezes é um stress bom, contra um stress mau e anula o outro. / No final da actividade, a maior parte dos meus colegas e tudo... está tudo pacífico e isso. / (...) principalmente porque nós passamos ali o fim-de-semana sem falar dos problemas durante a semana Andamos tão concentrados naquilo que o resto passa ao lado . / (...) havia pessoal que stressava no fim com uma jogada decisiva ou quê...eu não tinha problemas nenhuns (...)	
	Gestão de Problemas	(...) <i>sem falar dos problemas</i> (...) / (...) <i>o resto passa ao lado</i> .		
	Competências	(...) <i>havia pessoal que stressava no fim com uma jogada decisiva ou quê...eu não tinha problemas nenhuns</i> (...)		

Práticas de Aventura – Uma Subcultura de Risco

			<i>marcar.</i>	
Contexto da prática de aventura	Interacção e novos usos	Complementaridade	(...) <i>adaptar ao meio</i> (...)	<i>Não, o confronto é sempre com o relógio. / (...) tu tens que te adaptar ao meio que te vão dar naquele fim-de-semana (...) / É o meio mais rápido de nós transmitirmos o que se passa na serra. / Porque o português não tem muito a mentalidade de ir ver desportos de aventura e sair do meio urbano. / O Downhill urbano, até foi em Lisboa que começou e eu fui lá nesse ano, foi mesmo com esse intuito.</i>
		Reinvenção de Espaços	(...) <i>meio mais rápido de nós transmitirmos o que se passa na serra</i> (...)	
	Condicionantes	Condições de Prática	(...) <i>condições climáticas</i> (...)	
		Equipamento	(...) <i>segurança de equipamento, equipamento do piloto</i> (...)	
Risco	Relação com a prática	Comparação	(...) <i>até morre mais gente a jogar à bola</i> (...)	(...) <i>Não sei, porque por acaso até morre mais gente a jogar à bola.</i>
	Ansiedade	Causas	(...) <i>parte nervosa</i> (...)	<i>Tem a ver também com a parte nervosa das pessoas. E depois disso também, com o passar do tempo, com a experiência que tens vais conseguindo contornar essas coisas.</i>
		Impactos	(...) <i>contornar essas coisas.</i>	
	Acidentes	Pré-consciente	(...) <i>tentamos não pensar nisso</i> (...)	<i>(...) durante o fim-de-semana da prova ou quando andamos a treinar, tentamos não pensar nisso (...) / (...) geralmente o acidente acontece quando nós ultrapassamos o limite, ou quando não estás bem fisicamente, os teus limites deixam de ter aquele nível, irão decrescer / Geralmente os acidentes acontecem quando nós estamos mais fatigados.</i>
Origem		(...) <i>quando nós ultrapassamos o limite</i> (...) / (...) <i>quando não estás bem fisicamente</i> (...) / (...) <i>quando nós estamos mais fatigados</i> (...)		
Morte	Pensa / Não pensa	Não (...)	<i>Não, nada. / Poderá levar, mas é muito mínimo se tomares as precauções em termos de segurança (...)</i>	
	Consequências	<i>Poderá levar</i> (...)		
Segurança	Seguro de Saúde/Vida	Sim/Não	Não (...)	<i>Não, as companhias seguradoras não vão muito nisso. Tentei fazer um, mas era muito caro. Era tudo praticamente calculado ao osso e a quantia a pagar era exorbitante.</i>
		Valor	(...) <i>muito caro</i> (...) / (...) <i>era exorbitante.</i>	
Desenvolvimento como praticante	Primeiro contacto	Evento Técnico	(...) <i>prova aqui em Porto-de-Mós</i> (...)	<i>Uma prova aqui em Porto de Mós e foi uma experiência que veio a que eu trocasse o Cross- Country pelo</i>

Práticas de Aventura – Uma Subcultura de Risco

			Downhill e como na altura as bikes que se usavam eram praticamente as mesmas para as duas disciplinas foi fácil a troca (...)
Fase da vida	Jovem	Foi em 94 (...) / Tinha 20 anos (...)	O Downhill? Foi em 94 , o Cross tinha começado antes. / Tinha 20 anos.
Referências	Relações Pessoais	(...) maior parte do pessoal virou tudo para o Downhill (...)	(...) esta zona geográfica era boa, em termos de serras e isso. A maior parte do pessoal virou tudo para o Downhill.
Experiência	Mais de 16 anos	Desde 94, 16 anos.	Desde 94, 16 anos.
Nível atingido	Avançado	Avançado.	Avançado.
Relação com a Prática	Hobby/Lazer	(...) hobby (...)	O BTT sempre foi um hobby (...) / (...) nós quase todos os fim-de-semana vamos andar, todos, agora praticamente todos os fim-de-semana vamos andar. / Nós temos lá uma empresa a fazer esse tipo de serviço, mediante um pagamento, eles têm seguro, n
	2ª Actividade	(...) trabalho como guia (...)	Os damos seguro, damos guias, eu trabalho como guia (...)
Fases	Aprendizagem	Passei com curiosidade do Cross para o Downhill (...)	Passei com curiosidade do Cross para o Downhill , depois no Downhill o grupo era mais restrito (...) / Fiz o 16º Lugar dos “Elites” . / Fizemos duas participações no Campeonato do Mundo de Masters , e fui com um grupo de colegas daqui.
	Competitiva	(...) 16º lugar dos “Elites” (...) / (...) duas participações no Campeonato do Mundo de Masters (...)	
Preparação específica	Competências Físicas/Fisiológicas/Psicológicas	Faço ginásio (...) / (...) preparar melhor fisicamente (...) / (...) bem preparados fisicamente (...)	Tenho. Faço ginásio , e faço pelo menos uma vez Motocross , durante a semana, treino de moto. / O ginásio é para uma pessoa se preparar melhor fisicamente e aí vais tirar partido da técnica que nós temos, ou que vamos ganhando. Quanto mais bem preparados fisicamente nós estivermos melhor. / O Motocross é também a parte física, porque ao contrário do que muita gente pensa, no Motocross, usa-se muito mais as pernas que os braços e também para ficarmos com a noção da velocidade (...)
	Competências específicas	(...) faço pelo menos uma vez Motocross (...)	
Razões para desenvolver a prática	Intrínsecas	(...) experimentar coisas novas (...) / (...) por experimentar coisas novas (...)	O Downhill também passa por aí, experimentar coisas novas , porque se andares sempre a fazer a mesma coisa, também te acabas por chatear. Andar em sítios diferentes , isso foi o que nos levou a ir a França duas vezes e para o ano vamos lá outra vez, fazer ali 11 ou 12 dias nos Alpes, experimentar sítios diferentes (...) / (...) depois já é o grupo de amigos e depois, já passou a ser o negócio . / (...) e passa muito por aí, por experimentar coisas novas.
	Conteúdo da prática	(...) andar em sítios diferentes (...) / (...) experimentar sítios diferentes (...)	
	Extrínsecas	(...) grupo de amigos (...) (...) o negócio (...)	

Práticas de Aventura – Uma Subcultura de Risco

"Desenvolvimento" da Prática	Relação com outras esferas da vida	Compatível/Incompatível com vida pessoal e profissional	(...) condicionou um bocado (...) / (...) conjugar as coisas (...)	Com o nascimento da minha filha condicionou um bocado , que é normal, mas acho que é só inicialmente, porque nós, depois começamos a conjugar as coisas , acho que dá tempo para tudo.
	Crenças	Acredita / Não acredita	Não (...)	Não ...eu acho que nós temos de acreditar é em nós próprios. Eu sou um pouco liberal em relação a isso, só acredito em coisas plausíveis. Só acredito em coisas que nós conseguimos ver.
Representações sociais e culturais da actividade	Perda de consciência temporal	Motivos	(...) desporto em que se usa o relógio (...)	Não sei , acho que nós quando experimentamos uma coisa boa depois dificilmente queremos voltar. / Mas não o Downhill é um desporto em que se usa o relógio logo andamos sempre a olhar para ele.
	Sensações	Liberdade	(...) sensação de liberdade (...)	É tudo uma sensação de liberdade, adrenalina , era a profissão de sonho poderes viajar e andar por todo o mundo isto tudo na parte lúdica do desporto.
		Adrenalina	(...) adrenalina (...)	
	Estereótipo de género	Factores Socioculturais	Cá vê-se pouco.	Cá vê-se pouco . Muita pouca gente (...)
	Associação da Prática a Consumos de Risco	Existe / Não existe	Não (...)	Não ...e agora é cada vez mais difícil, por causa dos controlos antidoping. / Eu acho que isso está a ficar um bocado ultrapassado (...)
Identidade da Prática	Personalidade	(...) o mais maluco e o mais calmo (...)	Não ...existe de tudo no Downhill. Temos pessoas que as identificamos como sendo o mais maluco e o mais calmo que existe. / Não, acho que não. / (...) podes olhar para ele e parecer-te por exemplo um surfista ou uma pessoa normal . Não existe um padrão definido! / (...) dentro do grupo, é...somos... competimos uns contra os outros , mas somos amigos , ali a 100%. No final da prova, vamos para o café, beber qualquer coisa e passamos assim o tempo. / Se nós formos para um sítio onde ainda ninguém tenha visto esta disciplina, "ah, são uns malucos " e não sei quê (...)	
	Prática Geracional	(...) o pessoal mais novo, é normal (...)		
	Distinção Social	Usam muito a linguagem dos telemóveis (...)		
	Relações sociais	(...) competimos uns com os outros (...) / (...) somos amigos (...) / (...) são uns malucos (...)		

Miguel Oliveira

Tema	Subtema	Categorias	Unidade de Registo	Unidade de Conteúdo
Hábitos Desportivos Precedentes	Práticas desportivas e de lazer marcantes	Individual	Atletismo (...) / (...) Tiro com Arco (...)	Atletismo, Canoagem, Badminton, Escalada e a parte do Alpinismo que vem até aos nossos dias, Orientação, Tiro com Arco, o Judo, Andebol , há...vai ser difícil parar.
		Adaptação ao Meio	(...) Canoagem (...) / (...) Escalada (...) / (...) Orientação (...)	
		Combate	(...) Judo (...)	

Práticas de Aventura – Uma Subcultura de Risco

	Confrontação Directa	(...) <i>Badminton</i> (...)	
	Colectiva	(...) <i>Andebol</i> (...)	
	Grandes Espaços	(...) <i>Alpinismo</i> (...)	
	Ligação entre as práticas desenvolvidas e a prática actual	Fuga/Evasão	(...) <i>prazer</i> (...)
			<i>Hã...claro que houve sempre um prazer associado.</i>
	Caracterização	Contexto	(...) <i>exploratória do ambiente</i> (...) / (...) <i>exploratória</i> (...)
		Importância da Técnica	(...) <i>é importantíssimo</i> (...)
		Componente Técnica	(...) <i>é fundamental desenvolver técnicas</i> (...)
	Evolução	Componente Material	(...) <i>equipamentos desportivos</i> (...) (...) <i>novos equipamentos</i> (...) / (...) <i>fatos isotérmicos</i> (...) / (...) <i>mochilas</i> (...) / (...) <i>calçado</i> (...) / (...) <i>arneses</i> (...) / (...) <i>mosquetões</i> (...) / (...) <i>descensores</i> (...) / (...) <i>equipamento</i> (...)
	Valores	Ecológicos	(...) <i>convívio com a natureza</i> (...) / (...) <i>preocupações ambientais</i> (...)
	Impactos no desenvolvimento pessoal	Competências	(...) <i>auto-estima</i> (...) / (...) <i>auto-confiança</i> (...)
		Gestão de Problemas	(...) <i>resolver problemas de uma forma mais fácil no dia-a-dia</i> (...) / (...) <i>encontrar uma solução para o problema.</i>
		Gestão de Stress	(...) <i>encaramos as coisas com mais calma</i> (...)
			<i>Quando as pessoas estão em pleno convívio com a natureza, começa, a ter a realmente as tais preocupações ambientais, que hoje em dia se houve falar por todo o mundo (...)</i>
			<i>Eu acho que sim. Qualquer prática desportiva, não tem a ver com...embora, o facto de andarmos sozinhos em Alta Montanha e nos desfiladeiros aquáticos, etc, dá-nos...desenvolve-nos a auto-estima, uma auto-confiança, hã...que nos faz resolver problemas de uma forma mais fácil no dia-a-dia e encarar aquilo que existe no dia-a-dia, que nos provoca o tal stress, de uma outra forma (...) / É difícil dizer, mas para outras situações de stress, sim, encaramos as coisas com</i>

Práticas de Aventura – Uma Subcultura de Risco

			<i>mais calma, e sentamo-nos a pensar, como se costuma dizer, para encontrar uma solução para o problema. /</i>
Contexto da prática de aventura	Interacção e novos usos	Complementaridade	<i>(...) contornamo-la (...) / (...) compreendê-la, estudá-la, conhecê-la profundamente e aproveitar (...)</i>
		Informação	<i>(...) informação (...) / (...) informação prévia (...) / (...) jogar com toda essa informação (...)</i>
	Equipamento	<i>(...) equipamentos adequados (...)</i>	
	Condicionantes	Domínio da Actividade	<i>(...) conhecimento das manobras técnicas (...) / (...) se cumprimos as normas de segurança (...) / (...) prever se as condições meteorológicas vão mudar (...) / (...) estar constantemente em antecipação (...) / (...) antecipação (...) / (...) conhecendo o tipo de meios, o tipo de rochas (...)</i>
		Controlo	<i>(...) fazer queda de material (...)</i>
	Condições de Prática	<i>(...) caudal do rio (...) / (...) tipo de meio (...)</i>	
Risco	Relação com a prática	Questões Contextuais	<i>Conhecemos o meio (...) / (...) desmoronamento (...)</i>
		Questões Materiais	<i>(...) materiais (...)</i>
		Questões Técnicas	<i>(...) depende do que nós queremos passar (...) / (...) sabemos bem até onde podemos ir (...) / (...) equipamos as coisas com segurança (...)</i>

*(...) eu acho que a natureza não se domina, nós contornamo-la, quando ela nos permite, os factores meteorológicos, eu continuo a dizer que são sempre os que mandam mais. / Eu acho que o Homem, a única hipótese que tem com a natureza, é **compreendê-la, estudá-la, conhecê-la profundamente, e aproveitar** dos momentos em que ela nos permita que nos façamos as coisas. Não há outra forma.*

*(...) para a qual é preciso determinadas manobras e pode exigir ou não, mais capacidade física, mais **conhecimento das manobras técnicas** (...) / (...) controlando, com **informação**, das condições meteorológicas do momento para a prática, e se estiverem más condições meteorológicas para a prática, hoje em dia não pratico, hoje em dia, refiro bem, não pratico. Se tivermos os **equipamentos adequados, se cumprimos as normas de segurança**, eu penso que o risco está eliminado, ou está grandemente eliminado (...) / temos que conseguir prever em cada momento se aquela rocha se pode mover ou não. Temos que **prever se as condições meteorológicas vão mudar**, mas para isso também já teríamos **informação prévia**, avaliar o **caudal do rio** e portanto **fazer queda de material**, que por sua vez nos arrasta a nós, ou nos estraga a ancoragem ou alguma coisa do género. Portanto, nós temos que **estar constantemente em antecipação, conhecendo muito bem o tipo de meios, o tipo de rochas**, como é que elas funcionam, inclusive quando colocamos equipamento, o chamado equipamento de fortuna, equipamento para abandonar, temos que perceber em que tipo de meio, é granito? É xisto, é calcário? Portanto nós temos que **jogar com toda essa informação**, mas sempre em **antecipação**.*

*Eu acho que **há um risco envolvido**, óbvio, agora tudo depende do que é que nós queremos passar, até onde nós queremos ir. Eu penso que com a experiência, as pessoas, quando estão em prática, sozinhas, portanto não estão enquadradas por terceiros, não estão a dar formação, não estão a conduzir grupos em empresas, **o risco é bastante controlado**, porque nós sabemos bem até onde é que podemos ir. **Conhecemos o meio**, os **materiais, equipamos as coisas com segurança**. Eu diria que **raramente corro risco**, não quer dizer que não haja um...os riscos,*

Práticas de Aventura – Uma Subcultura de Risco

				<p>menos subjectivos, que não são tão objectivos, um desmoronamento, qualquer coisa (...) / (...) nós fazemos um percurso de BTT que supostamente é muito mais, menos arriscado, ou até no Futebol, é menos arriscado, mas depois há um adversário que resolve pontapear-nos e lesionar-nos até ao resto da vida, portanto eu acho que o risco é relativo.</p>
Ansiedade	Causas		<p>(...) pessoas que não conhecemos (...) / (...) violam as informa...indicações (...) / (...) dão informações falsas.</p>	<p>As situações de ansiedade que eu tive em Cannyonig foram em condução de grupos. Nunca foi em prática minha pessoal. Porquê? Que quando conduzimos grupos, são pessoas que não conhecemos de lado nenhum, que nos aparecem, e que muitas vezes violam as informa...as indicações que lhes damos, no início, quando fazemos a angariação de clientes, digamos assim, como fazia, no passado, e dão informações falsas.</p>
Acidentes	Origem		<p>(...) zonas mais fáceis (...) / (...) as pessoas não estavam em segurança (...)</p>	<p>Não, não me passa pela cabeça. Nunca vejo isso dessa forma. / (...) a maioria dos acidentes no Cannyonig, acontece em zonas mais fáceis. Porquê? Porque as pessoas não estavam em segurança, uma aproximação a uma descida em rappel sem uma corda de segurança, não é? Sem um corrimão, porquê? Ah, porque era uma plataforma muito estável, muito larga...pois, é nessas que há os acidentes, porque nas outras, toda a gente está em segurança (...)</p>
Morte	Presente / Ausente		<p>Não se pode cometer lapsos (...) / (...) já aconteceu em Espanha, já aconteceu em França (...)</p>	<p>Sim, a essência é essa, sem dúvida. Não se pode cometer lapsos, quaisquer. Aliás, continuo a achar, que as pessoas e nomeadamente, isso acontece em Portugal, mas já aconteceu em Espanha, já aconteceu em França, agora eles têm é muitos anos à nossa frente (...)</p>
Segurança	Seguro de Saúde/Vida	Sim/Não	<p>Tenho (...)</p>	<p>Tenho um seguro de vida que cobre todas as actividades que pratico, em qualquer local do mundo, e que contempla a possibilidade de resgate por meios aéreos.</p>
Desenvolvimento como praticante	Primeiro contacto	Outras Práticas	<p>(...) ao voltar de várias escaladas (...)</p>	<p>(...) acontece num Verão, no Gêres, ao voltar de várias escaladas, um bom alpinista português, na casa dos 60 anos, achar interessantíssimo, umas lagoas que se viam à distância num vale, que eram um pouco inacessíveis. É a partir daí que nós, com mais ou menos equipamento, na altura, ainda sem fatos isotérmicos, sem nada e tentar explorar. Basicamente é o que aconteceu, e ficámos surpreendidos pelo mundo que existia nos desfiladeiros aquáticos, nas gargantas aquáticas do Gêres. Portanto é aí que se começa realmente a explorar.</p>
	Fase da vida	Jovem	<p>(...) 23 anos (...)</p>	<p>Ora isto acontece no início dos anos 90, portanto há</p>

Práticas de Aventura – Uma Subcultura de Risco

			<i>vinte anos, eu tinha 23 anos.</i>
Referências	Informação/Formação Técnica	<i>(...) publicações (...) / (...) alguns de nós (...) / (...) bibliografia (...) / (...) revistas (...)</i>	<i>(...) nós começamos, realmente todos a ter acesso a publicações que vinham de outros países (...) / (...) alguns de nós que iam lá fora, fazer algumas formações, nomeadamente em França e Espanha, que também traziam informação, conheciam novas práticas, traziam alguma bibliografia, revistas também, tornávamo-nos assinantes, começávamos a receber informação. / Portanto havia basicamente 3 ou 4 pessoas ligadas ao Alpinismo e à Escalada, que começaram a fazer essas experiências, documentado, por informação que vinha de outros países, nomeadamente de França.</i>
	Praticantes	<i>(...) 3 ou 4 pessoas ligadas ao Alpinismo e à Escalada (...)</i>	
Experiência	Mais de 16 Anos	<i>(...) há 20 anos (...)</i>	<i>Eu começo a fazer Cannying, nos finais da década de 80 e princípios da década de 90. Estamos a falar há 20 anos atrás.</i>
Nível atingido	Avançado	<i>(...) elevado (...)</i>	<i>Portanto, em termos experiência como praticante, podemos considerar elevado, não é?</i>
Relação com a Prática	2ª Actividade	<i>(...) desmotivação com o trabalho que se fazia nas escolas (...) / (...) esta parte paralela (...) / (...) duas empresas estrangeiras (...) / (...) trabalhar como guia (...) / (...) trabalhos sazonais (...) / (...) abandonei a escola (...) / (...) segui a vida como guia (...)</i>	<i>(...) depois de estar na escola, alguns anos, comecei, aliás, penso que isso hoje é um lugar comum, aliás, muito pior do que no meu tempo, há...a sentir uma certa desmotivação com o trabalho que se fazia nas escola. Eu estive em várias escolas, sempre me empenhei imenso mas havia uma data de obstáculos, difíceis, muito difíceis de contornar e que impediam que desenvolvêssemos um trabalho satisfatório, que nos agradasse e que nos sentíssemos plenamente realizados. Como havia esta parte paralela, e eu ia a fazendo ocasionalmente, surgiu a oportunidade, em duas empresas estrangeiras, uma empresa francesa que era a Terres d’Adventure, e depois uma americana que era a International Montagne Guide, de eu trabalhar como guia, como eu já tinha a formação base, aproveitei o momento e decidi. Primeiro, foi em trabalhos sazonais, períodos de férias, depois foram licenças de vencimento e à terceira, foi quando abandonei a escola, portanto decidi que não queria estar mais na escola, a escola não era mais o meu lugar e segui a vida como guia (...) / Hoje em dia é uma necessidade de consumo próprio e levar alguns amigos e mostrar-lhes, e às vezes até à iniciação da própria família, dos mais novos.</i>
	Hobby/Lazer	<i>(...) necessidade de consumo próprio (...)</i>	
Fases	Aprendizagem	<i>(...) formação como praticante (...)</i>	<i>(...) nós temos a iniciativa, pessoal, de ir a França, fazer uma primeira formação como praticante e depois uma formação com técnico, nesse caso o chamado o grau de iniciador, mais tarde o de monitor e de instrutor, que é a qualificação mais elevada.</i>
	Aperfeiçoamento	<i>(...) grau de iniciador (...) / (...) monitor e de instrutor (...)</i>	

Práticas de Aventura – Uma Subcultura de Risco

	Competências Físicas/Fisiológicas/Psicológicas	(...) condição física (...)		É preciso ter uma certa condição física , como é óbvio e depois é necessário conhecer as manobras . Antes da saída propriamente, antes da actividade, à que aferrir bem as condições meteorológicas , e depois é preparar os equipamentos que as pessoas tem com certeza, avaliar as condições dos equipamentos , e preparar toda a logística necessária . Agora não há assim uma preparação assim muito complexa , digamos nos dias que antecedem a actividade , é como que ir jogar ténis , é preciso habituar às sapatilhas , à raquete e ao calção, para ali é preciso o fato isotérmico, o arnês, o capacete, as cordas, é preciso ter algumas cautelas, mas nada de especial , penso eu.
Preparação específica	Competências específicas	(...) conhecer as manobras (...) / (...) aferir bem as condições meteorológicas (...) / (...) preparar os equipamentos (...) / (...) avaliar as condições dos equipamentos (...) / (...) preparar toda a logística (...) / (...) nos dias que antecedem a actividade, é como ir jogar Ténis, é preciso habituar às sapatilhas (...)		
Razões para desenvolver a prática	Intrínsecas	(...) explorar os meus limites (...) / (...) ver em cada momento até onde as minhas capacidades psicológicas, físicas, me permitem ir e técnicas (...) / (...) satisfação (...) / (...) há sempre esse gosto, esse interesse, em conhecer algo novo (...) / (...) satisfação pessoal (...)		Prazer . / Gosto...a actividade física desportiva está intimamente ligada a mim. Não seria capaz de viver sem ela. Gosto de explorar os meus limites , gosto de vencer obstáculos da natureza (...) / (...) ver em cada momento, até onde as minhas capacidade, psicológicas, física me permitem ir e técnicas , claro também, é boa dá-me essa satisfação , portanto gosto por prazer . É prazer por essa parte, é o prazer de explorar o ambiente , a imagens , é prazer, não é mais do que isso. / (...) no Canyoning, o que eu gosto e adoro é dos mais fantástico que existe, que é explorar um rio novo , algo que nós desconhecemos completamente, mas não me importo de fazer um rio conhecido, porque sei que ali está aquela cascata , está ali aquela lagoa , está ali aquele destrepe, está ali aquela paisagem deslumbrante , e portanto não me importo de repetir várias vezes o mesmo rio, aliás é mais aliciante nesse aspecto, do que as outras. No entanto há sempre essa, esse gosto, esse interesse, em conhecer algo novo , umas vezes, por uma questão de prazer apenas, até, visual, satisfação pessoal de conhecer algo novo (...)
	Conteúdo da prática	(...) prazer (...) / (...) gosto por prazer (...) / (...) destrepe (...) / (...) por uma questão de prazer (...)		
	Extrínsecas	(...) obstáculos da natureza (...) / (...) ambiente (...) / (...) imagens (...) / (...) explorar um rio novo (...) / (...) cascata (...) / (...) paisagem deslumbrante (...) / (...)		
“Desenvolvimento” da Prática	Implicações	Compatível/Incompatível com vida pessoal e profissional	(...) a viatura (...) / (...) deslocar-nos em termos de residência (...)	É assim condiciona-nos ...é assim, a determinada altura, até a viatura me condicionava, tinha que ter uma viatura, que me permitisse transportar determinado tipo de equipamento. Depois havia um interesse grande em deslocar-nos em termos de residência , mais para Norte, para estar mais perto dos locais, coisa que acontece mais hoje.
Representações sociais e culturais da actividade	Crenças	Acredita / Não acredita	Não.	Não.
	Perda de Consciência Temporal	Motivos	(...) risco de ficar retido no rio.	Esta existe, que não pode acontecer com uma pessoa com responsabilidade de enquadramento técnico. Porquê? Porque corre-se o risco de ficar retido no rio .

Práticas de Aventura – Uma Subcultura de Risco

Sensações	Hedonistas	(...) <i>prazer</i> (...)	É...está sempre a ver com o prazer e sentir bem (...) / (...) é a preocupação dos filhos na escola, é sei lá, pessoas que podem ter a determinada altura um problema de ordem económica ou outros. Quando estamos neste ambiente, isso tudo passa, isso tudo passa, nós esquecemo-nos do dia-a-dia (...)
	Satisfação	(...) <i>sentir bem</i> (...)	
	Tranquilidade	(...) <i>esquecemo-nos do dia-a-dia</i> (...)	
Estereótipo de género	Masculinização	A prática é exactamente dividida (...)	Não concordo. No Canyoning não, nem no Alpinismo de certeza absoluta. A prática é exactamente dividida fifty-fifty , quer nas actividades...e isso seria natural e expectável, no turismo de aventura, mas também se vê senhoras no... talvez em Portugal não vejamos senhoras sozinhas a irem para o rio, mas isso também porque não as vemos a ir para a montanha sozinhas. / Se formos a França, aos Pirinéus, já vimos senhoras a irem sozinhas e no Canyoning isso também acontece lá. Portanto, eu penso que ainda é uma questão, da nossa sociedade ainda não se ter adaptado ainda integralmente à parte da mulher praticar sozinha.
	Factores Socioculturais	(...) <i>talvez em Portugal não vejamos senhoras sozinhas</i> (...) / <i>Se formos a França, aos Pirinéus, já vimos senhoras a irem sozinhas</i> (...) / (...) <i>sociedade</i> (...)	
Associação da Prática a Consumos de Risco	Intrínseco aos Sujeitos	(...) <i>nichos de pessoas</i> (...) / (...) <i>nalguns nichos</i> (...)	No entanto eu penso que essa imagem não é de todo correcta . Neste tipo, todo, de práticas, que é...que eu encontrei ao longo dos anos, houve nichos de pessoas , com alguma prática, nomeadamente...também foi divulgada pelos grandes meios de comunicação e associada a esse...da Escalada do Boulder , a actividade de Boulder, fundamentalmente essa, e no Ski , mais ultimamente, até a parte do Snowboard , em que eram pessoas que consumiam substâncias, nalguns nichos essas pessoas, isso existe, isso existe , mas existe, como existe noutras quaisquer actividades (...)
	Tipo de Prática	(...) <i>Escalada do Boulder</i> (...) / (...) <i>Ski</i> (...) / (...) <i>Snowboard</i> (...)	
Identidade da Prática	Distinção Social	(...) <i>em contacto com a natureza</i> (...) / (...) <i>diferente dos interesses</i> (...) / (...) <i>tenho interesses diferentes</i> .	(...) são de certeza pessoas que gostam de estar em contacto com a natureza . / A única coisa que sinto é que cada vez mais, me sinto diferente dos interesses da maioria das pessoas dos nossos dias (...) / (...) sinto realmente que tenho interesses diferenciados da maioria das pessoas e dos meus pares (...) / Mas não há realmente assim grandes coisas, não me sinto incluindo num grupo, sinto-me diferente , eu não sou melhor nem pior do que ninguém, sinto que sou diferente e tenho interesses diferentes . / Não creio que tenha alterado rigorosamente nada. Com todos os outros, também não. / A única redução , que houve foi exactamente a partir do nascimento do meu filho, porque como é óbvio, quando era profissional, era todos os dias da semana, não é? / (...) mas agora em termos de relacionamento, não, porque eu introduzi a minha esposa , nessa actividade também, ela acompanha-me, não me... não alterou . Algumas pessoas, que eu
	Personalidade	(...) <i>interesses diferenciados</i> (...) / (...) <i>sinto-me diferente</i> (...) / (...) <i>sou diferente</i> (...)	
	Relações sociais	Não creio que tenha alterado (...) / (...) <i>introduzi a minha esposa</i> (...) / (...) <i>não aconteceu comigo</i> (...) / <i>Com todos os outros, também não.</i> / (...) <i>redução</i> (...) / (...) <i>não alterou</i> (...) / (...) <i>mantenho o meu círculo de amigos</i> (...)	

Práticas de Aventura – Uma Subcultura de Risco

conheço, destes meios, do Alpinismo, da Escalada, da Canoagem, tendem a relacionar-se mais, nos círculos de amizade, e até a criar círculos de amizade com as pessoas do meio. Há...isso **não aconteceu comigo**, eu tenho pessoas, que tem as mais diferentes profissões da minha, médicos, arquitectos, professores, outras coisas quaisquer, bancários...sei lá, donos de fábricas, tenho uns amigos...qualquer pessoa, e portanto eu **mantenho o meu círculo de amizades (...)**

Raúl Martins

Tema	Subtema	Categorias	Unidade de Registo	Unidade de Conteúdo
Hábitos Desportivos Precedentes	Práticas desportivas e de lazer marcantes	Confrontação Directa	Ténis (...)	Ténis e o Windsurf.
	Ligação entre as práticas desenvolvidas e a prática actual	Independente	(...) independentes.	Não, são independentes .
Prática de aventura	Caracterização	Contexto	(...) grandes espaços (...) / (...) na natureza (...) / (...) duplo fluído (...)	É uma modalidade de grandes espaços , uma modalidade feita na natureza . É uma modalidade feita num contexto, de ar, de duplo fluído , que é o ar e a água. Modalidade de risco , mas não perigosa, desde que sejam cumpridas as normas de segurança. / É uma actividade de risco , na medida em que estamos sozinhos . / É fundamental ...tem que ter técnica .
		Actividade de Risco	(...) de risco (...) / (...) actividade de risco (...)	
		Enquadramento	(...) sozinhos .	
		Importância da Técnica	É fundamental (...) / (...) ter técnica.	
	Evolução	Componente Material	(...) pranchas (...) / (...) velas (...) / (...) mastros (...) / (...) produtos materiais (...)	É fundamental, as pranchas hoje, são incomparavelmente mais leves, mais rápidas, as velas ...os mastros são mais leves, são mais flexíveis, adaptam-se facilmente a várias condições de vento (...) / (...) é tudo diferente não há comparação possível em termos de velas, de mastros e de pranchas com o passado e portanto, claro a evolução, investigação, desenvolvimento de novos produtos materiais , claro.
	Valores	Responsabilidade	Responsabilidade (...) / (...) responsável (...)	Responsabilidade , eu acho que é fundamental ser-se responsável , medir bem...ser consciente, dos riscos, respeitar a natureza , ter consciência dos nossos limites, não vale a pena desafiar as condições, há dias

Práticas de Aventura – Uma Subcultura de Risco

				<i>em que está vento demais, e é preferível ficar na terra sentadinho (...)</i>
		Ecológicos	<i>(...) respeitar a natureza (...)</i>	
		Competências	<i>(...) as pessoas se superam (...)</i>	
	Impactos no desenvolvimento pessoal	Gestão de Stress	<i>(...) aguentar aqueles níveis de stress (...)</i> / <i>(...) resolver situações potencialmente stressantes (...)</i>	<i>(...) estás balizado, com teu dia-a-dia, com o teu stress, com os teus problemas naquele máximo. Mas amanhã, nada te garante que não vivas uma situação, de maior ansiedade, de maior stress e tu dizes assim...por isso é que as pessoas se superam (...) / (...) afinal eu consigo aguentar aqueles níveis de stress, eu afinal consigo lidar positivamente, com aquela carga emocional, e portanto, eu acho que tudo o que seja exposição ao stress e tudo o que obrigue o sujeito a resolver situações potencialmente stressantes, eu acho que em princípio, se ele as conseguiu resolver, com sucesso, isso em princípio terá repercussões positivas para outras situações da sua vida (...) / Então se estivestes dois dias, em cima de uma prancha em alto mar, sozinho, bem eu acho que isto dá uma superação, isto é morrer e renascer, eu acho que um tipo que vive uma experiência destas, a partir daí todas as coisas passam a ser relativizadas de uma maneira completamente diferente</i>
		Gestão de Problemas	<i>(...) lidar positivamente com aquela carga emocional (...)</i> / <i>(...) terá repercussões positivas (...)</i> / <i>(...) todas as coisas passam a ser relativizadas (...)</i>	
		Complementaridade	<i>(...) colaboração (...)</i> / <i>(...) saber colaborar (...)</i>	<i>Eu não diria confronto, eu diria colaboração, porque se entrarmos na linha de confronto a natureza...quer dizer, há um vencedor natural à partida, é a natureza. O Homem não confronta a natureza, o Homem tem é que saber colaborar, tem que saber fazer em função das condições que a natureza lhe proporciona. / Acho que sim, acho que são espaços públicos, que podem ser (...) / Desde que não perturbem as pessoas, porque é possível, nós utilizarmos, mesmo nessas actividades, sem ser de forma ostensiva. / (...) um espaço público, por definição, por natureza, não é meu, é de todos nós, portanto é um espaço que é de todos nós, logo tenho algum direito de utilização, tal como os outros e portanto, tenho uma utilização conservadora desse espaço. Eu não vejo mal nenhum, em utilizá-los dessas diferentes maneiras (...) / Portanto, acho que é um pouco isto, utilizar os espaços que estão...ai, eu acho que devem ser utilizados, devem ser aproveitados, por quem consiga ver neles, maneiras diferentes de os utilizar.</i>
Contexto da prática de aventura	Interacção e novos usos	Reinvenção de Espaços	<i>Desde que não perturbem as pessoas (...)</i> / <i>(...) sem ser de forma ostensiva (...)</i> / <i>(...) utilização conservadora do espaço (...)</i> / <i>(...) acho que devem ser utilizados, devem ser aproveitados (...)</i>	
	Condicionantes	Informação	<i>(...) andar no Windguru (...)</i>	<i>Portanto, tem normas de segurança específicas, como</i>

Práticas de Aventura – Uma Subcultura de Risco

				<p>qualquer outra modalidade, de uma forma geral, diria eu. / Bem, há imprevisibilidade, mas também, há normas de segurança que estão mais ou menos bem definidas. Por exemplo, nesta prática, as normas de segurança devem ser cumpridas e ao serem cumpridas, a segurança aumenta...ou melhor o potencial de insegurança é reduzido a uma ínfima percentagem (...) / Tem que haver um grande conhecimento das condições, não há...se vamos fazer Windsurf para o mar, parte-se do princípio de que quem lá anda, domina, que sabe que tipo de mar é que lá tem (...) / Portanto um grande domínio técnico, com certeza, e um grande domínio dos factores climáticos, também, isso é fundamental, domínio e conhecimento.</p>
			<p>(...) normas de segurança específicas (...) / (...) há normas de segurança (...) / (...) as normas de segurança devem ser cumpridas (...)</p>	
			<p>(...) grande conhecimento das condições (...) / (...) quem lá anda, domina (...) / (...) grande domínio técnico (...) / (...) grande domínio dos factores climáticos (...) / domínio e conhecimento.</p>	
			<p>(...) a prancha pode facilmente deslizar, saltar e vir bater-nos na cabeça (...) / (...) bater a prancha na cabeça (...) /</p>	
			<p>(...) estamos a trabalhar com dois fluidos (...) / pela profundidade da água (...) / (...) pela distância (...) / (...) afogamento (...) / (...) estamos sozinhos (...)</p>	
Risco	Relação com a prática	Questões Materiais		<p>Em primeiro lugar estamos a trabalhar com dois fluidos, que são a água e o vento. / (...) estamos a trabalhar a prancha pode facilmente deslizar, saltar, virar e bater-nos na cabeça, portanto daí eu aconselhar que se use capacete (...) / É arriscado porque não temos “pé”, pela profundidade da água, é arriscado pela distância, porque no windsurf, facilmente deslizamos uma distância considerável (...) / (...) tem alguns riscos, tem alguns riscos associados, uma pessoa que caia da prancha, que tenha o azar de lhe bater a prancha na cabeça, que desmaie, a água pode provocar um afogamento. Há aqui alguns riscos que apesar de ser um risco controlado (...) / É uma actividade de risco, na medida em que estamos sozinhos.</p>
			<p>(...) domínio técnico (...)</p>	
			<p>(...) tento-me proteger (...) / (...) capacete.</p>	
				<p>(...) se tu não tiveres um perfeito domínio técnico e se não tiveres consciência de que tens esse domínio técnico, não estamos na nossa zona de conforto, de maneira nenhuma, portanto, é exactamente isso, estamos fora da nossa zona de conforto (...)</p>
				<p>Não condiciona a minha actividade, não condiciona a minha prática, o momento do acidente. Mas tento-me proteger para minimizar os riscos. Por exemplo, uso um capacete.</p>
Segurança	Seguro de Saúde/Vida	Sim/Não	Não consegui (...)	<p>Uma dada vez tentei fazer um seguro de vida que cobrisse o meu estilo de vida e que não me obrigasse a morrer da maneira que as seguradoras querem, e que geralmente é muito pouco provável, nomeadamente que previsse a prática de escalada e windsurf. Sabes qual foi o resultado? Não consegui fazer o seguro em nenhuma seguradora. Disseram-me que era um estilo de vida com muitos riscos.</p>

Práticas de Aventura – Uma Subcultura de Risco

Desenvolvimento como praticante	Primeiro contacto	Informação/Formação Técnica	(...) curso de Windsurf (...)	O primeiro contacto com o Windsurf aconteceu durante um curso de Windsurf , no tempo da faculdade.
	Fase da vida	Jovem	(...) enquanto estudante (...)	Olha começou, num fim-de-semana de Windsurf que eu fiz, enquanto estudante , em Lisboa no FMH, andava no segundo ou terceiro ano, na lagoa de Albufeira.
	Referência	Praticantes	(...) foi esse João Peres (...) / um professor de Educação Física (...)	(...) foi esse João Peres , ele era completamente fanático do Windsurf, com as conversas, epah, realmente o Windsurf, eu até gostava daquilo e já fiz um fim-de-semana, e não sei quê e tal, depois acabei por comprar o material, a ele, material usado, e comecei a fazer e foi um ano em que, em que fiz com força. / (...). Eu tive a sorte de em Lisboa tinha o João Peres que acabava por... íamos conversando e aquilo acabava por servir de incentivo (...) / Quando vim depois para Coimbra, em 1997, dar aulas, vim para uma escola, onde havia um professor de Educação Física , e há, que 24 horas por dia a pensar no Windsurf. E então aí serviu de incentivo para fazer.
	Experiência	De 11 a 15 Anos	(...) 13 anos.	Pratico Windsurf desde 97, portanto há 13 anos.
	Nível atingido	Intermédio	(...) nível intermédio.	Um nível intermédio.
	Relação com a Prática	Hobby/Lazer	(...) numa lógica de lazer.	Hoje penso que posso dizer que pratico essencialmente numa lógica de lazer . Mas não esqueço que os meus rendimentos advêm de 'ensinar desporto', pelo que há sempre um misto de lazer/profissional.
		Aprendizagem	(...) aprendizagem é difícil (...) / (...) fase inicial muito chata (...) / (...) fase inicial muito dura. / Muita persistência, muita persistência (...) / (...) fui aprendendo a fazer manobras (...)	O Windsurf tem um problema, na fase inicial da aprendizagem é difícil , nós não aprendemos nada de jeito, dificilmente começamos a ter autonomia na prática "daquilo", portanto tem uma fase inicial muito chata (...) / O Windsurf não, tem uma fase inicial muito dura . / Muita persistência, muita persistência , depois as coisas progrediram porque eu tive a, acabou por haver sempre aqui, um certo suporte social. / Fomos fazendo, fui aprendendo as manobras . / (...) depois aventuramo-nos nas ondas , depois há os bodystarts, a partir do momento em que fazemos os waterstars, beachstarts, a partir do momento em que fazemos os waterstarts estamos em condições de ir para o mar . Já não ficamos atrapalhados.
		Fases	(...) depois aventuramo-nos nas ondas (...) / (...) em condições de ir para o mar (...)	
		Aperfeiçoamento		

Práticas de Aventura – Uma Subcultura de Risco

Preparação específica	Competências específicas	(...) deve ser treinada tanto quanto possível na sua...como um todo (...) / (...) é possível fazer uma preparação relativamente específica (...)	O Windsurf é uma prática muito específica, e portanto as práticas são específicas, os efeitos são específicos e portanto deve ser treinada tanto quanto possível na sua...como um todo , a prática em si mesma. / Mas já te disse à pouco que um senhor treina o ano inteiro no ginásio, portanto é possível fazer uma preparação relativamente específica , porque aquilo é preciso muitos gémeos, muitos dorsais, lombares, é preciso braços, e portanto é possível trabalhar alguns grupos musculares que nos preparem depois para o Windsurf...sim, é possível, mas eu confesso que pessoalmente não o faço.
Razões para desenvolver a prática	Intrínsecas	Porque me identifico com aquilo (...) / (...) gostamos de nos identificar (...) / (...) ser diferente (...) / Aprendizagem constante (...) / (...) vontade de aprender permanentemente.	Porque me identifico com aquilo, com a prática, porque, a crença na saúde, não sei se é a crença na saúde, eu acho que não é a crença na saúde, é olha, a pertença social , acho que isso é um bom ponto, mesmo eu que tenho consciência das várias implicações, nós gostamos de nos identificar com uma coisa que seja diferente . / É ser diferente, é fazer uma coisa que poucos fazem , que há poucos a fazerem (...) / (...) é um pouco este reconhecimento social à volta desta imagem da prática (...) / É um local tão diferente do nosso dia-a-dia, que nos liberta completamente a cabeça , é tão diferente de qualquer experiência que se possa ter no dia-a-dia (...) / Aprendizagem constante . É o dueto paradigma, criatividade/aprendizagem versus estagnação. / (...) é um pouco isto, é aprendizagem constante, é a vontade de aprender permanentemente .
	Conteúdo da prática	(...) fazer uma coisa que poucos fazem (...) / (...) liberta completamente a cabeça (...)	
	Extrínsecas	(...) a pertença social (...) / (...) reconhecimento social (...)	

Práticas de Aventura – Uma Subcultura de Risco

“Desenvolvimento” da Prática	Implicações	Compatível/Incompatível com vida pessoal e profissional	<p>(...) a minha vida funcionava de acordo com o ritmo do Windsurf (...) / (...) tenho de andar sempre atrás do vento (...) / (...) funcionar de acordo com o Windsurf (...) / (...) elemento estruturante do nosso estilo de vida. / (...) muitas outras coisas ficam paradas (...)</p>	<p>(...) houve uma altura da minha vida em que o Windsurf, durante muitos anos, talvez durante 10 anos da minha vida, a minha vida, funcionava de acordo com o ritmo do Windsurf, ou seja, eu vou-te explicar...tu não fazes o Windsurf quando queres (...) / (...) eu tenho que ter uma tarde inteira livre, não é meia hora livre, nem uma hora, porque eu numa hora não vou para Aveiro, não, tenho que ter uma tarde livre. Depois, nessa tarde, tenho que ter vento, portanto eu para fazer Windsurf, como eu costumo dizer, tenho que andar sempre atrás do vento (...) / (...) eu para fazer o Windsurf, a minha vida tem que funcionar de acordo com o Windsurf, e depois há vento amanhã à tarde, amanhã à tarde eu tinha combinado ir ao cinema com a mulher, mas se há vento e não havia vento à quinze dias...é isto não é? / Portanto, é fácil com actividades destas, é fácil que elas sejam um elemento estruturante do nosso estilo de vida. / (...) muitas outras coisas que ficam paradas porque naquele dia tem que ser o Windsurf, porque amanhã já não há vento, é hoje.</p>
Representações sociais e culturais da actividade	Crenças	Acredita / Não acredita	Não (...)	<p>Não, isso para mim não existe. Nem tenho aqueles comportamentos, aquelas crenças, aquelas coisas que eles bezem-se, não sei quantas vezes.</p>
	Perda de consciência temporal	Motivos	<p>(...) material todo bem regulado (...) / (...) descansados (...) / (...) tudo a correr tão bem (...)</p>	<p>Já aconteceu, já aconteceu algumas vezes, andar na água, o material está todo tão bem regulado, e nós andamos ali tão descansados, que está tudo a correr tão bem que ficamos ali 4 horas, assim seguidas, epah, já está a escurecer. Sim, isso já me aconteceu já.</p>
	Sensações	Superação	<p>Superação pessoal (...) / (...) ultrapassar os limites (...)</p>	<p>Superação pessoal, ultrapassar os limites, em cooperação e não contra com os elementos da natureza, concretamente vento e água.</p>
	Estereótipo de	Participação Feminina	<p>(...) há bastantes mulheres (...)</p>	<p>Não, contudo eu diria que o Windsurf é mais masculino,</p>

Práticas de Aventura – Uma Subcultura de Risco

género	Factores Socioculturais	<i>Em Portugal poucas. / (...) muito poucas. / Há uma ou outra (...)</i>	a prevalência de prática, olhando para os praticantes, eu diria que há muitos mais praticantes homens do que mulheres. Mas também há bastantes mulheres a fazer o Windsurf. / Em Portugal poucas , diria eu, muito poucas. / Há uma ou outra , mas portanto, uma dúzia delas, se calhar de Norte a Sul.
	Masculinização	<i>(...) há muitos mais praticantes homens (...)</i>	
Associação da Prática a Consumos de Risco	Intrínseco aos Sujeitos	<i>(...) são pessoas que gostam de desafiar os limites (...) / (...) desafiar limites (...) / (...) comportamentos aditivos (...) / (...) entrar no campo da proibição (...) / (...) "tenho outro tipo de comportamentos que estão para além do limite" (...)</i>	Não , no Windsurf não. / (...) isso está relacionado com esta lógica de excessos, nós olhamos para aquelas pessoas e são pessoas que gostam de desafiar os limites , gostam estar para além de...e o desafiar limites , depois tem a ver também com os comportamentos aditivos , nomeadamente desafiar limites, o entrar no campo da proibição , de fazer coisas que o comum ser humano, não faz, e eu faço. Portanto, Eu faço e até faço um desporto radical, é um desporto que poucos fazem e "tenho outro tipo de comportamentos que estão para além do limite" , socialmente padronizados (...)
	Distinção Social	<i>(...) é relativamente difícil (...) / (...) implicações financeiras (...) / (...) grandes carros (...) / (...) estatuto sócio económico alto, médio alto, para cima (...) / (...) pessoas socialmente, eu diria, bem enquadrados (...) / (...) bem enquadradas (...)</i>	(...) há poucos a fazerem, é uma coisa que é relativamente difícil , tem implicações financeiras , relativamente complicadas, nem todos têm acesso (...) / (...) o pessoal do Windsurf é claramente...eu vejo o pessoal com grandes carros , pessoas com um estatuto sócio-económico alto, médio-alto, para cima , portanto desafogados (...) / São pessoas normais ...não conseguimos na rua identificar um windsurfer, ao contrário de um surfista. / (...) são pessoas socialmente, eu diria bem enquadrados especialmente de uma forma geral, são pessoas especialmente bem enquadradas, com um ar prático e que se vestem à civil, portanto não cultivam, portanto não têm o culto da...dessa atitude de diferenciação (...) / (...) são pessoas mais velhas , porque o Windsurf tem um problema, para fazer Windsurf, é preciso ter um carro, que te leve o material, logo isso elimina, condiciona logo as pessoas (...) / Considero. Porquê? Porque há um conjunto de especificidades associadas à modalidade que remetem para uma lógica de entendimento restrito, nomeadamente no que respeita aos aspectos técnicos de materiais e equipamentos, técnicas de execução ou condições de prática . A não existência de conhecimento generalizado destes factores por parte das pessoas, como por exemplo acontece no futebol, onde quase todos se sentem habilitados para opinar, acaba por funcionar como uma espécie de 'barreira à entrada' naquele 'clube', o que de certo modo poderá contribuir
Identidade da Prática	Personalidade	<i>(...) pessoas normais (...) / (...) com um ar prático (...) / (...) não têm o culto da...dessa atitude de diferenciação (...)</i>	
	Prática Geracional	<i>(...) pessoas mais velhas (...)</i>	
	Estilo de vida	<i>(...) tem um estilo de vida associado (...)</i>	
	Subcultura	<i>(...) há um conjunto de especificidades associadas (...) / (...) aspectos técnicos de materiais e equipamentos, técnicas de execução ou condições de prática (...) / (...) existência de uma espécie de subcultura.</i>	

Práticas de Aventura – Uma Subcultura de Risco

Relações sociais	<p>(...) estabelecer laços (...) / (...) criar laços de proximidade (...) / (...) consegui que a minha mulher e os meus filhos, fossem comigo para Viana do Castelo (...)</p>	<p>para a existência de uma espécie de subcultura. / (...) portanto, aquilo tem um estilo de vida associado com aventura, com liberdade. / (...)Permite estabelecer laços com as pessoas que praticam, criar laços de proximidade, porque há ali...por exemplo com a família, no meu caso concreto, durante vários anos, eu consegui que a minha mulher e os meus filhos, fossem comigo para Viana do Castelo, porque eu ia fazer o Windsurf...eles iam apanhar areia.</p>
------------------	---	---

Tiago Lopes

Tema	Subtema	Categorias	Unidade de Registo	Unidade de Conteúdo
Hábitos Desportivos Precedentes	Práticas desportivas e de lazer marcantes	Colectiva	(...) <i>Basquetebol.</i>	Sim, ao nível federado, apenas pelo Basquetebol , dos 16 aos 18 anos. As outras tiveram mais que ver com desporto escolar e as ditas radicais terão começado por volta dos 17 anos, o Windsurf .
		Adaptação ao Meio	(...) <i>Windsurf.</i>	
	Ligação entre as práticas desenvolvidas e a prática actual	Independentes	(...) <i>pouco tiveram a ver com a iniciação ao Kitesurf. / Não têm nada a ver (...) /</i>	Estas, ditas mais clássicas, como sendo o Atletismo, Basquetebol e todas as outras abordadas na formação de professor de Educação Física pouco tiveram a ver com a iniciação ao Kitesurf. / Não têm nada a ver com o Kitesurf.
Prática de aventura	Caracterização	Estilo de Vida	(...) <i>é radical (...) / (...) dependência (...)</i>	Kitesurf é portanto uma modalidade que abarca várias áreas. Abarca desde andar nas ondas , desde águas planas com pranchas bidireccionais. / (...) é radical no fundo, uma pessoa, não digo que seja de descargas de adrenalina grandes, mas que...é uma actividade que causa muita dependência , isto vê-se logo sob o ponto de vista da expectativa dos dias em que há vento (...) / (...) depois na água , digamos que é o envolvimento, com os elementos, estás a perceber? / (...) há situações em que o tamanho das ondas, mesmo própria motricidade e os saltos, às vezes quando são muito altos, nota-se que há uma dimensão que nos põe algum perigo (...) / (...) o tamanho dos kites também é variável e portanto há kites grandes sim, para ventos mais fracos, mas também há kites médios, pequenos e minúsculos (...) / A técnica é realmente importante , claro que sim, mas acho que sim. / (...) existem realmente pessoas que gostam realmente pessoas que gostam de andar em condições extremas, assim como existem aqueles especialistas do Surf que só apanham ondas muito grandes, as outras ondas pequenas não
		Equipamento	(...) <i>pranchas (...) / (...) pranchas eram de ondas (...) / (...) kites (...)</i>	
		Contexto	(...) <i>ondas (...) / (...) águas planas (...) / (...) vento (...) / (...) água (...)</i>	
		Actividade de Risco	(...) <i>perigo (...) / (...) não é nenhum extremo (...) / (...) explorações extremas (...)</i>	
		Importância da Técnica	(...) <i>importante (...)</i>	

Práticas de Aventura – Uma Subcultura de Risco

				<p><i>lhes diz nada, portanto nesta modalidade existe aquele senhor de 50 e tal anos, anda de um lado para o outro, mas nunca tentou sequer fazer um salto, portanto ele também faz Kitesurf, mas não é nenhum extremo, não é? e existem realmente explorações extremas destes equipamentos, isso sim.</i></p>
Evolução		Componente Material	(...) <i>material</i> (...)	<p>O material evoluiu bastante e hoje em dia até dá uma excessiva confiança, excessiva autoconfiança. / Epah...é importante, claro que é importante, mesmo a existência de uma Federação...antes existia uma associação, agora acho que já existe uma federação. Sabes que cada vez...agora há muitos praticantes (...)</p>
		Componente Humana	(...) <i>Federação</i> (...) / (...) <i>praticantes</i> (...)	
Valores		Disciplina	(...) <i>disciplina</i> (...)	<p>Epah...olha, sim é preciso disciplina, é preciso...hã...auto-controlo...hã...maior respeito pela natureza e pelos outros, portanto há muita gente que não...tem atitudes menos parecidas com estas que te estou a dizer, mas à partida, poderia e deveria ter uma atitude mais ecológica, mas...o que é que te posso dizer mais?</p>
		Segurança	(...) <i>auto-controlo</i> (...)	
		Ecológicos	(...) <i>respeito pela natureza</i> (...)	
Impactos no desenvolvimento pessoal		Competências	(...) <i>auto-estima</i> (...)	<p>Ao nível de...hã...de auto-estima, naturalmente, também...porque como te disse a evolução é muito rápida e uma pessoa facilmente se considera um herói. / (...) é e inclusivé tenho vários testemunhos de colegas, a quem eu vou dando formação de Kite, e colegas meus de escola e que também fizeram a formação de Kite comigo e outras pessoas que mais ou menos vou acompanhando, mas todos aqueles que fazem comigo e que aprenderam à pouco tempo, têm exactamente essa percepção (...) / (...) porque a vida na escola, agora também está muito mais complicada, não é? a avaliação, os problemas todos, epah...e uma gajo quando está num cenário daqueles mesmo porreiríssimos e faz aí uma horita ou mais de Kite, epah, sem stress's, tudo a correr bem, e pah...aquilo é uma maravilha (...)</p>
		Gestão de Problemas	(...) <i>os problemas</i> (...)	
		Gestão de Stress	(...) <i>sem stress's</i> (...)	
		Complementaridade	(...) <i>sempre respeitando</i> (...)	
Contexto da prática de aventura	Interacção e novos usos	Reinvenção de Espaços	(...) <i>bom senso</i> (...)	<p>Não, não...quer dizer, nós desafiamos os nossos limites muitas vezes quando por exemplo nos pomos à prova em dias de muito vento, ou em dias em que o mar está grande, não é um combate Homem-Natureza (...) / Mas sempre respeitando claro, nós nunca podemos ultrapassar os nossos limites e quando tentamos fazê-lo, normalmente a coisa corre mal. / Pois, deveria haver bom senso, de ambas as partes, para que as coisas pudessem correr pelo melhor (...)</p>

Práticas de Aventura – Uma Subcultura de Risco

Condicionantes	Condições de Prática	(...) <i>faça com companhia</i> (...) / (...) <i>andar com ventos fortíssimos</i> (...) / (...) <i>pormenores do meio</i> (...)	<p>(...) <i>aquilo que eu transmito a uma pessoa que acaba de aprender a fazer kite, é que é fundamental que ele faça com companhia, porque temos que ser uns pelos outros</i> (...) / (...) <i>é possível andar com ventos fortíssimos e com segurança, desde que realmente desde que haja esta evolução, no sentido de te adaptares ao material e não só, e sentires que estás à vontade naquilo que fazes</i> (...) / (...) <i>é como em todas as modalidades, a automatização do gesto. No início, quando se está a aprender tudo é confusão. A instabilidade do meio, o vento que sopra, a orientação do vento, na medida em que tu te enquadras, automatizas, digamos, todos os procedimentos, tu deixas de pensar nesses acessórios, tu agora comesças agora é a olhar exactamente onde é que está o pico da onda, a velocidade da onda...digamos que canalizas a tua atenção para os pormenores do meio e esqueces a prancha, o kite, tudo isso passa a não existir</i> (...)</p>	
	Equipamento	(...) <i>adaptares ao material</i> (...)		
	Domínio da Actividade	(...) <i>sentires que estás à vontade naquilo que fazes</i> (...) / (...) <i>automatização do gesto</i> . / (...) <i>automatizas, digamos, todos os procedimentos</i> (...)		
Risco	Relação com a prática	Questões Técnicas	(...) <i>é da avaliação</i> (...) / (...) <i>má avaliação das condições</i> (...)	<p>É relativo, mas posso considerar assim de risco. Mas o risco neste caso é da avaliação...psicologicamente a pessoa tem que ser consciente e tem que ser madura, digamos assim, para o Kite. / É inseguro porque uma má avaliação das condições, pah...o Kite pode transformar-se numa arma mortal.</p> <p>(...) <i>já passei por situações de risco de vida mesmo, mas foram sobretudo no Windsurf, no Kite, já tive algumas situações que poderiam ter corrido mal</i> (...) / eu pela experiência e que já são de alguns anos, sinto é que uma pessoa tem que aprender com os erros, alguns deles somos naturalmente, são da nossa responsabilidade, outros podem ser do material, um problema qualquer que surgiu com o material e normalmente quando as coisas correm mal, não é só por um factor, é o conjunto de vários factores negativos que se conciliam ali (...) / (...) <i>às vezes, quando vou lá, assim no Verão, pah...dias de mar grande, vento forte, um gajo quando está a encher o kite, está com umas palpitações maiores</i> (...) / É porque estás num meio pouco habitual, o ambiente está inóspito, uma pessoa vai com alguma dose de cautela e isso está muitas das vezes associado a uma certa ansiedade.</p>
		Impactos	(...) <i>aprender com os erros</i> (...)	
	Ansiedade	Causas	(...) <i>nossa responsabilidade</i> (...) / (...) <i>material</i> (...) / (...) <i>material</i> (...) / (...) <i>o material</i> (...) / (...) <i>conjunto de vários factores negativos</i> (...) / (...) <i>mar grande, vento forte</i> (...) / (...) <i>meio pouco habitual</i> (...)	
	Acidentes	Consciente	(...) <i>continua a haver acidentes</i> (...) /	Portanto, hoje em dia, continua a haver acidentes ,

Práticas de Aventura – Uma Subcultura de Risco

		Origem	(...) <i>fraca avaliação</i> (...) / (...) <i>problema de saúde</i> (...) / (...) <i>o material ao nível da segurança passiva e activa era muito pouco eficaz.</i>	mas são sobretudo de uma fraca avaliação das condições meteorológicas ou porque...pessoas que possam ter associado à sua condição física um ou outro problema de saúde e que numa situação de maior stress possam ter um acidente. / <i>Deixa-me ver...não há dias iguais não é? Aqueles dias mais pacíficos, nem pouco mais ou menos. Nos dias mais agressivos ou quando existe uma situação em que o kite caiu à água, a rebentação grande...quer dizer, não digo que uma pessoa...que esses pensamentos estejam completamente fora, mas sinceramente não é por aí (...)</i> / Normalmente a coisa...agora é raro ouvir-se de uma notícia de uma morte. / (...) quando eu comecei a fazer Kite, o material ao nível da segurança passiva e activa era muito pouco eficaz e portanto essa avaliação ainda mais importante se tornava, e posso dizer-te que a maior parte dos acidentes mortais, aconteceram nesses anos (...)
Segurança	Seguro de Saúde/Vida	Sim/Não	<i>Não tenho</i> (...)	Não tenho nenhum tipo de seguro específico para cobrir essas práticas.
	Primeiro contacto	Informação/Formação Técnica	(...) <i>feiras</i> (...)	<i>Epah...primeiro foi o Windsurf, começavam nas feiras, digamos anuais de mostra de material, o Kitesurf, começava a aparecer, eu fui sempre adiando, mas houve uma altura, pah, que por curiosidade, mandei vir um kite (...)</i>
	Fase da vida	Jovem	(...) <i>era solteiro</i> (...) / (...) <i>desde dos meus 20 anos</i> (...)	(...) era solteiro , digamos que é difícil dizer, porque parece que houve alguma coincidência na minha vida para poder começar a fazer Kitesurf (...) / Eu quando comecei a ganhar dinheiro digamos que comecei a ter mais disponibilidade, mas antes quando andava no curso, já fazia com regularidade, já tinha carta de condução sei lá desde... desde os meus 20 anos (...)
Desenvolvimento como Praticante	Referências	Autodidacta	<i>Ninguém</i> (...)	Ninguém em particular. Fui um dos primeiros na minha zona.
	Experiência	De 5 a 10 Anos	(...) <i>8 anos.</i>	Mais de 8 anos.
	Nível atingido	Avançado	<i>Avançado</i> (...)	Avançado ...muito prá frente
	Relação com a Prática	Necessidade	(...) <i>muito mais que uma forma de lazer</i> (...) / (...) <i>vício</i> (...) / (...) <i>necessidade</i> (...)	O Kitesurf é, para mim, muito mais que uma forma de lazer . Passou a ser um verdadeiro " vício ". Esta necessidade de ir à água é fundamental para me sentir bem psicologicamente e ultimamente também o sinto no SUP, quando não há vento...Enquadro esta modalidade nos planos da satisfação pessoal, do bem-estar físico e emocional e do constante desafio inerente à sua prática, quer pela presença dos elementos: vento/ondas/mar...quer pela contínua evolução que o Kitesurf envolve.

Práticas de Aventura – Uma Subcultura de Risco

Fases	Aprendizagem	(...) por curiosidade mandei vir um kite (...) / (...) tem um período de aprendizagem que eu posso considerar, um tudo ou nada mais prolongado que o Windsurf (...)	(...) por curiosidade mandei vir um kite , sem prancha, só o kite, epah...e andava a brincar com o kite na areia, e passado pouco tempo mandei vir uma prancha e a partir daí, aquilo foi digamos, no início como complemento do Windsurf (...) / (...) o Kite é uma modalidade que tem um período de aprendizagem que eu posso considerar, um tudo ou nada, mais prolongado que o Windsurf (...) / (...) não tem paralelo com nenhuma outra modalidade que tenha experimentando na evolução, portanto, em poucas semanas, parece que já te sentes um herói naquilo, já dominas (...)
	Aperfeiçoamento	(...) já te sentes um herói naquilo (...)	(...) um dos aspectos fundamentais, é teres...fisicamente estares apto , porque quando uma pessoa tem uma lesão, enquanto a coisa não está resolvida, uma pessoa não vai facilitar, não se vai meter ao barulho, a não ser que sejam, assim, lesões de menos importância e portanto é importante teres saúde e estares apto, fisicamente capacitado , estares apto a 100%.
Preparação Específica	Competências Físicas/Fisiológicas/Psicológicas	(...) fisicamente estares apto (...) / (...) teres saúde (...) / (...) fisicamente capacitado (...)	(...) eu acho que aquilo que está na base pelo início do Kitesurf foi a paixão pela água e pelo vento . Esses elementos digamos que eu já os dominava no Windsurf, e aquilo foi mais a curiosidade de perceber que poderia haver ali uma perspectiva de começar a fazer outras coisa (...) / (...) uma pessoa quando fica algum tempo sem ir ao mar parece que fica com uma neura dos diabos pah...aquilo é viciante (...) / Epah...sabes que...aquilo é uma data de coisa pah, mas eu posso dizer-te que quando saio de um dia daqueles com ondas perfeitas em que tu fazes quase o tubo ali com a prancha, o Kite parado, epah...um gajo vai para a cama e vai sonhar com isto (...) / Enquanto eu sentir essa capacidade, hei-de estar sempre ligado à modalidade, e outras das formas que me faz, digamos continuar, envolvido nisto, é que o conjunto de coisas que é possível fazer numa onda , epah...ainda é tão grande, há tanta evolução ainda por se concretizar que ela verdadeiramente nunca terá fim, há sempre gente a inventar coisas e portanto, uma pessoa...é sempre a busca do dia perfeito , esse dia perfeito tem a ver com as ondas com determinadas características , o vento com outras características e uma pessoa anda sempre atrás do dia perfeito . / (...) e portanto é um bocado não para ser, digamos uma referência, mas porque eu sinto também necessidade de ir por outros caminhos . / (...) eu não teria este nível de satisfação e não teria aguentado tanto tempo, portanto é importante para mim
	Intrínsecas	(...) foi mais a curiosidade (...) / (...) sonhar com isto (...) / (...) anda sempre atrás do dia perfeito. / (...) necessidade de ir por outros caminhos.	(...) eu acho que aquilo que está na base pelo início do Kitesurf foi a paixão pela água e pelo vento . Esses elementos digamos que eu já os dominava no Windsurf, e aquilo foi mais a curiosidade de perceber que poderia haver ali uma perspectiva de começar a fazer outras coisa (...) / (...) uma pessoa quando fica algum tempo sem ir ao mar parece que fica com uma neura dos diabos pah...aquilo é viciante (...) / Epah...sabes que...aquilo é uma data de coisa pah, mas eu posso dizer-te que quando saio de um dia daqueles com ondas perfeitas em que tu fazes quase o tubo ali com a prancha, o Kite parado, epah...um gajo vai para a cama e vai sonhar com isto (...) / Enquanto eu sentir essa capacidade, hei-de estar sempre ligado à modalidade, e outras das formas que me faz, digamos continuar, envolvido nisto, é que o conjunto de coisas que é possível fazer numa onda , epah...ainda é tão grande, há tanta evolução ainda por se concretizar que ela verdadeiramente nunca terá fim, há sempre gente a inventar coisas e portanto, uma pessoa...é sempre a busca do dia perfeito , esse dia perfeito tem a ver com as ondas com determinadas características , o vento com outras características e uma pessoa anda sempre atrás do dia perfeito . / (...) e portanto é um bocado não para ser, digamos uma referência, mas porque eu sinto também necessidade de ir por outros caminhos . / (...) eu não teria este nível de satisfação e não teria aguentado tanto tempo, portanto é importante para mim
Razões para desenvolver a prática	Conteúdo da prática	(...) é viciante (...) / (...) fazes quase o tubo (...) / (...) conjunto de coisas que é possível fazer na onda (...) /	(...) eu acho que aquilo que está na base pelo início do Kitesurf foi a paixão pela água e pelo vento . Esses elementos digamos que eu já os dominava no Windsurf, e aquilo foi mais a curiosidade de perceber que poderia haver ali uma perspectiva de começar a fazer outras coisa (...) / (...) uma pessoa quando fica algum tempo sem ir ao mar parece que fica com uma neura dos diabos pah...aquilo é viciante (...) / Epah...sabes que...aquilo é uma data de coisa pah, mas eu posso dizer-te que quando saio de um dia daqueles com ondas perfeitas em que tu fazes quase o tubo ali com a prancha, o Kite parado, epah...um gajo vai para a cama e vai sonhar com isto (...) / Enquanto eu sentir essa capacidade, hei-de estar sempre ligado à modalidade, e outras das formas que me faz, digamos continuar, envolvido nisto, é que o conjunto de coisas que é possível fazer numa onda , epah...ainda é tão grande, há tanta evolução ainda por se concretizar que ela verdadeiramente nunca terá fim, há sempre gente a inventar coisas e portanto, uma pessoa...é sempre a busca do dia perfeito , esse dia perfeito tem a ver com as ondas com determinadas características , o vento com outras características e uma pessoa anda sempre atrás do dia perfeito . / (...) e portanto é um bocado não para ser, digamos uma referência, mas porque eu sinto também necessidade de ir por outros caminhos . / (...) eu não teria este nível de satisfação e não teria aguentado tanto tempo, portanto é importante para mim
	Extrínsecas	(...) água e pelo vento (...) / (...) ondas perfeitas (...) / (...) a busca do dia perfeito (...) / (...) tanta evolução (...) / (...) onda com determinadas características (...) / (...) vento (...) / (...) ter outras pessoas a andar (...)	(...) eu acho que aquilo que está na base pelo início do Kitesurf foi a paixão pela água e pelo vento . Esses elementos digamos que eu já os dominava no Windsurf, e aquilo foi mais a curiosidade de perceber que poderia haver ali uma perspectiva de começar a fazer outras coisa (...) / (...) uma pessoa quando fica algum tempo sem ir ao mar parece que fica com uma neura dos diabos pah...aquilo é viciante (...) / Epah...sabes que...aquilo é uma data de coisa pah, mas eu posso dizer-te que quando saio de um dia daqueles com ondas perfeitas em que tu fazes quase o tubo ali com a prancha, o Kite parado, epah...um gajo vai para a cama e vai sonhar com isto (...) / Enquanto eu sentir essa capacidade, hei-de estar sempre ligado à modalidade, e outras das formas que me faz, digamos continuar, envolvido nisto, é que o conjunto de coisas que é possível fazer numa onda , epah...ainda é tão grande, há tanta evolução ainda por se concretizar que ela verdadeiramente nunca terá fim, há sempre gente a inventar coisas e portanto, uma pessoa...é sempre a busca do dia perfeito , esse dia perfeito tem a ver com as ondas com determinadas características , o vento com outras características e uma pessoa anda sempre atrás do dia perfeito . / (...) e portanto é um bocado não para ser, digamos uma referência, mas porque eu sinto também necessidade de ir por outros caminhos . / (...) eu não teria este nível de satisfação e não teria aguentado tanto tempo, portanto é importante para mim

Práticas de Aventura – Uma Subcultura de Risco

				ter outras pessoas a andar.
"Desenvolvimento" da Prática	Implicações	Compatível/Incompatível com vida pessoal e profissional	(...) <i>tem que ser uma combinação (...)</i> / (...) <i>férias em família (...)</i> / (...) <i>viagens (...)</i> / (...) <i>há outras coisas (...)</i>	(...) <i>quando uma pessoa...antes de casar e de ter esta filha, era tudo muito mais simples. Quando se junta outras circunstâncias, claro que agora tenho que adaptar na medida do possível. Tenho a possibilidade também de ter uns sogros que já estão reformados e que podem de alguma forma apoiar uma ou outra vez e portanto...pah...tem que ser uma combinação. Mas há dias, são poucos...mas há dias em que uma pessoa não tem mesmo forma de evitar não ir, mas são poucos. / Epah...sim, em grande medida sim. / Condiciona, no sentido, de que por exemplo, férias em família, eu tento sempre arranjar ali qualquer coisa ☺ que também me possibilite a prática, por exemplo, nesse aspecto condiciona. Eu podia ir visitar cidades da Europa e vou para ilhas e coisas assim que tenham mar e água. Nesse aspecto condiciona, claro. O das viagens é um deles, mas há outras coisas não é? Que uma pessoa podia fazer e não...aquilo é um bocado uma obsessão.</i>
		Espiritual / Não Espiritual	(...) <i>benzi (...)</i>	(...) <i>nalgumas circunstâncias, antes de entrar me benzi, mas eu não faço disso sistema, nem pouco mais ou menos. / (...) havendo qualquer coisa que se pareça com uma situação que nos pode por em causa, a integridade física...eu não me recordo assim, nos últimos tempos de ter passado por nenhuma delas, já senti...agora se eu acredito quando vou fazer nessas condições em algo? Não pah...eu até penso é mais na minha filha, estás a perceber?</i>
Representações sociais e culturais da actividade	Crenças	Acredita / Não acredita	Não (...)	Normalmente eu levo relógio , mas isso não tem nada a ver com o facto de querer fazer determinado tempo durante a prática, até porque isto é muito físico (...) / (...) tu entras a meio da tarde, tu rapidamente, epah...três horas, já deu para fazer mais do que uma sessão, porque uma pessoa saía, descansava e entrava novamente, mas não existe assim tanto a noção de perda do tempo. A não ser que realmente haja essa situação em que estejas a apanhar ali sets contínuos porreiros pah...e o tempo, fazes um ou dois bordos para recuperar uma posição no pico da onda e quando dás por ela, passa assim meia hora num instante, nem deste por ela .
		Perda de Consciência Temporal	Motivos	(...) <i>sets contínuos porreiros (...)</i>
	Sensações	Satisfação	Hedonistas	(...) <i>é um orgasmo (...)</i>

Práticas de Aventura – Uma Subcultura de Risco

Estereótipo de género	Factores Socioculturais	(...) é mais difícil uma rapariga entrar num meio em que os homens (...)	<i>Epah...não, mas em qualquer desporto e neste em particular, existem muitos mitos associados e desde logo, o primeiro é que é um desporto que exige muita força e isso retira logo uma grande quantidade de mulheres ou de rapariga (...) / Depois é um desporto que estando a ser realizado sobretudo nalgumas zonas do nosso país, por homens e vêem-se poucas mulheres, noutros nem tanto, já começam a aparecer umas quantas, digamos que é mais difícil uma rapariga entrar num meio em que os homens já lá estão.</i>
Associação da Prática a Consumos de Risco	Existe / Não Existe	(...) não conheço (...) / (...) não se vê (...) / (...) eu não conheço.	<i>Eu não tenho nenhum...eu não conheço ninguém que faça Kite, pelo menos das minhas relações pessoais, que tenha qualquer desvios dessa natureza. / (...) se tivessem problemas dessa natureza, não digamos, não privilegiavam o Kite ou um desporto que exige algum envolvimento financeiro não é? Desviavam isso para outras áreas, por acaso eu...não se vê, não se vê, pelo menos eu não conheço.</i>
Identidade da Prática	Distinção Social	(...) é caro (...)	<i>Porque aquilo é caro e normalmente é pessoal já de uma certa idade (...) / Nalguns países nem tanto, sei lá, Brasil, França, Alemanha e Espanha, há realmente pah...miúdos, nas ordem nos 15-16 anos, já muitos a fazerem, se fores às provas de freestyle, do campeonato do mundo, quem ganha aquilo são miúdos de 16 anos, 17, mas que são acompanhados pelos pais, pelo menos naqueles primeiros anos e que digamos, isso é fórmula 1 ao nível do freestyle, mas por exemplo, nas ondas já é malta mais velhota. / Sim...é verdade, é verdade. Portanto existem nichos de pessoas que praticam a modalidade, com as quais também só me encontro naquelas circunstâncias e outras que faziam parte das minhas amizades e que também se juntaram nesta prática e com as quais ainda mais há motivo de conversa.</i>
	Prática Geracional	(...) pessoal já de uma certa idade (...) / (...) miúdos de 16 anos, 17 (...) / (...) malta mais velhota (...)	
	Personalidade	(...) confundem-se muito (...)	
	Relações sociais	(...) nichos de pessoas que praticam a modalidade (...) / (...) também se juntaram (...)	

Mariana Machado

Tema	Subtema	Categorias	Unidade de Registo	Unidade de Conteúdo
Hábitos Desportivos Precedentes	Práticas Desportivas e de	Individual	(...) <i>Atletismo</i> (...)	<i>Aqueles que eu pratiquei durante algum tempo!? Então foi, primeiro Basquetebol, depois fiz Atletismo, depois</i>

Práticas de Aventura – Uma Subcultura de Risco

Lazer Marcantes	Colectiva	(...) <i>Basquetebol</i> (...)	comecei com o Surf e o <i>Bodyboard</i> . Estes foram aqueles que eu demorei mais tempo a praticar (...)
	Adaptação ao Meio	(...) <i>Surf</i> (...)	
Ligação entre as práticas desenvolvidas e a prática actual	Preparação Física	(...) <i>complementar o Bodyboard</i> (...) / (...) <i>ganhar mais ritmo</i> .	<i>Sim, o Atletismo. Acho que foi importante. / Eu comecei a ganhar gosto e agora umas das maneiras, que eu faço para complementar o Bodyboard, vou correr, para ganhar mais ritmo.</i>
Prática de aventura	Contexto	(...) <i>natureza</i> (...) / (...) <i>condicionante natural</i> (...) / (...) <i>ondas</i> (...) / (...) <i>meio aquático</i> (...)	(...) <i>é um desporto de natureza, eu acho que nós estamos a praticar desporto, não é? Mas estamos sempre dependentes de uma condicionante natural, não é? Nós só podemos praticar o nosso desporto se houver ondas. Em relação ao desporto em si desenrolasse em meio aquático, exige muito de um atleta, especialmente, tendo em conta as manobras que nós realizamos. / Sim, quando surfamos ondas grandes, às vezes só o facto de serem grandes, mas temos pouco água entre a onda e o fundo do mar, não é? / <i>Sim...sim...exacto. Portanto...hã...Eu acho que é assim, por vezes um bom competidor não é aquele que tem a melhor técnica de Surf.</i></i>
	Actividade Eclética	(...) <i>exige muito</i> (...)	
	Importância Técnica	(...) <i>um bom competidor não é aquele que tem a melhor técnica</i> (...)	
	Actividade de Risco	<i>Sim, quando surfamos ondas grandes</i> (...)	
	Componente Humana	(...) <i>peessoas</i> (...) / (...) <i>mais jovens</i> (...)	<i>Hã...cada vez mais, existem peessoas que sabem e percebem o que é o <i>Bodyboard</i>. / Mas, eu acho que cada vez mais jovens sabem, conhecem a modalidade <i>Bodyboard</i>. Em termos materiais, o equipamento, está a evoluir cada vez mais, cada vez há mais materiais e isso influencia a obtenção de melhores resultados.</i>
	Componente Material	(...) <i>materiais</i> (...) / (...) <i>equipamento</i> (...) / (...) <i>mais materiais</i> (...)	
	Valores	Tranquilidade	(...) <i>calma, descontração</i> (...)
Impactos no desenvolvimento pessoal	Gestão de Problemas	(...) <i>conseguir controlar</i> (...) / (...) <i>controlar</i> (...)	<i>É relaxar e estar só a pensar naquilo. Deixa-me completamente...hã...despreocupada de tudo o que é o meu dia-a-dia. Eu vou para dentro de água e vou mesmo relaxar. / Eu acho que de certa forma tem, porque andamos com o stress de...ou das aulas ou de ter que entregar trabalhos...e depois às vezes quando sentimos a nossa vida a andar para trás, naqueles momentos em que nos assustamos no <i>Bodyboard</i>, pensamos aquilo foi uma pequena coisa que nós temos que conseguir controlar, de stress, os trabalhos, são pequenas coisas, na nossa vida que temos que</i>
	Gestão de Stress	(...) <i>relaxar</i> (...) / (...) <i>despreocupada de tudo</i> (...) / (...) <i>vou mesmo relaxar</i> . / (...) <i>não dar tanta importância a momentos de maior nervosismo</i> (...)	

Práticas de Aventura – Uma Subcultura de Risco

			<i>controlar (...) / Sim, eu acho que sim. Passamos a não dar tanta importância a momentos de maior nervosismo na nossa vida diária.</i>
Contexto da prática de aventura	Interacção e novos usos	Complementaridade	<i>(...) desfrutar (...)</i>
		Reinvenção de Espaços	<i>(...) bom senso (...)</i>
	Condicionantes	Informação	<i>(...) vejo as previsões (...) / (...) ir ver as previsões (...)</i>
		Condições de Prática	<i>(...) vou em função daquilo que no dia acontece.</i>
Risco	Relação com a prática	Questões Contextuais	<i>(...) ondas grandes (...) / (...) pouca água (...) / (...) fundo do mar (...)</i>
		Questões Técnicas	<i>A fazer as manobras (...)</i>
	Ansiedade	Causas	<i>(...) Surf (...)</i>
		Impactos	<i>(...) pé inchado (...) / (...) comecei a ganhar medo (...) / (...) experimentar Bodyboard.</i>
			<i>Já...tive sorte...todas as vezes que apanhei sustos, estava sempre com alguém ao lado (...) / Uma das razões para eu ter mudado para o Bodyboard, foi ter-me magoado em Surf, tive muito tempo com o pé inchado. Foi nos Belgas, eu estava...fui para a corrente, comecei a levar com o set, a prancha a puxar, fiquei com o pé inchado durante duas semana e depois já não estava muito bem a conseguir-me pôr-me de pé, e depois comecei a ganhar medo, cada vez que me ponha em pé e disse: "não não, vou começar a experimentar o Bodyboard".</i>

Práticas de Aventura – Uma Subcultura de Risco

	Acidentes	Pré-Consciente	(...) penso (...)	Por vezes consigo estar uma hora dentro de água e em vez de estar calmamente a fazer as ondas, começo a estar com medo , começo a fazer menos ondas. / Sim, penso . / (...) às vezes quando levamos com ondas grandes , também quase morremos afogados.
		Consciente	(...) medo (...)	
		Origem	(...) quando levamos com ondas grandes (...)	
Segurança	Seguro de Saúde/Vida	Sim/Não	Não (...)	Não , não tenho.
Desenvolvimento como praticante	Primeiro contacto	Escola de Surf	(...) Escola de Surf (...) / (...) inscrever numa escola.	Começou...desde pequena via primos a fazerem Surf e...e depois num dos verões na Foz, havia uma Escola de Surf , nas colónias de férias, há...e eu comecei a participar nessas actividades e depois decidi-me inscrever numa escola .
	Fase da vida	Jovem Pubertário	(...) 14-15 anos (...)	Foi com 14-15 anos .
	Referências	Relações Pessoais	(...) pessoas na família (...) / (...) tinha amigos (...)	Sim. Tenho vários primos que...várias pessoas na família que o fazem, Surf e Bodyboard...hããããã...também tinha amigos meus que estavam a começar o Surf, foi por aí.
	Experiência	Até 5 Anos	(...) 4-5 anos.	Hã...4-5anos.
	Nível atingido	Avançado	Avançado (...)	Estou no início do avançado. Antes da lesão estaria no avançado.
	Relação com a Prática	Competição	(...) final do Nacional Open (...)	Foi em 2008, comecei a sentir...esperanças e fui à minha primeira final do Nacional Open , em que na minha meia-final eu consegui...tinha um heat complicado, com a ex-campeã nacional na altura e mais outras duas atletas que estavam sempre lá no top e eu consegui vencer à ex-campeã nacional (...)
		Aprendizagem	(...) comecei a fazer Surf (...) / (...) comecei a aprender Surf (...) / (...) fase das espumas (...)	Eu comecei a fazer Surf e depois fui para o Bodyboard. / Sim...inicialmente eu como comecei a aprender a fazer Surf , aquela fase das espumas , até passar para o outside, foi cerca de um ano, que eu andei só a brincar na espuma, com a prancha de Surf. Depois ganhei mais à vontade, queria sempre ir cada vez mais longe, mais longe...até que comecei a aperceber-me de que queria fazer as ondas como os surfistas faziam, comecei a “ir para fora” , a apanhar. / (...) eu mudei para o Bodyboard, eu já ia para o outside, a minha primeira fase de Bodyboard, foi a começar logo a cortar ondas, não passei pela fase das espumas no Bodyboard. Depois queria logo aprender a fazer manobras , “cortar”, já fazia bem...depois era começar a fazer manobras (...) / (...) lembro-me que no primeiro ano de competição, na minha primeira etapa, foi nas férias da Páscoa, e eu consegui fazer 360’s . Depois na segunda etapa, ao ver os outros atletas, a mandarem rolos, que é outra manobra...eu no meio da prova eu pensei: eu também quero fazer o que eles estão fazer. E depois
		Aperfeiçoamento	(...) comecei a “ir para fora” (...) / (...) aprender a fazer manobras (...)	
	Fases	Competitiva	(...) consegui fazer 360’s (...) / (...) mandar os meus primeiros “rolos” (...) / (...) surfar ondas maiores (...)	

Práticas de Aventura – Uma Subcultura de Risco

				<p>nessa prova, conseguir mandar os meus primeiros rolos, depois já era 360's e rolos, isso a meio do verão...sim acho que foi a meio do Verão. Depois, acho que passou mais uma outra etapa e na última etapa, já foi na Nazaré, na Praia do Norte, que...surfava ondas mais pequeninas, e ao longo desse ano comecei a surfear ondas maiores (...)</p>
Preparação específica		Competências Físicas/Fisiológicas/Psicológicas	(...) correr (...) / (...) correr (...) / (...) yoga (...)	<p>Preparo, mas não tenho nenhum treino diário. Eu normalmente quando me apetece vou correr, acontece-me frequentemente, vou correr...há..depois, agora tenho treinador, voltei a ter treinador outra vez, mas são apenas...quando vou para dentro de água, o que é que eu faço mais? Às vezes...ah...fazia yoga.</p>
		Competências específicas	(...) tenho treinador (...)	
Razões para desenvolver a prática		Conteúdo da prática	(...) deslizar (...) / (...) fazer deslizar pelas ondas (...)	<p>As ondas às vezes até estão horríveis, mas só o facto de entrar dentro de água e sentir. O que eu digo sempre às pessoas é que há algo que nos empurra, que nos faz deslizar, é uma coisa que não nos acontece no dia-a-dia (...) / Nós não conseguimos voar e no mar conseguimos fazer quase como os peixes, deslizar. É uma sensação que quase as pessoas, ninguém conhece, só quem faz Bodyboard e Surf, e qualquer desporto de água é que sente o que é estarem-nos a empurrar a fazer deslizar pelas ondas.</p>
		Extrínsecas	(...) água (...)	
"Desenvolvimento" da Prática	Implicações	Compatível/Incompatível com Vida Pessoal e Profissional	(...) faculdade que fosse perto de água (...) / (...) limita assim um bocado a nossa organização diária (...) / (...) não saio à noite (...)	<p>(...) eu estava a pensar ir para a faculdade, tinha que arranjar uma faculdade que fosse perto de água, tinha que ser perto de água. Eu quando penso...há...este fim-de-semana tenho que estudar, mas espera primeiro vou ver a hora que vai dar as melhores ondas para surfar, e depois vou estudar no resto das horas. Limita assim um bocado a nossa organização diária, não é? Mais coisas? Sou jovem...sempre que tenho oportunidade vou, sempre tive a escola em primeiro lugar, e depois é que era o Bodyboard. Então só nas tardes livres ou nas manhãs livres é que ia surfar. E depois talvez haja...sim muita gente...estou a lembrar-me agora de uma situação, muitas vezes eu não saio à noite porque quero ir surfar no outro dia às sete da manhã.</p>
Representações sociais e culturais da actividade	Crenças	Superstições	(...) superstições (...) / (...) pequenas coisas (...)	<p>Não. Tenho algumas superstições, por exemplo, eu quando usava os cordões...eu lembro-me quando usava os cordões, em vez de usar os fixadores normais, usava os atacadores, aquilo tinha que estar atado de uma certa forma, porque uma vez deu-me sorte assim, e...são pequenas coisas.</p>
	Perda de Consciência Temporal	Sim/Não	(...) ainda hoje .	<p>Ya...ainda hoje.</p>

Práticas de Aventura – Uma Subcultura de Risco

Sensações	Satisfação	(...) feliz (...)	<i>Eu não sei explicar, eu fico tão feliz só pelo facto de entrar dentro de água.</i>
Estereótipo de Género	Concorda / Não concorda	(...) <i>tantas oportunidades como o homem</i> (...)	<i>(...) a mulher tem tantas oportunidades como o homem. Eu vejo por exemplo a melhor bodyboarder, em termos competitivos e surf...mas mais competitivos, que é a Neymara Carvalho, é uma brasileira e ela a nível nacional, limpa os rapazes, só um ou outro é que não.</i>
Associação da Prática a Consumos de Risco	Intrínseco aos Sujeitos	(...) <i>toda a gente</i> (...)	<i>Actualmente, eu acho que não só o pessoal, toda a gente, mesmo jovens, indo para o mar ou não, está ligado a isso.</i>
Identidade da Prática	Estilo de Vida	(...) <i>grandes marcas</i> (...) / (...) <i>roupa</i> (...) / (...) <i>boa vida</i> (...) / (...) <i>marca do fato no pescoço</i> (...) / (...) <i>roupas</i> (...) / (...) <i>marcas</i> (...) / (...) <i>marcas típicas</i> (...) / (...) <i>forma de vestir</i> (...) / (...) <i>descontraída</i> (...) / (...) <i>apreciar coisas</i> (...)	<i>(...) à volta do Bodyboard e Surf estão as grandes marcas, não é? Vês meninos com roupa de marca...não sei se (...) / (...)é só boa vida, por exemplo os meus professores acham que quando eu vou para uma competição, quando vou para a praia, é só boa vida e ir de férias (...) / Eu acho que de uma maneira geral sim, nem que seja pela marca do fato no pescoço. Às vezes pela roupa que ele veste, pelas marcas. Eu consigo ver se é um skater ou um bodyboarder. Pelas marcas usadas serem diferentes...e um surfista também, um surfista de um bodyboarder. Há marcas típicas de um bodyboarder. / É assim, há muito vocabulário que nós usamos na praia, que normalmente quando chego à escola, e digo certas palavras da maneira como digo na praia...são diferentes. Pela forma de vestir, eu ando mais descontraída, quando vou para a praia de chinelos, ando mais tempo de chinelos...conseguimos apreciar coisas que outras pessoas não conseguem. / Quando eu comecei a fazer Bodyboard, estou sempre a conhecer pessoas novas e na altura, fiz um “granda” grupo de amigos, vamos todos surfar...era tudo muito engraçado. / (...) e consigo dar-me muito bem com pessoas que não fazem Bodyboard, o meu grupo de amigos não são as pessoas que fazem Bodyboard, mas sim as pessoas que nada têm a ver com esse tipo de modalidade.</i>
	Distinção Social	(...) <i>vocabulário</i> (...)	
	Relações sociais	(...) <i>conhecer pessoas novas</i> (...) / (...) <i>fiz um “granda” grupo de amigos</i> (...) / (...) <i>dar-me muito bem</i> (...)	